

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – HIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: SOCIEDADE, INSTITUIÇÕES E PODER

TIAGO GOMES DE ARAÚJO

A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)

Brasília
Maio de 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – HIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: SOCIEDADE, INSTITUIÇÕES E PODER

TIAGO GOMES DE ARAÚJO

A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade de Brasília
(PPGHIS) como requisito de conclusão do curso
de Doutorado em História.
Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil

Brasília
Maio de 2012

TIAGO GOMES DE ARAÚJO

A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB).

Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil (Presidente)

Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz (UnB)

Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante (PUC-GO)

Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto (UnB)

Prof. Dra. Léa Maria Carrer Iamashita (Faculdade JK-DF)

Profa. Dra. Ione de Fátima Oliveira (Suplente)

Profa. Dra. Albene Mirian Ferreira Menezes (Suplente)

Prof. Dr. Antonio José Barbosa (Suplente)

Prof. Dr. Celso Silva Fonseca (Suplente)

Profa. Dra. Cléria Botelho da Costa (Suplente)

Brasília
Maio de 2012

Às mulheres da minha vida: Ana, mãe, Cecília,
filha, Flávia esposa.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a alguém é sempre um desafio, recordar o papel dos entes queridos em nossa trajetória profissional e de vida é gratificante como ato de lembrança, mas ao mesmo tempo cruel, pois nem sempre dignificamos aqueles e aquelas que merecem indicação. De toda sorte, me lançarei nessa missão e peço desculpas pelos possíveis esquecimentos.

Nesse momento, temos a tendência de indicar os instantes mais difíceis que tivemos que vencer e ultrapassar. Por isso, rememoramos, em primeiro lugar, a dimensão espiritual de nossas vidas. Os momentos de dificuldade que pensei em desistir dessa faina foram ultrapassados por intensos lampejos de felicidade. Ao término de cada palavra, cada linha, cada parágrafo e cada capítulo minhas energias se revigoravam, elevava meu pensamento à divindade incólume da paz, da tranquilidade, e da força de vontade, *Epá Babá*.

À família dirijo sincera gratidão, que como anjos atuaram fortemente junto a mim para que concluísse essa tese. Como fiéis e aguerridos apoiadores me estimularam diariamente: ao meu pai Expedito, minha mãe Ana Maria e meus irmãos Diogo e Marina ficam votos de agradecimento. À Flávia esposa parceira e estimuladora incessante, entrego meu amor e apreço.

Palavras me faltam para definir a interferência da Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil em minha acadêmica. Desde o primeiro semestre de 1998, aceitou o desafio de transformar um recatado jovem e morador do interior de Goiás num pesquisador e professor de História. Lá se vão quatorze anos de orientação, repletas de apoio, sugestões e de necessárias correções e ajustes. Tenho certeza que nossa relação ultrapassa os frios muros da Academia e se converte num mútuo e caloroso auxílio.

Aos meus colegas e amigos da *Universidade de Brasília* que juntos me estimularam a compreender as idiossincrasias do conhecimento e da convivência. Entre leituras, aulas e encontros, a motivação conjunta ganhava espaço a cada dia, os obstáculos, assim, pareciam diminuir.

Aos meus parceiros e minhas parceiras, professores e professoras da *Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal*, das *Faculdades IESA* e das *Faculdades JK* os agradecimentos pelo aprendizado diário, pelas vitórias e insucessos profissionais que tanto acrescentam. Minha menção especial às Professoras Albaniza de Cácia Bispo; Solange da Cunha Pereira e aos Professores Jaime Damasceno de Lima e Eduardo Afonso de Medeiros Parente, chefes atenciosos e prontos a frear meus impulsos.

Aos professores e professoras que colaboraram ao longo de minha trajetória na *Universidade de Brasília*, aceitando os convites às leituras de meus trabalhos e às participações em bancas examinadoras. À Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz que acompanhou de perto minhas inquietações intelectuais, colaborando com importantes sugestões.

Às Profa. Dra. Ione de Fátima Oliveira, Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante, Profa. Dra. Albene Miriam Ferreira de Menezes e também aos Prof. Dr. Antônio José Barbosa, Prof. Dr. Leandro Rocha Mendes e Prof. Dr. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, pelas preciosas atuações nas bancas examinadoras as quais fizeram parte e que trago uma saudável e grata lembrança.

Às entidades de fomento à pesquisa CNPq e CAPES que oportunizaram meios para o desenvolvimento dos meus estudos em instantes distintos, durante a graduação, como bolsista voluntário do *Programa de Bolsas de Iniciação Científica*, e no Mestrado onde usufruí dois anos de auxílio financeiro essencial para a manutenção de minhas necessidades primeiras.

Impossível deixar de agradecer a minha pequena Ana Cecília, que em sua singeleza e sinceridade mostra como as relações devem ser vividas em sua potência, com grandiosidade, amor e respeito mútuo. As lembranças dos entes queridos que se foram também me conduziram aos esforços de não me entregar na primeira queda, levantar-se e prosseguir é a maior lição que trago deles.

Enfim, a todos e todas que direta ou indiretamente colaboraram com a estrada dessa vida, meus mais calorosos agradecimentos.

RESUMO

A presente tese de Doutorado em História, intitulada **A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)**, objetiva problematizar os processos sócio-históricos que conduziram à formação da identidade nacional brasileira durante a Guerra do Paraguai (1864-1870). Para tanto, a pesquisa partiu da análise de corpo documental variado. No capítulo primeiro, **Penas e canhões**: a Guerra do Paraguai na literatura oitocentista (1864-1870), delineamos os sentidos de Brasil nas obras de três literatos brasileiros do século XIX: Machado de Assis, Visconde de Taunay e Luiz José Pereira da Silva. No capítulo segundo, **Nas águas turvas do Prata**: as memórias marinheiras do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), o estudo voltou-se para fontes de caráter memorialístico (memórias, diários e reminiscências) produzidas por profissionais da Marinha Imperial em guerra contra o Paraguai. Aqui, buscamos os possíveis elementos de brasilidade apreçados pelos memorialistas da Esquadra. No capítulo terceiro, **Preparar, apontar...**: as lembranças identitárias brasileiras na mira dos combatentes do Exército no conflito platino (1864-1870), os integrantes do Exército são transformados em protagonistas; suas lembranças e esquecimentos sobre a identidade brasileira na guerra e presentes em suas narrativas memoriais converteram-se em preocupação reflexiva. Por fim, no último e quarto capítulo, **“Escrever certo por linhas tortas”**: os Brasis nas cartas íntimas da Guerra Grande (1864-1870), foram apresentadas duas séries de correspondências escritas por autores com diversas origens e intenções, buscando revelar os entendimentos da identidade nacional brasileira e sua relação com o conflito, em que medida a guerra colaborou ou não para o fortalecimento de sentimentos de pertença ao Brasil. Como critério teórico-metodológico, dialogamos com autores que refletem sobre os conceitos de identidade, memória e cotidiano, categorias que se transmutaram em excelentes lentes observadoras das experiências vividas no passado. Logo, extraímos alguns trechos das obras analisadas que julgamos pertinentes, tentando dimensionar as múltiplas opiniões e impressões que as testemunhas ou que os comentaristas da guerra construíram sobre o papel da contenda para a pretensa construção da identidade nacional brasileira. Enfim, essa tese intencionou indicar quais os sentidos, as imagens e as representações de Brasil presentes em fontes históricas variadas, de que maneira os autores eleitos e suas memórias da guerra refletiam um cotidiano bélico que se aproximava ou se distanciava do desejo do governo imperial em traduzir a Guerra do Paraguai como instante ideal para o fortalecimento de sentimentos de pertença do Brasil.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; identidade nacional; literatura oitocentista; fontes memorialísticas; cartas de guerra.

ABSTRACT

This Doctoral thesis in History, titled *The Brazilian national identity in Paraguayan War (1864-1870)*, aims to discuss the socio-historical processes that led to the formation of the Brazilian national identity during the Paraguayan War (1864-1870). For this purpose, the research came from the analysis of varied body of documents. In the first chapter, **Feathers and guns**: the Paraguayan War in nineteenth-century literature (1864-1870), it was described the senses of Brazil in the works of three nineteenth-century Brazilian writers: Machado de Assis, Visconde de Taunay and Jose Luiz Pereira da Silva. In the second chapter, **In the turbid waters of Prata**: the seafaring recollections of Brazil in the War of the Triple Alliance (1864-1870), the study turned to sources of memoir character (memoirs, diaries and reminiscences) produced by professionals of the Imperial Navy in war against Paraguay. Here, it was sought the possible elements of Brazilianness divulged by the Fleet memorialists. In the third chapter, **Ready, aim...**: Brazilian identity memories in the sights of Army combatants in the platinum conflict (1864-1870), the members of the Army are turned into protagonists; their memories and forgetfulness about the Brazilian identity in the war and present in their memorial narratives have become in reflexive concern. Finally, in the last and fourth chapter, **Writes straight with crooked lines**: the Brazils in intimate letters of the Great War (1864-1870), it was presented three series of correspondences written by authors from diverse backgrounds and intentions, seeking to reveal the understandings of Brazilian national identity and its relation to the conflict, the extent to which the war helped or not to strengthen feelings of belonging to Brazil. As theoretical and methodological criteria, the dialogue was sought with authors who reflect on the concepts of identity, memory and everyday, categories that are transmuted in excellent visions of the past experiences. Therefore, it was extract some excerpts of the analyzed works that it was considered relevant, trying to scale the multiple opinions and impressions that witnesses or commentators of war built on the role of contention for the alleged construction of Brazilian national identity. Ultimately, this reflective effort intended to indicate which ways, images and representations of Brazil present in various historical sources, how the elected authors and their memories of the war reflected a routine that approached or moved away from the desire of the imperial government in translating the War of Paraguay as the ideal time to strengthen feelings of belonging in Brazil.

Keywords: Paraguayan War; national identity; nineteenth-century literature; memorialist sources, letters of war.

RESÚMEN

Esta tesis Doctoral en Historia, titulado **La identidad nacional brasileña en la Guerra del Paraguay (1864-1870)**, tiene como objetivo abordar la problemática de los procesos socio-históricos que condujeron a la formación de la identidad nacional brasileña durante la Guerra del Paraguay (1864-1870). Para este fin, la investigación proviene del análisis de cuerpo documental variado. En lo primero capítulo, **Plumas y armas: la Guerra del Paraguay en la literatura del siglo XIX (1864-1870)**, nosotros delineamos los sentidos de Brasil en las obras de tres escritores brasileños del siglo XIX: Machado de Assis, Visconde de Taunay y José Luiz Pereira da Silva. En el segundo capítulo, **En las aguas turbias de la Plata: los recuerdos marineros de Brasil en la Guerra de la Triple Alianza (1864-1870)**, el estudio se volvió a las fuentes de carácter memorialístico (memorias, diarios y reminiscencias) producidos por los profesionales de la Marina Imperial en guerra contra el Paraguay. En este caso, nosotros buscamos los posibles elementos de brasilidad pregonados por los memorialistas de la Escuadra. En el tercer capítulo, **Listos, apunten...: los recuerdos identitarios brasileños en la mira de los combatientes del Ejército en el conflicto del Plata (1864-1870)**, los miembros del ejército se han transformado en protagonistas; sus recuerdos y olvidos sobre la guerra y la identidad brasileña en la guerra y presentes en sus narrativas memoriales se han convertido en preocupación reflexiva. Finalmente, el último y cuarto capítulo, **Escribir derecho con renglones torcidos: los Brasiles en las cartas íntimas de la Gran Guerra (1864-1870)**, nosotros presentamos tres series de correspondencias escritas por autores de diversos orígenes e intenciones, tratando de revelar los entendimientos de la identidad nacional Brasil y su relación con el conflicto, hasta qué punto la guerra ayudó o no a fortalecer los sentimientos de pertenencia a Brasil. Como criterios teóricos y metodológicos, procuramos el diálogo con los autores que reflejaban sobre los conceptos identidad, memoria y cotidiano que se transmutan en excelentes lentes observadoras de las experiencias vividas en el pasado. Por lo tanto, extraímos algunas partes de las obras analizadas que juzgamos pertinentes, tratando de dimensionar las múltiples opiniones e impresiones que los testigos o los comentaristas de la guerra construyeron sobre el papel de la contienda para la supuesta construcción de la identidad nacional brasileña. En fin, este esfuerzo de reflexión tuvo la intención de indicar las direcciones, las imágenes y las representaciones de Brasil presentes en diversas fuentes históricas, cómo los autores elegidos y sus recuerdos de la guerra se reflejan en un cotidiano que se acercaba o se alejaba del deseo del gobierno imperial en traducir la Guerra del Paraguay como el momento ideal para fortalecer los sentimientos de pertenencia de Brasil.

Palabras clave: Guerra del Paraguay, Identidad nacional, Literatura del siglo XIX, Fuentes memorialísticas, Cartas de la guerra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....15

1 PENAS E CANHÕES: A GUERRA DO PARAGUAI (1864-1870) NA LITERATURA OITOCENTISTA 26

2 NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA: AS REMEMORAÇÕES MARINHEIRAS DO BRASIL NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (1864-1870) 96

3 PREPARAR, APONTAR... : AS LEMBRANÇAS IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS NA MIRA DOS COMBATENTES DO EXÉRCITO NO CONFLITO PLATINO (1864-1870)156

4 “ESCREVER CERTO POR LINHAS TORTAS: OS BRASIS NAS CARTAS ÍNTIMAS DA GUERRA GRANDE (1864-1870)227

CONSIDERAÇÕES FINAIS266

FONTES E DOCUMENTAÇÃO272

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS274

INTRODUÇÃO

Nesse intróito traçaremos as linhas gerais das reflexões contidas na presente tese de Doutorado agora apresentada ao *Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília* (PPGHIS-UnB).

Os aspectos históricos e sociais que envolvem a Guerra do Paraguai (1864-1870) chamam a atenção desde o ano de 2001, se convertendo em objeto de estudo que geraram, naquela ocasião, relatórios de pesquisa para o *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica* (PIBIC-UnB-CNPq).

Já no ano de 2002, por conclusão do curso de graduação em História, as inquietudes intelectuais foram traduzidas num estudo monográfico intitulado **Excelsa Nação, implacável pena**: a trágica guerra (1865-1870) sob a lente machadiana, onde mostramos as visões de um literato oitocentista brasileiro sobre o conflito platino.

Após o curso de Mestrado que frequentei na *Universidade de Brasília* e ainda no *Programa de Pós-Graduação em História*, minhas inquietudes sobre as relações sociais cotidianas e suas possíveis interferências na constituição de identidades coletivas permaneciam.

Entre leituras e escritos submetemos a banca examinadora, no ano de 2005, a dissertação de Mestrado: **Nas águas do Prata**: o cotidiano naval e a identidade nacional na Guerra do Paraguai (1865-1870). Naquela ocasião, foram analisadas algumas fontes históricas do conflito produzidas por profissionais da Marinha Imperial e por historiadores navais que se debruçaram sobre a contenda platina.

De certa maneira, a atual reflexão é subsidiada por esses estudos anteriores. A presente tese procurou atualizar alguns entendimentos prévios sobre a Guerra do Paraguai, enquanto saberes iam sendo confirmados, outros se desconstruíram.

Em debates com a orientadora, Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil, e com as sugestões dos membros da banca de qualificação de projeto de Doutorado resolvemos incluir corpo documental proveniente e produzido por membros do Exército em guerra contra o Paraguai e incluir outros literatos brasileiros que também elaboraram narrativas literárias preocupadas em evidenciar nuances relacionadas aos embates entre o Brasil e seus aliados contra o país guarani.

Nesse íterim, a problematização desta tese se ancora na seguinte tentativa de percepção histórica: até que ponto o discurso predominante sobre o valor bélico, enquanto

fator de exaltação patriótica encontrou margem para guiar todas as ações dos personagens e protagonistas da guerra.

Problemização traçada, objetivos urgem e se desdobram na compreensão da receptividade coletiva das ideias de Nação. Até onde as imagens de Brasil produzidas durante a guerra colaboraram ou não para a adoção sincera de sentimentos patrióticos. A relevância se dá ainda em torno da apreensão dos desejos que conduziram alguns indivíduos à guerra.

Assim, o objeto de estudo foi constituído a partir da indagação sobre as bases da identidade brasileira oitocentista construídas e ou elaboradas durante o conflito platino. Até que ponto os esforços do Império Brasileiro em munir seus súditos de intenções verdadeiramente nacionalistas, não esbarraram nas iniciativas particulares de promoção e ganhos individuais, favorecendo tão somente a interesses pessoais.

Portanto, o presente trabalho encaminha as seguintes indagações: 1) quais foram os personagens e artífices de nossa identidade e memória que se pretendiam nacionais? e, 2) quais os grupos sociais foram vinculados e a quais interesses memória e identidade nacionais serviram durante a guerra?

Numa possível tentativa de encaminhar algumas reflexões sobre a identidade brasileira na Guerra do Paraguai recorreremos a diversos materiais de pesquisa, a citar: escritos literários, diários, memórias, recordações e reminiscências elaboradas por combatentes, além de cartas e correspondências íntimas trocadas entre os beligerantes e seus familiares e amigos.

As reflexões aqui propostas navegam nessa complexa fronteira entre a construção individual/coletiva de atitudes ligadas ao pertencimento nacional e indagações processadas contra a política imperial dispensada à guerra. Ao mesmo tempo em que parecia haver arroubo cívico-patriótico¹ no decorrer da contenda, também houve contrariedades e queixas quanto à condução do conflito.

As fontes históricas selecionadas apontam para a seguinte tese: a relatividade dos sentimentos de pertença ao Brasil e o caráter maleável da identidade nacional na Guerra do Paraguai. Minha intenção foi, portanto, apresentar a partir da leitura documental, certa fragilidade em torno do entendimento que o conflito teria sido imprescindível e extremamente relevante para a formação de nossa identidade enquanto Nação.

A história imperial brasileira é recorrentemente narrada como época marcada pela tentativa do governo em delimitar e construir as bases da identidade nacional. Essa

¹ CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 335.

emolduração teve como horizontes de partida os valores reforçados pelas imagens contidas nas ideias de Nação e pátria (civilização, bravura, coragem, heroísmo, entre outras) divulgadas no Brasil oitocentista. No que se refere à Guerra do Paraguai, por exemplo, os esforços se voltaram para a identificação de intenções e atitudes que agraciassem o ser brasileiro em detrimento dos traços sociais paraguaios, tidos como inferiores.

As elaborações em torno de imagens que remontassem à brasilidade já se revelava desde a criação do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1838) que possuía a incumbência de produzir conhecimentos que afirmassem a política traçada pela Monarquia. As imagens da unidade nacional foram mormente divulgadas a partir da figura do imperador², norteando também as discussões dos intelectuais do IHGB.

Para Manoel Luís Salgado Guimarães a preocupação dos ihgebeanos era produzir “postulados próprios de uma história comprometida com o desvendamento do processo de gênese da nação”³, objetivando homogeneizar a visão de Brasil no interior das elites, que nem sempre demonstravam opiniões convergentes quanto aos rumos que o país devia seguir. A Nação deveria refletir a continuidade da tarefa civilizatória iniciada pela colonização portuguesa, inclusive a opção marcada pela adoção do regime monárquico.

Os campos de batalha foram igualmente utilizados como espécie de exame e prova prática da eficácia simbólica das representações de Brasil veiculadas à época do conflito. Ou seja, a representação de um país uno e coeso, alicerçado na figura de seu imperador. Homem e território que pretensamente tentavam simbolizar a paz, a união e a concórdia.

Para Carvalho⁴, as rivalidades contra um inimigo externo uniu, imediatamente, significativa parcela da população de maneira jamais vista na defesa da Nação⁵. O governo imperial usufruiu deste instante como momento oportuno para testar a eficácia de sua política com relação à guerra. Ou seja, vencê-la e decretar o mais rapidamente possível o fim do conflito.

² A atuação política do imperador D. Pedro II durante a guerra foi documentada por Lilia Schwarcz (2008: 295-318) no artigo **A Guerra do Paraguai: O “Voluntário Número Um”**.

³ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. São Paulo: Ed. Vértice, 1988, p. 6.

⁴ CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 335.

⁵ Nelson Werneck Sodré (1998: 141) também aponta a Guerra do Paraguai como elemento socio-histórico de formação e desenvolvimento da identidade nacional. Para ele, “a guerra trouxe uma realização admirável: coroara a obra de unificação. Todas as províncias forneceram homens. Combatendo pela mesma bandeira, os brasileiros sentiram-se irmanados”.

No entanto, longe de negar a importância do evento guerra⁶ como catalisador de sentimentos patrióticos, as nossas pesquisas direcionam para relativa fragilidade da propaganda política imperial em divulgar as virtudes da brasilidade a partir da atuação de brasileiros e brasileiras contra um inimigo, que muitas vezes desconhecido também parecia forjado.

Sinal considerável da tênue linha do patriotismo e da identidade nacional brasileira, é que mesmo após os combates, as vitórias no *front* não se converteram em grandes avanços sociais e políticos no que tange à aquisição de direitos relacionados à prática da cidadania, pois o “povo não tinha lugar no sistema político, seja no Império, seja na República. O Brasil era ainda uma realidade abstrata. Aos grandes acontecimentos políticos nacionais, ele assistia, não como bestializado, mas como curioso, desconfiado, temeroso, talvez um tanto divertido”⁷.

Vale dizer, que esta tese considera os elementos constitutivos das identidades coletivas em sua dimensão de construto social e, portanto, impregnado de intencionalidade. Determinados grupos sociais agregam valores e imagens que agem a favor deles mesmos e podem gerar omissões e até mesmo eliminar sinais de identificação sócio-culturais, com o intuito de fazer prevalecer certos atributos identitários.

A Guerra do Paraguai pode ser lida como instante de discussão e construção das características formativas da identidade brasileira. Assim como em outros instantes de nossa história, a guerra foi intencionalmente utilizada enquanto espaço de evidenciação de valores inerentes ao jeito de ser brasileiro⁸.

Aquele conflito envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai e foi uma luta de significativas proporções⁹, contribuindo, inclusive, para abalar as estruturas sociais, políticas e econômicas do regime monárquico brasileiro, colaborando para seu próprio fim.

A profissionalização do Exército¹⁰, as contradições inerentes à participação de negros e escravos como soldados, e a vultosa dívida financeira contraída em virtude da guerra são

⁶ Arlette Farge (2011: 41-58) em **Lugares para a História** considera o estudo “da guerra” como uma importante temática das pesquisas históricas. Para ela, é chegada a hora de “fazer da guerra um objeto contornável, desmontável” colaborando para a evidenciação de sua “face sombria e cotidiana em que a morte e o sangue roçam o horror”.

⁷ CARVALHO, José Murilo de (org.). **Cidadania: o longo caminho**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 83.

⁸ Carlos Guilherme Mota (2000) organizou a obra intitulada **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) formação: histórias**, onde vários autores analisam os processos de formação da brasilidade em momentos históricos distintos.

⁹ Victor Izecksohn (2002: 33) citando Small e Singer diz que os autores classificaram a Guerra do Paraguai na sexta posição em ordem de severidade entre os conflitos ocorridos durante um período de mais de cem anos, entre 1816 e 1980.

exemplos importantes para a compreensão da Guerra do Paraguai enquanto evento histórico acelerador de mudanças na história do Brasil¹¹.

Os historiadores brasileiros estudaram o conflito platino sobre vários vieses. Para melhor dimensionar essa significativa produção realizaremos um sucinto estudo dessas obras, apresentando uma espécie de “estado da arte” dos estudos históricos referentes à guerra.

Francisco Doratioto¹² (2009), Mário Maestri¹³ (2008) e Manoel José Porto Junior¹⁴ traçaram alguns esboços analíticos da historiografia brasileira da Guerra do Paraguai. O primeiro autor subdividiu aquela produção em três estágios: o primeiro denominado como historiografia clássica foi representada pela narrativa histórica dos ex-combatentes que foram ao *front* (Taunay, Dionísio Cerqueira, André Rebouças e Sena Madureira), mas também dos estudos de Tasso Fragoso desenvolvidos com significativo lastro de fontes e a aplicação do método histórico¹⁵.

De acordo com Doratioto¹⁶, a principal característica daquela corrente de intérpretes da guerra foi a criação de uma justificativa plausível para o conflito. Ou seja, entendiam o conflito como uma luta contra um oponente cruel numa visão claramente patriótica sobre os desígnios da contenda. Durante considerável período, as explicações da historiografia clássica foram úteis e continuam sendo valiosas para a compreensão dos aspectos sócio-históricos do embate platino.

No final da década de 60 do século XX, o argentino León Pomer publicou o livro intitulado **La Guerra del Paraguay, gran negocio!**, cuja edição brasileira é de 1980, concomitantemente com a divulgação da obra do jornalista brasileiro Júlio José Chiavenatto, **O Genodício Americano: A guerra do Paraguai**. Ambos autores consideram que o conflito

¹⁰ Fábio Faria Mendes (2010: 93-117), dedicou um capítulo inteiro de seu livro **Recrutamento militar e construção do Estado no Brasil Imperial** à apresentação das dificuldades enfrentadas pelo governo brasileiro em adotar uma política racional de recrutamento de indivíduos realmente dispostos a lutarem nos campos batalhas.

¹¹ Nelson Werneck Sodré em **Panorama do Segundo Império** (1998: 304; 305; 307; 311) e **História Militar do Brasil** (2010: 176; 181) reforça que os resultados econômicos, políticos e sociais do conflito platino colaboraram para evidenciar as fragilidades da monarquia e criar espaços para o advento da República.

¹² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai*. **Nuevos Mundo Mundos Nuevos**, Colóquios, 2009.

¹³ Mário Maestri (2008) subdivide a historiografia da guerra em: (1) historiografia de trincheira; (2) historiografia revisionista e, (3) historiografia de transição.

¹⁴ Manoel José Porto Junior (2002) identifica três momentos de produção historiográfica sobre o conflito platino que denomina como versões do conflito platino: (1) versão nacionalista; (2) versão revisionista e versão mediadora.

¹⁵ Vale lembrar também da pesquisa do General Paulo Queiroz de Duarte (1981) a participação dos voluntários da pátria na Guerra do Paraguai e que por seu teor pode ser considerada um ponto de vista nacionalista do conflito.

¹⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando de Monteoliva. *Op. cit.*

foi uma manipulação política da Grã-Bretanha, que uniu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Chiavenatto¹⁷ e Pomer¹⁸ acreditam que o país guarani alcançou rápido desenvolvimento econômico em virtude de sua política isolacionista com relação aos outros países da bacia do Prata, com elevados índices de alfabetização e distribuição de renda. Assim, aquela população e seu possível presidente popular se tornavam uma perigosa ameaça aos interesses britânicos e seu imperialismo.

O momento histórico da publicação das obras desses dois autores foi marcado pelos regimes ditatoriais em alguns países sul-americanos. Suas teses pretendiam desfazer os entendimentos patrióticos da guerra, evidenciados na corrente clássica. Para León Pomer¹⁹ e Júlio Chiavenatto²⁰, a guerra não passou de um grande morticínio patrocinado por interesses elitistas contra uma massa popular ameaçadora.

Doratioto²¹ chamou essa tendência explicativa de historiografia revisionista. Para o autor, as teses apregoadas nas duas obras não passam de especulações históricas e não encontram muita sustentação em fontes primárias. No entanto, seus ímpetus explicativos ainda influenciaram muitos historiadores pelo menos até o início da década de 1990.

Finalmente, a terceira corrente de historiadores que converteu a Guerra do Paraguai em motivo de pesquisas foi denominada de nova historiografia ou interpretação sistêmica regional. Essa última nomenclatura se deve ao fato dos historiadores dessa tendência explicarem as origens do conflito a partir das relações entre os Estados e países e do próprio processo histórico regional²².

Os fatores da guerra não são mais encontrados no exemplo de modernidade econômica paraguaia ou mesmo em sua pretensa autonomia política. As reflexões se voltaram principalmente para a crítica da atuação dos atores e personagens que protagonizaram a política platina e que redundou no enfrentamento entre os países.

Nesse esteio reflexivo, vários trabalhos colaboraram para desfazer alguns entendimentos exageradamente nacionalistas e apaixonados da guerra. Além de revelar uma sugestiva gama de novas tendências sobre o conflito.

¹⁷ CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. 27ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

¹⁸ POMER, León. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. 7ªed. São Paulo: Global, 2001.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

²⁰ CHIAVENATTO, Júlio José. *Op. cit.*

²¹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Op. cit.*, p. 7.

²² Idem, *ibidem*.

Ricardo Salles, Wilma Costa, Jorge Prata de Sousa e Victor Izecksohn²³ colaboraram com estudos sobre a participação de escravos e libertos no conflito platino, além de trazer um importante quadro socio-histórico da relação entre a Guerra do Paraguai, a profissionalização do Exército e suas consequências para a posterior crise do regime monárquico.

André Toral²⁴ e Mauro César Silveira²⁵ encaminham seus estudos sobre a contenda platina a partir de intensa reflexão das imagens (pinturas, fotografias e caricaturas) produzidas durante e após o conflito, indicando as intenções e os teores dessas obras confeccionadas por brasileiros, argentinos e uruguaios e também por artistas paraguaios.

Vale mencionar ainda os trabalhos de Ana Paula Squinelo²⁶ que relacionou o conteúdo e a qualidade das informações sobre a guerra contidas em livros didáticos brasileiros e paraguaios. Além de cotejar alguns registros memorialísticos produzidos pelos beligerantes envolvidos nos embates.

Moniz Bandeira²⁷ e Alfredo da Mota Menezes²⁸ se preocuparam em apresentar com clareza os antecedentes do conflito sob o viés das relações entre os países latinos. Ou seja, a guerra entendida como resultado dos encontros e desacertos das nações nos campos político, econômico, social e diplomático.

Marco Antonio Cunha²⁹ construiu sua reflexão sobre a guerra sob o ponto de vista da cidadania e das maneiras como os combates colaboraram para o possível despertar da nacionalidade brasileira. Divalte Garcia Figueira³⁰ trouxe curiosas contribuições sobre os processos de compra e venda de víveres e armamentos durante as batalhas e o a função dos comerciantes e negociantes no front.

²³ SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; COSTA, Wilma Peres. **A espada de Damôcles: o Exército, a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1994; SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996; IZECKSOHN, Victor. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército**. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

²⁴ TORAL, André de Amaral. **Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)**. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP, 2001. Do mesmo autor ver: **Adeus Chamigo Brasileiro: uma história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

²⁵ SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai**. Florianópolis: EdUFSC, 2009.

²⁶ SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular**. Campo Grande: UCDB, 2002.

²⁷ BANDEIRA, Moniz. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança**. 3ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: Revan./EdUnB, 1998.

²⁸ MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai: como construímos o conflito**. São Paulo: Contexto, 1998.

²⁹ CUNHA, Marco Antonio. **A Chama da Nacionalidade: ecos da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

³⁰ FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas/FFCHL-USP, 2001.

Doratioto³¹ compilou e analisou denso corpo documental referente ao conflito. Seus estudos se valem da iniciativa de tentar desfazer alguns exageros e incorreções interpretativas, além de se apoiar na tese que os fatores geradores da contenda foram resultado das relações entre os países platinos.

A obra organizada por Marques³² traz uma série de artigos escritos por vários autores que se prestaram a revisita das temáticas referentes à Guerra do Paraguai. Na **História Geral da Civilização Brasileira**, Antonio de Sousa Junior³³ também registrou seu entendimento sobre o conflito, resumindo alguns encadeamentos históricos do embate do Prata.

Nessa breve apresentação das principais linhas temáticas da historiografia brasileira do conflito evidenciamos os suportes bibliográficos e indicamos a riqueza e a profusão dos estudos sobre a Guerra do Paraguai. Como podemos perceber, existe uma significativa reflexão em torno da temática, revertida na publicação de obras completas, de artigos divulgados em periódicos³⁴ (jornais e revistas especializadas) e na composição de trabalhos de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Em termos teóricos e metodológicos nos apoiamos numa série de estudiosos que utilizaram o conceito de identidade. Para melhor acessar os elementos de brasilidade vivenciados no conflito platino, apresentaremos as maneiras como tais construtos sociais foram construídos no cotidiano. Em virtude das características das fontes consultadas e analisadas, a reflexão em torno do estatuto da memória³⁵ e suas relações com a história se fez premente.

Eis a base conceitual da presente tese: as relações entre memória e identidade visualizadas na dimensão social do cotidiano. Mas também aos conceitos de: pátria/patriotismo, Nação/nacionalismo³⁶ e herói/heroísmo, pois no Brasil oitocentista se

³¹ DORATIOTO, Francisco Fernando de Monteoliva. **Guerra do Paraguai 2ª Visão**. São Paulo: Brasiliense, 1991. Ver do mesmo autor: **O conflito com o Paraguai. A grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996 e **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

³² MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. **A guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1995.

³³ JUNIOR, Antonio de Sousa. Guerra do Paraguai. HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História Geral da Civilização Brasileira. Declínio e queda do Império**. 6ª ed, tomo II, v.6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

³⁴ Para exemplificar a intensidade da produção acadêmica sobre a Guerra do Paraguai, iremos listar nas referências bibliográficas os artigos publicados em revistas especializadas e que nos serviram como apoio analítico.

³⁵ Como exemplo, citamos o trabalho **História e Memória** (2010) de Jacques Le Goff que considera o conceito de memória como “crucial” ao exercício reflexivo do historiador. As demais referências teórico-metodológicas sobre as relações entre história e memória virão ao longo da tese.

³⁶ Eric Hobsbawm (1998: 151-164 e 1997: 125-145) em vários de seus textos abordou a questão da construção das nacionalidades como iniciativas calculadas e pouco espontâneas, outrossim orientadas pelos Estados do que pensada como fenômeno social que reiterava os anseios da populações em geral.

converteram como espécie de sustentação para o debate em torno da identidade nacional, ideias pensadas como veiculações aos possíveis sentimentos de pertença ao país.

Nos escritos literários, diários, recordações, memórias, reminiscências e correspondências de guerra, o dia a dia dos combates pulsa com grande força. Nesse sentido, a identidade brasileira não aparece mais como espaço engessado e imóvel, mas como lugar de pertencimento marcado por contradições.

Ao eleger o cotidiano bélico e suas possíveis interferências na aquisição de posturas identitárias apontamos para a multiplicidade que o próprio conceito de identidade nos fornece enquanto construto socio-histórico. A visualização das manifestações patrióticas e seus vieses sob a égide das relações sociais cotidianas é uma das características deste estudo.

Tal cenário nos encaminha às seguintes indagações: quais as aproximações e afastamentos criados pelo cotidiano que lograram ou não êxito na adoção de possíveis sentimentos de brasilidade? De que modo os sofrimentos vivenciados nos combates interferiram na prática do patriotismo?

Assim, nossas preocupações apontam para a compreensão das fontes e dos autores selecionados enquanto prováveis testemunhas dos processos constitutivos da identidade brasileira durante o conflito. Até que ponto as ideias de Brasil conseguiram unificar os sentimentos? Ou mesmo fortalecer o apreço dos combates às imagens positivas que pudessem produzir de sua pátria?

Dessa forma, as propostas interpretativas desta tese se inserem nas preocupações de historiadores que primam pelo estudo das lógicas sociais que encaminham determinados posicionamentos individuais e ou coletivos em detrimento a outros.

Para tanto, a História Social, como dimensão teórico-metodológica, se converte em campo interpretativo fecundo, por proporcionar o possível reconhecimento das contradições e ou permanências socialmente elaboradas e as maneiras pelas quais os indivíduos elegeram ou até mesmo negaram certas condutas eleitas pela coletividade.

Herdeira do movimento de renovação teórico-metodológico da História conhecido com *Escola dos Annales*, a *História Social* se ocupa da observação das mudanças sociais partindo do pressuposto que os fatores que geram tais alterações se revelam necessariamente múltiplos³⁷.

³⁷ CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997, p. 45-59.

Hobsbawm³⁸ preconiza que devemos escrever a *história da sociedade* observando as “tensões às quais a sociedade está exposta no processo de mudança histórica” com o objetivo de expor “o mecanismo geral pelo qual as estruturas da sociedade tendem simultaneamente a perder e estabelecer seus equilíbrios”³⁹.

Para Duby, além da compreensão da ordenação social e do discernimento das forças que a fazem avançar, “é importante dedicar igual atenção aos fenômenos mentais, cuja intervenção incontestavelmente é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos”⁴⁰. A *História Social* deve se preocupar com as imagens que são construídas a partir de uma dada coletividade, e que os homens acabam por pautar, também, suas condutas.

Nesse esteio, as reflexões aqui contidas são depositárias destes pressupostos, pois tentamos pensar em torno das escolhas ou omissões por parte das coletividades e dos grupos sociais eleitos como motivos de pesquisa.

Da posse de alguns dados sobre a identidade brasileira no conflito platino presentes na literatura oitocentista, memorialística e nas correspondências da guerra reproduzimos alguns trechos que são significativos para guiar alguns encaminhamentos em torno das bases constitutivas de nossa identidade na Guerra do Paraguai.

No primeiro capítulo, **Penas e canhões**: a Guerra do Paraguai na literatura oitocentista (1864-1870), os literatos Machado de Assis, Taunay e Pereira da Silva entram em cena, mostraremos a riqueza de seus escritos para a interpretação da guerra, suas múltiplas apreensões e visões do conflito.

As relações entre História e Literatura não podiam ser esquecidas, mesmo porque os escritos literários nos fornecem “uma brecha, uma fresta, uma passagem para a percepção, não do avesso, mas do diverso que pode ser este mundo”⁴¹. A literatura pensada como fonte das experiências⁴² vivenciadas no passado nos aponta um sugestivo caminho, que revela possibilidades de ampliação dos horizontes historiográficos.

No segundo capítulo, as fontes são outras, mas a intenção é coincidente: compreender a identidade brasileira na Guerra do Paraguai. **Nas águas turvas do Prata**: as memórias marinheiras do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança revelamos quais as ideias de Brasil

³⁸ HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 94.

³⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰ DUBY, Georges. História social e ideologia das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA Pierre. **História**: novos problemas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 131.

⁴¹ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007, p. 78.

⁴² Experiência é entendida aqui no sentido thompsoniano, que apregoa as questões relativas “ao papel da ação humana no processo histórico” valorizado diante do “peso das determinações estruturais” (NEGRO; SILVA, 2001: 33).

configuradas no cotidiano de alguns profissionais da Marinha Imperial que nos deixaram registros memorialísticos dessas experiências.

No capítulo terceiro, **Preparar, apontar...**: as lembranças identitárias brasileiras na mira dos combatentes do Exército no conflito platino (1864-1870), as recordações, diários e reminiscências do conflito ganham visibilidade. Naquela ocasião, a ênfase se dará nas fontes memorialísticas elaboradas por profissionais do Exército, intencionando mostrar como alguns membros desta força armada compuseram suas opiniões sobre a participação brasileira na guerra e de que forma se sentiam ou não integrantes de uma Nação em luta.

Por fim, no capítulo quarto, **“Escrever certo por linhas tortas”**: os Brasis nas cartas íntimas da Guerra Grande (1864-1870) mostramos uma série de cartas íntimas escritas por dois indivíduos de origens diversas (Custódio de Mello, Benjamin Constant), que apesar das diferenças transformaram-se em testemunhas dos embates, confidenciando a seus familiares toda a dificuldade da renhida luta.

Nas **Considerações Finais** agrupamos as análises, desemaranhando a identidade nacional brasileira na contenda do Prata. Como uma espécie de trama, reunimos as fontes, os autores e as sugestões conceituais.

Nas **Fontes e Documentação** indicamos os arquivos, as bibliotecas e a documentação consultada. Nas **Referências Bibliográficas** apontamos em ordem alfabética as obras e os autores analisados para escritura da tese.

Finalmente, esperamos contribuir com todos os interessados nessa temática que ainda permanece atual e fascinante, por seu caráter opulento e como exemplo dos tortuosos caminhos que os seres humanos trilham, destruindo e sacrificando a si mesmos, numa tentativa arrogante e mesquinha de defender interesses que muitas vezes desconhecem.

1 PENAS E CANHÕES: A GUERRA DO PARAGUAI NA LITERATURA OITOCENTISTA.

O nosso trabalho de reflexão faz-se em torno do ambiente de construção/formação da identidade nacional brasileira no século XIX, mais especificamente, a Guerra do Paraguai (1865-1870) como possível espaço de implicações históricas que geraram ou questionaram o fortalecimento de condutas e sentimentos patrióticos proporcionados pela atuação do Brasil nos embates.

Primeiramente, indicamos os escritos de Machado de Assis que promoveram a Guerra do Paraguai enquanto tema e motivo, elucidando as percepções que este literato produziu ao dirigir seu olhar sobre aquele evento. Este ensejo ergueu-se em virtude da análise de Humberto Peregrino⁴³.

No sentido de ampliar as possibilidades analíticas do conflito platino foi sugerida (pela banca de exame de qualificação de doutorado realizada no dia 06 de maio de 2010) a inclusão de outras fontes literárias que também registraram e interpretaram a Guerra do Paraguai.

Assim, incluímos o estudo do romance **Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai escrito pelo Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnolle Taunay), obra de cunho memorialístico, que contém cenas e ações registradas no desenrolar dos acontecimentos.

Em pesquisa no acervo da Biblioteca Central da *Universidade de Brasília* nos deparamos com o poema épico intitulado **Riachuelo** e escrito por Luís José Pereira da Silva em homenagem à batalha naval travada entre brasileiros e paraguaios às margens do rio Paraná, num local conhecido como Riachuelo por tratar-se de trecho fluvial caracterizado por suas estreitas dimensões.

Este capítulo pretende indicar a riqueza da literatura como fonte e material de trabalho para o historiador, reforçando as peculiaridades das condições nas quais os autores selecionados (Machado de Assis, Taunay, Pereira da Silva) produziram seus escritos e quais as imagens de Brasil foram e deixaram de ser apregoadas em suas linhas.

A análise da literatura enquanto fonte das experiências vivenciadas no passado se fez sob algumas bases: (a) o reconhecimento da utilidade da relação interdisciplinar entre História e Literatura, e, (b) a pertinência das fontes reconhecidamente literárias para a interpretação dos eventos históricos.

⁴³ PEREGRINO, Umberto. A Guerra do Paraguai na obra de Machado de Assis. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. v. XVI. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966, p.105-122.

A leitura de obras e autores⁴⁴ preocupados em sistematizar os conceitos da Teoria Literária se mostrou imprescindível para a compreensão das fontes selecionadas, principalmente com relação à tipologia e aos gêneros literários e as diferenciações entre as maneiras de pensar e produzir romances, contos, crônicas e poemas, identificando os estilos próprios dos literatos compilados.

A rica relação entre História e Literatura foi valorizada com o objetivo de colaborar na interpretação da Guerra do Paraguai a partir dos escritos literários – que produzidos por indivíduos influenciados pelos ditames de suas épocas – lançaram suas opiniões e certezas sobre o acontecimento, pintaram o Brasil sob as cores de suas tintas e penas.

A identidade nacional brasileira longe de aparecer como unanimidade entre os literatos deve ser encarada na multiplicidade. Ou seja, as dificuldades encontradas no *front* incidiam sobre os atores da guerra como agentes questionadores da validade do próprio conflito, mas também para a criação de imagens de Brasil desagregadoras e distantes dos interesses individuais e coletivos daqueles que participaram dela.

Para melhor visualização das temáticas aqui discutidas, este capítulo está dividido em quatro momentos: o primeiro pretende esboçar um quadro interpretativo da Guerra do Paraguai, o segundo se destinará à reflexão da obra machadiana como fonte para a reflexão do conflito, o terceiro abordará o romance memorialístico **Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai de autoria do Visconde de Taunay e suas possibilidades para o estudo deste evento, e, por fim, a análise do poema épico **Riachuelo** de Luís José Pereira da Silva, uma homenagem aos feitos da Marinha na batalha naval batizada com o mesmo nome da obra.

Na Guerra do Paraguai enfrentaram-se entre 1864 e 1870, esse país e a Tríplice Aliança, composta pela Argentina, Brasil e Uruguai. Foi a maior guerra que o Brasil participou, seja em duração, seja em perdas humanas.

⁴⁴ Para auxiliar esta tarefa recorreremos principalmente às seguintes discussões: AGUIAR, Flávio Wolf de; CHIAPPINI, Lígia (org.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993; AGUILAR, Ana Paulina Malavassi (org.). **História: ciência, disciplina social ou prática literária?** Costa Rica: Editorial UCR, 2006; BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa (org.). **Romance Histórico: recorrências e transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000; BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978; COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2008; COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Global Editora/Fundação Biblioteca Nacional, 2001; D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo, Ática, 2007; D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995; LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2006; MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004; MOISÉS, Massaud. **A criação literária: introdução à problemática da literatura**. São Paulo: Melhoramentos, 1970; NUNES, Benedito. **O Tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988; RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa ficção e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Esse conflito marcou o apogeu e, paradoxalmente, está entre os fatores que levariam ao fim do Estado monárquico brasileiro. Com ele o Império testou sua capacidade de travar uma guerra com características inéditas que o obrigaram a mobilizar recursos humanos e materiais em larga escala.

A força de terra que lutou no Paraguai compunha-se de aproximadamente 135 mil soldados, dos quais cerca de 59 mil pertenciam a Guarda Nacional e 55 mil aos corpos de voluntários⁴⁵. Para José Murilo de Carvalho⁴⁶, pela primeira vez em nossa história, brasileiros de todos os quadrantes do país se encontraram e lutaram juntos pela mesma causa. Apesar do recrutamento forçado (verificado na Corte, por exemplo), alguns indivíduos se alistaram por motivos genuinamente patrióticos.

José Murilo de Carvalho⁴⁷ informa que no início da luta, houve entusiasmo cívico e formação de batalhão de voluntários. As primeiras vitórias também causaram comoção nacional. Para ele, pela primeira vez na história brasileira um sentido coletivo de pátria começou a desenvolver-se entre a população. Os símbolos nacionais apareciam nas cenas de partida de batalhões e vitórias nos campos de batalha. O imperador surgiu como líder da Nação.

No entanto, à medida que o conflito se prolongou a animação parece ter diminuído, surgem resistências contra a longevidade, contra as condições precárias de vida no *front* e também contra o excesso de mortes.

Por outro lado, o embate marcou também o início do processo de erosão do Estado imperial. Nos anos de guerra o governo brasileiro teve que se dedicar a vencê-la, desviando a atenção das reformas internas. Ademais, foi obrigado a despender enormes gastos com a luta - 614 mil contos de réis, onze vezes o orçamento governamental para o ano de 1864 -, criando um déficit público que persistiu até 1889⁴⁸.

Com o fim da guerra, o Estado monárquico não teve condições de promover as reformas que conciliassem, em sua estrutura de poder, os interesses de setores sociais emergentes - camadas médias urbanas e fazendeiros de café do Oeste paulista - com a decadente oligarquia escravocrata. A penúria dos recursos públicos dificultou a promoção dessas reformas e contribuiu para que o Império não atendesse, quando da abolição da

⁴⁵ CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 332.

⁴⁶ Idem, *ibidem*.

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

⁴⁸ DORATIOTO apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. A Guerra do Paraguai: O Voluntário Número “UM”. In: **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p. 295.

escravidão em 1888, os reclamos de indenização dos senhores de escravos, perdendo, assim, seu principal sustentáculo⁴⁹.

A análise de Doratioto⁵⁰ indicou a perspectiva institucional do embate no Prata. As intenções do Estado imperial brasileiro em transformar o conflito num espaço onde a brasilidade deveria ser formada. José Murilo de Carvalho⁵¹ também compreendeu o conflito como fator de fomento à identidade brasileira no século XIX, superando até mesmo a proclamação da Independência e da República.

Para Carvalho⁵², a Independência provocou forte mobilização em apenas alguns pontos do país, Rio de Janeiro, Bahia, Pará. As grandes lutas internas, desde a Confederação do Equador (1824) até as da Regência, foram localizadas e muitas vezes separatistas. As ideias de Brasil até metade do século foram limitadas a pequena parcela da população. Para ele, a Guerra do Paraguai, pôs em risco a vida de milhares de combatentes, produzindo um inimigo concreto e mobilizando sentimentos poderosos. Indiretamente, afetou a vida de boa parte dos brasileiros, homens e mulheres de todas as classes e em todas as partes do país.

Ao enunciarmos o fortalecimento de uma identidade nacional brasileira no século XIX colocaremos em discussão os impulsos nos quais se fizeram valer o Império Brasileiro na tentativa de selecionar emoldurações simbólicas, a fim de clamar-se a pátria, seja na luta com o inimigo Paraguai, ou mesmo na recuperação do orgulho perdido “diante das infâmias” declaradas de Solano López.

A segunda metade do século XIX foi vitrine de uma grande produção intelectual, num somar significativo na busca pela identidade nacional. Escritores, literatos, historiadores e jornalistas imbuíram-se da necessidade de construir/formar nossa nacionalidade. O regime monárquico era divulgado enquanto manifestação de um corpo único e coeso. Assim, os intelectuais brasileiros pretendiam criar, construir, justificar e validar as ideias e as imagens da Nação brasileira, representadas pelo imperador D. Pedro II.

O mesmo período registrou uma série de dissensões importantes, que contribuíram para o desmantelar dessa estrutura. A abolição da escravatura e suas conseqüências são um exemplo importante num quadro cada vez mais desgastado. A política de imigração procurou responder a essa crise ao substituir a mão de obra escrava pelo trabalho assalariado livre. No entanto, tal iniciativa malogrou em vários âmbitos, por não adotar uma clara atitude no que

⁴⁹ DORATIOTO apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 295.

⁵⁰ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

⁵¹ CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., 1998, p. 332.

⁵² Idem, ibidem.

diz respeito ao tratamento dos imigrantes. Assiste-se também os descontentamentos de grande parte do efetivo militar brasileiro, sentimento proporcionado pelo caráter considerado autoritário do Império na lida com seu Exército.

O conflito platino colaborou para o desenlace final do sistema político vigente na época, acelerando as contradições e fragilidades do modelo imperial. Vale indicar as divergências entre o Estado e a Igreja, que terão suas relações estremecidas em virtude da nomeação de eclesiásticos para seus altos cargos ser realizada pelo imperador.

As práticas dialógicas do governo imperial e da historiografia oitocentista procuraram atribuir sentidos à guerra a partir de elementos políticos como recrutamento de soldados brasileiros por meio da “Campanha de Voluntários da Pátria” com apelos patrióticos. Tal ação fora um incentivo ao alistamento de voluntários, procurando elementos na sociedade que se mostrassem honestamente patriotas e imbuídos de fiéis sensações à “Mãe Pátria” na defesa dos interesses brasileiros.

A presente tese valeu-se da análise da relação interdisciplinar que marca tanto o fazer histórico como o discurso literário. A literatura pelo olhar da história fala ao historiador sobre as possibilidades, sociedades imaginárias e projetos inconclusos, compreendendo-se num lugar privilegiado, espaço da ordem e da desordem, traduzindo anseios de mudança e mecanismos de permanência.

Moldada nos parâmetros do século XIX, a história apresenta-se como um saber construído com critérios metodológicos, que remetem a evidências dos acontecidos e se articulam ao longo do tempo, promovendo versões do fenômeno. A literatura é uma produção que, mesmo tendo compromisso direto com a “realidade”, admite a invenção como maneira de sugerir o passado, mantendo um vínculo irrestrito com a boa solução estética, sem, contudo, ser um espelho do mundo ou desmentir a inventividade⁵³.

Os historiadores da geração dos *Annales* em muito contribuíram para a renovação do espaço de debate entre História e Literatura, estabelecendo os limites e as abrangências de cada prática discursiva em particular, dando plausibilidade e transparência aos trabalhos que conduzem à interdisciplinaridade, tratando a literatura como meio social privilegiado de linguagem⁵⁴.

⁵³ MIGNOLO, Walter. A lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993, p. 115-162.

⁵⁴ REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Algumas obras de teóricos da literatura⁵⁵ foram analisadas para facilitar o confronto de perspectivas analíticas. A leitura de proposições defendidas por historiadores e seus entendimentos sobre a prática discursiva historiográfica e o fecundo espaço entre história e ficção se fez igualmente necessária.

Para melhor visualizar esta discussão, as análises de Sidney Chalhoub⁵⁶ são valiosas. Ele procurou historicizar a obra literária seja ela, conto, crônica, poesia ou mesmo o romance. Para ele, “é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático”⁵⁷. Ação que se converte numa obrigação do ofício do historiador: “para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico”⁵⁸.

Ainda para Chalhoub, a obra literária deve ser encarada como evidência histórica. Portanto, devemos atentar para a especificidade de cada testemunho, das condições de produção e da lógica social do texto: “ao historiador resta descobrir e detalhar”⁵⁹ as possibilidades interpretativas tanto de “uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou outra peça literária”. O interrogatório sobre as intenções do sujeito e as representações elaboradas pelo escritor enquanto testemunha ocular do passado são instâncias que não devem ser desprezadas⁶⁰.

Ao indicar a perspectiva da história social para a análise deste universo documental, Chalhoub reforça a obsessão dos historiadores em compreender “o sentimento íntimo de homens e mulheres de outras épocas”⁶¹. A literatura e os literatos se descortinam quando confrontados numa “arena de polêmicas”⁶² de seu próprio tempo; pensados como atores e personagens das histórias que contaram.

A literatura enquanto sinal do “movimento da sociedade”⁶³ e das “redes de interlocução social”⁶⁴ se converte em objeto da história social quando apontamos as

⁵⁵ Cf. BOSI (1978); ASSIS BRASIL (1979); CÂNDIDO (1997); COUTINHO (2008); D’ONOFRIO (1995; 2007); LIMA (1988; 2006); MOISÉS (1970; 2004).

⁵⁶ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de M. (org.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7-10.

⁵⁷ Idem, ibidem.

⁵⁸ Idem, ibidem.

⁵⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰ Idem, ibidem.

⁶¹ Idem, ibidem.

⁶² Idem, ibidem.

⁶³ Idem, ibidem.

⁶⁴ Idem, ibidem.

experiências vividas no passado como uma “rede de ações e relações interdependentes”⁶⁵, elaboradas na construção relacional com a sociedade, modificada pela atuação dos sujeitos.

Contaminado por esta perspectiva teórica, este capítulo apresentará três literatos oitocentistas (Machado de Assis, Taunay e Pereira da Silva) e seus escritos como possibilidade interpretativa da Guerra do Paraguai: as impressões, os entendimentos e as opiniões que estes autores criaram sobre o conflito platino e sua relação quanto à formação da identidade nacional brasileira.

As próximas linhas se dedicarão ao estudo da obra de Machado de Assis (romance, contos e crônicas) que elegeram a Guerra do Paraguai como motivo, procurando elucidar a controversa opinião daquele literato, que ora defendeu a necessidade do conflito, mas também criticou a validade dos embates.

Primeiramente, visualizamos um literato que se mostrou relativamente fiel ao sentimento patriota, atuando como um ideólogo do Império e convencido da justeza da guerra. Machado trouxe para si o “espírito do vingador”, que lutará por seu país contra a “tirania”, a favor da “civilização” e deceptando a “barbárie”. Sua arma? A pena que delineou imagens para trazer adeptos à causa nacional, procurando unir os brasileiros em defesa do país.

Posteriormente, analisarei as formulações literárias machadianas que indicam relevantes cenas da Guerra do Paraguai, personagens que se alistaram por motivos personalistas e de cunho pessoal, questionando o conflito e os rumos da política imperial.

Ao mesmo tempo em que nos deparamos com um Machado de Assis influenciado fortemente pela política imperial, percebemos anos mais tarde uma súbita mudança de atitude no que tangia os direcionamentos do cenário social brasileiro no século XIX.

As linhas que se seguem pretendem revelar quais os entendimentos elaborados por Machado de Assis sobre a Guerra do Paraguai. Agora, discutirei as figuras literárias e históricas construídas nas crônicas machadianas, estilo que nosso escritor desenvolveu com sabedoria e maestria⁶⁶.

O literato do Cosme Velho utilizava-se dos fatos do momento como ponto de partida e tratamento às questões que lhe viesse à mente: eventos menores e corriqueiros, acontecimentos do passado e reflexões filosóficas. É neste sentido que o “escriba de coisas miúdas” voltará sua atenção às sutilezas da vida, valorizando-as, em detrimento do apego aos valores em voga.

⁶⁵ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de M. (org.). Op. cit., p. 7-10.

⁶⁶ Vários críticos da obra machadiana apontam a crônica como um dos gêneros literários prediletos de Machado, onde desenvolveu seu estilo com propriedade. GLEDSON (2006); MARCONDES (2008); CHALHOUB (1998); SCHWARCZ (2000); BOSI (1999) entre outros.

No sentido de reiterar os sugestivos usos das crônicas como fontes históricas dialogaremos com alguns teóricos da Literatura que se incumbiram de traçar as fronteiras desta forma de produzir escritos literários, que antes eram tratadas apenas como estratégia de apresentação de ideias e opiniões, fornecendo também os modos de interação e as visões de mundo dos autores nos espaços de relacionamento social.

Assis Brasil⁶⁷ diz que desde a Antiguidade a crônica se confundiu com a História, por relatar acontecimentos de maneira superficial ou profunda, adquirindo, paulatinamente, um cunho pessoal, de depoimento, perdendo sua impositação histórica, transformando-se num gênero leve, que teria seu abrigo preponderante nas páginas do jornal.

Uma de suas características passadas ainda permanece: a do depoimento pessoal, com estilo e pontos de vista individuais. Seus autores descrevem a vida política, policial e literária, explorando, muitas vezes, os tons de humor, de sarcasmo e de crítica social. O enredo, como fábula ou como poema-prosa, perdura neste tipo de narrativa leve, enaltecendo certo descompromisso com a literatura, no intuito de criar uma nova realidade.

Os recursos técnicos como o diálogo, a síntese narrativa, a criação de personagens, a descrição de ambientes e situações, mais o tom jornalístico, de informação imediata, perduram, quase sempre, explorando o lado ridículo e de humor da existência. Nesse sentido, a crônica é uma expressão literária híbrida, nela os gêneros literários não se excluem, ao contrário, incluem-se⁶⁸.

Para Massaud Moisés, “a crônica de feição moderna”⁶⁹ é elaborada a partir dos entendimentos individuais e próprios que seus autores geram diuturnamente. O lugar para que o espectador cotidiano possa dramatizar o mundo circundante: “poder de recriação da realidade sobre o de mera transcrição”⁷⁰.

A crônica é pontuada como “modalidade literária sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo”⁷¹, mantém força quando desentranha “o perene da sucessão anódina de acontecimentos diários”⁷² e inscreve as ações cotidianas nos espaços de criação e refiguração literárias do presente e passíveis de gerar equivalentes crônicas.

Salvatore D’Onofrio insiste na força da crônica como expressão literária dedicada ao registro dos acontecidos, transformação da “realidade do dia a dia pela força criadora da

⁶⁷ BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1979.

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

⁶⁹ MOISÉS, Massaud. *Op. cit.*, 2004, p. 111.

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ Idem, *ibidem*.

⁷² Idem, *ibidem*.

fantasia”⁷³. Para ele, é neste ínterim que as crônicas podem ser classificadas como poema em prosa ou pequenos contos, a depender da inclinação lírica ou narrativa de seus autores.

Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa⁷⁴ na **Enciclopédia da Literatura Brasileira** historicizam o surgimento da crônica como gênero literário e acentuam os autores brasileiros que trabalharam no sentido de desenvolver esta forma de escrita e dar-lhe estilo literário.

Para eles, durante o século XIX a crônica imbrica-se ao folhetim, devido a sua origem ligada ao jornalismo. A princípio, nos Oitocentos chamavam-se crônicas os folhetins estampados em geral nos rodapés dos jornais. O folhetinista ocupava na sociedade “o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas rigorosas”⁷⁵.

A análise dos jornais da época irão nos lograr “as exuberâncias da paixão política”⁷⁶ insinuando o objetivo primeiro dos cronistas: o entretenimento. As crônicas destinavam-se a “condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares”⁷⁷.

Machado de Assis deixou significativa e profícua bagagem no que se relaciona à produção de crônicas, refletindo, principalmente, os eventos mundiais e as lógicas da sociedade fluminense durante o século XIX. Essas crônicas ou folhetins apareceram em vários periódicos da época: **O Espelho, O Diário do Rio de Janeiro, A Semana Ilustrada, Ilustração Brasileira, O Cruzeiro, Gazeta de Notícias**⁷⁸.

No total, o *Bruxo do Cosme Velho* escreveu 614 crônicas cujos ingredientes estéticos estiveram envoltos entre a “alusão histórica e literária, o epíteto imprevisto, a anedota; a citação erudita, algo que traía a curiosidade do leitor; as formas paradoxais e o trocadilho”⁷⁹.

Ao examinar as crônicas machadianas não devemos perder de vista seu comportamento controverso. Um escritor inicialmente influenciado pela política imperial, mas que anos mais tarde, revelou uma súbita mudança de atitude na visualização dos direcionamentos sociais do Brasil oitocentista.

Numa crônica de 01 de novembro de 1864, publicada no **Diário do Rio de Janeiro**, Machado de Assis, relatou um eclipse solar ocorrido dias antes. Lembrava que segundo os

⁷³ D’ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007, p. 103.

⁷⁴ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. v. I e v. II. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Global Editora/Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

⁷⁵ MACHADO DE ASSIS apud COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. Op. cit., p. 559.

⁷⁶ Idem, ibidem.

⁷⁷ Idem, ibidem.

⁷⁸ Idem, ibidem.

⁷⁹ Idem, ibidem, p. 560-61.

“incas” um eclipse anunciava a sorte dos contendores numa batalha, entendendo essa manifestação natural como estímulo aos combatentes paraguaios, alertando por isso: “aviso aos soldados brasileiros”⁸⁰.

Tais comentários revelavam aflição, indicavam a estratégia de um literato defensor da causa brasileira, gerava expectativas, pintava uma guerra cruel, criava expectativas, tornava o conflito um evento a mais nas reações contidas nos folhetins para mobilizar as consciências, despertar as paixões⁸¹.

Nas próximas linhas, ficam patentes as reações emocionais, os comportamentos apaixonados e os sentimentos produzidos sob o impacto da guerra. Tais atitudes do autor divergem da maneira com que encarou o conflito anos depois, no romance e nos contos do pós-guerra ele manifestou impressões e eventos já conformados historicamente.

No contexto do Brasil oitocentista, escritores como Machado de Assis foram importantes para o “espírito” de guerra, legitimando o talento bélico e utilizando seu ofício como instrumento aglomerador de opiniões. Em suas influentes crônicas, compostas no início do conflito, Machado realiza tal trabalho, manipulando os temas da “civilização brasileira” contra a “barbárie guarani”.

O crescente esforço por forjar nas mentes e nos corações brasileiros algo que os unisse enquanto pertencentes a um só corpo e uma só alma converteu-se em significativa ação para os literatos românticos do século XIX, que criaram imagens e construíram alegorias⁸² que manifestassem e caracterizassem o ser brasileiro.

Jeferson Cano⁸³ identificou em **Memórias Póstumas de Brás Cubas** a preocupação de Machado de Assis em estabelecer conexões entre seus escritos e a história brasileira. Para Machado, a história deveria encaminhar ao presente “a verdadeira felicidade, não já a cura da hipocondria, mas a descoberta do nexos comum pelo patriotismo, ou seja, da identidade nacional”⁸⁴.

A concepção machadiana de história ainda se mostrava contrária a uma historiografia “positivista” que pleiteava uma separação radical entre a ciência histórica e o discurso

⁸⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W.M. Jackson editores, 1946, p. 223.

⁸¹ Francisco Alembert possui um estudo no qual defende um Machado de Assis ideólogo e partícipe das intenções imperiais. ALEMBERT, Francisco. *Civilização e Barbárie. História e Cultura*. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. Op. cit., p. 81-96.

⁸² Jefferson Cano ao apontar Machado de Assis enquanto historiador nos indicou a conceituação de “alegoria” no século XIX: apresentação discursiva que exprimia “outra coisa que não aquela que enuncia diretamente” (CANO, 1998: 39).

⁸³ CANO, Jefferson. Machado de Assis Historiador. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). Op. cit., p. 53.

⁸⁴ Idem, *ibidem*.

literário. Machado de Assis não compreendia a exclusão da literatura enquanto tentativa de explicação das transformações de uma dada realidade social⁸⁵.

A fonte inspiradora provinha de algumas correntes de pensamento características do mundo oitocentista tais como: Iluminismo, nacionalismo, Romantismo e o indianismo. No caso do Iluminismo, o fortalecimento do uso social da poesia é marcante, voltando-se para uma visão construtiva da sociedade, exaltando o nacionalismo incipiente, fundado no pitoresco e também nas crenças e nos costumes de cada Nação. Sendo assim, o tema nacional era uma espécie de dever patriótico, não cultivá-lo, geraria um senso de traição que angustiaria a consciência do escritor.

O movimento de independência brasileiro procurou dotar nossas letras de um intuito patriótico, utilizando a perspectiva da literatura iluminista para munir o Brasil de uma expressão literária equivalente às europeias, exprimindo de maneira adequada a realidade própria e estimulando a construção de uma literatura nacional.

Dessa maneira, o processo de independência desejava exprimir uma nova ordem de sentimentos, como o orgulho pátrio derivado da extensão do antigo nativismo. Ou seja, apresentar manifestações literárias que preconizassem a busca de modelos novos, procedendo à convergência de fatores locais (tipicamente brasileiros) com sugestões externas e construir uma literatura que tentava ser ao mesmo tempo nacional e universal.

Nesse sentido, o nacionalismo converteu-se na mola diretora que animava a atividade geral da literatura, contribuindo para o ressurgimento das tradições nacionais, para o culto da história e para o despertar das nacionalidades. As questões derivadas do nacionalismo ajudaram a construir no Brasil a afirmação de características tipicamente brasileiras, moldando a imagem do homem brasileiro, dotado de singularidades e especificidades⁸⁶.

O Romantismo tendeu no terreno crítico para a informação e sistematização histórica, buscando as particularidades de interpretações coerentes da nossa literatura passada. Logo, sua longa e constante aspiração foi, com efeito, elaborar uma história literária que exprimisse a imagem da inteligência nacional na sequência do tempo⁸⁷.

Massaud Moisés descreve o Romantismo a partir das perspectivas estéticas de seus autores. A descoberta do “tempo como dimensão psicológica”⁸⁸, a tomada de consciência da

⁸⁵ CANO, Jefferson. Op. cit. p. 58.

⁸⁶ MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 159-213.

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁸ MOISÉS, Massaud. Op. cit., p. 410.

História e o descortinar da ingenuidade, da pureza, da inocência, do misticismo e do espiritualismo foram convertidos em temas literários

A partir daí, o indianismo seria uma importante derivação dessa corrente, convertendo-se num apelo conduzido em nome da especificidade brasileira. Para os românticos, a figura nativa será inserida como reação aos desmandos do colonizador. Os literatos do Romantismo apresentaram os indígenas como símbolos primordiais do homem brasileiro, desvinculados da experiência colonial e informados por princípios singulares e genuinamente nacionais, na tentativa de consolidação dos “mitos” fundadores do Brasil.

Além do índio, que era considerado o brasileiro lídimo, são critérios de identificação nacional: a descrição da natureza e dos costumes. Em suma, o Brasil precisava informar uma experiência literária independente, ação que receberia características do meio, das etnias e dos costumes do país.

Afrânio Coutinho⁸⁹ apresenta três formas de nacionalismo apresentadas na literatura oitocentista: (a) em função de um ideal nacional de expansão e domínio de um povo ou raça, a serviço da exaltação de valores e virtudes de um grupo ou comunidade; (b) valorização do pitoresco que ressaltava as manifestações regionais como informantes do verdadeiro caráter da nacionalidade e, (c) autenticidade configurada na preocupação de Machado de Assis ao identificar o “instinto da nacionalidade” com a construção de uma literatura independente com apelo e “toques” nacionais.

Alguns literatos brasileiros se autocongratularam em torno de tal iniciativa, como é o caso de Gonçalves de Magalhães, que entendia a literatura como expressão de um povo, devendo servir de espelho para captarmos o que de mais alto e característico há nele⁹⁰.

Machado de Assis pareceu embevecido por aquela atmosfera, produzindo no momento da guerra uma literatura influenciada por José de Alencar⁹¹. Este autor pretendia através de seus romances, iluminar a história com sinais produzidos por suas construções literárias, se responsabilizando em libertar a rigidez do discurso histórico, que para ele ocultava importantes aspectos do homem brasileiro, especialmente naquilo que tinha de especial e pitoresco.

⁸⁹ COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 37-38.

⁹⁰ Sobre a história do romantismo brasileiro ver : CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. v.2. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1997, p. 11-40.

⁹¹ Um interessante estudo acerca do romance histórico alencariano ver: BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa. **Romance Histórico: Recorrências e Transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 77-89; 105-115 e 117-128.

Nesse ínterim, examinando as crônicas machadianas dos anos de 1864-65 observamos uma temática particularmente patriota e construtora de imagens literárias que exaltavam a Nação e fortaleciam o sentimento revanchista contra os paraguaios.

É pouco provável que Machado de Assis citasse as notícias estrangeiras advindas de Paissandu, pois não pretendia revelar as condutas do Exército Brasileiro, mas somente o heroísmo e a missão “salvadora” de nossos combatentes. A seguinte passagem de 07 de fevereiro de 1865 dirigida às mulheres pode servir de exemplo:

Não nasceste para a guerra, isto é, para a guerra da pólvora e da espingarda. Nasceste para outra guerra, em que a mais inábil e menos valente vale por dois Aquiles. Mas nos momentos supremos da pátria não sois das últimas. De qualquer modo ajudais os homens. Uma, como a mãe espartana arma o filho e o manda para a batalha; outras bordam uma bandeira e a entregam aos soldados; outras costuram as fardas dos valentes; outras dilaceram as próprias saias para encher os cartuchos; outras preparam os fios para os hospitais; outras juncam de flores os caminhos dos bravos.

Voltará aquele filho antes da desfronza da pátria? Deixarão os soldados que lhes arranquem aquela bandeira? Entregarão as fardas que vestem? Sentirão os ferimentos quando aqueles fios hão de curar?

Ao par da santa idéia da pátria agravada, vai na imaginação dos heróis a idéia santa da dedicação feminina, das flores que aguardam, das orações que os recomendar de longe. É assim que ajudais a fazer a guerra. Deste modo estais acima daquelas aborrecidas Amazonas, que a pretexto de emancipar o sexo, violavam as leis da natureza, e mutilavam os divinos presentes do céu⁹².

Machado de Assis clamava pela boa vontade das mães brasileiras, que, como verdadeiras heroínas, deveriam mandar seus filhos à guerra. O sentimento dispensado à Nação deveria estar acima de todo e qualquer desígnio mundano. As mães seriam recompensadas pelos atos de heroísmo e honra dispensados por seus filhos.

Para Lúcia Granja, as crônicas machadianas se ocupavam em indicar as visões da semana, a reflexão sobre os fatos e a expressão das ideias de Machado de Assis, ambientadas num período passado e conferindo ao autor das crônicas, segundo ela, “uma posição de autoridade”⁹³, “superior”⁹⁴.

Na crônica de 24 de outubro de 1864, o alvo central das críticas será Solano López. O escritor do Cosme Velho, satirizando o presidente paraguaio, investiu sutilmente contra suas pretensões políticas no Prata:

⁹² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. **Crônicas**. v.2. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957, p. 294-5.

⁹³ GRANJA, Lúcia. A língua engenhosa: o narrador Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da história. CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). Op. cit., p. 73.

⁹⁴ Idem, *ibidem*.

Dizia-se há muito que o presidente López nutria pretensões monárquicas e preparava o terreno para cingir um dia a coroa paraguaia; mas S. Excia. é antes de tudo, democrata americano, onde quer que ouça gemer a democracia americana não hesita: pede a sua espada de Toledo, cinge o capacete de guerra e dispõe-se a vir verter o sangue em defesa da mãe comum.

Democracia americana - naqueles climas - quer dizer: companhia de exploração de direitos do povo e da paciência dos vizinhos. Déspotas com seus, turbulentos com os estranhos, sem grandeza moral, sem dignidade política, incapazes, presumidos gritadores, tais são os pretendidos democratas de Montevideu e Assunção.

É uma santa cousa a democracia - não a democracia que faz viver os espertos, a democracia do papel e da palavra, - mas a democracia praticada honestamente, regularmente. Quando ela deixa de ser sentimento para ser simplesmente feitiço, nunca será democracia - será esperto-cracia, que é sempre o governo de todos os feitiços e de todas as formas⁹⁵.

Bobbio informa que ao longo do século XIX a discussão de democracia desenvolveu-se como construção da “liberdade individual”⁹⁶ em sua relação com o Estado, mas também a partir das “manifestações concretas”⁹⁷ das liberdades civis e políticas expressas nos direitos de participação, reunião e associação.

Machado de Assis recriminou Solano López por não respeitar os atributos democráticos, vendo nele uma espécie de líder aproveitador, que em nome da “espertocracia” reuniu seus concidadãos numa guerra sem justificativa.

Assim, a verdadeira “democracia” nos trópicos deveria ter um novo sentido, para assumir um discurso contra os interesses paraguaios e ao gosto das intenções dos governos aliados (Brasil, Argentina e Uruguai). Em um ataque a Solano López, o escritor insistiu na demonstração das pretensões paraguaias à democracia e a uma paródia “sinistra desta”.

Na opinião de Machado de Assis, López, ao contrário, invadira o país, matara centenas de brasileiros e comandava milhares de soldados a beira do fanatismo, sendo apresentado pelo governo imperial, pela imprensa e pelos intelectuais como ditador e opressor de seu povo.

Para isto o cavaleiro paraguaio convoca multidões, prepara as manifestações públicas, fala-lhes a linguagem da liberdade e do valor e tudo se extasia; corre uma fâsca elétrica por todos os peitos; uma centelha basta para inflamá-los, ninguém mais hesita; todos vão depor no altar da pátria o óbolo do seu dever; os homens o seu sangue, as mulheres a sua honra.

⁹⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, p. 211-2.

⁹⁶ BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de Política**. 12ª ed. Brasília/São Paulo: EdUnB/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 323-4.

⁹⁷ Idem, *ibidem*.

É um delírio.

Devem tomar-se ao sério estas demonstrações? Devemos estremecer a notícia do aspecto bélico do equilibrista paraguaio? Ninguém responderá afirmativamente. Só em Montevideu é que ninguém ri do presidente López e do entusiasmo de Assunção. A razão é clara. Confederam-se os espectros e os impotentes para a obra comum de salvar a uma democracia nominal, sem a força e a dignidade nem o alento da convicção.

Quanto aos infelizes povos, sujeitos aos caprichos de tais chefes, se devemos lamentá-los, nem por isso deixaremos de reconhecer que a Providência consente às vezes na dominação dos López e dos Aguirres, como flagelos destinados a fazê-los pagar, pelo abatimento e pelo ridículo, a fraqueza de que se não sabem despir⁹⁸.

Para o *Bruxo do Cosme Velho*, a Nação foi ferida gravemente pelos desígnios e desatinos do cenário político platino, ambiente consideravelmente evidenciado no Brasil nos primeiros anos de guerra.

Em 07 de janeiro de 1865, o Decreto Imperial nº 3.371 cria a “Campanha de Voluntários da Pátria”, pretendendo reunir forças diante de um quadro complexo, recorrendo aos sentimentos de pertencimento, na luta contra um inimigo concreto, e, portanto, um teste da capacidade organizadora do Império Brasileiro.

Já no *caput* do Decreto somam-se elementos de importante teor apelativo: [...] “atendendo às graves e extraordinárias circunstâncias em que se acha o país e a urgente e indeclinável necessidade de tomar, na ausência de Corpo Legislativo, todas as providências para a sustentação, no exterior, da honra e da integridade do Império” deveriam ser tomadas⁹⁹.

O Decreto dispunha sobre uma série de providências oriundas do estado de guerra, objetivando fornecer ao Brasil recursos logísticos para a constituição de um Exército profissional e eficiente.

Em outro trecho do mesmo Decreto notamos a importância desta iniciativa, lograda com o objetivo de reunir brasileiros oriundos de todos os cantões do território. O artigo primeiro dispõe acerca dessas preocupações quando: “são criados extraordinariamente Corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de dezoito anos e menores de cinquenta anos, que voluntariamente se quiserem alistar”¹⁰⁰.

A criação de Corpos para o serviço de guerra procurava abranger “cidadãos” maiores de dezoito anos e menores de cinquenta, tentando perfazer faixas etárias que demonstrassem

⁹⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit.; p. 213-4.

⁹⁹ O *caput* e os artigos do Decreto nº 3371 de 07/01/1865 foram retirados de: BRASIL. **Leis e Decisões do Império do Brasil de 1865 / Coleção de Leis do Império do Brasil de 1865**. Tomo XXV, parte I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1865, p. 3-6.

¹⁰⁰ BRASIL, Op. cit., p. 3-6.

virilidade e dispusessem de força física, necessária à luta, enaltecendo o caráter voluntário do alistamento.

As vantagens fornecidas em decorrência desta legislação estão prescritas também no artigo segundo, quando oferecia algumas vantagens aos brasileiros que porventura viessem a se alistar em um dos cinquenta e cinco Corpos de voluntários criados com a finalidade de combater na região do Prata, pois: “os voluntários, que não forem Guardas Nacionais, terão além do soldo que percebem os voluntários do Exército, mais 300 rs. diários e a gratificação de 300\$000 quando deram baixa, e um prazo de terras de 21500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas”¹⁰¹.

Para os voluntários que se alistassem, o governo pagaria durante o combate um soldo de 300 réis. O Decreto estipulava também remuneração a estes voluntários quando dessem baixa da guerra. Nesse sentido, ficava patente o intenso teor propagandístico do decreto. Além do soldo, o governo imperial forneceria após o conflito faixas de terras aos ex-combatentes.

A estrutura militar imperial foi representada pela Guarda Nacional, em suas jurisdições provinciais e municipais. Acerca dos alistamentos provenientes dessas corporações o artigo terceiro do Decreto nº 3.371 dispôs o seguinte: “os Guardas Nacionais e os praça de pré, que se apresentarem, serão alistados na primeira linha, com as mesmas vantagens do art. 2º, passando nos postos, que tiverem nos corpos da mesma Guarda, a que pertencerem”¹⁰².

Os membros da Guarda Nacional receberiam as mesmas vantagens oferecidas aos voluntários, sendo alistados na primeira linha por já possuírem relativa experiência militar, conservando os mesmos postos que possuíam nos corpos da Guarda Nacional.

Os Corpos de Polícia do Imperador (profissionais que faziam a segurança pessoal de D. Pedro II) também contribuiriam com homens para a guerra, sendo as regras de seu alistamento dispostas no artigo décimo terceiro: “as praças dos Corpos de Policiais do Imperador, e os indivíduos que já tiverem obtido baixas desses Corpos e dos de Primeira linha, terão todas as vantagens concedidas aos voluntários Guardas Nacionais”¹⁰³.

Com o intuito de reunir o maior contingente possível, o imperador ofereceu aos seus policiais as vantagens concedidas tanto a voluntários quanto aos Guardas Nacionais, incentivando-os também a ocuparem seus postos de batalha.

¹⁰¹ BRASIL, Op. cit., p. 3-6.

¹⁰² Idem, *ibidem*.

¹⁰³ Idem, *ibidem*.

O Decreto nº 3.371 de 07/01/1865 prescreveu as futuras compensações que seriam concedidas aos homens que lutassem no *front*, dispondo sobre o amparo às famílias que acaso perdessem seus entes na guerra: “os voluntários terão direito aos Empregos Públicos de preferência, em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos” e

as famílias dos voluntários que falecerem no campo de batalha, ou em consequência de ferimentos recebidos nela, terão direito à pensão ou meio soldo, conforme se acha estabelecido para os Oficiais e praças do Exército. Os que ficarem inutilizados por ferimentos recebidos em combate, perceberão, durante sua vida, soldo dobrado de voluntário¹⁰⁴.

Mais uma vez, notamos o apelativo conteúdo de tais decisões. A cada artigo o estímulo à presença de brasileiros no Paraguai é recorrente. A motivação se dava na medida da necessidade do fortalecimento patriótico, conduta considerada necessária à prática bélica.

Para reforçar o intenso conteúdo simbólico do decreto, o artigo décimo primeiro dispunha sobre os critérios de identificação dos beligerantes: “todos os voluntários de que trata este Decreto, trarão no braço esquerdo uma chapa de metal amarelo com a Corôa Imperial, tendo por baixo as seguintes palavras - Voluntários da Pátria - da qual poderão usar mesmo depois da baixa”¹⁰⁵.

Tornava-se imprescindível a adoção de sinais que unissem as tropas brasileiras. O uso obrigatório de uma chapa metálica amarela procurou solucionar aquela dificuldade. As vestimentas de guerra também possuíam uma constituição padronizada, contendo um número que designava a proveniência do soldado e de seu batalhão, facilitando a comunicação entre os homens no campo de batalha.

Tais iniciativas provavelmente geraram fortes sensações nos brasileiros que jogaram sua sorte na guerra. Alguns exemplos tornaram-se paradigmáticos: no interior da Bahia, um negro livre, Cândido da Silva Fonseca Galvão, dizendo-se inspirado pelo “sacrossanto amor do patriotismo”¹⁰⁶ reuniu 30 voluntários e se apresentou para “defender a honra da pátria tão vilmente difamada”¹⁰⁷. Feito alferes honorário do Exército, cuja farda usava com orgulho, Galvão viveu o pós-guerra no Rio de Janeiro dizendo-se Príncipe Obá II d’África, segundo nos conta Eduardo Silva.

¹⁰⁴ BRASIL, Op. cit., p. 3-6.

¹⁰⁵ Idem, ibidem,

¹⁰⁶ SILVA, Eduardo. O príncipe Obá, um voluntário. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.).

Op. cit., p. 67-75.

¹⁰⁷ Idem, ibidem.

Nessa mesma linha reflexiva, o historiador Jorge Prata de Sousa¹⁰⁸ analisou a participação de elementos libertos no conflito, tendo por objetivo colocar em relevo a participação dos negros forros na guerra contra o Paraguai. O autor preconizou a redinamização social, acelerada nos anos da guerra.

De acordo com Evaldo Frade¹⁰⁹ a exaltação do voluntarismo se converteu em tentativa de suavização em torno das estratégias utilizadas para o recrutamento. O voluntarismo visto como abnegação, índole do povo e destino final da Nação pareceu escamotear da história os conflitos sociais e étnicos, que a convocação para os campos de batalha suscitou. Para ele, tal ação resultou em desmandos durante o alistamento, recrutava-se por vingança política ou pessoal.

Ainda para Frade¹¹⁰, o recrutamento se deu num período em que as autoridades estavam preocupadas com o controle do espaço urbano. A cidade do Rio de Janeiro conheceu grande movimento de pessoas decorrentes do desenvolvimento comercial, e por ser a capital do Império, se converteu num verdadeiro esconderijo para fugitivos das regiões próximas, mas também para estrangeiros em situação irregular.

A estratégia de controle até então utilizada era a da repressão policial. As prisões em massa daqueles elementos, considerados perturbadores da ordem, eram realizadas geralmente em momentos de maior tensão ou em épocas de mudança do quadro político. O constante alternar de partidos no poder também se constituía num fator que contribuía para o maior ou menor teor repressivo. A oposição ao partido político da situação poderia significar até o recrutamento forçado de indivíduos para a guerra.

O recrutamento para a guerra iria cumprir um duplo papel dentro desse quadro: de fornecimento do contingente necessário para a defesa do país e o outro, de ordem estratégica, consistia na repressão e no controle efetivo do espaço urbano.

Regressando ao universo machadiano, acreditamos que sua literatura além de retratar várias de suas inquietudes, contribuiu em grande medida para a constituição de várias opiniões sobre a guerra, convertendo-se num exemplo de representação social.

A representação pode ser lida como algo que permite “ver uma coisa ausente” ou mesmo a “exibição de presença”¹¹¹. Machado de Assis enxergava uma motivação patriótica

¹⁰⁸ SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou Morte**: Os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

¹⁰⁹ FRADE, Evaldo Pereira. Os (in) voluntários da pátria: recrutamento e controle do espaço urbano no Rio de Janeiro no período da Guerra do Paraguai. In: **Crime, Direito e Sociedade**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, 1997.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹¹ CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 20.

na guerra (presença), criando imagens unificadoras do ser brasileiro, em torno de uma causa comum, por vezes ocultada ou minimizada antes do conflito (ausência).

A condição presente da representação pode ser informada a partir da intenção machadiana em nos munir de sentimentos identitários. As práticas sociais visavam o reconhecimento da identidade, exibindo uma maneira própria de estar no mundo, nos quais formas institucionalizadas e objetivadas marcavam a visibilidade e perpetuação dos grupos sociais, das classes ou das comunidades.

Imbuído pelo sentimento de defesa dos interesses nacionais, Machado de Assis criticou a ação dos diplomatas durante o conflito, que segundo ele não conseguiam bons frutos de suas negociações. O literato, em crônica de 24 de janeiro de 1865, acreditava que os diplomatas só estavam adiando a necessária e iminente luta.

O que é a ação! Alguns dias de combate fizeram mais do que longos anos de polêmica diplomática. Bem podia ter-se poupado o papel que se gastou em notas e relatórios: eram mais algumas libras de pólvora.

Com selvagens não há outro meio.

Mas era preciso que a diplomacia gastasse o seu tempo e o seu papel por dois motivos: o primeiro era mostrar que os sentimentos do império não eram hostis à liberdade interna da república, o segundo era dar expansões ao próprio espírito da diplomacia, que, de, ordinário, faz menos no gabinete do que o soldado no campo.

Se os diversos representantes do império que tratam por tantos anos das reclamações brasileiras em Montevideú me prometem, sob palavra, que não tiram destas linhas nenhuma alusão pessoal, acrescentarei aquilo que já foi escrito e repetido um milhão de vezes, em toda a língua a saber: que a diplomacia é a arte de gastar palavras, perder tempo, estragar papel, por meio de discussões inúteis, delongas e circunlocações desnecessárias e prejudiciais¹¹².

Machado de Assis criticou os diplomatas, acreditando que nada poderiam fazer. A guerra tornava-se uma questão de honra para o Império. Para o autor, a intervenção diplomática só prejudicaria o desenrolar do conflito. Para ele, as imagens do “barbarismo guarani” vão se tornando mais chocantes: “se depois do espetáculo das orelhas enfiadas numa corda e expostas à galhofa dos garotos de Assunção, houver um país no mundo que simpatize com o Paraguai; não precisa mais nada, esse país está fora da civilização”¹¹³.

O literato oitocentista construiu um complexo cenário e chamou a atenção dos brasileiros para o conflito, convidando-os à missão, atitude justificada diante das “atrocidades

¹¹² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, p. 296.

¹¹³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op.cit., p. 316.

cometidas”. Dessa maneira, a honra e a integridade do nosso “povo” deveria ser defendida acima de tudo.

Lúcia Granja acredita que o *Bruxo do Cosme Velho* pretendia glorificar as ofensivas militares do Império, justificada em função da “covardia” paraguaia. Ela reputa este comportamento a uma “interpretação geral da opinião da época a respeito dos recentes fatos relacionados à política exterior”¹¹⁴.

Lentos e sutis, em 21 de fevereiro de 1865, os embates deixavam de ser temerários para se tornarem motivos de orgulho. Para Machado de Assis, esses sentimentos não podiam ser desviados:

Todos os espíritos estão voltados para o Sul. A guerra é o fato que trabalha em todas as cabeças, que provoca todas as dedicações, que desperta todos os sentimentos nacionais.

De cada ponto do império surge um grito, levanta-se um braço, estende-se uma oferta. A educação dada à geração atual não era decerto própria para inspirar os grandes movimentos, mas há no povo brasileiro um sentimento íntimo que resiste a todos os contratemplos e vive mesmo através do sono de muitos anos. Graças a essa virtude do povo, não faltarão elementos para a vitória, nem escassearão braços para lavar a afronta do país¹¹⁵.

As tentativas de paz postas com “arrogância” e “ódio maldisfarçado” foram alvos das críticas do *Bruxo do Cosme Velho*, que mencionou a visita de chefes orientais ao Rio após a “paz” assinada em 20 de janeiro de 1865, comentando:

Melhor é mencionarmos uma vitória que tivemos esta semana, tão incruenta como a paz de 20 de fevereiro, e mais honrosa que ela. Foi a visita que fizeram a esta Corte os Srs. Juan Saá e Nin Reys. Pouco valem os visitantes; mas quando homens da natureza daqueles, dos quais o primeiro se adorna com uma sanguinolenta celebridade depois de uma luta em que acabam de fugir e, deixam a cena de suas façanhas, e vão confiantes e tranqüilos pisar a terra do inimigo, é uma vitória isso, é a homenagem da barbárie à civilização, da traição à generosidade, da perfídia à boa fé¹¹⁶.

Em 17 de janeiro de 1865, o autor ironizou a potencialidade de nossos aliados argentinos e uruguaios. Ele acreditava que somente os brasileiros possuíam o genuíno sentimento nacional necessário para salvar a “civilização” do terror. O fruir da guerra devia ser experimentado como êxtase, como glorificação dos mais altos ideais civilizatórios. Para a

¹¹⁴ GRANJA, Op. cit., p. 76

¹¹⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. *Crônicas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson, 1946, p. 327.

¹¹⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., p 347-8.

expressão de tais sentimentos, agora claramente extremados, a lírica seria o lugar mais apropriado.

Então (nobre espetáculo, só próprio
De almas livres!), então rompem-se os elos
De homens a homens. Coração, família,
Abafam-se, aniquilam-se: perdura
Uma idéia, a da pátria (...)
Basta isso? Ainda não. Se o império é fogo,
Também é luz: a brasa, mas a clara.
Onde levar a flama da justiça,
Deixa um raio de nova liberdade¹¹⁷.

Diante de tal espetáculo, a fórmula machadiana: “quem está contra a guerra está contra a civilização” ou “quem é a favor da paz é bárbaro”¹¹⁸, atinge todo o seu poder de persuasão. Esse trabalho de convencimento se estruturou naquilo que Alfredo Bosi definiu como sendo a estratégia da estilística machadiana: aquela que “vela as negações radicais com a linguagem da ambigüidade”¹¹⁹.

No entanto, aceitando essa ambigüidade básica do autor ou seu ceticismo da maturidade, não seria possível pensar que no tocante à guerra, essa atitude quase se desfez e o cronista não hesitou em tomar partido do Império?

Tais contradições são analisadas por Raymundo Faoro¹²⁰ quando observou que o Exército não gozava de “boa imprensa” para Machado. Não se tratava de fazer uma apologia da instituição. Para Machado de Assis, o Exército era “apenas um perturbador da ordem social, sem lhe perceber nenhuma missão nacional, a glória militar se confunde com a reação civil, com o povo em armas, pronto para defender a pátria e vingar os ultrajes”¹²¹.

A análise das crônicas machadianas dos anos de 1864-5 nos mostra a figura de um autor informado por altas doses de patriotismo. Fato comprovador desta força conforme já visto, é a decretação da “Campanha dos Voluntários da Pátria” no ano de 1865. Atitude acionada para a composição de um efetivo militar do qual faziam parte os mais variados elementos sociais.

¹¹⁷ [http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/poesias/POESIA%20Poesias%20dispersas,%201855-1939.htm#ACOLERA DO IMPERIO](http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/poesias/POESIA%20Poesias%20dispersas,%201855-1939.htm#ACOLERA%20DO%20IMPERIO). Acesso em: 31 de maio de 2012.

¹¹⁸ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 196.

¹¹⁹ Idem, *ibidem*.

¹²⁰ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976, p. 382.

¹²¹ FAORO apud MACHADO DE ASSIS, Op. cit., p. 382.

Aqui, não parece haver dúvidas do patriotismo machadiano naquele momento¹²². O autor utilizou-se dos meios de comunicação (no caso os jornais) para funcionar como espécie de ideólogo e formador de opiniões, estimulando indivíduos a se debaterem num combate contra a “tirania” de López.

Apesar deste concreto sentimento, uma curiosidade nos inquietou na análise das crônicas pesquisadas. Por que a grande maioria das crônicas se refere tão somente aos anos de 1864-65? Por que Machado de Assis não continuou seu esforço de divulgação da necessidade da guerra?

Jean Michel Massa, biógrafo da juventude de Machado de Assis, adjetivou essa fase da vida do *Bruxo do Cosme Velho* como um “meio-silêncio”¹²³. Sua produção literária diminuiu consideravelmente. Nosso escritor parecia mais preocupado em preparar elogios a seu mestre José de Alencar. Vale indicar que a conjuntura política não favorecia ao liberal Machado, pois em 1868, o gabinete Zacarias e o partido liberal travaram sérias contendas, retirando-se este do poder.

Na opinião de Massa, Machado “tomou partido de não tomar partido”¹²⁴. A vida pública de Machado de Assis foi marcada por certos repúdios à oposição política, preferindo manter seu emprego de funcionário público, condição alcançada por meio da nomeação de um gabinete liberal. A intenção de escrever um romance (1867) também ocupou a mente do escritor. No ano de 1872, a editora Garnier patrocinou seus serviços, publicando três obras suas: **Ressurreição**, **Manuscritos do Licenciado Gaspar** e **Histórias da Meia-Noite**.

As opiniões de John Gledson¹²⁵ apontaram para direção similar. Ele acredita que os posicionamentos de Machado de Assis durante a guerra não mudaram, provavelmente em virtude dos acontecimentos políticos contemporâneos, demonstrando um desencanto com a política em geral e por uma necessidade de manter seu emprego na esteira da mudança de regime.

Raimundo Magalhães Júnior¹²⁶ vinculou os interesses de Machado de Assis pela Guerra do Paraguai como uma motivação constante, tendo começado antes mesmo do início

¹²² Esta opinião é dada por Raimundo Magalhães Junior, biógrafo de Machado de Assis. Ele toma para si a defesa do escritor do Cosme Velho, que, por muitas vezes, foi criticado por não produzir uma literatura engajada com seu tempo. JUNIOR, Raimundo Magalhães. Machado de Assis e a Guerra do Paraguai. In: **Machado de Assis desconhecido**. São Paulo/Bahia: Civilização Brasileira, 1955, p. 43-56.

¹²³ MASSA, Jean Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 576.

¹²⁴ Idem, ibidem, p. 575-7.

¹²⁵ GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 126-135.

¹²⁶ JUNIOR, Raimundo Magalhães. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro/São Paulo/Bahia: Civilização Brasileira, 1955.

das hostilidades. O autor imputou a ele uma desmedida dose de senso patriótico. Há de se pensar, porém, na provável mutabilidade de tal sentimento. Os romances e os contos posteriores à guerra apresentaram uma alternância de opiniões irônicas quanto ao encadeamento do conflito.

O tema da guerra é retomado anos mais tarde por Machado de Assis quando encontramos aí outro ambiente social, um escritor marcado por suas idiossincrasias. Requisitos que irão afetar sua maneira de escrever e de encarar o mundo (inclusive sua antiga percepção sobre a guerra). Formas originais e próprias de questionar sua existência e dos outros, consubstanciadas na literatura repleta de traços irônicos e céticos.

José Raimundo Neto procurou compreender as bases do ceticismo machadiano quando afirmou que a perspectiva cética do autor baseou-se em alguns elementos: (1) a caracterização da “vida exterior”¹²⁷ entendida como espaço da vida social, lugar de opiniões precárias, dualidade e hipocrisia; (2) a constituição da “paz doméstica”¹²⁸ como “ambiente do casamento, alternativo à vida exterior, lugar de verdade, transparência e eticidade”¹²⁹ e, (3) a presença do “homem de espírito”¹³⁰ e do “tolo”¹³¹.

A perspectiva cética será a resolução para “o homem de espírito”¹³² que não desejando “descer à vulgaridade dos tolos”¹³³ nem alterar o comportamento e a natureza das mulheres e da “aética da vida social”¹³⁴ assume “a atitude reflexiva e observadora”¹³⁵. Ainda para José Raimundo Neto, o ceticismo machadiano se construiu pela necessidade do autor em transformar-se “em espectador”¹³⁶ e “autor de memórias e memoriais”¹³⁷.

Luiz Alberto Freitas defende que o ceticismo de Machado de Assis se revelou considerável na medida em que expõe “um narrador que escreve para expor a si mesmo”¹³⁸, por apontar a “crueldade de seu próprio mundo”¹³⁹. O autor indica que as obras céticas machadianas “podem ser consideradas como antecessores da obra freudiana”¹⁴⁰. Roberto

¹²⁷ NETO, José Raimundo Maia. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Anablume, 2007, p. 24.

¹²⁸ Idem, *ibidem*.

¹²⁹ Idem, *ibidem*.

¹³⁰ Idem, *ibidem*.

¹³¹ Idem, *ibidem*.

¹³² Idem, *ibidem*.

¹³³ Idem, *ibidem*.

¹³⁴ Idem, *ibidem*.

¹³⁵ Idem, *ibidem*.

¹³⁶ Idem, *ibidem*.

¹³⁷ Idem, *ibidem*.

¹³⁸ FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma inserção entre a psicanálise e literatura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 76.

¹³⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*.

Schwarz compactua com essa opinião quando mencionou que Machado foi “um autor que em 1880 está dizendo coisas que Freud diria 25 anos depois”¹⁴¹.

O estilo literário de Machado de Assis foi desenvolvendo-se de encontro ao foco narrativo onisciente, bem pontuado em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Essa estratégia gerou ambiguidades narrativas entendidas como um “conjunto de palavras com significados diferentes para narrador e autor”¹⁴².

Uma alternativa usada pelos críticos de Machado de Assis para “transcender o discurso do narrador, consiste em propor interpretações metafóricas ou alegóricas”¹⁴³, intencionando revelar os vários significados ocultos nas tramas.

Na crônica a seguir (25 de março de 1894), as lembranças e as imagens do conflito ainda estão muito vivas em sua memória. Há lamentos direcionados à velocidade dos tempos modernos, fator que auxiliou no ocultamento do êxtase social que uma guerra poderia proporcionar. Machado de Assis não acreditava que existiam pessoas nascidas após o conflito. Ninguém melhor do que ele para pintar tal quadro.

A SEMANA foi santa – mas não foi a semana santa que eu conheci, quando tinha a idade de mocinho nascido depois da guerra do Paraguai. Deus meu! Há pessoas que nasceram depois da guerra do Paraguai! Há rapazes que fazem a barba, que namoram, que casam, que têm filhos, e não obstante, nasceram depois da batalha de Aquidabã! Mas então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López, andam muito mais depressa. Antigamente tinham o andar próprio de uma quadra em que as notícias de Ouro Preto gastavam cinco dias para chegar ao Rio de Janeiro. Ia-se de São Paulo por Santos. Ainda assim, na semana, os estudantes de Direito desciam a serra de Cubatão e vinham tomar o vapor de Santos para o Rio. Que digo? Cá houve em que vieram unicamente assistir à primeira representação de uma peça de teatro. Lembras-te, Ferreira de Meneses? Lembras-te Sisenando Nabuco? Não respondem; creio que estão mortos.

Aí vou escorrendo para o passado, coisa que não interessa no presente. O passado que o jovem leitor há de saborear é o presente de 1920, quando os relógios e os almanaques criarem asas. Ei tão, se ele escrever nesta coluna, aos domingos, será igualmente insípido com as recordações¹⁴⁴.

Adiante, mas ainda na mesma crônica, Machado de Assis nos contemplou com sua percepção de um tempo que nunca voltaria:

¹⁴¹ SCHWARZ, Roberto. Mesa Redonda. BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 318.

¹⁴² NETO, José Raimundo Maia. Op. cit., p. 24.

¹⁴³ Idem, ibidem, p. 31.

¹⁴⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 604-606.

Mas, por isso mesmo que os há de enfadar, deixe-me enfadá-lo um pouco, repetindo que a semana santa que acabou ontem ou acaba hoje não é a semana santa anterior à passagem do Passo da Pátria ou ao último ministério Olinda.

As semanas santas de outro tempo eram, antes de tudo, muito mais compridas. O Domingo de ramos valia por três. As palmas que traziam das igrejas eram muito mais verdes que as de hoje, mais melhor. Verdadeiramente já não mais verde. O verde de hoje é um amarelo escuro. A segunda-feira e a terça-feira eram lentas, não longas; não sei se percebem a diferença. Quero dizer que eram tediosas, por serem vazias. Raiava, porém a Quarta-feira de trevas; era princípio de uma série de cerimônias, e de ofícios, de procissões, sermões de lágrimas, até o Sábado de aleluia, em que a alegria reaparecia, e finalmente o Domingo de Páscoa que era a chave de ouro.

Tenho mais critério que meu sucessor de 1920; não quero matá-lo com algumas notícias que ele não há de entender. Como entender, depois da passagem de Humaitá, que as procissões do enterro, uma de São Francisco de Paula, outra do Carmo, eram tão compridas que não acabavam mais?¹⁴⁵.

Em 11 de novembro de 1894, Machado sentiu a força da inexorabilidade do tempo, questionando até mesmo a existência física do Paraguai. Deixemos o escritor do Cosme Velho despejar sua nostalgia :

Sacudi fora os jornais e cheguei à janela. A antigüidade é boa, mas preciso descansar um pouco e respirar ares modernos. Reconheci então que tudo hoje me anda impregnado do antigo, e que por mais que busque o vivo e o moderno, o antigo é que me cai nas mãos. Quando não é o antigo, é o velho, Gladstone substitui Virgílio. A comissão uruguaia está trazendo medalhas comemorativas da campanha do Paraguai, não sendo propriamente antiga, fala de coisas velhas aos moços. Campanha do Paraguai! Mas então, houve alguma campanha do Paraguai? Onde fica o Paraguai? Os que já forem entrados na história e na geografia, poderão descrever essa guerra, quase tão bem como a de Jugurta. Faltar-lhes-á, porém, a sensação do tempo.

Oh! A sensação do tempo! A vista dos soldados que entravam e saíam, de semana em semana, de mês em mês, a ânsia das notícias, da leitura dos feitos heróicos, trazidos de repente por um pacote ou um transporte de guerra.

Não tínhamos ainda este cabo telegráfico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves. Naquele tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e os feridos, número de prisioneiros, nomes dos heróis do dia, as próprias partes oficiais.

Uma vida intensa de cinco anos. Já lá vai um quarto de século. Os que ainda mamavam quando Osório ganhava a grande batalha, podem aplaudi-lo amanhã revivido no bronze, mas não terão o sentimento exato daqueles dias¹⁴⁶.

Notamos a singular diferença entre o Machado de Assis do início do conflito e o de 1894. Aqui, a guerra era um evento conformado, talvez até mesmo esquecida por alguns. O

¹⁴⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 689-691.

¹⁴⁶ Idem, ibidem.

elogio ao tempo foi característica marcante nessas duas crônicas. O *Bruxo do Cosme Velho* questionou o conflito. A justiça e a honra não são mais atributos tão caros que justificassem perdas humanas.

O autor indagou a validade do conflito e as consequências dos esforços dispensados. Os contrastes com os conteúdos e as temáticas das crônicas de 1864-5 são evidentes. Somos atropelados por um ceticismo poderoso e motivado pela nostalgia dos tempos que se foram. Machado de Assis não conseguia compreender a vida após a Guerra do Paraguai.

Nos contos e no romance, a construção literária machadiana verteu-se numa ação corporificada em suas personagens. O questionamento da necessidade do conflito é configurado a partir dos motivos circunstanciais que conduziram alguns indivíduos a alistarem-se para os combates na região platina.

Aqui, os personagens machadianos vincularam suas idas ao *front* a questões de cunho pessoal, seja um amor não correspondido, uma dívida financeira contraída, o desejo ardente de novas emoções ou até mesmo em busca da cura de um coração traído. Essa caricatura social incita fértil discussão sobre o caráter da eficácia política do alistamento/recrutamento de indivíduos para a defesa do país.

Machado de Assis, enquanto literato, não deve ser descolado do quadro social brasileiro do século XIX. Mesmo porque, transformou reações e sentimentos capazes de abstrair a realidade que o cercava. Não deve ser gratuita, a criação de alegorias literárias que indagaram ou até mesmo utilizaram a guerra como espaço de fuga/tratamento de suas próprias crises, interrogando o teor ufanista do conflito.

Nesse sentido, operamos com a multifacetada fronteira entre história e literatura, campo sugestivo para o entrecruzar do fazer histórico com o discurso literário, fornecendo pontos de vista carregados de sentidos.

Para tanto, propomos o diálogo entre discursos de natureza diversa, mas que guardam entre si convergências, uma vez que as fronteiras podem se diluir na relação entre história e literatura. São produzidas conexões entre os discursos históricos e literários enquanto tentativas de interpretação das realidades, mas também pensados a partir da ambiência narrativa.

Se o texto histórico tenta produzir uma versão convincente e mais próxima possível do acontecido, o texto literário não deixa de levar em conta essa aproximação. Embora a trama

seja, em si, criação absoluta do autor, ela busca atingir este efeito de apresentar uma versão também plausível e coesa¹⁴⁷.

Nossas reflexões sobre as relações entre a história e a literatura consideram os textos literários como fatos históricos e, ao mesmo tempo, representações da própria história. Não é possível a alusão aos textos literários sem levar em conta o contexto histórico em que eles se encaixavam e a partir do qual ganhavam significados.

Este debate se torna relevante na medida em que estamos trabalhando diretamente com duas formas de discurso. Sendo assim, somos levados a crer que a história e a literatura são duas versões de um conjunto de eventos que podem ser imaginados, não havendo razão para o historiador invocar para si a autoridade de oferecer a explicação verdadeira do que aconteceu. O tempo se torna humano na medida em que se articula com um modo narrativo e o relato alcança sua plena significação, quando se torna uma condição da existência temporal¹⁴⁸.

Recompostos com base no testemunho documental, os fatos históricos são datados e qualitativamente distintos como fatos humanos, consequentes a ações já transcorridas articulando-se em forma narrativa, ainda que minimamente¹⁴⁹.

Não devemos perder de foco a especificidade do fazer histórico e do discurso literário. No entanto, parece-nos pobre querer separá-los pura e simplesmente em nome da cientificidade. Um bom encaminhamento seria a utilização das duas formas entrelaçadas (feitas as ressalvas e as cautelas), construindo interpretações das realidades sociais que possam abarcar vários modos de pensar e agir.

Neste momento, apresentamos três contos e um romance de Machado de Assis como fontes históricas para a análise da Guerra do Paraguai: **Troca de Datas, Uma Noite, Um Capitão de Voluntários** e o romance **Iaiá Garcia** (todos eles escritos após a Guerra do Paraguai), lançando interpretações tanto sobre o comportamento de Machado de Assis diante da sociedade na qual vivia e principalmente como informante das sociabilidades do Brasil oitocentista.

O romance é considerado por alguns estudiosos como a mais completa de todas as formas artísticas. O termo *Romanço* designava qualquer língua romântica falada nas regiões ocupadas pelos romanos, e que se diferenciava do latim. Mais tarde, o vocábulo passou a designar as obras literárias da Idade Média que eram escritas numa língua romântica, diversa

¹⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da História com a Literatura. **História: Fronteiras**, XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanitas/FFCLH/ANPUH, 1999, p. 820-821.

¹⁴⁸ LIMA, Luiz Costa. Clio em questão: A narrativa na escrita da História. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa, ficção e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 61-87.

¹⁴⁹ NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

do latim, se caracterizavam como obras em prosa e verso, acessíveis ao grande público. Portanto, *romance* passa a ser compreendido como uma obra ficcional, apresentando uma pluralidade de conflitos, de ações, de episódios, de personagens, atingindo uma cosmovisão, num horizonte largo da condição humana¹⁵⁰.

A narrativa do romance possui a capacidade de abarcar as “metamorfoses do real”¹⁵¹, cabendo nele as mais variadas formas de conhecimento, “transformado numa espécie de síntese ou de superfície refletora da totalidade do mundo”¹⁵². Ao escritor cabe a construção de um entendimento “ambiciosamente globalizante das multiformes experiências humanas”¹⁵³ e ao leitor o desfrute deste intento, pois “não existe, nos quadrantes da criação literária, instrumento mais completo para se chegar a uma imagem totalizante do universo”¹⁵⁴.

Independente de classificação tipológica, o romance exerceu significativa predominância na tentativa de expressar as “perplexidades da nossa realidade”¹⁵⁵ mostrando “extraordinária vitalidade”¹⁵⁶, “impondo-se como a forma de arte mais rica e mais surpreendente”¹⁵⁷.

O romance **Iaiá Garcia** escrito por Machado de Assis foi publicado pela primeira vez em 1878. O autor já sinalizava algumas características satíricas que irão marcar seu estilo posterior. A narrativa indica uma interpretação específica no que tange ao conflito. O literato mostrou sua ironia e ceticismo com relação às motivações que conduziram alguns indivíduos aos campos de batalha. Nesse momento, nos encontramos com um autor desencantado com os mecanismos políticos contemporâneos, olhando mais do que nunca com agudeza e implacabilidade o mundo que o cercava¹⁵⁸.

Luiz Freitas entende que os romances machadianos são marcados por “uma ironia freqüente, amarga, relativizando constantemente o bem e o mal como faces da mesma moeda”¹⁵⁹. A narrativa machadiana apresenta reviravoltas nas relações estabelecidas entre as noções de pecado e moral, além da recuperação dos espaços inconscientes de ação dos sujeitos: “o por detrás, é um psicanalista - é o elemento psicanalítico existindo porque a

¹⁵⁰ BRASIL, Assis. Op. cit.

¹⁵¹ MOISÉS, Massaud. Op. cit., p. 400.

¹⁵² Idem, *ibidem*.

¹⁵³ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁵ D’ONOFRIO, Salvatore. Op. cit., 2007, p. 101.

¹⁵⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁸ SCHWARCZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 151-231.

¹⁵⁹ FREITAS, Luiz. Op. cit., p. 70.

dúvida existe”¹⁶⁰. Freitas observou em Machado de Assis o “pensamento psicanalítico, anterior à própria psicanálise”¹⁶¹.

Para Lúcia Granja, Machado de Assis olhou para o conflito com grande otimismo: “decorrido algum tempo, transformado no narrador ficcionista, refere-se à guerra”¹⁶² como uma “estratégia de obtenção de vantagens pessoais”¹⁶³. Nas crônicas dos anos 60, a autora reforça a postura e o abuso autoritário que denunciava, em grande medida, a voluntariedade, mas também “a ironia” que endereçou à crítica: indícios dos comportamentos que “extrapolam fronteiras”¹⁶⁴ e integrariam “as melhores páginas da ficção machadiana”¹⁶⁵.

Granja informa que nas obras mais tardias, como é o caso de **Iaiá Garcia**, “o narrador de Machado saberia tirar proveito cada vez maior das peculiaridades de seu texto, em função da expressão de sua visão estrutural da sociedade que tinha sob a mira de sua pena”¹⁶⁶.

A narrativa de **Iaiá Garcia** focou-se principalmente na preocupação de Valéria (mãe de Jorge), em separar seu filho de um amor infrutífero, ilustrado na figura de Estela (uma agregada da família, e, portanto, um relacionamento indesejado). Assim, Valéria clama pelo socorro do Sr. Luís Garcia para a solução daquele incidente, pois como grande amigo do ex-marido de Valéria gozava de excelente trânsito na família. Valéria acreditava que Luís Garcia era o grande indicado para convencer Jorge do caráter malfadado de sua paixão.

Valéria encontrou um eficaz subterfúgio para malograr os sentimentos de seu filho, iria manda-lo ao Paraguai, lugar onde se exaltava o patriotismo e lutava-se pelos negócios do país. Mas como observamos o motivo era outro e bem mais urgente que a Nação brasileira. Luís Garcia temia que Jorge dispensasse sua juventude nos campos de batalha paraguaios, colocando fim a uma promissora carreira jurídica. Eis um diálogo entre Valéria e Luís Garcia onde discutem a guerra e o futuro de Jorge:

- Sr. Luís Garcia, disse a viúva; esta Guerra do Paraguai é longa e ninguém sabe quando acabará.
- Vieram notícias hoje?
- Não me consta.
- As de ontem não me animaram nada, continuou a viúva depois de um instante. Não creio na paz que o López veio propor. Tenho medo que isto acabe mal.
- Pode ser, mas não dependendo de nós...

¹⁶⁰ FREITAS, Luiz. Op. cit., p. 70.

¹⁶¹ Idem, ibidem.

¹⁶² GRANJA, Op. cit., p. 85.

¹⁶³ Idem, ibidem.

¹⁶⁴ Idem, ibidem.

¹⁶⁵ Idem, ibidem.

¹⁶⁶ Idem, ibidem, p. 90.

– Por que não? Eu creio que é chegado o momento de fazerem todas as mães um grande esforço e darem exemplo de valor, que não serão perdidos. Pela minha parte trabalho com meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário, podemos arranjar-lhe um posto de alferes ou tenente; voltará major ou coronel. Ele, entretanto, resiste até hoje, não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que tem sentimentos generosos. Contudo resiste...

– Que razão dá ele?

– Diz que não quer separar-se de mim.

– A razão é boa.

– Sim, porque a mim custaria a separação. Mas não se trata do que eu ou ele podemos sentir: trata-se de cousa mais grave, da pátria, que está acima de nós¹⁶⁷.

Valéria proferiu estas palavras com certa animação. Luís Garcia percebeu mais dissimulação que sinceridade. O interesse da viúva em relação à sorte da campanha era totalmente novo para ele. Excluído o motivo público, algum outro haveria que ela não quisera ou não pudera revelar.

A passagem também ilustra algumas discussões correntes à época sobre a Guerra do Paraguai. O diálogo transcrito ocorreu em 1866, onde as certezas sobre o conflito estavam se dissolvendo. A fórmula de Mitre na qual a guerra se findaria em três meses não se confirmou. Ficava claro para Luís Garcia que as intenções de Valéria eram outras e não o patriotismo “que está acima de nós”. Outra informação que consta no trecho anterior é o estímulo que as mães davam aos seus filhos quanto ao alistamento para a guerra, temática presente também nas crônicas machadianas de 1864-65.

Luís Garcia deveras inquieto com a situação ali posta considerou a possibilidade da morte de Jorge, tentando pôr fim à estupefata ideia de Valéria, que como paliativo pretendia dar honras e nomes a seu filho.

– Jorge está formado, disse ela, mas não tem queda para profissão de advogado nem para a de juiz. Goza por enquanto a vida; mas os dias passam, e a ociosidade faz-se natureza com o tempo. Eu quisera dar-lhe um nome ilustre. Se for para a guerra, poderá voltar coronel, tomar gosto às armas, segui-las e honrar assim o nome de seu pai.

– Bem, mas vejamos outra consideração. Se ele morrer?

Valéria empalideceu e esteve alguns minutos calada enquanto Luís Garcia olhava para ela, a ver se lhe adivinhava o trabalho interior da reflexão, esquecendo que a ideia de um desastre possível devia ter-lhe acudido, desde muito, e se não recuara diante dela, é porque a resolução é inabalável.

– Pensei na morte, disse Valéria daí a pouco; e, na verdade, antes a obscuridade de meu filho que um desastre... mas repeli essa ideia. A consideração de que lhe falei deve vencer qualquer outra.

¹⁶⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1997, p. 10.

Em seguida, como para impedir que ele insistisse nas reflexões apresentadas antes, disse-lhe claramente que diante da recusa de Jorge, contava com o influxo de seus conselhos.

– O senhor é nosso amigo, explicou ela; seu pai também foi nosso amigo. Sabe que um e outro sempre nos mereceram muita consideração. Em todo caso, não quisera recorrer a outra pessoa¹⁶⁸.

Para Valéria, o desastre não seria a morte de seu filho, mas a união indesejada entre Jorge e a agregada Estela. Para impedi-la, a personagem não mediu esforços na tentativa de separar os dois corações, arriscando a vida de seu próprio filho em nome de questões de prestígio e honra. Valéria convencida do sucesso de sua empreitada e na certeza da obtenção de glórias por seu filho comenta: “eu não creio na morte; creio só na vida e na glória. A guerra começou há pouco e há já tanto herói. Meu filho será um deles”¹⁶⁹.

Sidney Chalhoub observa que Machado expunha a “lógica de dominação baseada na ideologia da produção de dependentes”¹⁷⁰, calcada na explicitação dos mecanismos de dominação social. Os novos contextos sociais apresentados por nosso escritor se mostravam tensos e antagônicos, mas nem por isso desconhecidos dos sujeitos. Os dependentes continuavam a revelar “deferência e subordinação a seus senhores, enquanto procuram laboriosamente discernir e interpretar as reais intenções dos adversários”¹⁷¹.

Tais arranjos sociais são vistos por Chalhoub como ápices do romance **Iaiá Garcia** “o ponto de vista dos dependentes, das filigranas que são obrigados a fazer, em momentos de crise e maior explicitação das diferenças, para conseguir seus objetivos e escapar à violência e à humilhação”¹⁷².

Apesar de Luís Garcia ter auxiliado Valéria, ele ainda se perguntava sobre as reais intenções da viúva, procurando saber quais os verdadeiros objetivos dela ao arriscar a vida do filho no campo de batalha.

A promessa era um meio, não só de por termo à insistência da viúva, mas também de encaminhar-se a saber qual era a mola secreta da ação daquela senhora. A honra nacional era certamente o colorido nobre e augusto de algum pensamento reservado e menos coletivo. Luís Garcia abriu velas à reflexão e conjecturou muito. Afinal não duvidava do empenho patriótico de Valéria, mas perguntava a si mesmo se ela queria colher da ação que ia praticar alguma vantagem especial sua.

“O coração humano é a região do inesperado”, dizia consigo o cético subindo as escadas da repartição.

¹⁶⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1997, p. 11.

¹⁶⁹ Idem, ibidem, p. 12.

¹⁷⁰ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 67.

¹⁷¹ Idem, ibidem.

¹⁷² Idem, ibidem, p. 72.

Na repartição soube da chegada de tristes notícias do Paraguai. Os aliados tinham atacado Curupaiti e recuado com grandes perdas: o inimigo parecia mais forte do que nunca. Supunha-se até que as propostas de paz não tinham sido mais do que um engodo para fortalecer a defesa¹⁷³.

Essas notícias chegavam por meio da imprensa, que veiculava várias informações sobre a guerra. Há uma passagem que mostra a importância da imprensa na formação de entendimentos sobre a questão platina.

Não foi alegre nem animado o jantar. Falaram a princípio de cousas indiferentes; depois Valéria fez recair a conversação nas últimas notícias do Paraguai. Luís Garcia declarou que lhe não pareciam tão más, como diziam as gazetas, sem contudo negar que se tratava de um sério revés.
– É guerra para seis meses, conclui ele¹⁷⁴.

O encontro mencionado acima teve a participação de Jorge, que perguntou a Luís Garcia sobre a duração do conflito. O filho de Valéria obteve sua resposta, mas foi indagado sobre a possível vontade em integrar as linhas de combate. Não convencido de seu patriotismo, Jorge expôs verdadeiro motivo que o levaria ao Paraguai: “o senhor é amigo velho de nossa casa, disse ele, posso confiar-lhe tudo. Mamãe quer mandar-me para a guerra, porque não pode impedir os movimentos de meu coração”¹⁷⁵.

Jorge não resistiria à insistência de sua mãe. Ele utilizaria o campo de batalha como meio de vingança contra ela. Se fosse morto, sua mãe sentiria um eterno remorso em perdê-lo.

Primeiramente, porque estava cansado de recusar. Há mês e meio que dura esta luta entre nós. Hoje, à vista das notícias do sul, falou-me com tal insistência que cedi de uma vez. A segunda razão foi um sentimento mau - mas justificável. Escolho a guerra, a fim de que se alguma coisa me acontecer, ela sinta remorso de me haver perdido¹⁷⁶.

Luiz Freitas nota a preocupação de Machado de Assis com a “questão das dificuldades das matriarcas com o casamento entre homens de classes abastadas com moças de situações mais modestas”¹⁷⁷.

Além de gerar remorsos em sua mãe, outra motivação conduziu Jorge ao Paraguai. Ele pretendia dar uma prova de amor a sua amada, arriscando a vida por um sentimento que para ele estava acima de sua existência.

¹⁷³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1997, p. 13.

¹⁷⁴ Idem, ibidem, p. 15.

¹⁷⁵ Idem, ibidem, p. 16.

¹⁷⁶ Idem, ibidem, p.16.

¹⁷⁷ FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. Op. cit., p. 63.

Seu conselho mostra a diferença de nossas idades, disse ele. Se eu fosse para a Europa, que sacrifício faria à pessoa que amo? Pelo contrário, a sacrificada era ela. Eu ia divertir-me, passear, ver cousas novas, talvez achar novos amores. Indo à guerra, é diferente; sacrifico o repouso e arrisco a vida; é alguma cousa. Separados, embora, não me negará sua estima¹⁷⁸.

Jorge acreditava que tomando essa drástica atitude, conquistaria definitivamente o amor de Estela, dando-lhe a mais cabal prova de seu sentimento. Luís Garcia, porém, achava que o alistamento devia ser motivado por questões exclusivamente patrióticas: “– Não se atire de cabeça para baixo numa aventura sem fundo. Ir para a guerra é muito nobre, mas há de ser levado de outros sentimentos. Um desastre por motivo de namoro, não é o Porto Alegre nem o Polidoro, é um padre que lhe deve pôr termo”¹⁷⁹.

Ele via já naquilo uma aventura romanesca e misteriosa, sentia-se uma ressurreição de cavaleiro medievo, saindo a combater por amor a sua dama, castelã opulenta e formosa que o esperaria na varanda gótica, com a alma nos olhos e os olhos na ponte levadiça. A idéia da morte ou da mutilação não vinha agitar-lhe ao rosto suas asas pálidas e sangrentas. O que ele tinha diante de si eram os campos infinitos da esperança¹⁸⁰.

De acordo com Luiz Freitas, a personagem Estela, de origem modesta, se perturbava com as convenções sociais e esquivou-se, por isso, do casamento com Jorge; apesar da prova de amor dada por ele a ela. Machado enfatizou a dramaturgia interna de seu personagem “com grande agudeza e realismo, pois a conhecia na carne, uma das questões centrais do ser humano, a qual denominou - as duas naturezas”¹⁸¹.

Para Freitas, Machado de Assis foi “o autor brasileiro que introduziu a perspectiva crítica, fazendo da dúvida, do questionamento e da argumentação, uma constante da sua obra”¹⁸². A narrativa apresenta elementos persuasivos que ganham “a adesão do leitor, pela razão e pela paixão, da impossibilidade do acesso à certeza divina”¹⁸³.

Após a batalha de Curupaiti, o personagem Jorge manifestou arrependimento. A guerra ganharia novas feições e o conflito recrudesceria, sendo conduzido a um embate de grandes proporções e de duração indeterminada: “não desconhecia o moço que a empresa a que metia ombros era crespada de dificuldades. A guerra, sobretudo depois do desastre de

¹⁷⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Op. cit., 1997, p. 17.

¹⁷⁹ Idem, ibidem.

¹⁸⁰ Idem, ibidem, p. 20.

¹⁸¹ FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. Op. cit., p. 62.

¹⁸² Idem, ibidem, p. 63-64.

¹⁸³ Idem, ibidem.

Curupaiti, prometia durar muito, não havia desânimo, e o governo era auxiliado eficazmente pela população. Jorge obteve uma patente de capitão de voluntários¹⁸⁴.

Curupaiti era o posto natural da defesa de Humaitá, sendo manejado pela primeira vez por oficiais e por marinheiros, que pretendiam utilizar navios encouraçados e artilharia de grosso calibre. O Exército aliado sofreu sérias perdas e o conflito ganharia novos direcionamentos.

A derrota de 22/09/1866 deu-se em grande medida pela ausência de um reconhecimento prévio do terreno, provocando sérios reveses e culminando na nomeação de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, como comandante-em-chefe das tropas brasileiras no Paraguai. A batalha de Curupaiti foi marcada por fortes atritos entre a filosofia tática do Exército e da Marinha em torno da tomada da fortaleza de Humaitá¹⁸⁵.

A estratégia da Marinha Brasileira preconizava a interceptação das linhas fluviais do inimigo, restringindo suas comunicações. Na capital do Império, a opinião pública mostrava-se confiante na intrepidez dos marinheiros brasileiros e na sabedoria do comandante-em-chefe das forças imperiais. O governo reforçava essa confiança, porque ele a sentia e queria que a Esquadra Imperial alcançasse o grande objetivo a que lhe estava destinada: a total capitulação da fortaleza paraguaia¹⁸⁶.

Tal quadro analítico abre uma corrente de discussão na historiografia da guerra que discute a insuficiência da força com que os aliados iniciaram a campanha e a sustentaram durante quatro anos. O efetivo dos exércitos aliados só alcançou o complemento necessário ao seu objetivo, na última fase da guerra. Na perseguição de um López já desgastado¹⁸⁷.

A complexa conformação física do Paraguai e o pertencimento patriótico paraguaio contribuíram para a longevidade do conflito. O descompasso tecnológico da Esquadra Brasileira no que tange a navegação fluvial, também foram fatores de dificuldade.

O Decreto Imperial n° 3371 de 7 de janeiro de 1865 convocando todas as províncias brasileiras a fornecerem contingente bélico auxiliou na constituição de uma reserva para o conflito. Os “Voluntários da Pátria” e a Guarda Nacional concorreram com mais de cem Corpos de Infantaria e Cavalaria, orçando cerca de 75% do efetivo das armas brasileiras, quase todos os voluntários da pátria lutaram em batalhões de infantaria¹⁸⁸.

¹⁸⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1997, p. 19.

¹⁸⁵ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002.

¹⁸⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de; OLIVEIRA, Vidal. **Quatro Séculos de Atividade Marítima: Portugal e Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

¹⁸⁷ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002.

¹⁸⁸ DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. v. 1. Rio de Janeiro: 1981.

Apesar disso, observamos no romance machadiano o alistamento relacionado a uma causa doméstica, privada, que redundaria mais tarde numa ação patriótica considerada ideal para os interesses do Estado, principalmente na constituição de um Exército que lutaria no Paraguai:

Desamparada desse lado, a viúva cogitou então a viagem à Europa; e quando ele lha recusou, recorreu à Guerra do Paraguai. Não sem custo lançou mão desse meio, violento para ambos; mas, uma vez adotado, luziu-lhe mais a vantagem do que lhe negrejou o perigo. Assim foi que de um incidente, comparativamente mínimo, resultara aquele desfecho grave, e de um caso doméstico saíra uma ação patriótica¹⁸⁹.

No diálogo de despedida, o voluntário deixou explícita a causa que o levou à guerra, esperando a reciprocidade e a cumplicidade de Estela, que ao contrário, enxergou a solução imposta por ele como uma experiência irresoluta e descabida.

Embarco amanhã para o Sul. Não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar-me do coração. Se morrer, a senhora será o meu último pensamento; se viver, não quero outra glória que não seja a de me sentir amado. Uma e outra cousa dependem só da senhora¹⁹⁰.

Apesar da peculiar iniciativa de alistamento, Jorge lutou com bravura e esforço, sendo premiado com várias patentes, conseguidas por meio do destemor dispensado em Tuiuti e Tui Cué (03 de novembro de 1867).

Poucos dias depois operou-se a marcha de Tuiuti e Tui Cué, a que se seguiu uma série de ações e movimentos, em que houve muita página de Plutarco. Só então pôde Jorge encarar o verdadeiro rosto à guerra, cujo princípio não assistira; figurou em mais de uma jornada heróica, correu perigos, mostrou-se valoroso e paciente. O coronel adorava-o, sentia-se tomado de admiração diante daquele mancebo que combatia durante a batalha e calava depois da vitória, que comunicava o ardor aos soldados, não recuava de nenhuma empresa, ainda mais arriscada, e a quem uma estrela parecia proteger com suas asas de luz¹⁹¹.

A passagem da fortaleza de Humaitá foi discutida intensamente pelos aliados, pois entendiam que o objetivo maior seria o bloqueio definitivo das comunicações fluviais do inimigo, liberando o acesso da Marinha Brasileira aos rios platinos. A historiografia naval do

¹⁸⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1997, p. 33.

¹⁹⁰ Idem, ibidem, p. 35.

¹⁹¹ Idem, ibidem, p. 40.

conflito considera a tomada de Humaitá como um dos feitos militares mais importantes da Guerra do Paraguai.

Machado de Assis mostrou que o campo de batalha funcionou para Jorge como ambiente de tratamento para questões amorosas. O personagem machadiano iniciou sua ação na guerra como voluntário em busca de uma cura rápida e eficaz ao coração amargurado e acabou como oficial respeitado e com as insígnias e prestígios de um herói.

Os quatro anos de guerra, de mãos dadas com os sucessos imediatamente anteriores, fizeram-lhe perder certas preocupações que eram em 1866 as únicas de seu espírito. A vida à rédea solta, o desperdício elegante, todas seduções juvenis eram inteiramente passadas.

O espetáculo da guerra, que não raro engendra o orgulho, produziu em Jorge uma ação contrária, porque ele viu ao lado da justa glória de seu país, o irremediável conflito das cousas humanas. Pela primeira vez meditou; admirou-se de achar em si uma fonte de idéias e sensações, que nunca lhe deram os receios de outro tempo. Contudo, não se pode dizer que virou filósofo. Era um homem, apenas, cuja consciência reta e cândida sobrevivera às preocupações da primeira quadra, cujo espírito, temperado pela vida intensa de uma longa campanha, começa de penetrar um pouco abaixo da superfície das cousas¹⁹².

Outro personagem na narrativa machadiana também nos remete a importante reflexão sobre a Guerra do Paraguai. Foi Procópio Dias, que utilizou o conflito para aumentar seus ganhos pessoais, funcionando como um especulador financeiro.

Jorge conheceu Procópio Dias no Paraguai, onde este fora negociar os capitais, e que lhe permitiu colocar-se acima das reviravoltas da fortuna.

Procópio Dias tinha dous credos. Era um deles o lucro. Mediante alguns anos de trabalho assíduo e finuras encobertas, viu engrossarem-lhe os cabedais. Em 1864, por um instintivo verdadeiramente miraculoso, farejou a crise e o escalabro dos bancos, e retirou a tempo os fundos que tinha em um deles, Sobrevindo a Guerra, atirou-se a toda a sorte de meios que pudessem trespobrar-lhe as rendas, causa que efetivamente alcançou no fim de 1869¹⁹³.

Com a análise de algumas passagens de **Iaiá Garcia** procuramos enaltecer alguns aspectos para a compreensão do evento Guerra do Paraguai, reforçando a ideia das circunstancialidades que conduziram alguns personagens machadianos ao *front*. Na medida em que a literatura também toma como modelo a realidade para moldar seu esquema narrativo, acreditamos que o *Bruxo do Cosme Velho* pode ter personificado em suas criações alguns casos onde o patriotismo foi utilizado como subterfúgio para a solução de questões pessoais.

¹⁹² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., p. 59.

¹⁹³ Idem, ibidem, p. 64-65.

John Gledson, importante crítico da obra machadiana, enxergou em **Iaiá Garcia** três correntes distintas de argumentação: não observa elementos concretos na obra de Machado que nos conduzam aos verdadeiros motivos de alguns alistamentos; segundo: em **Iaiá Garcia**, a ideia da guerra funciona como precipitador de mudanças, para pior, na sociedade brasileira; e por fim, uma visão mais pessimista da guerra, considerada com uma necessidade do homem de lutar: “o irremediável conflito das cousas humanas”¹⁹⁴.

Numa obra intitulada **Por um novo Machado de Assis**: ensaios Gledson parece ter revisto sua opinião quanto aos interesses que geraram a ida das personagens machadianas à guerra, quando diz: “Machado vê a guerra como um pretexto para um falso patriotismo, combinado com benefícios pessoais”, além da “confusão entre objetivos patrióticos e egoístas”¹⁹⁵.

Além do romance **Iaiá Garcia**, os contos machadianos também indicam a guerra como espaço discursivo, onde os indivíduos utilizaram os campos de batalha como ambiente de solução pra problemas particulares.

O conto possui grande força dramática, condensa sentidos, centra-se ou no narrador onisciente ou numa personagem específica¹⁹⁶. No que se refere à linguagem o conto é conciso, concentra ao invés de dispersar. A ênfase é posta na ação, nos conflitos, no diálogo¹⁹⁷.

Salvatore D’Onofrio define o conto como uma narrativa produzida por um autor pautado historicamente e refere-se a um episódio da vida real, ficcionalizado, mas verossímil¹⁹⁸.

O fato narrado não aconteceu, mas poderia acontecer. Para ele, a principal regra do conto é ater-se ao real, não fugindo do princípio da verossimilhança. D’Onofrio entende que o conto exprime grande densidade dramática, condensando sentidos: “uma pequena história vivida por algumas personagens cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra”¹⁹⁹.

Para Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, Machado de Assis imprimiu características peculiares ao conto: “trato que nenhuma das outras anteriormente lhe haviam dado e feição nova e característica com interesse dos temas e alinhamento e cuidado do estilo”²⁰⁰.

¹⁹⁴ GLEDSON, John. Op. cit., 2006, p. 328-346.

¹⁹⁵ Idem, ibidem, p. 197.

¹⁹⁶ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 1970, p. 107-135.

¹⁹⁷ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 2004, p. 89.

¹⁹⁸ D’ONOFRIO, Salvatore. Op. cit., 1995.

¹⁹⁹ D’ONOFRIO, Salvatore. Op. cit., 2007, p. 95-96.

²⁰⁰ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. Op. cit., p. 516.

Alguns autores oitocentistas deram características importantes ao conto. Flaubert, Eça de Queirós, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e outros, elaboraram intensas movimentações episódicas e fortes cenários de ação, aproximando o estilo do conto ao da novela e do romance.

O primeiro conto que tratou da temática da guerra foi **Troca de Datas**, publicado em 1883. Esta composição literária também sinalizou a mudança na percepção machadiana do conflito. Eis a forma com que ele comenta a decisão do herói de abandonar a mulher e alistar-se:

Três meses depois, deixou ele a mulher e a fazenda tendo assinado todas as procurações necessárias. A razão dada foi a guerra do Paraguai; e, com efeito, ele ofereceu os seus serviços ao governo; mas não há inconveniente que uma razão nasça com a outra, ao lado ou dentro de si mesma. A verdade é que, na ocasião em que ele resolvia ir para a campanha, deliciava os habitantes do Piraí uma companhia de cavaleiros na qual uma certa dama, rija, de olhos negros e quentes, fazia maravilhas no trapézio e na corrida em pêlo²⁰¹.

O trecho acima mostra que o personagem possuía um bom motivo para se alistar. Não necessariamente inclinado por sentimento de patriotismo e revanchismo contra López. O encanto de uma “certa dama” do sul lhe reacendeu a paixão e o fulgor da juventude.

A história de **Troca de Datas** refere-se a Eusébio, rapaz casado (em virtude de questões familiares) com a bela e virtuosa Cirila. Infelizmente, ela não possuía apenas bons atributos, mas também era chata (uma das muitas variações criadas por Machado de Assis sobre a mulher submissa, apática e caseira). De maneira inevitável, Eusébio a abandona por uma moça uruguaia: “chamava-se Rosita; e era oriental. Eusébio assinou com essa representante da república vizinha um tratado de perpétua aliança que durou dois meses”²⁰².

Pouco depois, Eusébio foi à guerra e voltou com Dolores, “um belo tipo de argentina”, com quem, depois de um período de amor violento, viveu uma fase de brigas não menos violentas. Depois de passar de uma mulher para outra, finalmente, com certa inevitabilidade irônica, regressou para os braços da caseira Cirila, que o havia esperado com resignação durante anos. O casamento se estabilizaria numa relação tranquila e feliz.

O aparente assunto do conto é anunciado no título: **Troca de Datas**, o casamento era ideal, mas ocorreu com dezessete anos de antecedência (em 1862 e não em 1879, data do

²⁰¹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Contos. In: COUTINHO, Afrânio (org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 936.

²⁰² Idem, *ibidem*, p. 936.

regresso de Eusébio). Machado de Assis colocou esta ironia na boca do “rude filósofo” tio João.

O tio João, homem rude e filósofo, ao vê-los agora tão unidos confirmou dentro de si mesmo a observação que fizera uma vez, mas modificando-a por este modo: – Não eram as naturezas que eram opostas, as datas é que se não ajustavam. O marido de Cirila é este Eusébio dos quarenta, não o outro. Enquanto quisermos combinar datas contrárias, perdemos o tempo; mas o tempo andou e combinou tudo²⁰³.

Além disso, a única referência de Machado de Assis às suas intenções ao escrever a história aparece no começo da longa parte final: “como não é intenção do escrito contar a guerra, nem o papel que lá fez capitão Eusébio”²⁰⁴.

Essa foi mais uma estratégia da estilística machadiana. Há claras indicações de que um dos objetivos é precisamente explicar, senão recontar, a história da guerra. A mais evidente delas surge quando o escritor se referiu à mulher uruguaia. A expressão “representante da república vizinha” é um circunlóquio irônico. Para o *Bruxo do Cosme Velho*, o envolvimento do Brasil nos “negócios” do Uruguai foi um dos motivos que geraram a própria guerra, a metáfora pode indicar o seguinte: o Brasil embora não tivesse interesses permanentes na região do rio da Prata, deixou-se envolver, por meio de intromissões mal calculadas, numa guerra em que não parecia desempenhar nenhum papel legítimo.

Ainda em relação à metáfora da “aliança” vemos a união com a Argentina, representada pela personagem Dolores. Deve-se mencionar um curioso aparte: um homem de negócios inglês, que é personagem secundário na história, aparece tecendo o seguinte comentário: “são sistemas”. Novamente o nível metafórico é reforçado: os ingleses mantiveram-se a uma distância confortável do conflito, que para Machado de Assis, contentavam-se em recolher os lucros.

Troca de Datas contém ainda importantes menções sobre o cenário de guerra, inclusive as repercussões que tal evento histórico gerou em alguns brasileiros à época. A primeira menção sobre o conflito aparece num diálogo entre Tio João e Eusébio:

De noite falavam mansamente da fazenda e de outros negócios de Piraí. Falaram também da guerra, e da batalha de Curuzu, em que Eusébio entrava, e donde saíra sem ferimento, adoecendo dias depois. De manhã, despediram-se; Eusébio deu muitas lembranças para a mulher, mandou-lhe mesmo

²⁰³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., p. 942.

²⁰⁴ Idem, ibidem.

alguns presentes, trazidos de propósito de Buenos Aires, e não falou mais na volta.

– Agora, até quando?

– Não sei. Pretendo embarcar daqui a um mês ou três semanas, e depois, só quando a guerra acabar²⁰⁵.

A batalha de Curuzu ocorreu no dia 3 de setembro de 1866 e marcou uma vitória aliada, consolidando os esforços em torno das posições alcançadas com a batalha de Tuiuti, deflagrada no dia 24 de maio de 1866, onde os aliados estabeleceram seu quartel general, logo acima da confluência do Rio Paraná e Paraguai²⁰⁶.

Eusébio foi ferido durante a guerra e regressou ao Rio de Janeiro para tratar-se. Entretanto, impelido por outras questões retornou aos combates, recebendo várias condecorações. O personagem é agraciado como o posto de major, objeto de glórias e aclamações em sua volta à capital do Império. Machado de Assis narrou o alistamento de Eusébio, indicando os detalhes das pretensões dele:

Há uma porção de coisas que estão patentes ou se deduzem do capítulo anterior. Eusébio abandonou a mulher, foi para a guerra do Paraguai, veio ao Rio de Janeiro, nos fins de 1866, doente, com licença. Volta para a campanha. Não odeia a mulher, tanto que lhe manda lembranças e presentes. O que não se pode deduzir tão claramente é que Eusébio é capitão de voluntários, e capitão, tendo ido tenente; portanto subiu de posto e na conversa com o tio, prometeu voltar coronel²⁰⁷ (MACHADO DE ASSIS, 1986, p.935).

Outro detalhe mencionado por Machado e previsto na figura de seu personagem fora a recepção proporcionada pela população do Rio de Janeiro aos heróis de guerra, nos quais se incluiu o próprio Eusébio. Em outubro de 1870, o ex-combatente é recebido com os louros da vitória e pelo sorriso sempre apático de Cirila, que não o comoveu, não lhe trouxe paixão, apesar do respeito que o mesmo tinha por ela:

O batalhão de Eusébio voltou ao Rio de Janeiro, vindo de major e trazendo ao peito duas medalhas e dois oficialatos: um bravo. A gente que nas ruas e das janelas via passar os galhardos vencedores era muita, luzida e diversa. Não admira, se no meio de tal confusão o nosso Eusébio não viu a mulher²⁰⁸.

²⁰⁵ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 938.

²⁰⁶ BETHELL, Leslie. Cronologia da Guerra. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). Op. cit., p. 11-26.

²⁰⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 937.

²⁰⁸ Idem, ibidem.

Eusébio simplesmente fingiu não ver a aparência estática de sua mulher. O importante nessa passagem é a cerimônia retratada por Machado de Assis. Momento onde aparecem milhares de pessoas para saudar seus “galhardos vencedores”.

A imprensa também desempenhou um papel fundamental para a construção desse cenário. Uma parte da população acompanhava com atenção as notícias da guerra. Machado de Assis nos falou desse papel, ao mostrar um diálogo entre Tio João e Eusébio, ficando patente que os jornais e folhetins veiculavam informações sobre a guerra e com isso pareciam também formar opiniões: “Pois então! Lemos tudo o que saiu nas folhas; você brilhou”²⁰⁹.

Troca de Datas combinou as duas correntes identificadas em **Iaiá Garcia**: uma crítica das razões não-patrióticas e puramente pessoais dos elementos que vão à guerra e um juízo histórico sobre ela.

O método alegórico de **Troca de Datas** é novamente empregado: a guerra é pintada como a violação de um país que o Brasil deveria ter protegido. Depois de concentrar sua crítica nas razões e na política brasileiras, Machado de Assis encarou o lado paraguaio da questão: a análise do país dependente.

Troca de Datas, **Uma Noite** e **Um Capitão de Voluntários** aludiram à Guerra do Paraguai interrogando os motivos sempre discutíveis pelos quais um herói se alistou: de um caso doméstico sai uma ação patriótica.

De todos os contos analisados, nenhum é tão misterioso como **Uma Noite**, publicado em 1895. Passa-se no próprio ambiente dos embates. Dois oficiais, Isidoro e Martinho estavam conversando sobre as razões que os fizeram se alistar. Isidoro narrou uma longa história sobre algo que lhe agrediu a consciência. Referiu-se ao seu “amor” (embora deixe bem claro que algumas das emoções que sentia eram mais físicas) que era Camila, uma jovem viúva.

Camila é tida como criatura pobre de espírito e claramente apaixonada por Isidoro, mas temia casar-se com ele devido à sua inferioridade econômica. Um dia, há um súbito alarme. Isidoro espera que a mãe de Camila (contrária ao enlace) tenha morrido, mas, para seu horror, descobriu que Camila ficara louca, e quando chegou junto dela, ela lhe mordeu a mão.

Isidoro fez questão de esquecê-la. Quatro anos depois, voltou a encontrá-la, feita atriz por acidente. Após muita hesitação, aceitou o convite de ir a seu camarim. Depois de acompanhá-la até em casa, ela não se lembrou do acesso de outrora. Isidoro então a vê como

²⁰⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 936.

uma “aleijada do espírito, uma convalescente da loucura”. Ele julgou que Camila estava tentando seduzi-lo ou talvez recuperar algum traço do passado:

voltamos para a sala. Tornou ao sofá comigo. Quanto mais olhava para ela, mais sentia que era uma aleijada do espírito, uma convalescente da loucura. A minha repugnância crescia a pena também; ela fitando-me os olhos que já não sabiam rir, segurou-me a mão com ambas as suas; eu levantei-me para sair”²¹⁰.

Nesse ponto da trama, Isidoro foi morto por uma bala paraguaia perdida. Magalhães Júnior²¹¹ analisou a última frase do conto como indicadora de que Isidoro foi embora. Existe uma diferença sutil em Machado de Assis da qual depende o sentido da história. Se Isidoro vai embora, o que acontece em **Uma Noite** a ponto de fazê-lo se alistar? A história é truncada para permitir a dedução simples do leitor. Parece-nos que os instintos de Isidoro levaram a melhor, seduzindo Camila com resultados desastrosos.

Tem a guerra alguma importância nesse conto, ou entra apenas como um incidente adequado para que o autor possa terminar a história exatamente onde deseja? Novamente devemos não só indicar as implicações da trama, mas acessar um sentido mais profundo. Como por exemplo, o diálogo que se passa no teatro de guerra (num momento de descanso dos oficiais) entre o tenente Isidoro e o Alferes Martinho:

Você sabe que não tenho nem pai nem mãe – começou a dizer o Tenente Isidoro ao Alferes Martinho. Já lhe disse também que estudei na Escola Central. O que não sabe é que não foi o simples patriotismo que me trouxe ao Paraguai. Também não foi a ambição militar. Que sou patriota, e me baterei agora, ainda que a guerra dure dez anos, é verdade, é o que me agüenta e me agüentará até o fim. Lá postos de coronel nem general não são comigo. Mas, se não for imediatamente nenhum desses motivos, foi outro; foi outro, uma alucinação: minha irmã quis dissuadir-me, meu cunhado também; o mais que alcançaram foi que não viesse soldado raso, pedi um posto de tenente, quiseram dar-me de capitão, mas fiquei tenente²¹².

O caráter circunstancial do alistamento de voluntários foi personificado tanto na figura do Tenente Isidoro como no Alferes Martinho, que utilizariam o *front* como espaço de fuga/tratamento para seus problemas pessoais.

²¹⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 1102.

²¹¹ JUNIOR, Raimundo Magalhães. Op. cit., p. 54-55.

²¹² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., 1986, p. 1093.

Uma Noite retoma uma ideia já apresentada em **Iaiá Garcia**, a parte lesada se mostra agora não como Estela digna e senhora de si, mas como a infeliz Camila, que longe de segurar nas mãos o símbolo da paz, é forçada por a um ataque contra seu benfeitor.

O último dos três contos em que a guerra desempenha papel importante é **Um capitão de voluntários**, publicado em 1906. Neste caso, a interpretação da guerra não trouxe consigo sentidos notadamente alegóricos, mas procurou representar um pretexto para que o herói Emílio se alistasse e mostrasse sua nobreza estóica, quando a mulher com quem viveu durante anos o traiu com o narrador da história. Interessante notar, que a ida de Emílio ao campo de batalha se deu a favor de sua incredulidade quanto à guerra. Para ele, o Brasil deveria ter apoiado o Paraguai.

Ora porque não! E depois, a guerra do Paraguai, não digo que não seja todas as guerras, mas, palavra, não me entusiasma. A princípio sim, quando o López tomou o Marquês de Olinda, fiquei indignado; logo depois perdi a impressão, e agora, francamente, acho que tínhamos feito melhor se nos aliássemos ao López contra os argentinos²¹³.

Este é um encaminhamento elucidativo sobre as percepções machadianas do conflito. Magalhães Júnior²¹⁴, ainda argumentando a favor de um escritor patriota tomou a citação acima como uma posição anti-Argentina de Machado de Assis, afirmando que os argentinos nada mais fizeram que se aproveitar do conflito.

Identificar Machado com sua personagem (como quer Magalhães Junior) é atribuir-lhe um ponto de vista restrito, em desacordo com o rumo da trama: “... acho que tinham feito muito melhor se nos aliássemos ao López”. Isto pode indicar não apenas um posicionamento contrário à Argentina, mas também a necessidade de se aliar o dever ao interesse.

Gledson não discordou de Magalhães Junior quanto ao sentimento patriota do escritor. No entanto, por seu ceticismo sensível, Machado de Assis “era cético demais, e empenhado demais em definir seus termos, para que o patriotismo fosse assunto simples”²¹⁵.

A opinião de Machado de Assis sobre a guerra, na medida em que foi possível reconstruí-la, mostrou-se notadamente abrangente. Ele a encarou em descortínio, como uma disputa cruel, violenta e ao mesmo tempo estúpida, como uma fusão de interesses do Brasil e do Paraguai, incluindo a compreensão de que as nações, bem como os indivíduos, podem agir contra seus próprios interesses.

²¹³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Op. cit., p. 688.

²¹⁴ JUNIOR, Raimundo Magalhães. Op. cit., p. 55.

²¹⁵ GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 73.

A ficção machadiana apresentou frequentemente “alusões aparentemente improvisadas”²¹⁶ aos elementos culturais e identitários brasileiros, apontando visões originais e singulares do Brasil, de sua história e da noção de identidade nacional própria.

Mais intrigante ainda foi se deparar com as alegorias machadianas que permearam seus personagens com as glórias do heroísmo, que partiram de ações circunstanciais na tentativa de solucionar as inquietações nas quais foram acometidos. Há um questionamento claro do teor e do corpo da Nação brasileira, que não parecia ter adeptos fiéis, mas sim, amantes temporários.

A partir deste momento iremos apresentar alguns sentidos históricos atribuídos pelo Visconde de Taunay²¹⁷ ao elaborar o romance histórico **Retirada da Laguna** publicado em 1871 e escrito a partir das observações e experiências vividas por este autor durante o episódio da guerra conhecido como Retirada da Laguna (1865-1867).

Para José Américo Miranda, tanto o romance quanto a história são resultantes das atividades “do espírito humano que respondem, sempre, cada um em suas circunstâncias e segundo os códigos que lhe são próprios”²¹⁸. Para ele, “o objeto da história é o passado”²¹⁹, que possui por missão trazer a tona “o que já não existe mais”²²⁰. Já o romance possui por objeto a “imaginação do homem”²²¹, trazendo “ao nosso presente o que jamais esteve aí”²²².

Ao somar arte e história, o Visconde de Taunay sinalizou que ambas lidam com sugestivos cenários, que nos dizeres de Cassirer: “a idealidade da história não é o mesmo que a idealidade da arte”²²³. A arte nos dá uma descrição da vida humana através de uma espécie de processo alquímico; transforma a nossa vida empírica em dinâmica de formas puras. A

²¹⁶ GLEDSON, John. Op. cit., 2006, p. 363.

²¹⁷ Alfredo Maria Adriano D’Escragnolle Taunay nasceu em 1843 no Rio de Janeiro. Em 1865, incorporou-se como engenheiro militar ao corpo do Exército que partiu de São Paulo com a missão de enfrentar os paraguaios no sul de Mato Grosso, onde permanece até 1867. Regressa ao *front* em 1869 permanecendo ali até o fim dos conflitos. Foi autor de várias obras cuja temática foi a Guerra do Paraguai: **Scenas de viagem** (1868); **Diário do Exército** (1870); **A Retirada da Laguna** (1871); **Narrativas militares** (1878) e **Memórias** (redação iniciada em 1890 e publicada cinquenta anos após sua morte). Taunay também desempenhou funções no governo imperial, sendo eleito deputado por Goiás em 1872, nomeado como presidente da província de Santa Catarina (1876-1877) e eleito para a mesma província em 1881. Em 1885 é nomeado presidente da província do Paraná e reeleito deputado por Santa Catarina em 1886, escolhido pelo imperador como senador no mesmo ano também por Santa Catarina. Em 1899, com 56 anos, morre o Visconde de Taunay no Rio de Janeiro. (MEDEIROS, 1997: 25-28).

²¹⁸ MIRANDA, José Américo. Romance e História. In: BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa (org.). **Romance Histórico: recorrências e transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 17-25.

²¹⁹ Idem, *ibidem*.

²²⁰ Idem, *ibidem*.

²²¹ Idem, *ibidem*.

²²² Idem, *ibidem*.

²²³ CASSIRER apud MIRANDA. Op. cit., p. 20.

história não funciona assim. Enquanto a história nos “ajuda a entender as razões das coisas”²²⁴ a arte nos auxilia “a ver suas formas”²²⁵, justificando assim, o rico entrelaçamento destas formas de registro.

Para H. White o discurso literário pode se diferenciar do discurso histórico tendo em vista suas bases constitutivas, concebidas “mais como eventos ‘imaginários’ do que ‘reais’, mas os dois tipos de discurso são mais parecidos do que diferentes”²²⁶, principalmente no que tange a tentativa de construção de linguagens e tramas que procuram atribuir sentidos às vivências humanas.

Héctor Pérez Brignoli²²⁷ ressalta que os resultados da investigação histórica podem se expressar num discurso literário, geralmente narrativo. Para ele, é possível que num futuro próximo se aceitem também as expressões audiovisuais como integrantes da prática historiográfica. No entanto, por este aspecto, não devemos confundir o elemento literário da escrita da História com a ficção, o material por excelência dos literatos.

Jimenez é incisivo ao dizer que “aceitar a história como mais um discurso ficcional”²²⁸ implica no descarte da história como “disciplina social”²²⁹, mas também na perigosa definição de todo o conhecimento sobre o social ser oriundo da ficção.

A intenção ao enunciar o estudo do romance **Retirada da Laguna** se dirige a duas ambiências: (a) reforçar a riqueza das fontes literárias como matéria-prima para o estudo da Guerra do Paraguai e, (b) identificar as múltiplas visões que o Visconde de Taunay registrou em sua obra sobre suas experiências enquanto soldado do Exército Brasileiro em luta contra os paraguaios.

Quais os elementos trazidos nesta fonte que indicam a intenção do autor em reforçar as imagens de Brasil na época da guerra? Há indicadores que questionam a necessidade dos embates? Ou ao contrário, o autor reforça o conflito como instante necessário para o fortalecimento da identidade nacional brasileira?

²²⁴ MIRANDA, José Américo. Op. cit., p. 20.

²²⁵ Idem, ibidem.

²²⁶ WHITE, Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1991, p. 25.

²²⁷ Agradeço a Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante pela apresentação da obra **História: ciência, disciplina social ou prática literária?** Organizada por Ana Paula Malavassi e publicada pelo Editorial de La Universidad de Costa Rica em 2006. As reflexões aí contidas me auxiliaram no estudo das relações entre história e literatura.

²²⁸ JIMENEZ, Iván Molina. Narrativa histórica y narrativa literária. In: AGUILAR, Ana Paulina Malavassi (org.). **Historia: ¿ciencia, disciplina social o práctica literária?** Costa Rica: San José, Editorial UCR, 2006, p. 20.

²²⁹ Idem, ibidem.

Esta última dimensão já aparece na dedicatória da obra, oferecida ao imperador como símbolo do esforço e heroísmo dos brasileiros que lutaram no Paraguai em defesa dos interesses nacionais:

Senhor, ao se render Uruguaina, inaugurou Vossa Majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, considerando a efusão de sangue humano deplorável contingência, aos povos apenas impões os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz.

E é principalmente sob este ponto de vista que ousou achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial, a desataviada narrativa da Retirada da Laguna, obra da constância e da disciplina, em que oficiais os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legítimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares vingativos como soem ser.

É este reflexo de um grande ato de iniciativa soberana, a mais bela recordação que jamais poderemos entre camaradas invocar, cabe-me a honra de a Vossa Majestade dedicá-la²³⁰.

Castrillon-Mendes verifica o entrelaçar da noção de Império e pátria na obra de Taunay, pois sua narrativa de viagem “toma forma de conteúdo intrínseco no processo de fundação da nacionalidade, do resumo de uma imagem do interior do Brasil à época, parte do complexo sistema de identificação da idéia de nação”²³¹. Assim, Taunay assumiu a “tarefa missionária para contribuir para o alargamento e a manutenção dos ideais monárquicos”²³², fornecendo material para a “compreensão do complexo cultural e político brasileiro”²³³.

A Nação é visualizada a partir de dois princípios: da alma, traduzida como resultado de um “passado heróico, de grandes homens e de glórias comuns”²³⁴, mas também constituído por sacrifícios “em prol de uma grande comunidade solidária”²³⁵. Para Taunay, a participação na guerra era “motivo de glória e de “fama”²³⁶, “acima de qualquer outra manifestação visível”²³⁷.

Em linhas gerais o romance de Taunay narrou a viagem de uma coluna expedicionária brasileira que partiu de São Paulo em 1865 com a missão de repelir os paraguaios no sul da

²³⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. **A Retirada da Laguna** episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 43.

²³¹ CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia brasileira. **Revista do IEB**, n. 46, fev 2008.

²³² Idem, ibidem, p. 236.

²³³ Idem, ibidem, p. 239.

²³⁴ Idem, ibidem, p. 238.

²³⁵ Idem, ibidem.

²³⁶ Idem, ibidem.

²³⁷ Idem, ibidem.

província de Mato Grosso, percorrendo 2200 quilômetros e chegando ao norte do Paraguai em 1867 e adentrando 30 quilômetros até a fazenda Laguna²³⁸.

Nesta perturbação de espírito, e na falta de dados seguros para tomar uma resolução, deu ouvidos aos refugiados, que, consultados indiretamente, puseram-se a falar, com mais desenvoltura do que até então haviam demonstrado, de uma fazenda chamada Laguna, a cerca de quatro léguas de Bela Vista era propriedade do presidente da república e destinava-se à produção de gado. Ali encontraríamos, diziam eles, um grande rebanho, e teríamos a posição segura e base sólida de operações²³⁹.

Ao deparar-se com uma série de intempéries: falta de víveres e de armamentos, propagação de epidemias, fome e miséria, além da superioridade numérica dos paraguaios o comandante-em-chefe da expedição decidiu recuar seus comandados, evento que ficou notabilizado como a retirada da Laguna.

A partir de suas impressões e lembranças Taunay construiu o mote para seus romances²⁴⁰. Não somente paisagens e costumes, mas a reprodução fiel das características das pessoas que encontrou pelo caminho, dando valor de “documentário à ficção, não deixando, no entanto, de haver interferência da elaboração artística, ficcional nesses dados, colaborando, dessa maneira, no tratamento romanesco de sua obra”²⁴¹.

No prólogo do romance, o autor relembrou os sofrimentos a que foram acometidos seus irmãos de armas, dedicando suas lembranças aqueles que como ele se bateram na defesa de seu país. No trecho abaixo, Taunay esclarece o motivo e a intenção de sua obra:

É assunto deste volume a série de provações por que passou a expedição brasileira, em operações ao Sul do Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três léguas do rio Apa, fronteira do Paraguai, até o rio Aquidauana, em território brasileiro, trinta e nove léguas, ao todo, percorridas em trinta e cinco dias de dolorosas recordações. Devo essa narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais que os vivos.

Em todas as épocas largo interesse se ligou às retiradas, não só por constituírem operações de guerra difíceis e perigosas, como nenhuma outra, mas ainda porque os que a executaram, já sem entusiasmo nem esperança, frequentemente entregues ao desânimo, ao arrependimento de erros ou das conseqüências de erros, precisam arrancar aos espíritos, assim preocupado, aos meios de enfrentar a fortuna adversa, que de cada passo as ameaças, com todos os seus rigores. Em tais contingências requer-se o verdadeiro cabo de

²³⁸ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 566.

²³⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 105.

²⁴⁰ CÂNDIDO apud CAMARGO, Katia Aily Franco de. Representações do Brasil Aquém e Além Mar. **XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências**, São Paulo, 2008, p. 5.

²⁴¹ CAMARGO, Katia Aily Franco de. Op. cit., p. 5.

guerra; ali há de se lhe revelar o característico essencial: a inabalável constância²⁴².

Uma vez mais, ficam patentes as transformações dos atos heroicos em símbolos de patriotismo: “tocara-se o hino nacional, recebido com uma explosão de entusiasmo”²⁴³. A memória dos mortos é valorizada como vidas dispensadas em nome da honra do país: “avançávamos, e nossos olhos despediram-se de Bela Vista, último adeus e para sempre. Muitos daqueles que então nos acompanhavam já não existem hoje”²⁴⁴.

Taunay chamou atenção para o objetivo de seus escritos quando: “resta-nos solicitar a maior indulgência para esta narrativa cujo único mérito pretende ser o dos fatos expostos”²⁴⁵. O autor ressaltou seu compromisso em respeitar a verdade dos fatos ocorridos durante a expedição, desculpando-se por prováveis: “incoreções, demasias e repetições; cremos dever deixá-las; são indícios da presença da verdade”²⁴⁶.

Na qualidade de escritor-viajante, Taunay transformou-se em contato com a vida, no encontro com a exuberância da natureza e no conhecimento dos costumes do interior brasileiro. A viagem é percebida como símbolo da interiorização do Brasil, dos ideais monárquicos e da literatura, “resultado desse deslocamento de homens e de idéias”²⁴⁷.

Castrillon-Mendes insiste em apresentar o propósito de Taunay: “o escritor se comporta, ora como oficial, ora como poeta”²⁴⁸, conseguindo “captar a essência do real visível, pelo registro do olhar em movimento, e invisível, pela percepção que o artista tem desse real”²⁴⁹.

O escritor Taunay viajou “entre o cenário da guerra e o da natureza brasileira”²⁵⁰, transformou-se na “experiência da viagem em terras tão distantes e inóspitas”²⁵¹. Desta forma, imprimiu “uma visão acabada da paisagem que se impõe entre duas concepções: da descrição do real posta pelo diarista e da postura idealizada, necessária à proposta de representação nacional”²⁵².

²⁴² TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 31.

²⁴³ Idem, ibidem, p. 76.

²⁴⁴ Idem, ibidem, p. 141.

²⁴⁵ Idem, ibidem, p. 45-46.

²⁴⁶ Idem, ibidem, p. 76.

²⁴⁷ CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay viajante: das anotações de campo à ficção. **Encontro Regional da ABRALIC**, Caderno de Resumos: Literaturas, Artes e Saberes, São Paulo, 2007, p. 1.

²⁴⁸ Idem, ibidem, p. 4.

²⁴⁹ Idem, ibidem.

²⁵⁰ Idem, ibidem, p. 5-6

²⁵¹ Idem, ibidem.

²⁵² Idem, ibidem.

Representante dos interesses do Império Brasileiro, Taunay produziu imagens que indicavam a natureza do interior brasileiro, não simplesmente como fenômeno natural, mas elemento de cultura e história. A natureza constituiu em sua narrativa componente do cenário regional de consubstanciação de uma possível ideia de Nação²⁵³.

Uma das características marcantes da **Retirada da Laguna** é apresentar a série de dificuldades pelas quais passaram os brasileiros incumbidos da invasão do norte paraguaio. Taunay criticou o excesso de atenção por parte das forças aliadas (Brasil, Argentina e Uruguai) em defender exclusivamente o sul dos ataques paraguaios: “no momento em que começa esta narrativa, a atenção está voltada quase exclusivamente para o sul”²⁵⁴.

O autor também reclamou que a estratégia inicial de combate incluía reforço militar às duas frentes de batalha, mas que na prática não se verificou: “o plano primitivo fora praticamente abandonado, ou pelo menos, outra função não teria senão submeter às mais terríveis provações um pequeno corpo do exército quase perdido nos vastos espaços desertos do Brasil”²⁵⁵.

Em 1867, a força brasileira composta por 1680 homens invadiu o território paraguaio e atacou o forte de Bela Vista. Este agrupamento militar foi denominado neste momento como Forças em Operações no Norte do Paraguai. As escassas condições de sobrevivência levaram o comandante daquele agrupamento à tomada de uma suposta fazenda onde se encontraria comida e animais de tração. Ao chegar no local conhecido como fazenda Laguna os brasileiros se depararam com 780 paraguaios armados com dois canhões²⁵⁶.

A fazenda foi ocupada e os sofrimentos continuaram. Não existiam animais nem tampouco alimento suficiente para a tropa. Tal ambiente se fez propício para a atuação de comerciantes que aproveitavam para vender seus produtos: “a Guerra do Paraguai, foi, aliás, o paraíso de ganhos para aventureiros, sobretudo europeus, transformados em comerciantes, e para fornecedores argentinos”²⁵⁷.

Na ausência de recursos e sem contingente militar considerável, o coronel Camisão ordenou a retirada das tropas brasileiras de Laguna. Esta ação realizou-se sob uma série de ataques dos paraguaios e com a presença de “tempestades e por terreno pantanoso”²⁵⁸. O frio

²⁵³ CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Op. cit., 2007, p. 5.

²⁵⁴ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. Op. cit., p. 37.

²⁵⁵ Idem, ibidem.

²⁵⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva, Op. cit., 2002, p. 127.

²⁵⁷ Idem, ibidem.

²⁵⁸ Idem, ibidem, p. 127-128.

e as doenças também foram inimigos dos brasileiros. Ao final da Retirada, a força brasileira estava reduzida a setecentos combatentes²⁵⁹.

Três membros da comissão tentaram várias vezes descrever a verdadeira situação do corpo do exército: insuficiência de víveres, absoluta falta de meios de transporte, inexistência de uma cavalaria, pouca munição, nenhuma esperança de reforço ou socorro para um punhado de homens em país inimigo; daí a eventualidade, inevitavelmente próxima, de uma retirada, que se faria sem dados estudados de antemão e em condições que só poderiam levar a um desastre, com a deplorável consequência de chamar de volta ao território brasileiro a ocupação paraguaia, acompanhada de todos os seus horrores²⁶⁰.

Taunay não se restringiu somente a narrativa da Retirada, culpou o governo imperial pelo pouco caso dado às tropas desde o início da jornada em 1865, quando foi organizado aquele contingente militar:

Infelizmente, este projeto de ação diversionária não foi realizado nas proporções que sua importância requeria, com o agravante de que os contingentes acessórios com os quais se contara aumentar o corpo de exército expedicionário, durante a longa marcha através das províncias de São Paulo e Minas Gerais, falharam em grande parte ou desapareceram devido a uma epidemia cruel de varíola, bem como às deserções que ela motivou. O avanço foi lento: causas variadas, e sobretudo a dificuldade de fornecimento de víveres, provocaram a demora²⁶¹.

O autor apresentou as dificuldades sofridas e comenta: “quase dois anos haviam decorrido desde nossa partida do Rio de Janeiro. Descrevêramos lentamente um imenso circuito de 2112 quilômetros: um terço de nossos homens perecera”²⁶².

Taunay insistiu em pontuar os sofrimentos vivenciados. O autor intencionava valorizar o feito daquela coluna expedicionária, que mesmo fugindo do *front* em meio a uma série de intempéries, honrou a dignidade da pátria.

A retirada, soldados, que acabeis de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos em que o incêndio da macega, continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pela cólera que vos roubava, em dois dias, o vosso comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias, todos esses males, todos esses desastres vós os suportastes numa inversão de estação sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas e através de imensas inundações, em tal desorganização da natureza que ela parecia

²⁵⁹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva, Op. cit., 2002, p. 127-128.

²⁶⁰ TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. Op. cit., p. 63.

²⁶¹ Idem, ibidem.

²⁶² Idem, ibidem, p. 41.

conspirar contra vós. Soldados honra à vossa constância que conservou ao Império os nossos canhões e a nossa bandeira²⁶³

Em outro trecho, Taunay relacionou o sofrimento vivenciado durante a retirada como uma demonstração de bravura e de heroísmo. O cenário se revela ainda mais dramático: “avançamos assim o dia inteiro, entre as aclamações dos nossos, aos gritos agudos ferozes do inimigo, aos mugidos do gado, às explosões da pólvora, à desordem dos homens e das coisas, num caos de fumaça e poeira²⁶⁴”.

Vários momentos do romance assinalam o maior fator de mortandade durante a guerra. A constante presença de doenças cujas curas eram então desconhecidas assolou significativa porção do contingente militar, sejam aliados ou paraguaios: “a comissão de engenheiros muitas vezes pronunciou-se energicamente contra uma permanência mais prolongada neste foco de infecções²⁶⁵”.

Para Taunay, as epidemias foram recorrentes: “o chefe da junta médica já apontara por duas vezes, em relatórios, esta circunstância como a causa da ruína da expedição, visto que o pessoal diminuía incessantemente²⁶⁶”.

Ao conviver com a presença constante da morte, Taunay se indagou da proveniência de tantas doenças, tentando procurar a origem para livrar-se delas. Seu espanto é singular quando: “neste dia a cólera fez nove vítimas; registraram-se vinte novos casos²⁶⁷”.

A que devíamos atribuir essa irrupção da cólera, ou melhor, a que não podíamos atribuí-la? Seria a carne estragada que éramos obrigados a ingerir, ou a fome que padecíamos quando o nojo era maior que a necessidade? Seria o calor insuportável dos incêndios, que fazia nosso sangue ferver, ou a intoxicação provocada por todas as substâncias vegetais que devorávamos: hastes tenras, frutas verdes ou podres? Ou, finalmente, a insalubridade do ar, viciado pelas águas estagnadas das lagoas e dos brejos, numerosos na região²⁶⁸”.

As iniciativas de cura às doenças se mostravam infrutíferas, por ocasião da precariedade e da inexistência de materiais que pudessem aliviar o sofrimento dos enfermos. Taunay descreveu este cenário com cores fúnebres e desanimadoras:

Os médicos haviam esgotado seus recursos; os enfermeiros, inicialmente zelosos e ativos, sentiam-se desanimados diante do número crescente de

²⁶³ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. Op. cit., p. 264.

²⁶⁴ Idem, ibidem, p. 128-129.

²⁶⁵ Idem, ibidem, p. 43.

²⁶⁶ Idem, ibidem.

²⁶⁷ Idem, ibidem, p. 191.

²⁶⁸ Idem, ibidem.

doentes, e apesar da ordem que proibira como fatal o uso da água, ofereciam alguma aos moribundos, para satisfazê-los por um momento; a isto se limitava o tratamento²⁶⁹.

O cólera foi ardoroso adversário, não poupando os indivíduos de suas fortes dores: “mas o outro inimigo, a cólera, o inimigo oculto, redobrou seus golpes: a ninguém poupava”²⁷⁰. Taunay relatou que as doenças também vinham acompanhadas da falta de alimentos: “uma criança de peito morreu de inanição, tendo passado dos braços da mãe agonizante para o pai, e deste para os companheiros, que tampouco possuíam alimentos”²⁷¹.

Nenhum episódio na Retirada da Laguna se mostrou tão comovente como a decisão do comandante Camisão em abandonar vários coléricos no caminho com o intuito de acelerar a marcha e retirar-se definitivamente daquele território. O próprio Camisão também foi vítima do cólera.

O comandante, nesse momento, como fora de si, ordenou que fosse imediatamente, à luz de tochas, abrir uma clareira na mata vizinha, para transportar até lá os coléricos e lá deixá-los. Ordem terrível de dar e executar, mas que entretanto, forçoso é dizê-lo, não levantou nenhum dissentimento, nenhuma censura! Os soldados logo puseram mãos à obra, como se obedecessem a uma instrução comum, e, em seguida (a que ponto o senso moral desaparecera sob a pressão da necessidade do momento!), alojaram na mata, com a espontaneidade do egoísmo, todos aqueles inocentes condenados, os infelizes coléricos, muitos deles companheiros de longa data, às vezes amigos postos à prova por perigos comuns²⁷².

Em outro trecho igualmente significativo, o autor nos mostrou o tratamento dispensado em nome da “espontaneidade do egoísmo” e em favor do bem comum. Este sentimento ficou também expresso quando:

Por mais silenciosos e melancólicos que houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos, sem ruídos novos cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento da separação: para todos insuportável. Deixamos ao inimigo mais de 130 coléricos, com a proteção de um mero apelo à sua generosidade, por meio destas palavras traçadas em letras graúdas num cartaz fixado a um tronco: “Compaixão pelos coléricos”²⁷³.

²⁶⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 193.

²⁷⁰ Idem, ibidem, p. 197.

²⁷¹ Idem, ibidem.

²⁷² Idem, ibidem, p. 207-208.

²⁷³ Idem, ibidem, p. 210.

A luta pela vida a qualquer preço chamou a atenção de Taunay, pois alguns de seus compatriotas perderam o senso de humanidade, qualidade perdida na crueza da guerra. O trecho a seguir elucida bem o estágio de indignidade que a guerra trazia:

Foram, por isso mesmo, mais cruéis com os cavalos, não poupando um só, quer estivesse estendido no chão e com alguns sinais de vida, quer ferido ligeiramente, a pastar ainda com os arreios. Vimos que, além disso, como complemento inevitável destas cenas deploráveis, a pilhagem desenfreada a que se entregaram os mascates e os acompanhantes do exército; as próprias mulheres participaram do saque. Eram corpos despidos e revistados, e os despojos ensangüentados passavam de mão em mão como mercadorias muitas vezes disputadas com violência²⁷⁴.

O cólera, de novo, causou grandes preocupações “longe de diminuir atacava-nos com redobrada violência”²⁷⁵; o número de doentes aumentava e ninguém era poupado “depois dos mais fracos, que sucumbiram primeiro, chegara a vez dos mais robustos”²⁷⁶.

Outra constante no romance é a menção à dificuldade no abastecimento de alimentos: “a fome continuava iminente”²⁷⁷. Esta condição causava desânimo na tropa: “os soldados pareciam ressentir-se da insuficiência de rações: marchavam em silêncio e como que acabrunhados por uma espécie de tristeza”²⁷⁸.

O romancista relacionou a fome como um dos fatores que ajudaram na decisão do comandante da coluna, quando este decide retirar seus subordinados daquele ambiente: “a realização de uma retirada já comprometida pela ameaça da fome urgia cruzar o Apa antes que os inimigos pudessem impedir a travessia, evitando assim sacrifícios de todo o tipo”²⁷⁹.

Mesmo quando as condições de sobrevivência melhoravam os empecilhos se mostravam igualmente sérios: “nesta ocasião, outra vez desatrelamos para consumo os bois mais fatigados das nossas juntas. Dadas a insuficiência e a má qualidade da carne, foi uma distribuição de víveres quase derrisória”²⁸⁰.

No trecho seguinte, Taunay descreveu como a guerra mobilizou os sentimentos animalescos de seus compatriotas, comportamentos acionados pelo sofrimento e dor que a fome ocasionava:

Um espetáculo repulsivo revelou-nos, neste lugar, o quanto era medonha a fome dos nossos soldados. Ia-se abater um boi estafado, quase moribundo:

²⁷⁴ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 145.

²⁷⁵ Idem, ibidem, p. 221.

²⁷⁶ Idem, ibidem.

²⁷⁷ Idem, ibidem, p. 62.

²⁷⁸ Idem, ibidem, p. 107.

²⁷⁹ Idem, ibidem, p. 136.

²⁸⁰ Idem, ibidem, p. 170.

ao redor do infeliz animal um círculo já se formara, cada qual aguardando com ansiedade os jatos de sangue, alguns para recolhê-lo numa vasilha e levá-lo, outros para bebê-lo ali mesmo, e, no momento oportuno, todos se lançaram a um só tempo, os mais distantes disputando os mais próximos. Isto sucedia todos os dias. O açougueiro mal tinha tempo de cortar o animal e de certo modo já era preciso arrancar-lhes os pedaços das mãos para levá-los ao local da distribuição. Os restos, as vísceras, o próprio couro, tudo era despedaçado no ato e prontamente devorado, mal assado ou mal cozido: refeição odiosa que não podia deixar de dar origem a algumas epidemias²⁸¹.

De um modo geral, o romance aqui analisado indica vários elementos do cotidiano dos brasileiros em retirada do território paraguaio. No entanto, há momentos que Taunay desejou evidenciar melhor as características de seu dia a dia e de seus irmãos de armas.

Avançávamos em boa ordem, quando de repente ouvimos o estrépito de uma fuzilaria: era a nossa vanguarda que, ao costear um capão, fora atacada por uma partida de infantaria inimiga ali emboscada. Algumas balas, passando por cima das fileiras, caíram num grupo de mulheres que seguia tranquilamente ao lado dos soldados, arrancando delas tal explosão que ficamos por um momento sem saber o que estava acontecendo. Este terrível tumulto durou pouco; nossos homens, precipitando-se resolutamente sobre o inimigo, conseguiram desalojá-los e em seguida empurrá-los até a primeira encosta do planalto onde estava a fazenda Laguna²⁸².

A dimensão social cotidiana é útil para a interpretação do conflito platino na medida em que entendemos a construção das identidades como espaço de múltiplas sociabilidades. Se para Agnes Heller “a vida cotidiana é vida de todo homem”²⁸³ pensar o dia a dia como categoria analítica implica na decisão de considerar a heterogeneidade das ações humanas no tempo e no espaço: “as vivências, as experiências, as atitudes mecanizadas ou refletidas, os desejos, a ação profissional”²⁸⁴.

Pensar as identidades formuladas durante o conflito platino é sugerir que as imagens de Brasil que foram geradas a partir da contraposição de um inimigo também sofreram modificações na fluidez do cotidiano. A vida cotidiana é pontuada como um “palco possível de insurreição”²⁸⁵, pois é nele que “atravessam informações, buscas, trocas, que fermentam sua transformação”²⁸⁶.

²⁸¹ TAUNAY, Alfredo d’Escragno. Op. cit., p. 185.

²⁸² Idem, ibidem, p. 121.

²⁸³ HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 17.

²⁸⁴ GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. **Historiografia da Cotidianidade**: nos labirintos do discurso. Porto Alegre: PUCRS, 2000, p. 27.

²⁸⁵ CARVALHO, M. C. Brant & NETTO, J. P. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 2007, p. 14.

²⁸⁶ Idem, ibidem.

Na **Retirada da Laguna** observamos que seu autor narrou um episódio específico da Guerra do Paraguai em fortes cores, chamando atenção para as dificuldades trazidas pelo conflito, as maneiras como os sofrimentos e as dores poderiam fragilizar a intenção imperial em unir todos os brasileiros em prol de uma causa.

Tornou-se o acampamento teatro de uma confusão geral: tiros de fuzil rasgavam as trevas, deixando entrever formas fantásticas, ora de homens com o revólver ou o sabre na mão, ora de animais, estes ainda mais perigosos, numa excitação furiosa, que buscava saídas por toda a parte, enquanto seus guardiães, não podendo controlá-los, enchiam o ar de imprecações²⁸⁷.

Ao perceber a guerra como responsável exclusivo de um movimento de coesão social incorreremos num equívoco: unificar as “noções de coletividade e mentalidade nacional – aliadas aos sentimentos e ideias que lhe são próprios”²⁸⁸ negando a disseminação de outros espaços de construção identitária.

Para Taunay, a honra do país estava em jogo, mas a vida estava acima do patriotismo. Apesar de não culpar o governo imperial pelo descaso com que tratou as forças do norte, o autor se ressentiu das várias perdas durante a retirada, baixas desnecessárias, evitadas seriam com maior apoio e comando de guerra eficiente.

Um dos personagens do romance que aparece com frequência é o guia Lopes, fazendeiro e antigo morador da região da Laguna, ambiente descrito por Taunay: “sempre sério e preocupado, permanecia em conferência com um velho pioneiro explorador”²⁸⁹. De acordo com a narrativa a fazenda pertencente a Lopes havia sido invadida e sua família feita refém. O guia auxiliaria as tropas na esperança de rever seus familiares, mas principalmente para vingar-se.

Por estas razões o coronel Camisão encontrou nele um partidário apaixonado. Quando o comandante comunicou a Lopes seus projetos e ofereceu-lhe, como guia da expedição, a oportunidade de ir ao encontro da família e vingar as afrontas recebidas, o sertanejo brasileiro aceitou com ardor, e também com um perfeito senso de conveniência²⁹⁰.

O relevante papel que o guia Lopes exerceu entre os soldados foi motivo de várias menções no romance. Para Taunay, o verdadeiro líder da tropa: “a confiança de todos o

²⁸⁷ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 131.

²⁸⁸ MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: UNESP, 2006, p. 80.

²⁸⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 56.

²⁹⁰ Idem, ibidem, p. 58.

investira de certa solenidade de uma autorização quase ilimitada”²⁹¹. A justificativa do guia para integrar-se na coluna não tinha mais efeito, “acaba diluída no senso patriótico com que o autor define as ações da personagem”²⁹².

Outro cenário marcante na **Retirada da Laguna** é a descrição da natureza num “movimento gradativo em direção a uma visão cada vez mais ‘negativa’, porque menos mitificada e mais crítica, da natureza brasileira”²⁹³. Para isso, observemos o seguinte trecho selecionado:

São formosíssimos os acidentes geográficos. Os pequenos rios e regatos oferecem por todo canto água excelente e abundante. Nossos olhos já não precisavam pousar sobre as tristes perspectivas dos pântanos; ao contrário, deleitavam-se em contemplar planícies verdejantes, planos que apresentavam os mais poéticos contrastes sob folhagens de cores vivas²⁹⁴.

A natureza infligiu em Taunay duas sensações contrastantes: (a) o esplendor e a exuberância “cultuada pelos viajantes românticos”²⁹⁵ e, (b) “adversa, inexoravelmente alheia aos projetos e planos estratégicos da coluna expedicionária”²⁹⁶. Taunay novamente sinalizou admiração perante a força dos elementos naturais quando: “os contornos de uma cena majestosa da natureza puderam uma vez, entretanto, penetrar o invólucro material do selvagem e unir o rude e maravilhado espectador da obra”²⁹⁷.

As menções às belezas naturais da região continuaram a encantar o autor: “são cristalinas as águas do rio, águas ainda não afetadas pela infiltração salobra dos pântanos inferiores”²⁹⁸. Longe de se converter em poderoso inimigo, a natureza dispensava alguns momentos de conforto à tropa “a correnteza do Apa é forte neste lugar, mas as grandes lajes do fundo do rio convidam a entrar em suas belas águas: foi o que fizeram muitos soldados; vários passaram para a outra margem, afirmando que iriam, pessoalmente e naquele instante conquistar o Paraguai”²⁹⁹.

Logo, a opinião de Taunay se alterou, a natureza outrora esplendorosa e caridosa, transformou-se numa adversária difícil de ser batida e dominada. Maria Lídia Maretti afirma

²⁹¹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 156.

²⁹² NASCIMENTO, Naira de Almeida. Do sertanejo à Campanha imigratória: imagens do Brasil pelo Visconde de Taunay. **Revista de História Regional**, 13 (2), Inverno de 2008, p. 175.

²⁹³ MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. Op. cit., p. 89.

²⁹⁴ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 48.

²⁹⁵ MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. Op. cit., p. 89.

²⁹⁶ Idem, ibidem.

²⁹⁷ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 48.

²⁹⁸ Idem, ibidem, p. 68.

²⁹⁹ Idem, ibidem, p. 90.

que há quatro exemplos “desta nova face da natureza brasileira”³⁰⁰ e “é contra ela que os brasileiros realmente lutam”³⁰¹: (1) a distância; (2) a insalubridade; (3) as chuvas torrenciais; (4) as variações de temperatura³⁰².

A causa do atraso foi uma horrível tempestade que caiu naquela mesma noite, às nove horas. As torrentes de chuva logo transformaram o solo em pântanos lamacentos. Estes fenômenos terríveis são raros no Paraguai, mas até então não havíamos presenciado nada parecido. Os relâmpagos que se cruzavam sem cessar, os raios que caíam de todos os lados, o vento furioso que arrancava tendas e barracas compunham um caos de horrores a que se mesclavam de quando os tiros de fuzil de nossas sentinelas contra os diabólicos inimigos, que não deixavam, mesmo naquele momento, de nos assediar: noite interminável em que para nós tudo era imagem de destruição. A mercê de todas as cóleras da natureza, sem abrigo nem refúgios, os soldados seminus, escorrendo água, imersos até a cintura em correntes capazes de arrastá-los, ainda se preocupavam em não deixar molhar os cartuchos. A manhã encontrou-nos nesta situação³⁰³.

O domínio das forças da natureza não parecia fácil: “o tempo esteve nublado e frio; soprava o vento com violência, tornando penosa a marcha”³⁰⁴. A natureza acabava por se integrar a própria experiência de vida: “espaço onde o acaso, o inesperado, o prazer profundo de repente descoberto num dia qualquer, eleva os homens dessa cotidianidade, retornando a ela de forma modificada”³⁰⁵.

Para cúmulo do infortúnio, fomos surpreendidos naquela noite por uma chuva torrencial, um verdadeiro dilúvio que nos deixou atônitos, embora já houvéssemos experimentado outro também terrível e o esperássemos desde a manhã, devido a uma concentração de imensas nuvens cor de bronze, constantemente sulcadas por raios entre contínuas trovoadas. [...] É preciso ter assistido, com a alma já quebrantada de tristeza, a estas terríveis crises da natureza para avaliar corretamente sua influência sobre o organismo humano [...] ³⁰⁶.

Mais adiante, o autor informou a inexistência de recursos que pudessem proteger os soldados daquela contenda: “não tínhamos recurso algum. Não havia em todo o acampamento, uma só gota de alguma bebida forte para reavivar o calor interno que nos

³⁰⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 93.

³⁰¹ Idem, ibidem.

³⁰² MARETTI, Maria Lídia Lichtscheild. Op. cit., p. 92.

³⁰³ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., p. 114.

³⁰⁴ Idem, ibidem, p. 182.

³⁰⁵ CARVALHO, M. C. Brant & NETTO, J. P. Op. cit., p. 14.

³⁰⁶ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle. Op. cit., 167.

abandonava; tampouco podíamos acender o fogo, nossa última esperança, sob aquela tempestade³⁰⁷.

Ao final da missão, a natureza assumiu novamente o caráter de provedora, uma vez vencida e dominada, a natureza readquiria nas linhas de Taunay o papel do espetáculo, proporcionando à coluna expedicionária raros momentos de felicidade:

Foi a última etapa da nossa penosa retirada. Ali terminou o doloroso itinerário que, como expiação de nossa temeridade, fizera-nos sofrer tantas misérias quantas pode o homem suportar sem sucumbir. Ali despimos finalmente os miseráveis andrajos que nos cobriam, livrando-nos também dos terríveis piolhos e daquelas parasitas do campo que penetram na pele e nela produzem úlceras pungentes³⁰⁸.

O desfecho do episódio da Laguna trouxe esperança e alegria aos sobreviventes que receberam a notícia da desistência inimiga, assim: “noite memorável esta! Pois foi ali que os paraguaios, que tínhamos tornado a ver ao longe, decidiram finalmente desaparecer. Recebemos aviso da retirada, por eles próprios” [...] ³⁰⁹.

Para Maretti³¹⁰ o romance a **Retirada da Laguna** traz uma série de temáticas e elementos que podem auxiliar na interpretação da maneira como Taunay entendia e procurava divulgar o Brasil. Sinais muitas vezes conflitantes, mas que informam a plural e ao mesmo tempo complexa constituição identitária brasileira nos oitocentos.

Desse modo, traços como a hesitação, a violência, o personalismo mascarado em patriotismo, o terror e a comicidade, mais ou menos genéricos conforme o caso, compõem um mosaico de reações diante da guerra e contribuem para que o texto que os contém adquira sentidos além do de mero relato de um episódio específico³¹¹.

O estudo da **Retirada da Laguna** contribuiu para o entendimento da Guerra do Paraguai como um instante utilizado para a construção da identidade nacional brasileira. Longe de ser um espaço estanque e autodeterminado, aquele evento gerou múltiplos sentimentos de brasilidade, seja de acompanhamento e defesa dos interesses do Império ou em busca da solução exclusiva para problemas pessoais.

Ao mesmo tempo em que as grandes distâncias, a fome, a miséria, as doenças e as intempéries naturais minavam e exterminavam os brasileiros, raros momentos de desfrute à

³⁰⁷ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. Op. cit., 167.

³⁰⁸ Idem, ibidem, p. 263.

³⁰⁹ Idem, ibidem, p. 262.

³¹⁰ MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidl. Op. cit., p. 97.

³¹¹ Idem, ibidem.

natureza, de risos e contemplações animavam as tropas. Os entendimentos de Brasil iam se formando, na luta contra um inimigo, mas também no questionamento da necessidade de confronto.

Neste momento, analisaremos o poema épico **Riachuelo**, escrito por Luís José Pereira da Silva³¹² e publicado em 1883. Conforme procedemos na leitura das fontes literárias machadianas e do romance histórico **A Retirada da Laguna**, acreditamos necessário informar alguns conceitos aplicados pela teoria literária para a explicitação do gênero epopeia, visando à adequada explicitação do caráter tipológico e da escolha em ler aqueles escritos como sinais de formação de possíveis espaços identitários no que tange a Guerra do Paraguai.

Para Massaud Moisés, a poesia épica é elaborada tendo como motivo um “assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos”³¹³, elegendo “acontecimentos históricos, ocorridos há muito tempo”³¹⁴. O poeta procura dar forma ao lendário, liberta o “produto da sua fantasia”³¹⁵, intenciona registrar um acontecimento que julga extraordinário e merecedor de registro perpétuo.

Massaud Moisés citando Hegel afirma que este autor entendia a epopeia como narrativa de uma ação marcada por várias ramificações. Estes vieses tangenciavam “o mundo total de uma nação ou de uma época”. Para Hegel, “todas as epopeias verdadeiramente originais nos oferecem o espírito nacional”³¹⁶.

Salvatore D’Onofrio classifica a epopeia como sendo “criada por um poeta historicamente conhecido que, vivendo no apogeu político e cultural de sua nacionalidade, teve a intenção explícita de exaltar os fatos gloriosos de seu povo”³¹⁷. Vale ressaltar, que o autor de **Riachuelo** foi contemporâneo à guerra, reproduzindo a imagem de um feito considerado espetacular durante o conflito.

O sentido da epopeia é trazer “o canto da totalidade da vida de um povo em um determinado estágio de sua civilização”³¹⁸. A narrativa se formula no elogio de “um fato bélico grandioso, historicamente acontecido”³¹⁹ e relacionado com “o surgimento ou o progresso de uma nacionalidade”³²⁰.

³¹² Luís José Pereira da Silva (1837-1908) poeta, novelista, teatrólogo, professor tradutor, advogado.

³¹³ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 2004, p. 152.

³¹⁴ Idem, ibidem.

³¹⁵ Idem, ibidem.

³¹⁶ HEGEL apud MOISÉS. Op. cit., 2004, p. 153.

³¹⁷ D’ONOFRIO, Salvatore. Op. cit., 2007, p. 98.

³¹⁸ Idem, ibidem, p. 99.

³¹⁹ Idem, ibidem.

³²⁰ Idem, ibidem.

Para José Galante de Sousa e Afrânio Coutinho, na epopeia prepondera a narrativa com “acontecimentos em que se misturam fatos comuns, lendas e mitos, heróis e deuses”³²¹ conferindo-lhe uma atmosfera maravilhosa. Além destas características, a epopeia possui unidade de enredo, expressa em sua estrutura e movimento.

A batalha de Riachuelo (11 de junho de 1865) foi deflagrada na curva do rio Paraná, defronte à foz de um riacho conhecido como Riachuelo, devido as suas pequenas proporções. Assim, os navios eram obrigados a navegarem muito próximo à margem esquerda do rio, num canal tortuoso e estreito, causando dificuldades de navegabilidade às embarcações brasileiras, pouco afeitas à navegação fluvial. Estrategicamente, os paraguaios instalaram trinta canhões ao longo do rio tentando impedir a passagem da Esquadra brasileira³²².

A força naval brasileira que combateu em Riachuelo era composta de nove embarcações destinadas a ações marítimas (*Amazonas, Jequitinhonha, Beberibe, Parnaíba, Belmonte, Mearim, Araguari, Iguatemi e Ipiranga*) e foi comandada por Barroso. A esquadra paraguaia era composta de nove navios e seis chatas, de pequeno calado e, por isso, com melhor navegabilidade em rios. Apenas um deles foi construído para a guerra, o restante foram navios mercantes adaptados.

Luis José Pereira da Silva organizou a epopeia em cinco cantos, esclarecendo o motivo de sua narrativa “Eu canto os bravos da brazileia armada; Que de havel-os por prole a patria exulta; Por estes negra affronta foi vingada; Em troca dando a vida a gente stulta”³²³. O autor poetizou desde o primeiro verso o heroísmo dos brasileiros e a derrota aplicada contra os paraguaios: “Do rio a onda, Em cuja riba inculta; Da pugna horrível os destroços, restao; Que o seu valor ao mundo claro, Attestão.”³²⁴.

O desejo em registrar aquele feito espetacular está evidenciado no terceiro verso do primeiro canto da epopeia: “De puro patriotismo, e tu, sagrado; Amor da pátria, Que minh’alma inflammas, Inspira-me, E direi porque assombrado”³²⁵. A missão em legar às futuras gerações a lembrança da vitória brasileira é manifesta: “Da historia do passado que o engrandece”³²⁶.

³²¹ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. Op. cit., p. 638.

³²² DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 148.

³²³ Optei por manter a grafia original do poema. A sonoridade das rimas depende da maneira como a escrita se apresenta. SILVA, Luiz José Pereira da Silva. **Riachuelo**. Poema épico em 5 cantos. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1883, p. 1.

³²⁴ SILVA, Luiz José Pereira da Silva. Op. cit., p. 1.

³²⁵ Idem, ibidem, p. 2.

³²⁶ Idem, ibidem.

A função exercida por Luís José Pereira da Silva ao compor **Riachuelo** foi clara, justificar os interesses do Império na luta contra o Paraguai, agindo como espécie de ideólogo, registrando a própria necessidade da guerra, feita contra “fracos inimigos atrasados”³²⁷.

No quinto verso do primeiro canto o autor mencionou a estratégia que levou a Esquadra Brasileira a passagem do Riachuelo e ao bloqueio fluvial daquelas águas: “Do *Amazonas*, Que eleva ennobrecido; Brazileiro pendão jamais vencido”³²⁸.

Novamente no primeiro canto, mas no sexto verso, Pereira da Silva revelou sua intenção: “Diga pois, o meu canto a gloria inteira; Da peleja nas aguas, alcançada; Da livre e nobre gente brasileira; O valor, a coragem sublimada”³²⁹.

A menção ao Tratado da Tríplice Aliança celebrado entre Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai é vista no primeiro canto, décimo segundo verso: “Alli do meu Brazil os combatentes; Á causa da alliança contractada; Deram sangues; ganhou a liberdade; Com elles triumphou a humanidade”³³⁰. A imagem da Nação ultrajada contra sua vontade fica evidenciada no trecho acima, a contenda entre civilização (liderada pelos aliados) e a barbárie (encabeçada por Solano Lopez).

Bobbio afirma que desde meados do século XIX até os dias atuais, a Nação e seu aparato político ideológico foi um dos “fatores mais importantes de condicionamento do comportamento humano na história política e social”³³¹. Para ele, o sentimento de pertencimento à Nação tornou-se preponderante sobre qualquer outra sensação territorial, religiosa ou ideológica, pois pouco a pouco tiveram que se subordinar a filiação nacional. O autor reconhece que “apesar de sua imensa força emocional”³³² o termo “permanece ainda entre os mais confusos”³³³.

Bobbio conceitua Nação como “um grupo de pessoas unidas por laços naturais e portanto eternos”³³⁴, laços que devem ser controlados e tornando-se a base do Estado nacional. No entanto, um grande problema surge quando da tentativa de definição destes laços, principalmente a identificação das diversas individualidades nacionais e quais as motivações geradas e interesses motivados por elas: “a Nação não passa de uma entidade ideológica, isto é do reflexo na mente dos indivíduos de uma situação de poder”³³⁵.

³²⁷ SILVA, Luiz José Pereira da Silva. Op. cit., p. 3.

³²⁸ Idem, ibidem.

³²⁹ Idem, ibidem, p. 4.

³³⁰ Idem, ibidem, p. 7.

³³¹ BOBBIO, Norberto; et al. Op. cit., p. 795.

³³² Idem, ibidem.

³³³ Idem, ibidem.

³³⁴ Idem, ibidem.

³³⁵ Idem, ibidem, p. 797.

A Guerra do Paraguai foi utilizada pelo Império como uma oportunidade para a criação de “laços naturais profundos”³³⁶ que funcionaram, em alguns casos, como um estratagema na geração de comportamentos fiéis ao Brasil. Por seu caráter ideológico a Nação a serviço do Estado devia adaptar-se as diferentes exigências da “razão de Estado”³³⁷.

A epopeia **Riachuelo** reforça as ideias de Nação enquanto tentativa de aglutinar “sentimentos íntimos da personalidade e da afinidade básica do grupo”³³⁸. Para Zygmunt Bauman, a identidade nacional foi e continua sendo uma “noção agonística e um grito de guerra”³³⁹, um grupo de indivíduos sendo sobrepujados pela “comunidade nacional coesa”³⁴⁰.

Bauman crê que o Estado “buscava a obediência de seus indivíduos representando-os como a concretização do furor da nação e a garantia de sua continuidade”³⁴¹. No entanto, esta intenção mostrou-se incompleta e precária, pois exigia uma “vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de boa dose de força a fim de assegurar que a exigência fosse ouvida e obedecida”³⁴².

Na epopeia, o sofrimento vivenciado nos campos de batalha paraguaios não se convertiam em empecilhos. A dor era vencida em nome da fidelidade a um bem maior:

No convés a maruja tristemente
 N' aquella melancolia toada
 Que de rude nos move e de innocente,
 As saudades da pátria suspirada
 Cantando consolava docemente.
 Dos capitães á ré compartilhada,
 Quanta doce esperança renovava,
 Quantas magoas e dores não lembrava!
 E n'esse afastamento em que jazião,
 Para sempre, quem sabe, separados,
 De tudo que na terra amado havião,
 Ora os prantos maternos renovados,
 Ora os braços amigos os prendião.
 Vendo assim seus pezares augmentados,
 Pois o peito ao partir-se mais padece
 Quando mais dos afagos se enternece³⁴³.

³³⁶ BOBBIO, Norberto; et al. Op. cit., p. 797.

³³⁷ Idem, ibidem.

³³⁸ Idem, ibidem, p. 798.

³³⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 27.

³⁴⁰ Idem, ibidem.

³⁴¹ Idem, ibidem.

³⁴² Idem, ibidem.

³⁴³ SILVA, Luiz José Pereira da. **Riachuelo**. Poema épico em 5 cantos. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1883, p. 9.

Pereira da Silva retomou a temática do sofrimento proporcionado pela guerra, associando as perdas de vidas como algo compensador à pátria. Morrer pelo país significava algo digno de elogio e de recordação:

De cada filho ausente cada parte
 Da cidade e contorno é lembrada:
 Pedregoso gigante, que reparte
 Por montes e por mares, de arrojada,
 A sombra, que tristezas nunca farte,
 Em negra cor transforma a azulada
 Côr do bosque, da onda, e cor do céu,
 Qual n'um rosto formos um negro véo.
 Por tal modo revive em cada mente
 Lembrança do lugar em que nasceu;
 De onde um dia apartou-se de repente
 Quando o grito de guerra a pátria deu,
 E buscando onda inimiga e inclemente
 Cada vaso se moveu;
 Até aqui alli unidos na coragem
 Unida nelles vive a pátria imagem³⁴⁴.

O autor narrou o enfrentamento dos navios brasileiros e paraguaios, nos conduzindo a imagem do espetáculo e do movimento, sensações estilísticas geradas pela epopeia. A estratégia do comandante dos navios brasileiros fica bem evidenciada. A utilização de seu navio como aríete contra as embarcações paraguaias:

“Paraguayos á vista” Toca a postos!”
 Do *Amazonas* altivo brada o forte
 Barroso invicto. Já signaes compostos
 Na mezena de ré, que aponta ao norte
 Todos encontram a vencer dispostos,
 Ou na lucta a ganhar honrosa morte,
 E são quatorze os vãos inimigos,
 Que aos nossos nove vem trazer perigos³⁴⁵.

As precárias dificuldades de navegabilidade no Riachuelo, além do vivo fogo preparado pelos paraguaios causou o encalhamento de três embarcações brasileiras. O sistema de comunicação entre os navios foi confuso, ocasionando desentendimentos entre os práticos, que não compreenderam bem as ordens dadas por Barroso³⁴⁶.

³⁴⁴ SILVA, Luiz José Pereira da Silva. Op. cit., p. 10-11.

³⁴⁵ Idem, ibidem, p. 22.

³⁴⁶ BITTENCOURT, Armando de Senna. A Batalha Naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In: VIDIGAL, Armando & ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves **Guerra no Mar**: batalhas e campanhas navais que mudaram a história. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009, p. 283.

Luís José Pereira das Silva, do verso 49 ao 56 do primeiro canto, mencionou os nomes dos nove comandantes das embarcações que participaram da batalha, enaltecendo suas capacidades em despender forças na defesa patriótica: “Como é bello o marujo em taes momentos; Quando as armas esp’ranças agourentão; De seu nome legar á pátria historia; Conquistando immortal porvir de gloria!”³⁴⁷.

O primeiro canto de **Riachuelo** encerra-se criticando a fuga paraguaia, julgada astuta, porém desleal, por aproveitar-se do conhecimento da região, esperando que a Esquadra imperial caísse naquela armadilha:

“Da estreiteza das aguas *Riachuelo*,
A curva assim chamou-se perigosa,
Aonde o rio forma um cotovello
E o banco a onda occulta enganosa.
Tão pequeno canal para contel-o
O paraguay escolhe; e a maldosa,
A calculada fuga suspendendo,
Conta certo que os nossos vão descendo”³⁴⁸.

O segundo canto da epopeia poetiza as origens do conflito explicando as motivações que conduziram o Império a declarar guerra contra Solano López. Os escritos revelam elogios à iniciativa de luta, reforçando a ideia da justa razão do conflito: “Era em paz a nação quando os traidores: Aquelle inerme vaso depredarão; Que o nome tendo de um dos servidores: Um d’aquelle que mais a pátria honrarão [...]”³⁴⁹.

Semelhante interpretação dos embates também foi pontuada tanto por Machado de Assis em suas crônicas escritas durante a guerra, bem como em alguns trechos da **Retirada da Laguna**. Os três autores aqui analisados visualizaram a contenda como justificável do ponto de vista bélico.

O verso décimo terceiro do segundo canto do poema se refere à ação das forças brasileiras em confronto contra os paraguaios no Mato Grosso, temática abordada por Taunay no romance histórico **Retirada da Laguna**, as imagens de heroísmo se confundem com o cotidiano de sofrimento:

Do Paraguay as águas se tingirão
Com o sangue das virgens e meninos,
E Coxim, Curumbá também sentirão
Como corta o punhal dos assassinos,

³⁴⁷ SILVA, Luiz José Pereira da. Op. cit., p. 31.

³⁴⁸ Idem, ibidem, p. 35.

³⁴⁹ Idem, ibidem, p. 43.

Que os sacros lares pátrios invadirão
 Mais ferozes que o tigre, ou mais ferinos
 Que a damnada panthera quando o tiro
 A vida lhe arrebatada num suspiro³⁵⁰.

Coxim era um local escolhido pelo Exército como posição estratégica contra uma possível invasão paraguaia a Cuiabá. As forças bélicas que atuavam naquele espaço foram denominadas como *Forças em Operação ao Sul da Província de Mato Grosso*, num total de 2203 combatentes e mais 1300 pessoas entre mulheres, crianças, agregados, carreteiros e bagageiros, conforme costume dos exércitos da época que também agregavam famílias, comerciantes e aventureiros³⁵¹.

A estada daquela coluna militar em Coxim se mostrou insalubre devido à escassa condição alimentar e o alto índice pluviométrico, causando inundações constantes no acampamento e contribuindo para a proliferação de doenças: “a penúria da coluna levou a um aumento sensível das deserções”³⁵².

A cidade de Corumbá foi objeto das primeiras invasões paraguaias ao território brasileiro. Aquela localidade funcionava como um dos principais entrepostos comerciais da região, ocasionando sérios problemas de distribuição de víveres e alimentos. A ocupação de Corumbá durou mais de três anos.

Pereira da Silva dedicou o trigésimo sétimo verso do segundo canto ao imperador D. Pedro II, quando o qualificou como protetor das tropas brasileiras e defensor de todos os brasileiros:

Das letras protector, conjura o vate³⁵³
 Vossa justiça, vosso amor, e gosto,
 Que tão altos serviços aquilate,
 Tão alto o vosso throno tendo posto.
 Veja o mundo que a ouvir-me Pedro abate
 O peito medalhado e augusto rosto,
 Das graças estendendo os predicados
 Aos humildes marujos e soldados³⁵⁴.

Se D. Pedro II era considerado pelo autor como fiel representante das justas coisas, o presidente paraguaio foi alvo de críticas ao seu suposto autoritarismo. No trecho a seguir, fica

³⁵⁰ SILVA, Luiz José Pereira da. Op. cit., p. 45.

³⁵¹ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 123.

³⁵² Idem, ibidem.

³⁵³ **Vate**: s.m.f. 1. Indivíduo que faz vaticínio, predição; profeta, vidente; 2. aquele que cria ou escreve poesia; poeta. HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

³⁵⁴ SILVA, Luiz José Pereira da. Op. cit., p. 57.

clara a velada oposição criada entre D. Pedro II e Solano López, o primeiro protetor de sua pátria e o segundo tido como inconsequente líder:

Odeio essa nação, que a independência.
Sobre bases firmou da honra e brio;
Do imperante que a rege odeio a sciencia;
Odeio essa coroa que eu confio
Dos povos ver cahir a inclemência;
E todo o seu poder eu desafio
Por que venha impedir que realize
Novo império, que o seu esterilize³⁵⁵.

No final do segundo canto, a exemplo da **Retirada da Laguna**, as menções às forças da natureza também foram pontuadas: “[...] Antes que estale o raio ronca adiante; O trovão, que ensurdece e tudo aterra! Não reza a história de mortal tonante; Mas que de raios e trovões na terra; Não prepara o mortal, pygmêo gigante! [...]”³⁵⁶.

O terceiro canto do poema é o mais longo e que apresenta várias temáticas: a narrativa da Batalha do Riachuelo, comentários sobre a escravidão, a história do marujo Segismundo, críticas aos paraguaios e menções ao patriotismo.

Primeiro a voz de fogo alegre ouvira
Do *Amazonas* a gente destemida,
Depois a mesma voz se repetira
Em cada um dos vasos proferida;
Do canhão repercutira
Começando a peleja mal-ferida
E todo o novo estrondo renovado
Por outros era logo secundado³⁵⁷.

O verso anterior inicia o terceiro canto da epopeia. Como podemos observar o tema do heroísmo e desprendimento na defesa da pátria é notório: “Morreu morte de heróe! Da nossa armada; Tenente apenas, já de louros tinha; A fronte juvenil adornada [...]”³⁵⁸.

No décimo sétimo verso, o autor novamente homenageou aqueles que sofreram em nome de sua terra natal: “Chora acaso o penedo a soledade; De quem perdeu no mundo amores santos; Os de mãe, os do berço, e a liberdade? Para que tens, ó pátria, os teus encantos; Se és tu a gemonía, aonde a saudade; É crime ao exilado, qu’inda os prantos [...]”³⁵⁹.

³⁵⁵ SILVA, Luiz José Pereira da Silva. Op. cit., p. 61.

³⁵⁶ Idem, ibidem, p. 68.

³⁵⁷ Idem, ibidem, p. 73.

³⁵⁸ Idem, ibidem, p. 74.

³⁵⁹ Idem, ibidem, p. 79.

O poema épico **Riachuelo** parece possuir uma função bem delimitada: poetizar um evento histórico brasileiro onde a participação do país foi significativa, dando-lhe significados que possam confirmar a força da identidade brasileira perante outros atributos estrangeiros.

Bauman vê a identidade nacional como algo que se solidificou num fato, num dado, porque antes ficção, “e graças a brecha dolorosamente sentida que se estendia entre aquilo que essa ideia sugeria, insinuava ou impelia”³⁶⁰. A identidade brasileira colocada sob xeque durante a guerra parecia funcionar como um espaço antes marcado por negociações e tensões, para um agora informado por ideias de união e coesão.

A fragilidade desta formulação de Brasil esbarrava naquilo que Bauman entende assim: “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”³⁶¹. Os escritos de Pereira da Silva indicam a segunda tendência, inflar e lançar ideias de brasilidade prontas, acabadas, sugestionadas.

Esse cenário aparece no septuagésimo terceiro verso do canto terceiro do poema **Riachuelo**, onde o autor concedeu os louros da vitória aos indivíduos que morreram em nome da Nação que por vezes não os reconheciam.

Aos guerreiros, porém, da liberdade
 Bem cara vae custando tanta gloria;
 Ai! Quantos, ai! Na prematura idade
 Dão nomes immortaes á nossa historia!
 Só tenho para dar-lhes a saudade
 Que eterna chorarei, como a memória,
 A pátria guardará banhada em pranto
 Dos filhos que na morte a honrarão tanto³⁶².

No septuagésimo quarto verso, ainda no terceiro canto, Pereira da Silva foi enfático ao associar a morte à defesa dos valores brasileiros: “Mas dor não há no peito varonil; O coração não treme palpitante; Nem corre o pranto em rosto juvenil; Nem há tristeza ou magoa no semblante; Do que sucumbe em honra do Brazil [...]”³⁶³.

A contrapelo da perfectibilidade posta ao país e à Nação, o autor contrapôs os paraguaios, que são apresentados como espécie de marionetes de um presidente pretensioso: “[...] Contra os duros escravos de um tyranno; nem peito tem de humano”³⁶⁴.

Bauman³⁶⁵ reforça em sua argumentação o caráter transitório das identidades, que emolduradas a partir do outro ganham feições a serviço da estereotipia, enfrentadas,

³⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p. 26.

³⁶¹ Idem, ibidem, p. 19.

³⁶² SILVA, Luiz José Pereira da. Op. cit., p. 107.

³⁶³ Idem, ibidem, p. 113.

³⁶⁴ Idem, ibidem, p. 118.

confrontadas, e, por isso, repelidas. Esta ação se evidencia no seguinte trecho selecionado e que encerra o terceiro canto de **Riachuelo**.

Aos tiros que assestaste responderão
Os gemidos e pragas do inimigo,
E os baques dos cadav' res, que descerão
Ao lôdo immundo, que lhes foi jazigo.
Mas inda a Victoria não cederão
Os que restão, ignaros do perigo.
Tanto os cega o furor, que á lucta
Desvairados, e assim sem glórias³⁶⁶.

As ações cotidianas são contempladas no quarto canto do poema, onde o autor procedeu à minuciosa descrição da faina naval, num cenário onde o movimento é marcante. Taunay na **Retirada da Laguna** também revelou cenas onde a velocidade das ações é contemplada.

A pugna segue mais e mais travada,
E mais e muito os vasos se avizinhão;
Estoira, estronda o ar veloz granada.
E os cacos no convez redomoinhão;
A peça que troveja é renovada,
Correntes, taboas soltas torvelinhao,
E distancia, nem ordem mais se guarda,
Nem já patentes mais distingue a farda³⁶⁷.

No terceiro verso deste canto a temática é semelhante. Aqui, a revanche contra os paraguaios ganhou destaque na lírica do escritor: “Às vezes cáe no rio aonde o estrondo; É menos forte, e joga a vaga aos ares; Quer seja bala, ou mesmo seja hediondo; Corpo inimigo, ao qual os mil azares: Da guerra deu, castigo impondo [...]”³⁶⁸.

As dificuldades da geografia paraguaia à navegação dos navios brasileiros no Riachuelo foram comentadas pelo poeta: “Toda a fúria da ação vereis traçada; Do rio nesta estreita confluência; De parceis e de ilhotas povoadas; Dos canhões, dos fuzis a interferência; Desde a vil bateria disfarçada [...]”³⁶⁹.

Curioso perceber o intróito do último canto da epopeia, que ao contrário do trecho anterior, versa sobre a pujança da guerra e suas vivas cores. A natureza gera um espetáculo ao mesmo tempo singelo e atroz:

³⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p. 48.

³⁶⁶ SILVA, Luiz José Pereira da. Op. cit., p. 119.

³⁶⁷ Idem, ibidem, p. 123.

³⁶⁸ Idem, ibidem.

³⁶⁹ Idem, ibidem, p. 146.

Columnas de alabastro matizadas
 De pedras de mil cores reluzentes
 Sobre o solo de nuvens perfumadas.
 Onde brilhão estrellas resplendentes,
 Sustentão curvas naves inflammadas
 E n'ellas astros lúcidos pendentés,
 Mais brilhantes que o sol, que rege o dia,
 Mais eternos que o ar, que o sol iradia³⁷⁰.

A imagem da natureza prenunciava a vitória iminente. Pereira da Silva construiu o espaço da guerra como ambiente de recrudescimento e ao mesmo tempo de retribuição. O trigésimo segundo verso do quinto canto nos dá uma razoável ideia desta formulação:

A lucta se encarniça, fúrias cobrão
 Com tal perda marujos e soldados;
 Certeiros tiros contra nós redobrão
 Que, por tempo mais longe sustentados,
 Não vive a crença, mas juízos sobrão
 Ficavão nossos vãos destroçados.
 Hora cruel de tétrica memória
 Essa foi precedendo-se á Victoria³⁷¹.

Os comentários sobre as avarias e perdas materiais estão presentes: “[...] Dos estragos na cópia e nas grandezas; E no damno dos vasos vencedores; Vendo o extremo a que forão reduzidos; Calcule quem puder o dos vencidos [...]”³⁷². Após estes prenúncios, Pereira da Silva finalizou seu poema registrando o “grandioso” feito da Esquadra Imperial:

A lucta assim findou.
 Cedeu a ira
 Ao valor, á razão, a primasia;
 Nem jamais a Victoria decidira
 O furor, que aconselha a barbaria.
 O escudo da justiça vos cobrira,
 O sol da liberdade vos Luzia,
 Soldados laureados pela gloria,
 Cujos nomes e feitos são da historia³⁷³.

O literato de **Riachuelo** publicou este poema quase vinte anos (1883) após o fim da Guerra do Paraguai. Sua intenção foi registrar um acontecimento histórico como a epopeia de uma população retirada de seu estado de paz devido às possíveis agressões de um líder apontado como irracional. Ao contrário dos escritos machadianos e da **Retirada da Laguna**

³⁷⁰ SILVA, Luiz José Pereira da Silva. Op. cit., p. 157.

³⁷¹ Idem, ibidem, p. 173.

³⁷² Idem, ibidem, p. 189.

³⁷³ Idem, ibidem, p. 190.

que ora elogiam o conflito ora o desabonam, Pereira da Silva atuou como um porta-voz das intenções imperiais, interessado este em apresentar uma identidade una e coesa, sem falhas e dissensões.

Em resumo, o presente capítulo tentou apresentar caminhos para a interpretação do conflito por meio do estudo de fontes literárias diversas, objetivando descortinar a formação da identidade nacional nas vozes registradas no momento ou mesmo após os combates.

O uso dos conceitos de Nação, cotidiano e identidade funcionaram como lentes de observação, na tentativa de lançar linhas interpretativas sobre a Guerra do Paraguai. Escrever história sem dúvida é um desafio, mas que se torna mais próximo quando analisamos as experiências outroras vividas a partir de nossas escolhas presentes, trazendo para perto aquilo que se encontrava distante³⁷⁴.

³⁷⁴ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

2 NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA: REMEMORAÇÕES MARINHEIRAS DO BRASIL NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (1864-1870)

Nos rios caudalosos do Prata propomos a reflexão histórica de uma tipologia documental bastante sugestiva: diários, memórias e reminiscências, mas especialmente as fontes produzidas por oficiais da Esquadra Imperial no cotidiano da luta contra o Paraguai.

Nosso intuito é mostrar como a identidade brasileira ia se constituindo nas batalhas, nas ações diárias dos combatentes, nas vitórias, nas derrotas e na tênue relação entre alegria e sofrimento; sentimentos vivenciados diuturnamente pelos personagens da guerra.

No presente capítulo analisaremos quatro registros do conflito platino, elaborados por oficiais da Marinha e que contem variadas nuances sobre os elementos sociais experimentados no *front* de batalha. Nosso leme: os múltiplos espaços identitários criados e recriados no dia a dia.

Vale ressaltar, que seguimos a orientação da banca examinadora de qualificação de Doutorado, quando sugeriu que ampliasse as análises dos diários, memórias e reminiscências da Guerra do Paraguai, abrindo espaço também para o estudo dos escritos produzidos por profissionais do Exército, que será objeto do capítulo terceiro.

Em pesquisa realizada nos primeiros meses de 2004, no Serviço de Documentação da Marinha, situado na ilha das Cobras, na cidade do Rio de Janeiro, encontramos uma considerável quantidade de fontes históricas produzidas por elementos da Marinha Brasileira que elegeram a Guerra do Paraguai como motivo de estudo.

A compilação daquele material gerou a escritura da dissertação de Mestrado intitulada: **Nas águas do Prata: o cotidiano naval e a identidade nacional na Guerra do Paraguai (1864-1870)** cuja defesa realizou-se em julho de 2005 no *Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília* (PPGHIS) sob a orientação da Profa. Dra. Vanessa Maria Brasil e a colaboração da Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz e do Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha, membros da banca examinadora naquela ocasião.

Como a quantidade de fontes compiladas à época suplantou a maturidade intelectual deste doutorando e o espaço da própria dissertação, resolvemos incluir nessa tese os registros históricos que não puderam ser contemplados na dissertação de Mestrado..

Assim, apontamos quatro fontes sobre a guerra que revelam os pontos de vista do oficiais da Marinha sobre o cotidiano bélico: (1) **Memórias do Almirante Barão de Teffé:**

a Batalha Naval do Riachuelo; (2) **Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866**, de Manuel Carneiro da Rocha; (3) **Campanha do Paraguai** e (4) **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, ambos de Artur Silveira da Mota (Barão de Jaceguai).

Ao sinal de içar velas e motores a toda força, a primeira passagem de águas deve sinalizar para os conceitos de diário e memória. A compreensão da tipologia documental auxilia no manuseio e no questionamento dos entrelaces históricos presentes nas linhas e nas intenções dos autores que indicaram seus interesses ao registrar suas lembranças sobre a Guerra do Paraguai.

Massaud Moisés conceitua diário como “o relato de acontecimentos ocorridos durante as vinte quatro horas do dia”³⁷⁵ em páginas reservadas nas quais o autor indica e comenta aquilo que julgou significativo em sua experiência diária. Preso à obediência do calendário, à fugacidade de cada dia, o diário enfatiza os acontecimentos e suscita reflexões³⁷⁶.

Para José Galante de Sousa e Afrânio Coutinho, o diário é um gênero literário “usado por escritores ou pessoas cultas para registrar pensamentos, acontecimentos de suas vidas ou de outrem”³⁷⁷. Para eles, o diário e a memória possuem diferenças que merecem ser pontuadas: enquanto o diário se incumbe do registro cotidiano dos fatos, a memória se opera na retrospecção, sujeita, portanto, ao “narcisismo do autor”, podendo ser este, levado a “deformar o juízo sobre fatos ou pessoas e a engrandecer a própria figura”³⁷⁸

Ao contrário de Sousa e Coutinho, Massaud Moisés não tenta desqualificar o gênero memória como repleto de imaginação, e por isso, menos confiável. Para o autor, as memórias ocupam espaços próximos ao diário, à autobiografia e às confissões. O relato na primeira pessoa do singular pretende reforçar as “ocorrências” e os “sentimentos gravados na memória”³⁷⁹. O subjetivismo é marcante, o passado “transfigura-se como se parecesse inventado” no fluxo e refluxo dos dias, na fórmula proustiana da imersão “em busca do tempo perdido”³⁸⁰.

Nesse instante, passamos à apresentação das **Memórias do Barão de Teffé**³⁸¹ e suas potencialidades no que tange ao estudo da Guerra do Paraguai, em específico os trechos que

³⁷⁵ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 2004, p. 121.

³⁷⁶ Idem, *ibidem*.

³⁷⁷ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. Op. cit., p. 593.

³⁷⁸ Idem, *ibidem*.

³⁷⁹ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 2004, p. 280.

³⁸⁰ Idem, *ibidem*.

³⁸¹ Antônio Luís Von Hoonholtz (1837-1931) oficial da Marinha durante a Guerra do Paraguai onde comandou três embarcações. Recebeu o título de Barão de Teffé em 1873. Foi reformado Almirante dez anos depois em 1883. Um dos fundadores do Serviço de Hidrografia da Marinha brasileira, além de ter sido membro do Instituto Geográfico Brasileiro e senador da República entre 1913 e 1915.

sinalizam para a elaboração identitária brasileira. As narrativas históricas contidas nesse documento foram organizadas pelo irmão do autor poucos dias após a batalha naval do Riachuelo e transformadas em um livro de memórias.

A exemplo da epopeia composta por Luís José Pereira da Silva, intitulada **Riachuelo** e discutida no primeiro capítulo, as **Memórias do Barão de Teffé** também pretendiam glorificar o evento da passagem do Riachuelo, feito que ainda hoje é lembrado pela Marinha Brasileira como sua data magna (11 de junho), devido a significância estratégica que aquele evento trouxe aos rumos da Guerra do Paraguai.

Inicialmente, o autor informou o dia em que tomou, pela primeira vez, parte nas ações de guerra, valorizando o feito da Marinha de guerra e sua própria participação naquela contenda.

Esquadra em operações contra o Paraguai.
Bordo da canhoneira Araguay fundeada na Cancha Del Chimbolár 22 de junho de 1865.
Meu querido Fritz.
A 11 do corrente raiou afinal o dia por mim tão ardentemente desejado.
[...] Realizou-se o sonho que eu sempre afagara em minha mente; já não cinjo uma espada virgem; o batismo de fogo consagrou-me homem de guerra, e d'ora avante não é uma simples ficção o qualificativo de oficial combatente com que figuro no quadro da Armada³⁸²

O desejo do autor foi convertido em realidade: a consagração foi adquirida na mensura de forças contra o inimigo. O cotidiano é observado no desencadear da guerra, quando o marasmo transformou-se em ação heróica.

Os relatos se caracterizam pela informalidade peculiar às memórias. O registro de Hoonholtz se converte numa confissão e num desabafo dos atos experimentados na guerra. O Tenente encontra em seu irmão um fiel depositário de suas impressões sobre o conflito, um ouvinte atento aos desígnios da pátria, e, portanto, indivíduo preparado para compartilhar os sentimentos e as emoções vivenciadas no *front*.

Não ponhas as mãos na cabeça pelo tom enfático deste intróito – sabes que não está isto nos meus hábitos – mas, meu querido irmão, sinto necessidade de um peito amigo para apertá-lo em meus braços e nele derramar as minhas impressões; preciso encontrar uma alma aberta ao entusiasmo patriótico e que compartilhe comigo das emoções por que passei e das alegrias que me dominam neste momento.

³⁸² HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. **Memórias do Barão de Teffé**. Rio de Janeiro/Paris: Garnier Irmãos, /s.d./, p. 10-11.

Vou falar-te com o coração nas mãos e linguagem chã e identifique-se comigo e ao finalizares a leitura desta carta te pessuardas que ao meu lado tomaste parte nessa terrível jornada.

Quando o moroso carteiro urbano te entregar este volumoso envelope já terás ouvido na Rua do Ouvidor os comentários dos estrategistas de borla e capelo – sobre a mortífera batalha naval de que me vou ocupar, mas ignoraras por certo os detalhes da ação.

[...] Terá lido nos boletins distribuídos pelas folhas da tarde, que a ação durou nove horas sem mudar de cenário, sempre desenrolando-se pertinaz e sangrenta no mesmo trecho do Rio Paraná, na curva pronunciada onde deságua um insignificante riacho sem nome – El Riachuelo – ladeado de barrancas inçadas de canhões e de estativas de foguetes à Congrève secundadas por infindas linhas de atiradores, tudo isto mascarado pela mata ou oculto em valas paralelas à margem³⁸³.

O sentimento patriótico do autor se mostra fiel aos seus interesses, defender o Brasil contra as intenções paraguaias. A fidedignidade das notícias relacionadas à batalha também geram preocupação. Os vocábulos utilizados sugerem cenário marcado por sofrimento e dificuldade.

Marcelo Santos Rodrigues, em interessante artigo sobre o destino dos ex-combatentes brasileiros (homens mutilados, órfãos, desvalidos e viúvas) oriundos do Paraguai, preocupou-se em “compreender a experiência da violência, da dor, e do esquecimento”³⁸⁴ numa tentativa clara de relacionar as experiências adquiridas durante a guerra como sinais de angústia: “falar sobre o sofrimento na história é tarefa difícil para o historiador que, acostumado com suas análises objetivas, na busca por evidências concretas, pergunta-se qual a relevância da compreensão dos sentimentos humanos?”³⁸⁵.

Em grande medida, esse estudo perpassa o espaço das sensibilidades humanas, na medida em que sinaliza a construção subjetiva de identidades e sugere escolhas e ações condicionadas a um pretense bem maior, excluindo e eliminando as identidades subjacentes.

Para Stuart Hall, a identidade em sua concepção sociológica, anterior ao chamado pós-modernismo, “preenche o espaço entre o interior e o exterior – entre o mundo pessoal e o mundo público”³⁸⁶, contribuindo para alinhar os “sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”³⁸⁷.

³⁸³ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. **Memórias do Barão de Teffé**, Op. cit., p. 11.

³⁸⁴ RODRIGUES, Marcelo Santos. De que vale o hábito de Cristo: os heróis que o Império venceu. ERTZOGUE, Marina Haizenreder: PARENTE, Temis Gomes (org.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 333.

³⁸⁵ Idem, ibidem, p. 340.

³⁸⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 11-12.

³⁸⁷ Idem, ibidem.

Portanto, a guerra parecia “costurar os sujeitos à estrutura”³⁸⁸, procurando estabilizar os atores históricos aos “mundos culturais”³⁸⁹ que eles habitavam. O conflito só faria sentido quando gerasse traços unificadores e predizíveis no que se relacionava às intenções do governo imperial ao envolver-se nas batalhas.

Os interesses individuais por vezes se chocam com os espaços identitários locais, regionais, nacionais, naquilo que Hall denomina “jogo de identidades”³⁹⁰. No caso do nosso objeto de estudo, a análise do romance e dos contos machadianos pós-guerra indicou personagens que usufruíram do conflito como ambiente de tratamento às questões privadas.

Durante a Guerra do Paraguai, o governo imperial esforçou-se na criação de evidências simbólicas que interpelassem e representassem o ser brasileiro. As identidades se apresentavam contraditórias, gerando cruzamentos e deslocamentos mútuos. Os sujeitos assumem “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas”³⁹¹ necessariamente a uma “identidade mestra”³⁹². Os combatentes deslocavam suas identidades cotidianamente, caso suas pretensões e desejos não fossem atendidos.

Para Hall, a identidade é historicamente pautada, por isso caracteriza-se pela incompletude, pois, processo em construção, está sempre sendo formada³⁹³. Apesar das **Memórias do Barão de Teffé**: a Batalha Naval do Riachuelo não apresentarem a fluidez da identidade, a expectativa do autor em estrear na guerra como combatente fornece pistas sobre a força do dia a dia na construção de sentimentos de pertença.

A intenção de Hoonholtz em rememorar os feitos da batalha naval do Riachuelo se aproxima do que Diehl conceitua como traço dos “processos de identificação e identitários”³⁹⁴. Ou seja, a relação entre os pertencimentos dos indivíduos e dos grupos nem sempre coincide. Aquilo que pode ser indicado como atributo coletivo não traz obrigatoriamente a necessidade de adesão a determinados grupos no sentido de gerar identificação.

Para Bauman, “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser

³⁸⁸ HALL, Stuart. Op. cit., p. 11-12.

³⁸⁹ Idem, *ibidem*.

³⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 20.

³⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 13.

³⁹² Idem, *ibidem*, p. 20.

³⁹³ Idem, *ibidem*, p. 38.

³⁹⁴ DIEHL, Astor Antonio. **A cultura historiográfica brasileira**: memória, identidade e representação. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 115.

devorado”³⁹⁵. É nesse ínterim que se “disputam todas as verdadeiras batalhas pela identidade e se traçam todas as práticas identitárias”³⁹⁶.

As fontes históricas analisadas até aqui mostram que a “tarefa de identificação”³⁹⁷ divide “tanto quanto, ou mais do que”³⁹⁸, une. As inclusões se misturam com os atos de segregar, isentar e excluir³⁹⁹.

Hall entende que uma cultura nacional é um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”⁴⁰⁰. Ao organizar esses gestos em favor da unidade e da coesão, as “culturas nacionais” fabricam identidades, contidas em “estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”⁴⁰¹.

A batalha naval do Riachuelo ganhou contornos dramáticos nas palavras de Hoonholtz. A fonte retratou uma contenda demorada e sangrenta. De acordo com o autor, os méritos devem ser reconhecidos diante de insalubre cenário.

Bem te dizia antes de partir do Rio que ouvirias falar na minha gentil Araguay; e nem podia deixar de ser assim tratando-se dessa tetéa d’um navio tão elegante, tão garboso como sua jovem oficialidade, para quem a bandeira é um culto e o patriotismo o mais sagrado dos seus sentimentos. Da guarnição tiveste ocasião de apreciar um entusiasmo naquele exercício geral a que assististe na véspera da minha saída, e a seu respeito confirmo agora a opinião emitida:
Confio nos meus homens como eles confiam em mim; em dois anos de comando fiz um amigo em cada um de meus comandados⁴⁰².

As dificuldades naturais impostas pela geografia do conflito também foram tema das narrações. A pouca profundidade e a pequena largura dos canais fluviais no Prata eram empecilhos para a boa navegabilidade. Os paraguaios se utilizaram disto para impor bloqueios à Marinha Brasileira. Tática que prolongou a batalha do Riachuelo para aproximadamente nove horas de combate.

Por sua vez o Chefe Barroso, cuja missão era bloquear o rio, entendeu mais vantajoso aos exercícios da esquadra o amplo fundeadouro que se oferecia ao lado do Chaco, um pouco abaixo de Corrientes e fronteiro aos laranjais

³⁹⁵ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit., p. 84.

³⁹⁶ Idem, ibidem.

³⁹⁷ Idem, ibidem, p. 85.

³⁹⁸ Idem, ibidem.

³⁹⁹ Idem, ibidem.

⁴⁰⁰ HALL, Stuart. Op. cit., p. 50.

⁴⁰¹ Idem, ibidem, p. 51.

⁴⁰² HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 16.

por detrás dos quais aparecia um monumento denominado simplesmente – La Columna.

[...] Foi neste trecho de difícil navegação no canal tortuoso, entre dois bancos perigosíssimos que nos batemos um dia inteiro em contínuas evoluções. Consulta a planta e verás claramente as respectivas posições dos beligerantes durante o mais forte da ação⁴⁰³.

No trecho seguinte, o autor revelou a seu irmão certo descontentamento provocado pelo atraso na tomada de decisões, e, conseqüentemente, no retardo às futuras retaliações contra as tropas paraguaias. A excessiva demora na viagem da Esquadra atrapalhou a familiarização com a região da luta.

Estávamos preparados; a demorada viagem da nossa esquadra (cerca de dois meses desde Buenos Aires) tivera a vantagem de familiarizar-nos com as evoluções em rio e dar-nos ensejos de bem exercitar as nossas tripulações.

[...] Na terrível monotonia desta vida de bordo, comendo mal, bebendo uma água impossível e martirizado dia e noite pelos mosquitos, nada me era mais agradável do que a diversão que me proporcionavam os múltiplos exercícios cotidianos de combates simulados figurando todas as hipóteses, inclusive a abordagem e o incêndio⁴⁰⁴.

Os eventos diários são narrados com tons de monotonia e sofrimento, sentimentos compartilhados pela guarnição às margens do Prata. Os recursos alimentares eram escassos e competiam com o martírio dos mosquitos, que pareciam ser os maiores inimigos da tripulação.

Guarinello cita Goffman para indicar a força do cotidiano como ambiente de relacionamentos sociais direcionados por “estratégias de adoção e negociação de papéis”⁴⁰⁵. As ações compartilhadas no dia a dia são uma espécie de “reação contra a unidimensionalidade do mundo”⁴⁰⁶, reivindica-se o “espaço e valor da particularidade e da individualidade”⁴⁰⁷ diante da tentativa de massificação das redes de sociabilidades.

Para Guarinello, o cotidiano deve ser pensado como uma “instância temporal”⁴⁰⁸, marcada por duas “realidades contrapostas e complementares”⁴⁰⁹. De um lado, “a permanência e a mudança”⁴¹⁰, por outro “a relação entre estrutura e ação”⁴¹¹. O autor defende

⁴⁰³ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 16.

⁴⁰⁴ Idem, ibidem, p. 18.

⁴⁰⁵ GOFFMAN apud GUARINELLO. Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 48, 2004, p. 21-22.

⁴⁰⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. Op.cit., p. 21-22.

⁴⁰⁷ Idem, ibidem, p. 21-22.

⁴⁰⁸ Idem, ibidem, p. 24.

⁴⁰⁹ Idem, ibidem.

⁴¹⁰ Idem, ibidem.

⁴¹¹ Idem, ibidem.

que interroguemos o cotidiano como “tempo qualitativo”⁴¹² investigando seus quadros de composição.

Pensar as vivências passadas sob o viés cotidiano deve significar a reflexão em torno de sua capacidade de congregar simultaneamente “o instantâneo como o duradouro, o incisivo e transformador e o repetitivo”⁴¹³. A fluidez do “que acontece em um dado dia, num tempo brevíssimo, uma efeméride, e o que acontece todos os dias, portanto num tempo potencialmente longo”⁴¹⁴.

Nesse sentido, o estudo do passado abre-se para “as possibilidades em jogo a cada momento, avaliando os projetos alternativos e em conflito”⁴¹⁵. A análise aqui proposta segue esta corrente, pensar a Guerra do Paraguai como momento da história brasileira na qual as intenções individuais e coletivas são postas em contraponto sob o manto da Nação.

Agnes Heller afirmou que os espaços cotidianos funcionam como campos de ameaça e controle dos sujeitos, não lhes oportunizando as chances de escolhas. Para a autora, devemos nos propor à reflexão em torno das condições nas quais estes regramentos são impostos aos indivíduos, evidenciando a “heteronomia” e a “autonomia”⁴¹⁶, adjetivos que competem para “o direito de escolhas”, mas principalmente, para o desenvolvimento das individualidades e da “superação de normas particularistas ou moralidades de classe”⁴¹⁷.

Para Henri Lefebvre, o Estado moderno procurou gerir o cotidiano⁴¹⁸. O governo imperial brasileiro utilizou o conflito platino como catalisador da identidade nacional. Tal elaboração se fez no dia a dia das batalhas, onde a luta contra um inimigo fornecia as armas para o estabelecimento de traços identitários. As individualidades e suas especificidades perdiam força, em prol da homogeneidade da Nação.

Exemplo disso é a narrativa de Hoonholtz sobre a atmosfera climática na ocasião da batalha naval do Riachuelo. O autor nos mostrou que aquele ambiente estava favorável à vitória. A natureza é transformada em mais uma aliada das forças brasileiras, prenunciando a vitória.

O dia 11 de Junho, que era Domingo da Trindade, amanheceu fresco, sereno e iluminado por um sol brilhante a resplandecer num céu sem nuvens.

⁴¹² GUARINELLO, Norberto Luiz. Op.cit., p. 24.

⁴¹³ Idem, ibidem, p. 25.

⁴¹⁴ Idem, ibidem.

⁴¹⁵ Idem, ibidem, p. 26.

⁴¹⁶ GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Op. cit., p. 50.

⁴¹⁷ Idem, ibidem.

⁴¹⁸ LEFEBVRE apud CARVALHO, M. C. Brant & NETTO, J. P. Op. cit., p. 17.

Como de costume, terminada a baldeação preparava-se o navio para a mostra geral que devia passar depois do almoço da guarnição.

Por minha parte, tomado o banho frio da manhã e depois de feita a toilette domingueira, saboreava eu na câmara a canequinha de café, quando súbito o Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare que estava de quarto, gritou-me – comandante, o navio da vanguarda faz sinal de inimigo a vista!

Mande tocar a postos! Respondi, e engolindo o último trago do meu café galguei a escada e em dois tempos atravessei a tolda e trepei ao passadiço, meu posto de comando.

Os tambores rufavam, os clarins soavam clangorosos em toda a esquadra e os apitos trilavam chamando cada um para seu lugar de combate ⁴¹⁹.

A imagem dos uniformes paraguaios provocaram fortes impressões. Suas cores vermelha e branca se confundiam com a pintura das embarcações. A tomada de ações navegava tendo como vela mestra o próprio cotidiano. O transcorrer do dia a dia nos conduz aos gestos e às sensações presentes no calor da batalha.

Essa fila unida de homens de calça branca e blusa vermelha afigurava-se me, de longe a uma pintura da parte superior do casco, em duas faixas ou bandas longitudinais, uma branca e outra encarnada!...

Mas era gente!

Pobres vítimas que inconscientemente se exibiam como um belo alvo para os nossos atiradores...

Solano López ao ordenar esta ostentação de forças, sem dúvida no intuito de nos amedrontar, não conhecia ainda o efeito da metralha.

Como vais ver, esses coitados representaram desde o começo da ação o triste papel de chair à canon!⁴²⁰

O autor se espantou com a quantidade de paraguaios. A expressão: “Mas era gente!” indicou uma efêmera preocupação, logo transmutada em confiança. Para Hoonholtz, a guarnição inimiga seria um alvo fácil para a Marinha brasileira.

O Tenente Hoonholtz culpou Solano López pela errônea ostentação de forças e pelo desprezo dispensado ao poderio naval brasileiro. Nesse caso, os paraguaios foram interpretados como objetos, como marionetes, por se sujeitarem a uma contenda desigual na qual foram utilizados como peças de artifício.

O comandante da *Araguary* também demonstrava apreensão com a presença de elementos estrangeiros no interior de sua embarcação. O fato do navio ser guiado por práticos estrangeiros incomodava o Tenente. Ele fazia questão de liderar uma guarnição exclusivamente brasileira. Contudo, a necessidade o convenceu a abrir mão e autorizar a ida de um prático inglês e outro português.

⁴¹⁹ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 19-20.

⁴²⁰ Idem, ibidem, p. 22.

Todos os nossos práticos são estrangeiros e, entretanto muitos portaram-se divinamente.

Como sabes, eu no Rio de Janeiro fiz questão de não trazer a bordo senão brasileiros, e apesar disso tive de fazer duas exceções: em favor do 1º maquinista Walker, inglês envelhecido no serviço de nossa marinha, e do mestre Bernardo, oficial marinheiro português de comportamento exemplar, os quais fizeram questão de acompanhar-me e me tem prestado grandes serviços.

Quando porém em Buenos Aires me impuseram um práctico estrangeiro, revoltei-me.

Entregar a navegação do meu navio a um mestre de goleta, carregador de mate e laranjas do Paraguai, era duro para um comandante que subia a bater os seus fregueses...

Mas que fazer se estes gringos são os únicos vaqueanos do extenso Rio Paraná.

Aceitei pois o Prático Montóvia, tipo rude e antipático que logo no primeiro mês de viagem pregou-me uma peça formidável⁴²¹.

Apesar de revelada tolerância devido à urgência da guerra, o autor não é igualmente paciente ao referir-se ao práctico argentino, qualifica-o com negativas. Por contraditório reconheceu que os “gringos” eram experientes navegadores, por serem naturais da região do Prata.

Quando me vi, a 9 de maio, livre do maldito banco, dei primeiro graças a Deus, e depois mandei formar a guarnição na tolda, e, em presença dos oficiais, fiz comparecer o culpado (o Prático) a quem dirigi em tom severo as seguintes palavras: Usted ao engajar-se apresentou carta de vaqueano de todo Rio Paraná e acompanhou-a de atestados comprovantes de sua perícia.

Considero, pois esta encalhadé-la em pleno dia como proposital, e portanto um ato de traição!

Não lhe inflijo por esta vez o castigo que merece, mas previno-o e grave isto na memória – que se por sua culpa sua a canhoneira do meu comando encalhar quando tivermos o inimigo a vista, ato contínuo mandarei fuzilá-lo⁴²².

Interessante notar que Hoonholtz não comentou uma ação sequer de insubordinação sob seu comando, apenas do tripulante argentino. Os práticos Walker (inglês) e Bernardo (português) não são mencionados nas **Memórias** como motivos de queixa.

O autor continuou apresentando o conflito como cruel e infame. A convivência tênue entre o esplendor da vida e a constância da morte é recorrente. O teatro fluvial se apresentava em meio a vivas cenas. O trecho a seguir indica esta particularidade:

Só o que te digo é que com tal manobra vi-me durante cerca de duas horas metido nas profundas do inferno, tal fogo e horroroso troar dos canhões,

⁴²¹ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 25-26.

⁴²² Idem, ibidem, p. 26-28.

acompanhado pelo berreiro dos paraguaios que se batiam debaixo de gritos e alaridos como que para se encorajarem mutuamente ou para amedrontar-nos. Nunca vi coisa assim!

Tive bem ocasião de apreciar sons heólios que nunca ouviste: as balas de artilharia produzem ao passar, não um silvo, mas um som plangente semelhante ao uivar do cão; menos as que rastejam pela gente, pois estas urram como touros bravios⁴²³

As **Memórias do Barão de Teffé** são ricas na descrição cotidiana da guerra. Aqui, o memorialista mostrou as estratégias aplicadas contra os paraguaios. O Tenente elogiou a bravura dos inimigos, que apesar de apresentar condições desfavoráveis combateram com denodo. A geografia do *front* que dantes fora oponente, também agiu contra os interesses guaranis.

Entretanto ao desmascarar-se aquela formidável bateria; ao ver por detrás da mata relampear o canhão, esfuziar o foguete a Congrève e crepitar a fuzilaria... admirei-os!

Tive a sensação de um cego a quem de repente arrancasse as cataratas!

Tínhamos caído numa emboscada, prévia e habilmente preparada...

[...] A artilharia troava sem cessar de parte a parte, e às vezes era tal o ribombar dos canhões e o estourar das bombas que nem o porta voz eu podia fazer-me ouvir.

[...] A nossa metralha varria o convés dos navios mais próximos, nos quais cada bala rasa abria um rombo; ao passo que na barranca os nossos projéteis abriam claros na mata levando de rojo as árvores e até canhões.

O arvoredo que os mascarava e que deviam ampará-los tornara-se um instrumento de destruição pois cada árvore atingida fazia o efeito de uma terrível catapulta, arrasando tudo quanto encontrava em caminho⁴²⁴.

O espetáculo trágico causava emoções contrastantes. Ao mesmo tempo em que a perda dos companheiros acometia os soldados, a ânsia em se alcançar a vitória no *front* parecia competir para o fortalecimento de sentimentos patrióticos. As querelas individuais se desfazem momentaneamente em favor da defesa patriótica.

Assim pois, quando vi o Amazonas descer majestosamente entre a nossa linha inimiga expandiu-se-me a alma; e quando, ao aproximar-se descobri sobre o passadiço a figura de Barroso, ereto, impassível sob aquela saraivada de projéteis, de porta-voz em punho e acofiando com a mão esquerda a longa barba branca que flutuava ao vento... senti pela primeira vez entusiasmo por esse Chefe brusco e pouco comunicativo que nunca me inspirara, nem simpatia, nem confiança.

Em cartas anteriores te pus a par da incompatibilidade de nossos gênios e dos atritos dos quais se originara a nossa mútua antipatia, o que me levava a

⁴²³ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op.cit., p. 45.

⁴²⁴ Idem, ibidem, p. 35-36.

não me aproximar dele senão quando a isso era obrigado por assuntos de serviço militar.

Nesse momento, porém, ao vê-lo o afrontar com esse ar sombranceiro o ambiente de morte em que nos debatíamos, não me pude conter, e ao passar o Amazonas rente ao meu navio alcei o meu boné bradando com toda a força dos meus pulmões:

– Viva o Chefe Barroso!⁴²⁵.

A efetiva participação do Almirante Barroso na batalha naval do Riachuelo foi mencionada como necessária e exemplar para seus comandados. Apesar das críticas de Hoonholtz a seu comandante, o autor lembrou o imperativo em torno da honra nacional.

Para José Eisenberg, foi o positivismo comtiano a corrente filosófica gestada no século XIX que lançou o entendimento do conceito de pátria, relacionado à “forma mais alta de altruísmo”⁴²⁶, ao amor dispensado à Nação e ao sentimento que “simulava o amor pela mulher amada”⁴²⁷.

Importante ainda são as observações de Eisenberg quando menciona que as “concepções de patriotismo no século XIX”⁴²⁸ se incorporaram ao “conceito de nacionalismo no discurso político daquele período”⁴²⁹. O romantismo contribuiu para divulgar uma “forma muito particular de patriotismo”⁴³⁰, onde os indivíduos deviam fomentar e manter laços de lealdade aos membros pertencentes à Nação.

Esta dimensão oitocentista do conceito de patriotismo ainda permanece. O patriotismo “se coloca em um plano intermediário entre a amizade, como sentimento familístico de lealdade para com aqueles”⁴³¹ que fazem parte de nosso “círculo de interações cotidianas, e a dedicação altruística ao outro universalizado”⁴³², expresso na construção de elementos comuns que direcionam o entendimento coletivo de Nação.

A Nação é definida por ações de “compartilhamento de uma cultura”⁴³³, constituídos por um conjunto de ideias, signos, formas de associação, comportamentos e estratégias de comunicação. Tais dimensões se revertem numa espécie de aparato político-ideológico

⁴²⁵ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 37-38.

⁴²⁶ EISENBERG, José. Patriotismo e gênero na tradição do pensamento político moderno. In: JASMIN, Marcelo; JUNIOR, João Féres (org.). **História dos conceitos**: diálogos transatlânticos. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola/IUPERJ, 2007, p. 204.

⁴²⁷ Idem, ibidem.

⁴²⁸ Idem, ibidem.

⁴²⁹ Idem, ibidem.

⁴³⁰ Idem, ibidem.

⁴³¹ Idem, ibidem.

⁴³² Idem, ibidem.

⁴³³ Idem, ibidem.

utilizado pelo Estado como instrumento uniformizador: “a sociedade inteira deve ser perpassada por uma só cultura superior padronizada, caso pretenda funcionar”⁴³⁴.

Ernest Gellner nos diz que “as pessoas desse tipo de sociedade têm compromissos e lealdades plurais, grupais e entrecruzados”⁴³⁵, aqueles que porventura não “tem competência para participar desse fluxo de sinais”⁴³⁶ criam um obstáculo para si mesmos, gerando possíveis “reações de hostilidade e exclusão”⁴³⁷.

Gellner insiste em pontuar que a Nação foi repensada no século XIX como um “vasto corpo de indivíduos anônimos, iniciados numa cultura superior que define a nação ou, no mínimo, iniciados numa cultura inferior que tem um vínculo reconhecido com a cultura superior em questão”⁴³⁸.

O autor insiste nessa faceta do nacionalismo quando pretende identificar sua raiz, que, para ele, não é a ideologia, mas sim a experiência cotidiana: “um membro da cultura A, empenhado em contatos constantes com burocracias econômicas, políticas e civis que empregam a cultura B, fica sujeito a humilhações e à discriminação”⁴³⁹. Para Gellner, o sujeito de A só escaparia a estes dissabores “tornando-se assimilacionista ou nacionalista”⁴⁴⁰.

No Brasil oitocentista na época da Guerra do Paraguai, Estado e Nação unem-se. O primeiro “buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade”⁴⁴¹. A Nação sem Estado poderia fadar-se à insegurança sobre seu passado, “incerta sobre seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a existência precária”⁴⁴².

Para tanto, o Estado aparece como possibilidade de “concretização do futuro”⁴⁴³ nacional, como “condição”⁴⁴⁴ necessária para sua própria sobrevivência, orquestrando as vozes confiantes e obrigatoriamente eficazes de um destino a ser compartilhado.

A oposição das ideias de civilização e barbárie testada nos campos de batalha pelos ideólogos do Império Brasileiro fornecem pistas da formação do “destino a ser

⁴³⁴ GELLNER, Ernest. O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.) **Uma mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 117.

⁴³⁵ Idem, *ibidem*, p. 114.

⁴³⁶ Idem, *ibidem*.

⁴³⁷ Idem, *ibidem*, p. 118.

⁴³⁸ Idem, *ibidem*, p. 124.

⁴³⁹ Idem, *ibidem*, p. 133.

⁴⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴⁴¹ Zygmunt, Bauman. Op, cit., p. 27.

⁴⁴² Idem, *ibidem*.

⁴⁴³ Idem, *ibidem*.

⁴⁴⁴ Idem, *ibidem*.

compartilhado”⁴⁴⁵. Os interesses do Brasil na análise do Barão de Teffé são dignos de alto valor e nota, os vilipêndios mereciam ser tratados com atitudes revanchistas. Para Hoonholtz, o sofrimento dos soldados paraguaios era justificado na medida em que se deixaram convencer por um líder tido como inconsequente.

No trecho seguinte, as emoções vivenciadas na batalha se mostram marcantes. Brasileiros e paraguaios experimentaram intensos sofrimentos em prol daquilo que juravam defender e honrar.

Vendo o meu propósito de ir-lhes em cima, os dois da frente guinaram depressa para o lado da barranca, mas o Tacuary (de onde em altos gritos me intimavam a parar), teimou em abordar-me, e quando se prolongava pelo meu bombordo chupou em cheio a descarga de meus três rodízios carregados de bala e metralha, bem à queima-roupa, varrendo-o de lado a lado, arrancando-lhe a caixa da roda e virando de pernas para o ar todo o pelotão de abordagem aí encarapitado e pronto a saltar no meu convés... Foi um Dies irae, um momento da mais terrível confusão naquele grupo de navios envolvidos pelo fumo espesso e onde o estampido dos tiros e o berreiro dos paraguaios eram de ensurdecer⁴⁴⁶.

O espaço dos rios platinos servia como palco para o espetáculo da guerra. Os desígnios naturais ditavam os modos de agir. Os combatentes de ambos os lados se utilizavam das particularidades da hidrografia platina para impor reveses aos inimigos.

Que espetáculo desolador!
Por toda a parte o rio estava coalhado de destroços e de gente que aparecia e desaparecia acarreada pela violência da correnteza.
Pela minha amura de Bombordo eu descobri o Paraguay - um magnífico vapor bem artilhado - que se batia vigorosamente com o Ypiranga; segui pois a reunir-me a este fim de aprisionar o inimigo, mas quando o seu comandante conheceu que não podia mais resistir arrojou-se a toda a força sobre o banco da Palomera onde enterrou-se por tal forma que nos foi impossível abordá-lo.
Da sua dizimada guarnição os que ainda podiam nadar precipitaram-se pelas portinholas da proa e ganharam a ilha, internando-se no cerrado matagal⁴⁴⁷.

Nas palavras do autor, os rios serviram em alguns casos como recurso desesperado pela sobrevivência. A decisão de alguns membros da *Parnayba* em fugirem pelas águas em meio à metralha da guerra causou uma profunda impressão no Barão de Teffé.

⁴⁴⁵ ALAMBERT, Francisco. Civilização e barbárie, história e cultura. Representações literárias e projeções da Guerra do Paraguai nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. Op.cit., p. 83-96.

⁴⁴⁶ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 41-42.

⁴⁴⁷ Idem, ibidem, p. 45-46.

Penoso e moroso serviço esse!

Entretanto, quando apenas duas estavam atracadas ouvi claramente que de dentro do escuro mato da embocadura do Riachuelo chamavam com voz plangente: - “Oh, da Araguay, nos acuda!”

Eram 11h da noite, e nesse silêncio com que operávamos, essa voz brasileira surdindo de debaixo das baterias inimigas, causou-me uma impressão tão profunda que nunca mais a esquecerei.

Mandei incontinenti largar de novo o escaler, com mais um contingente de reforço para o caso de ser uma emboscada.

Bem inspirado fora o meu ato de apoderar-me nessa mesma noite das chatas abandonadas num lugar tão arriscado!

Imagina que o escaler voltou trazendo seis praças da Parnayba que a nado haviam escapado à abordagem quando os paraguaios, senhores de tolda, trucidavam os que aqui haviam permanecido!⁴⁴⁸.

Certas queixas relacionadas à faina diária da guerra são recorrentes nas **Memórias do Barão de Teffé**. Observamos no trecho abaixo um misto de reclamação e de comentários sobre os raros momentos de descanso e prazer.

Por essa eu não esperava, mas dei cumprimento à ordem, e só depois (queres crer nisso?) [...] Só depois desta faina tive licença de pensar no estômago e de comer alguma coisa.

Explico-me melhor.

Quando os paraguaios apareceram eram 8 e meia; a guarnição tomava o seu almoço e eu saboreava minha canequinha de café.

Às 9h trocamos os primeiros tiros e logo uma bala de 32 arrombou a nossa cozinha, que é no convés, arrojando caldeira e panelas pela borda a fora.

Depois disso estivemos todos a postos, e, se os marinheiros aproveitavam os intervalos de peleja para roerem alguma bolacha guardada no bolso da calça, o mesmo não podia eu fazer⁴⁴⁹.

As imagens da íntima convivência com a morte e dos recorrentes embaraços diários são recuperadas no esteio da memória, instância pensada como operação seletiva que evidencia lembranças e que são buscadas intencionalmente em detrimento ao esvair proposital ou não, do ato de esquecer.

Infeliz navio!

O que presenciei e o que me contaram é tão constritor que não me animo a passar adiante...

Quero mesmo apagar da minha memória o que vi e o que soube [...]

Só te direi que sobre o convés, em meio de uma grossa camada de sangue coagulado, encontrei estendidos pêle-mêle os cadáveres dos 30 bravos que haviam sustentado a luta com os ferozes assaltantes.

Reparado à la diable um grande escaler, foram aí acomodados os corpos desses heróis, e a reboque do meu conduzi primeiro à atracar à Araguay para receber os meus dois mortos e um contingente sob o comando do

⁴⁴⁸ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 51-52.

⁴⁴⁹ Idem, ibidem, p. 55-56.

Alferes Conrado de Aguiar, a quem incumbi de inhumá-lo na margem do Chaco⁴⁵⁰.

No trecho acima, o tom de dramaticidade é claro. O autor mostrou a invasão da canhoneira *Parnahyba* pelos paraguaios. A embarcação afundou nas águas rasas do Riachuelo. Tal cena causou grande impacto na mente de Hoonholtz, levando-o a desejar que aquele episódio fosse expurgado de sua memória.

O comandante elogiou os gestos de humanidade por parte dos brasileiros ao tratamento dado aos paraguaios: “e por um desses rasgos de generosidade brasileira”⁴⁵¹. O memorialista Teffé tranquilizou os prisioneiros de guerra, informando-os que os combatentes brasileiros “não fuzilam e nem degolam seus prisioneiros”⁴⁵².

As fontes esclarecem algumas relações sociais vivenciadas pelo alto oficialato da Marinha. As reclamações contra o Almirante Barroso são registradas. Para Hoonholtz, seu comandante mostrava-se arrogante e utilizava sua patente para desprezar e diminuir seus comandados.

Sem replicar girei sobre os calcanhares e saía aborrecido, chocado por aquele modo desamável, quando Barroso acrescentou: “E não se esqueça de mandar-me a parte do seu navio e que seja curta, sem circunlóquios.

Essa visita ao Amazonas foi uma decepção.

Na véspera, quando recebíamos em comum o batismo de fogo, eu esquecido dos atritos anteriores, admirei-o e vitoriei-o...

E ele que me via de cabeça alta no meu posto perigoso sorriu-me ao passar, mas foi um lampejo, um riso fugaz, pois 24 horas depois, em vez de abraçar-me, falou-me no mesmo diapasão de sempre, de chefe que tinha atravessado na garganta desde o pedido que eu o fizera em Buenos Aires ao Almirante Tamandaré para transferir o navio de meu comando da sua divisão para a do Segundino Gomensoro [...] Zangou-se [...]

É boa! Mas é que Segundino comandava a vanguarda e eu não queria ficar na bagagem!

Não importa; sirvo ao meu país e não a Chefes, nem Almirantes [...]

Aproveitando o intervalo de calma em que minha presença não se tornava necessária na tolda descí à minha câmara (arejada por um rombo tão grande como a vigia) e comecei a escrever a parte dos sucessos da ante-véspera resumindo aqui, suprimindo acolá períodos inteiros, para não cair nos tais circunlóquios proibidos⁴⁵³.

As rotinas nos exercícios de combate são mencionadas: “o meu navio não fica um momento parado, ao passo que os demais dão tempo às suas guarnições reuoposarem”⁴⁵⁴. Se o

⁴⁵⁰ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 58-59; 78.

⁴⁵¹ Idem, ibidem, p. 62.

⁴⁵² Idem, ibidem.

⁴⁵³ Idem, ibidem, p. 80-83.

⁴⁵⁴ Idem, ibidem, p. 82-83.

cansaço parecia afligir o autor, ele insistiu em apontar: “não te posso dizer se estive vivo ou morto desde às 7 da noite de quarta-feira, 14, até às 7 da manhã de quinta, 15, do mês”⁴⁵⁵. Hoonholtz comentou que seu estado de estafa não seria alterado “tal que mesmo a Mme Linch podia ter vindo até cá cobri-me de beijos que eu não acordaria”⁴⁵⁶.

A construção cotidiana de sentimentos patrióticos foi celebrada numa curiosa alegoria. O autor decepcionou-se com a morte de um leitão, que serviu de alimento para a tropa, porque o animal ao morrer, grunhiu de medo. Hoonholtz então desaprovou o banquete. Para ele, homens valorosos e corajosos não poderiam degustar um ser vivo que revelou ser covarde ao grunhir.

Depois lembrei-me de um leitão que eu comprara numa goleta, em Maio, ao subir, e que destinava a um jantar com os camaradas Álvaro e Barbosinha no dia de Sto Antônio.

Desagradável notícia me deu o Mestre Bernardo:

No próprio dia 13, a segunda bala de Bruguez arrancando-nos um pedaço da amurada levou de rojo o leitão que a ela se arrimara a grunhir de medo!

Era pois um covarde esse chanchó, e portanto indigno de ser comido por três rapazes como nós [...]”⁴⁵⁷.

O autor reconheceu os esforços de seus subordinados na defesa patriótica, no entusiasmo dispensado por eles. O reconhecimento servia à lembrança daqueles que arriscaram suas vidas no *front*. A fonte indica que algumas relações sociais seguiam a lógica da mutualidade.

Não direi que excederam a minha expectativa, por que eu nunca os supus menos bravos e menos entusiastas do que se mostraram em tão longas horas de perigo sério, mas peço-te que guardes os seus nomes como de valentes que se colocaram muito acima dos elogios da pragmática”⁴⁵⁸.

Defendemos a tese que a identidade brasileira foi elaborada no cotidiano dos combates. Longe de ser unanimidade, o patriotismo também sofria abalos proporcionados tanto por decisões tático-estratégicas equivocadas quanto em virtude de questões individuais que se chocavam com os interesses governamentais.

As **Memórias do Barão de Teffé**: Batalha Naval do Riachuelo apresentam esta fronteira. Hoonholtz vinculou a atuação brasileira na Guerra do Paraguai ao ato justo e

⁴⁵⁵ HOONHOLTZ, Luiz Von, Barão de Teffé. Op. cit., p. 82-83.

⁴⁵⁶ Idem, ibidem, p. 98-99.

⁴⁵⁷ Idem, ibidem, p. 100.

⁴⁵⁸ Idem, ibidem, p. 113.

necessário da defesa patriótica. Os sentimentos de pertencimento foram vividos dia a dia; a identidade é elaborada no calor da guerra.

Patriotismo a parte, Hoonholtz apresentou momentos no quais a guerra se mostrava como espaço de fluidez quanto aos esforços dispensados pelos beligerantes. Dor, sofrimento e escassez causavam oscilações no que se relaciona à justiça da guerra. Em qual medida o sentir-se pátria não esbarrava nas intenções particulares e suscitava comportamentos e atitudes contrárias às noções de unidade e coesão apregoadas pelo Império brasileiro?

Na busca por elementos sócio-históricos que orientem na tentativa a compreensão da identidade brasileira no conflito platino iniciamos a análise do **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** escrito por Manuel Carneiro da Rocha⁴⁵⁹.

O **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** possui características comuns às **Memórias do Barão de Teffé**. Ambos os autores (Luiz Von Hoonholtz e Manuel Carneiro da Rocha) foram testemunhas oculares da guerra, vivenciaram e presenciaram acontecimentos, narrando e emitindo suas opiniões sobre os embates no rio da Prata.

No tocante às estruturas narrativas detectamos algumas diferenças. Ao passo que as **Memórias Barão de Teffé** foram escritas exclusivamente sobre a batalha naval do Riachuelo e seus desdobramentos, o **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** apresenta a participação da Marinha Brasileira nos combates contra o Paraguai no ano de 1866.

O diário possui como mote narrativo o registro cotidiano dos acontecimentos que o autor julgou pertinente, trazendo lembranças que acreditou significantes. O Capitão-Tenente Manuel Carneiro da Rocha começou suas anotações em 08 de fevereiro de 1866 finalizando-as em 31 de dezembro do mesmo ano.

Além dos aspectos cotidianos da guerra, Carneiro da Rocha estabeleceu uma pertinente associação entre o tempo histórico (cronológico) e o tempo da natureza (regido pelos desígnios climáticos). Para os combatentes, membros da Esquadra Brasileira em guerra contra o Paraguai, esta relação entre tempos marcou suas fainas.

Marc Bloch anuncia que o tempo é matéria-prima da História e deve ser pensado relativamente, conectado com as dimensões sociais, políticas e intelectuais que movem as relações sociais. Antes abstrata e desordenada, a ideia de História refletida sob este viés ganha força e atitude⁴⁶⁰. Para tanto, a noção de tempo histórico apresentada no **Diário da**

⁴⁵⁹ Manuel Carneiro da Rocha (1833-1894) foi nomeado em 1865 ajudante-de-ordens do Almirante Tamandaré, primeiro comandante-em-chefe da Esquadra brasileira em operações no rio da Prata. Em 1866 comandou a canhoneira *Itajaí*, na incumbência de realizar expedição de reconhecimento no alto do rio Paraná (MENDONÇA, 1999: 7).

⁴⁶⁰ BLOCH, Op. cit.

Campanha Naval do Paraguai 1866 nos ajuda a perceber qual a relação que os beligerantes que atuaram no conflito platino estabeleciam com o passado.

A importância dos desígnios naturais sob a vida dos membros da Marinha Brasileira em luta no *front* parece evidente no **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866**. A navegabilidade das embarcações brasileiras dependia dos índices pluviométricos da região platina, pois os navios eram estruturados para condições oceânicas. A densa vegetação e a presença de trechos alagadiços ocasionavam reveses. Sem contar com o desconhecimento da hidrografia e geografia paraguaias.

Manuel Carneiro da Rocha registra em seu diário uma série de informações úteis para o estudo da Guerra do Paraguai. A movimentação no interior e exterior dos navios; o tratamento dado a doentes e feridos; as dificuldades das intempéries naturais; os quadros cotidianos do conflito; as relações sociais entre os membros da Marinha e do Exército Brasileiro, além de comentários sobre as perdas humanas após os combates.

O trecho a seguir mostra que Manuel Carneiro da Rocha possuía informações privilegiadas sobre os resultados das batalhas, indicando a quantidade de mortos e feridos. Por tratar-se de um diário, a primeira informação que consta na documentação é o dia, acompanhado do mês e ano do acontecimento narrado.

Quarta-feira de Cinzas, 14 de fevereiro de 1866.
Ocuparam-se os navios durante o dia em receber carvão.
Encontramos no hotel com um ajudante-de-campo de Mitre, chamado Castiglioni, que deu a notícia de ter o Exército argentino no ataque do dia 31 perdido 211 praças (fora de combate), 21 oficiais, e mais dois chefes mortos e o coronel Conessa (contuso) e os paraguaios perdido 814 soldados⁴⁶¹.

A descrição dos elementos naturais é constante no diário do Capitão-Tenente Rocha. Nesta fonte, a natureza regia a vida a bordo. Os antigos homens do mar que se viram obrigados a combater em rios travavam uma contenda diária contra as imprevisíveis manifestações naturais.

Quarta-feira, 21 de fevereiro de 1866.
Ao meio-dia entramos em Corrientes, tendo passado por entre navios, que com entusiasmo saudaram o Almirante, tendo a gente nas vergas⁴⁶². As músicas tocaram hinos; e a oficialidade sobre os passadiços não cessava de

⁴⁶¹ ROCHA, Manuel Carneiro da. **Diário da Campanha Naval do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999, p. 23.

⁴⁶² **Verga** (ê) – *s.f.* Peça longa de madeira, tubo de aço ou perfil de alumínio, de seção geralmente cilíndrica que, atravessadas ou articuladas em mastro ou mastaréu, destina-se a receber uma vela e também para içar bandeiras e sinais e instalar luzes e antenas. In: CHERQUES, Sérgio. **Dicionário do Mar**. São Paulo: Globo, 1996, p. 533.

cumprimentar aquele que vinha em pessoa participar dos trabalhos e fadigas da guerra.

O navio esteve cheio; escaleres⁴⁶³ atracaram conduzindo chefes, comandantes, oficiais, etc. A esquadra Argentina, composta de quatro vapores, igualmente fez continência.

A noite fuzilou muito, e ameaçou trovoadas fortes. A guarnição dormiu a postos⁴⁶⁴.

O uso de termos específicos à atuação profissional em navios é patente. Aquela linguagem unia a população embarcada. Os sinais visuais e linguísticos colaboravam para a construção de espaços que deveriam ser compartilhados, deles dependiam os relacionamentos, a definição de estratégias e a própria sobrevivência.

Para Michel de Certeau, a linguagem define a própria historicidade, integra as experiências históricas. As maneiras de agir e de falar brotam nos ambientes nos quais as vivências estabelecem “distinções”⁴⁶⁵ e “conexões”⁴⁶⁶, “acumuladas pela experiência histórica e armazenadas no falar de todos os dias”⁴⁶⁷.

A linguagem colaborou para construir as relações sociais a bordo. Os modos de falar e agir evidenciavam certas diferenciações entre os aspectos da corporação Marinha e de outros segmentos sociais que se comunicam às suas maneiras, como por exemplo, os profissionais do Exército. A linguagem maruja é traço da identidade marinheira, o reconhecimento entre os pares da Marinha é praticado por meio de corpo linguístico próprio.

Manuel Carneiro da Rocha atuou como ajudante-de-ordens⁴⁶⁸ do Almirante Tamandaré. Por isso, suas ações são citadas recorrentemente, de forma a pontuar sua importância no comando da Esquadra, enaltecendo seus atos heróicos: “foi o Almirante ouvir missa no Amazonas”.

Além de seus superiores, os combatentes deviam homenagear os personagens da realeza brasileira. Comemorou-se a bordo o aniversário natalício de Dona Januária (irmã do imperador D. Pedro II). Aquela cerimônia indicava a obrigatoriedade no cumprimento de rituais enaltecedores à Nação.

Estivemos embandeirados nos topes por ser o dia do aniversário natalício da Princesa Dona Januária. Acompanharam no embandeiramento os navios

⁴⁶³ **Escaler** – *s.m.* Embarcação miúda de boca aberta, movida a remos e que serve para fazer a ligação do navio com a terra e também. como salva-vidas [...]. In: CHERQUES, Sérgio. Op. cit., p. 238.

⁴⁶⁴ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 30.

⁴⁶⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 69.

⁴⁶⁶ Idem, *ibidem*.

⁴⁶⁷ Idem, *ibidem*.

⁴⁶⁸ **Ajudante-de-ordens** – *s.m.* Oficial, geralmente do posto de capitão-tenente, que desempenha certas funções de auxiliar pessoal de um diretor geral ou comandante de força naval. In: CHERQUES, Op. cit., p. 37.

argentinos. À tarde saiu o Vapor Voluntários da Pátria águas abaixo, a fim de ver se podia aliviar alguns dos vapores que se acham encalhados. Continua o rio a abaixar. À noite houve invasão de mosquitos⁴⁶⁹.

Na última linha do trecho anterior, o Capitão- Tenente Manuel Carneiro da Rocha mostrou sinais da intervenção das forças naturais nas rotinas da guerra. As condições de navegabilidade dos rios platinos se converteram em temática de registro.

Outro assunto importante esteve relacionado às doenças e epidemias que assolaram os brasileiros nos campos de batalhas. As condições naturais do território paraguaio, as precárias técnicas de higiene e a escassa e pobre alimentação contribuíram para dizimar parcela significativa dos beligerantes.

Domingo, 13 de maio de 1866.

Tempo bom, vento N. Às 8h30min houve missa a bordo do Apa, Ocuparam-se os vapores em passar a cavalaria do general Flores. O rio parou de baixar, parecendo querer crescer. Nada houve de extraordinário no Exército. Tem aparecido diversos casos de febre nos navios da Esquadra. [...] A bordo do Apa cresceu o número de doentes de febres de ontem para hoje [...]

Sábado, 9 de junho de 1866.

[...] Às 11h desceu o Vapor General Osório com o Almirante; às 11h30min foi águas abaixo Parnaíba. Este navio foi limpar o porão e refrescar na Ilha do Cerrito, por ter aparecido grande número de doentes de febres, chegando a 40! Ontem faleceu a bordo dele um imperial [...] ⁴⁷⁰.

Algumas medidas paliativas foram tomadas para conter o avanço indiscriminado de enfermidades. Em virtude das avarias nas embarcações, os porões se umedeciam, favorecendo à proliferação de doenças. Limpá-los seria uma tentativa de reverter a ação de insetos e substâncias nocivas à saúde dos embarcados.

O autor informou a existência de hospitais de campanha improvisados e que atendiam somente alguns ferimentos e enfermidades: “foi a tarde o Almirante a terra, visitou o hospital em construção”⁴⁷¹. As vítimas mais graves eram enviadas ao Rio de Janeiro. Na cidade de Montevideú foi construído um hospital de sangue para tratar os doentes da guerra.

Apesar de relativa estrutura hospitalar montada pelos aliados, o número de óbitos foi elevado. O autor mostrou imagens da guerra onde a dramaticidade e o sofrimento são acentuados. A presença da morte parecia competir para a elaboração de tais marcas: “[...]”

⁴⁶⁹ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 48

⁴⁷⁰ Idem, ibidem, p. 111-113.

⁴⁷¹ Idem, ibidem, p. 45.

indo ver depois o Conselheiro Antônio Manuel de Melo, encontrou-o – cadáver! Vítima de uma febre e diarreia, sucumbiu [...]”⁴⁷².

Carneiro da Rocha comentou sobre a presença de práticos estrangeiros provenientes da região platina. O conhecimento dos atalhos e armadilhas fluviais era indispensável para o sucesso nas ações de guerra.

Ao contrário do Barão de Teffé que questionou a atuação daqueles pilotos (principalmente os argentinos) na condução dos navios, Carneiro da Rocha não revelou contrariedade quanto ao comparecimento de práticos de outras nacionalidades a bordo das embarcações brasileiras.

Vem de passagem um velho Lourenço, de origem espanhola, morador no Paraguai, que conhece os caminhos por terra e água. Tem ele filhos e parentes. Ofereceu-se para vaqueano, dizendo falar o Guarani. Vem mais o prático João Muniz D’Almeida, que foi prisioneiro em Corumbá, e súdito espanhol⁴⁷³.

As bruscas mudanças climáticas da região platina voltaram a preocupar o Capitão-Tenente Carneiro da Rocha. As transformações da natureza (baixas temperaturas e excesso de chuvas) alteravam os ânimos dos guarnecidos. Além disso, a Esquadra Brasileira possuía, em sua maioria, navios de grande calado inapropriados para a navegação fluvial.

Terça-feira, 20 de fevereiro de 1866.
Céu nublado, vento NE, horizonte azulado. Às 9h passamos pelo Empredado, vendo-se o povoado um pouco dentro no alto da barranca. Às 10h principiou a chover, quando passávamos pelas barrancas de Mercedes. Às 10:40 passamos pelo lugar onde estabeleceram baterias os paraguaios; às 11h viu-se o casco do Vapor Marquês de Olinda encalhado sobre a margem do outro lado⁴⁷⁴.

As rotinas no interior dos navios também foram apresentadas. Algumas reuniões entre o alto comando da Marinha e do Exército eram realizadas a bordo. Aqueles encontros visavam estabelecer estratégias que combinassem avanços bélicos combinados. A seguir, Carneiro da Rocha nos apresentou alguns personagens que atuaram naquelas conversas.

Quinta-feira, 22 de fevereiro de 1866.
Tempo chuvoso, vento E. Às 2h tocou-se a postos, e até as 6h da manhã esteve toda guarnição de pé, inclusive o Almirante e o Estado-Maior.

⁴⁷² ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 45.

⁴⁷³ Idem, ibidem, p. 124.

⁴⁷⁴ Idem, ibidem, p. 29.

Chegou o Vapor Provedor com o General Flores, o Ministro do Governo em Buenos Aires e o secretário do Mitre, Lafuente. Foi um escaler buscá-los e a bordo almoçaram com o Almirante. Veio o Chefe Barão do Amazonas, que junto com o Almirante e Estado-Maior foram cumprimentar o Governador Evaristo Lopes em terra. Vieram a bordo diversos chefes, e comandantes de navios. [...] Veio a bordo o Major Peixoto, de parte do general Osório, saber quando pretendia o Almirante ir ao acampamento⁴⁷⁵.

Raros momentos de lazer e entretenimento também foram pontuados. No dia 25 de fevereiro de 1866 houve grande concorrência na bateria, onde tocava uma banda militar. Em alguns domingos os capelães navais rezavam missas, de forma a acalantar os combatentes.

Num domingo, 11 de junho de 1865 ocorria a batalha naval do Riachuelo. Ainda em 02 de março de 1866, seus despojos preocupavam os dirigentes da Marinha Brasileira: “foi encalhar a Belmonte em terra, um pouco adiante da bateria, para consertar alguns rombos causados pelas balas paraguaias no combate de 11 de junho”⁴⁷⁶.

A alternância entre tensões e descontrações uma vez mais é tematizada. A bordo foi organizada festa por ocasião do aniversário da imperatriz, reunindo oficiais de ambas as Armas. As reverências se deram em nome do imperador, em louvor ao Exército e a Marinha e ao povo brasileiro, demonstrando que o conflito foi utilizado como estímulo para a adoção de sentimentos patrióticos⁴⁷⁷.

Quarta-feira, 14 de março de 1866.

Ao nascer do sol embandeiraram em arco todos os navios da esquadra. Veio a bordo o General Osório. Vários dos comandantes vieram cumprimentar o Almirante, por ser aniversário do nascimento da S. M. A. Imperatriz.

[...] Às 5 horas houve grande jantar, ao qual assistiram o Conselheiro Otaviano, General Osório, chefes Alvim e José Maria Rodrigues, Coronéis Resin e Pinto de Almeida, Azeredo Coutinho, Major Carvalho, e várias pessoas que acompanham o Otaviano, ao todo 28 talheres.

Houve diversos brindes, sendo o primeiro às S.S.M.M. Seguiram-se outros ao Exército e à Armada, ao povo brasileiro, aos voluntários da pátria, à “ciência e força” reunidas nos dois generais de mar e terra e ao diplomata. Às 8 horas, concluído o banquete e ameaçando trovoadas, todos os convivas se retiraram⁴⁷⁸.

Apesar de convidativa distração, as intempéries da natureza continuaram preocupando o Capitão-Tenente Carneiro da Rocha, o tempo nublado e o “horizonte enfumaçado”⁴⁷⁹

⁴⁷⁵ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 34.

⁴⁷⁶ Idem, ibidem, p. 39.

⁴⁷⁷ Idem, ibidem, p. 51.

⁴⁷⁸ Idem, ibidem, p. 51.

⁴⁷⁹ Idem, ibidem, p. 57.

anunciavam dificuldades. Quando a natureza anunciava certa trégua, logo surpreendia: “tempo claro, calma e muito calor”⁴⁸⁰.

A intensa atividade bélica esteve presente na narrativa do dia 10 de abril de 1866. O autor aponta que houve “fogo de fuzilaria”⁴⁸¹ contra digno número de embarcações paraguaias, objetivando o aprisionamento dos fugitivos.

Quinta-feira, 10 de abril de 1866.

Desceram os vapores Chui e Henrique Martins, com 24 paraguaios feridos que foram para o 11 de Junho, e 14 prisioneiros. Mais tarde veio o Voluntário com o prisioneiro Capitão João Romero, que havia se entregado a um oficial nosso na ilha. Soube-se que a expedição foi de 50 canoas com 200 homens cada uma, e mais duzentos de cavalaria.

Na ilha ficaram 300 fora de combate, entre mortos e feridos, da primeira Divisão que havia saltado. Aprisionaram-se 300 armas de 17 (pesadas). Dos nossos, 106 feridos e calcula-se 30 mortos, por se terem ido bater corpo a corpo fora das trincheiras! [...] Disse mais, que é pouca a nutrição e o número de doentes e mortos diariamente é considerável. Durante o fogo, uma bateria de terra atirou sobre os nossos pequenos vapores, felizmente só houve um homem ferido levemente na Henrique Martins [...] Quatro das canoas, que iam para baixo, foram tomadas com 8 cadáveres, e um ainda com um ferido, além dos que seriam levados para terra, pelas outras que puderam alcançar a praia⁴⁸².

No trecho acima, algumas particularidades da guerra nos chamam atenção. São comentários relativos à escassez de alimentos e a mortandade proporcionada pela lógica da guerra, crueza que aumentava com seu próprio discorrer.

As rotinas e estratégias militares são temas recorrentes. O autor apresentou o resultado das ações da Marinha Brasileira: “o paraguaio retirava-se debaixo de fogo, paralelamente à praia, por dentro d’água às vezes”⁴⁸³.

Além de reiterar a condição climática da região platina e condicionar o cotidiano às lógicas naturais, o Capitão-Tenente insistiu em informar as baixas paraguaias e os despojos de guerra adquiridos pela Marinha.

Terça-feira, 17 de abril de 1866.

Tempo nublado, vento pelo S, horizontes carregados. Ao nascer do sol foi clareando o tempo, que ficou lindo e fresco.

Soube-se que, durante a noite, foi o nosso Exército atacado por uma força de pouco mais ou menos três mil paraguaios a qual foi repelida, deixando duas peças de calibre 3, marca (Maria I), com todos os seus pertences, munições, e muito armamento.

⁴⁸⁰ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 59.

⁴⁸¹ Idem, ibidem, p. 78.

⁴⁸² Idem, ibidem, p. 79.

⁴⁸³ Idem, ibidem, p. 84.

Às 7h e 30min foi o Almirante com o Estado-maior para o Ipiranga, onde mandou subir todos os vapores que estavam na margem paraguaia aos quais, tomando posições próximas ao Itapiru, principiaram a atirar sobre ele e sobre o campo, onde se viam paraguaios⁴⁸⁴.

De acordo com o autor, “ainda hoje encontrou-se pelos matos paraguaios feridos, alguns mortos; calcula-se ao todo de 500 a 600 mortos”⁴⁸⁵ cena que distoava de um ambiente natural de “tempo bom”⁴⁸⁶ e “temperatura agradável”⁴⁸⁷, registrada numa imagem que nos remete à dupla e contraditória sensação: natureza provedora convivendo com a presença da morte.

Após o ataque paraguaio à vanguarda aliada numa região conhecida como Estero Bellaco próxima à fortaleza de Humaitá, o memorialista apontou as baixas brasileiras e uruguaias “os feridos 400, mortos 100, e da Divisão Oriental 200 a 300 fora de combate, o que faz o total de 700 a 800”⁴⁸⁸. Carneiro da Rocha mostrou aquele revés de sofrimento “o acampamento principia a estar impestado, com tantos animais mortos, carne podre, lagoas sujas”⁴⁸⁹.

No dia 14 de maio de 1866, os paraguaios comemoraram a emancipação política de seu país: “diz que estes tiros da madrugada eram em honra ao aniversário da Independência”⁴⁹⁰. Estes festejos agiam como suspensões da animosidade que o conflito proporcionava.

A inexperiência militar das tropas brasileiras em luta contra o Paraguai mostrou-se visível “nada houve de extraordinário no Exército, que continua parado depois de ter avançado uma légua no dia 20”⁴⁹¹. Essas acomodações foram fruto dos desencontros entre os comandantes do Exército e da Marinha que não concordavam quanto às estratégias de guerra.

Ao passo da inatividade, a natureza deixou de expor-se gentil e voltou a afligir os embarcados: “ao pôr-do-sol era grande o frio”⁴⁹², trazendo consigo enfermidades: “continuam a grassar febres na Esquadra. A bordo da Itajaí existem 34 doentes”⁴⁹³.

O resultado final de alguns combates intrigou o autor em sua exposição do desfecho da batalha de Tuiuti (24 de maio de 1866). Carneiro da Rocha contabilizou os saldos daquele

⁴⁸⁴ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 85.

⁴⁸⁵ Idem, ibidem, p. 87.

⁴⁸⁶ Idem, ibidem.

⁴⁸⁷ Idem, ibidem.

⁴⁸⁸ Idem, ibidem, p. 101.

⁴⁸⁹ Idem, ibidem.

⁴⁹⁰ Idem, ibidem, p. 112.

⁴⁹¹ Idem, ibidem, p. 121.

⁴⁹² Idem, ibidem.

⁴⁹³ Idem, ibidem.

encontro: “nossa perda foi de 900 a mil feridos e 300 a 400 mortos”⁴⁹⁴. Os paraguaios sofreram séria derrota: “houve uma grande vitória, ficando em nosso poder seis peças, seis bandeiras e cinco a seis mil homens fora de combate, além de alguns prisioneiros”⁴⁹⁵.

Talvez objetivando valorizar o sucesso obtido pelas tropas brasileiras, o autor elogiou os esforços paraguaios na batalha de Tuiuti, que apesar do infortúnio insistiram na defesa de seu território. Carneiro da Rocha, a exemplo do Barão de Teffé, também aquilatou seus adversários, revelando que não se tratava de uma guerra qualquer, mas de uma contenda realizada contra um inimigo respeitável.

Domingo, 03 de junho de 1866.

Vi hoje a bordo do Apa um troféu da Batalha do dia 24, que atesta o valor dos paraguaios e o patriotismo com que se batem! Um soldado do 7º de linha lutando com um paraguaio que trazia a bandeira em uma lança, enquanto procurava matá-lo, ele rasgava a bandeira em pedaços, resistindo aos golpes, de modo que, quando caiu, apenas restava um pequeno pedaço de filete amarrado a lança!⁴⁹⁶.

O Capitão-Tenente Rocha é repetitivo ao indicar o denodo de todos os envolvidos na guerra, reforçando a valentia e a coragem: “de parte a parte houve muita bravura”⁴⁹⁷.

O desejo em registrar momentos que julgava memoráveis levou o memorialista a apresentar as comemorações organizadas em função do aniversário da batalha naval do Riachuelo. No dia 11 de junho de 1866, “às 8h houve missa no Apa, em ação de graças, por tão assinalada vitória!”⁴⁹⁸.

No dia 07 de setembro de 1866, foi comemorado o aniversário da independência brasileira. As festividades contaram com a presença de bandas de música que tocaram as salvas homenageando a data cívica⁴⁹⁹. Para Manuel Luis Salgado Guimarães⁵⁰⁰ estas comemorações possuíam a função de produzir uma história pátria cujo exercício era baseado numa constante exaltação. Lembra-se para comemorar, documenta-se para festejar.

O aniversário natalício do imperador D. Pedro II foi celebrado no interior das embarcações. Carneiro da Rocha descreveu intensa atividade em virtude daquela data comemorativa (02 de dezembro de 1866): “banquete no navio capitânea, salva de tiros e organização de missa. Como representante máximo do governo imperial, D. Pedro II

⁴⁹⁴ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 124.

⁴⁹⁵ Idem, ibidem, p. 34

⁴⁹⁶ Idem, ibidem, p. 132.

⁴⁹⁷ Idem, ibidem, p. 200.

⁴⁹⁸ Idem, ibidem, p. 140.

⁴⁹⁹ Idem, ibidem, p. 228.

⁵⁰⁰ GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. Op. cit.

configurou-se como importante personagem da guerra. Manuel Carneiro da Rocha comentou que os paraguaios respeitaram as festividades e não pegaram em armas”⁵⁰¹.

O Capitão-Tenente Rocha informou várias rotinas diárias nas embarcações brasileiras e as maneiras pelas quais a guerra alterava o transcorrer das relações sociais vivenciadas no dia a dia. Percebemos este cenário em ambiente de “tempo nublado, vento Sul e Sudoeste fresco e muito frio, ar incômodo”⁵⁰², mas também: “soube ter sido ontem à tarde pescado involuntariamente um *torpedo*, a bordo da Araguari, pelo doutor, que com um anzol pretendia pescar algum peixe”⁵⁰³.

Para melhor dimensionar aquela espécie de espetáculo é oportuno trazer dois trechos do **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** que conduzem o entendimento em torno das formas pelas quais o cotidiano fabricava atitudes relacionadas à guerra. No primeiro momento, Manuel Carneiro da Rocha revelou espanto, num segundo instante o conflito ganhou contornos de dramáticos.

Segunda-feira, 25 de junho de 1866.

[...] Coisa extraordinária! Há três dias uma bomba de 68 caindo sobre a barraca (carpa) do General Flores, incendiou-a, sem lhe haver tocado, nem feito menor mal! Estava ele tomando mate quando isso sucedeu.

Quarta-feira, 27 de junho de 1866.

Tempo nublado, vento NO fraco, frio. Às 4 horas da manhã ouviu-se um grande estampido na vanguarda, semelhante a um tiro. Às 5h e 30min passou um escaler da Araguari águas abaixo, rebocando um casco mergulhado, e como fosse grande a correnteza, outros escaleres largaram para ajudar no reboque. Estando quase a submergir-se o casco, rebocaram-lo para o lado do Chaco, onde se viu que havia sido um iate, ou lanchão despedaçado, por efeito de explosão, pelos vestígios encontrados. Mais tarde, trouxe um escaler do Brasil a reboque uma canoa quebrada, apanhada pelo Beberibe, dentro da qual achou-se alguma roupa, pedaços de crânio, cabelos ensangüentados etc. O que tudo induz a crer que a dita canoa trazia a lancha com o torpedo, que arrebentou antes do tempo, ocasionando a morte aos que vinham remando. Que horrível decepção!⁵⁰⁴.

Aquelas imagens causaram frustração no autor do **Diário**. A indignação demonstrada é sinal importante das interações sociais experienciadas nos campos de batalha. Os vínculos entre os indivíduos e os sentimentos que nutriam por suas pátrias foram guiados pela proximidade do contato com a morte. Ao mesmo tempo em que a vitória unia e animava, as perdas decepcionavam e enfraqueciam a vontade dos combatentes.

⁵⁰¹ ROCHA, Manuel Carneiro da. Op. cit., p. 315.

⁵⁰² Idem, ibidem, p. 150.

⁵⁰³ Idem, ibidem.

⁵⁰⁴ Idem, ibidem, p. 154 e 156.

Carneiro da Rocha comunicou o encontro entre brasileiros e um sobrevivente paraguaio “que trazia pano encarnado sobre o corpo e barrete de couro”⁵⁰⁵. Naquele dia, 05 de junho de 1866, aquele soldado trouxe informações sobre o estado das tropas comandadas por Solano López: “o trabalho é muito, que a ração é somente de carne em pouca quantidade, que há muito desgosto e fadiga”⁵⁰⁶.

No trecho seguinte, o autor forneceu um quadro da interferência do tempo natural no cotidiano dos embarcados e de que maneira tais desígnios afetaram suas rotinas.

Sexta-feira, 27 de julho de 1866.

Ao pôr-do-sol grande mudança viu-se no céu e horizontes! Fuzis por toda a parte; às 5h e meia parecia noite, o céu era escuro. Às 6h desabou tremenda trovoadas, com copiosa chuva de pedra, vento S duro. O navio aprofundou para baixo e pareceu garrar; nada se via enquanto o fuzil não mostrava seu clarão. O Vapor Presidente acendeu fogo, mostra ter mudado de posição.

Quarta-feira, 1 agosto de 1866.

Ainda não vi durante oito horas consecutivas a trovejar tanto, as descargas de fuzis eram sem cessar em todas as direções, parecia que a tempestade, uma vez caída, levaria tudo por diante. O quadro era horrível! O ruído de um combate, com a artilharia e fuzilaria, não faria tanto estrondo⁵⁰⁷

O autor preferia o estampido dos canhões ao retumbar dos raios e trovões. As condições climáticas se convertiam em inimigos devido à inexperiência em combates fluviais: “a pouca correnteza do rio, a falta de proteção da Esquadra, a altura da margem, à sombra da qual viriam as canoas, e a certeza que só um dos vapores é de guerra”⁵⁰⁸.

Uma vez mais, Carneiro da Rocha queixou-se da inércia da guerra apesar de: “tempo excelente, temperatura agradabilíssima”⁵⁰⁹ iam-se completados “14 dias que aqui estamos isolados, esperando prático”⁵¹⁰.

O torpor assinalado pelo autor foi quebrado em 22 de setembro de 1866, na batalha de Curupaiti, instante na qual as tropas aliadas sofreram graves perdas. Carneiro da Rocha transpareceu desconfiança quanto às informações paraguaias relativas ao quantitativo de mortos.

Nas passagens que se seguem apresentamos vários assuntos referentes ao conflito platino nas páginas do **Diário da Campanha Naval do Paraguai - 1866**: a relação dos

⁵⁰⁵ ROCHA, Manuel Carneiro de. Op. cit., p. 164.

⁵⁰⁶ Idem, ibidem.

⁵⁰⁷ Idem, ibidem, p. p. 186 e 191.

⁵⁰⁸ Idem, ibidem, p. 189.

⁵⁰⁹ Idem, ibidem, p. 197.

⁵¹⁰ Idem, ibidem.

beligerantes com o tempo natural, a descrição de elementos cotidianos, sinais de comportamentos patrióticos e a opinião revanchista contra os paraguaios.

Domingo, 11 de novembro de 1866.

O rio cresce extraordinariamente. Veio o Voluntário da Esquadra. Trouxe a notícia de ter-se apanhado, vindo águas abaixo, uma garrafa lacrada, contendo cinco semanários, em dos quais era feita a descrição da vitória do dia 22. Dava oito mil homens mortos dos aliados e 50 paraguaios. Louva o Tenente Ortiz, por ter metido uma bomba dentro da casamata do Tamandaré. Publica promoções e condecorações na Ordem do Mérito para os bravos do dia 22.

Diz ter o povo um álbum ao López, para nele ser escrita a história da guerra.

Quinta-feira, 15 de novembro de 1866.

O rio cresce sempre, parecendo querer subir a barranca. O ruído dos camarões debaixo d'água parece o de um vapor quando lança gás fora. É este o sinal característico da enchente do rio Paraguai⁵¹¹.

O **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** escrito por Manuel Carneiro da Rocha, Capitão-Tenente da Esquadra Imperial em operações nos rios platinos foi encerrado assim: “paraguaios estiveram hoje calados; penso que quiseram respeitar o último dia do ano”⁵¹².

O ano de 1866 terminou e aproveitamos para encaminhar algumas reflexões sobre os aspectos históricos e sociais do conflito platino no **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866**. Quais os encaminhamentos que o autor desta fonte exibiu para a compreensão dos processos que geraram sentimentos de pertencimento à Nação? Como as identidades individuais e coletivas experimentadas durante a guerra criaram a identidade nacional brasileira?

Vários Brasis podem ser visualizados, um país em guerra atuando contra um inimigo num território desconhecido. As indecisões quanto aos rumos e as estratégias bélicas se derivaram de questões pessoais no comando da guerra. As instâncias pública e privada se misturavam, intenções particulares esbarravam em anseios coletivos.

Os indivíduos se encontravam pressionados pelas dificuldades do conflito: as intempéries naturais, as recorrentes inatividades, a constância da morte, as enfermidades e doenças e a longevidade da contenda contribuiram para desequilibrar os anseios do governo imperial em utilizar a guerra como motivo para a construção de percepções coesas e uniformes da identidade nacional brasileira.

⁵¹¹ ROCHA, Manuel Carneiro de. Op. cit., p. 294 e 298.

⁵¹² Idem, ibidem, p. 344.

Assim, passamos ao estudo do diário nomeado **Campanha do Paraguai**⁵¹³ escrito por Artur Silveira da Mota⁵¹⁴ (Barão de Jaceguai) e que contém uma série de observações sobre a participação da Marinha Imperial no conflito platino, no período compreendido entre 08 de fevereiro de 1866 a 23 de fevereiro daquele ano. Na época, o autor atuava como secretário do Visconde de Tamandaré, comandante-em-chefe da Esquadra em operações contra o Paraguai.

A exemplo do **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866**, escrito por Manuel Carneiro da Rocha, as informações registradas por Artur Silveira da Mota se referem basicamente ao ano de 1866. Tal peculiaridade serve para estabelecer um quadro comparativo sobre as opiniões que ambos autores emitiram sobre a atividade da Esquadra Imperial no conflito platino.

A análise dos fragmentos nos fornece sugestões da possível interferência do cotidiano bélico na adoção de sentimentos patrióticos e na emolduração de compostos identitários. As linhas do diário de Artur Silveira da Mota indicam que a guerra colaborou para o fortalecimento da identidade nacional? Ou houve instantes de discordância ao encaminhamento do governo imperial no que se relaciona à política adotada durante a guerra?

O diário **Campanha do Paraguai** em semelhança ao **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** retrata dia após dia entre 08 de fevereiro e 23 de dezembro de 1866 as ações da Marinha Brasileira no conflito platino. Podemos notar que os autores utilizaram o termo **Campanha**⁵¹⁵ para designar o conjunto de atividades desenvolvidas pela instituição que representavam.

As primeiras páginas da **Campanha do Paraguai** mostram as subdivisões dos comandos da Marinha Brasileira naquele momento, além de listar o nome das embarcações e de seus respectivos comandantes no início de fevereiro de 1866. Artur Silveira da Mota

⁵¹³ Esta fonte compõe a obra **De Aspirante a Almirante (1858 a 1870)**: minha fé de ofício documentada, tomo I, composta pelo Almirante Artur Jaceguai e publicada pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha em 1984. Trata-se de uma série de documentos: diários, correspondências e comentários que pretendem retratar a atuação profissional de Artur Jaceguai na Marinha brasileira.

⁵¹⁴ Artur Silveira da Mota nasceu em São Paulo em 1843 e faleceu no Rio de Janeiro em 1914. Almirante, historiador e memorialista começou sua carreira na Marinha aos 15 anos de idade na Escola Naval do Rio de Janeiro. Na Guerra do Paraguai participou como ajudante-de-ordens e secretário do Visconde de Tamandaré, comandando três embarcações (*Ivaí*, *Barroso* e *Nichteroy*). Em 1907 foi eleito para a sexta cadeira da *Academia Brasileira de Letras*. Informações obtidas no sítio: <http://www.naviosdeguerrabrasileiros.hpg.ig.com.br/J/J004/J004-NB.htm>. Acesso em 19 de abril de 2011.

⁵¹⁵ No **Dicionário do Mar** (CHERQUES, Sérgio, Op. cit., p. 135) o verbete *Campanha* foi apresentado de duas formas: “s.f. **1.** Tempo mais ou menos longo que uma ou mais embarcações ficam no mar pescando. **2.** Variação de companhia// **Campanha naval** – Série de operações navais sistematizadas por um plano no tempo e no espaço predeterminado, contra um certo inimigo”. A segunda concepção é útil para este estudo, mesmo porque se aproxima do entendimento que os autores navais deram às suas narrativas militares.

contabilizou vinte e seis navios em operações nos rios platinos, salvaguardados por quatro divisões navais chefiadas pelo Estado-Maior da Esquadra⁵¹⁶.

O autor iniciou a narrativa comentando que “a atmosfera estava carregada, ameaçando tormenta⁵¹⁷”. Apesar do reclame, o secretário do Visconde de Tamandaré, informou as ações de seu superior: “o Almirante vai por à testa⁵¹⁸ da Esquadra⁵¹⁹”, revelando “encetar hostilidades ativas contra o Paraguai, isto é, proteger a passagem do grande Exército aliado⁵²⁰”.

As menções ao componente climático e natural do conflito são reiteradas neste diário. Enquanto membros da Esquadra, tanto Artur Silveira da Mota quanto Manuel Carneiro da Rocha ressaltaram o papel dos desígnios da natureza sobre o cotidiano da tripulação em guerra.

Nos primeiros dias de março de 1866 a “atmosfera⁵²¹ manteve-se “clara⁵²², favorecendo a navegabilidade. No dia 12, o tempo se altera, a “atmosfera encontrava-se nublada⁵²³. Vários são os trechos em que o autor informou encontros entre militares do Exército e da Marinha no intuito de estabelecer critérios para operações combinadas.

Dia 13 – Atmosfera clara. Calor. Calma. Achando-se na cidade o General Osório, o Almirante foi visitá-lo. Ao pôr do Sol, entrou em Buenos Aires, o Paquete brasileiro *Cisne*, trazendo a seu bordo o Conselheiro Otaviano, o qual foi imediatamente para terra, onde conferenciou com o Almirante e o General Osório⁵²⁴.

A inexperiência dos tripulantes brasileiros em direcionar suas embarcações nos rios do Prata também foi evidenciada pelo autor: “foi encalhada em uma praia a Canhoneira *Belmonte* para reparar o rombo que recebera abaixo da linha d’água no combate do Riachuelo⁵²⁵”.

Nesse ínterim, apesar da retenção proposital visando o conserto daquele navio, outros beligerantes sofreram com o desconhecimento da hidrografia e das condições de navegabilidade fluviais: “encalhou o *Voluntário da Pátria*, indo em proteção dele o *Henrique*

⁵¹⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. **De aspirante a almirante**: minha fé de ofício documentada. tomo I. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1984, p. 71-73.

⁵¹⁷ “**Tormenta** – *s.f.* Tempestade de longa duração que, no mar, levanta grandes ondas”. (CHERQUES, Sérgio, Op. cit., p. 505); JACEGUAI, Op. cit., p. 73.

⁵¹⁸ “**Testa** – *s.f.* 7. Frente ou vanguarda de uma coluna” (CHERQUES, Sérgio, Op. cit., p. 500).

⁵¹⁹ JACEGUAI, Op. cit., p. 73.

⁵²⁰ Idem, *ibidem*.

⁵²¹ Idem, *ibidem*, p. 79.

⁵²² Idem, *ibidem*.

⁵²³ Idem, *ibidem*.

⁵²⁴ Idem, *ibidem*, p. 80.

⁵²⁵ Idem, *ibidem*, p. 78.

Martins, o qual também encalhou. Conseguiu-se depois de muito trabalho, desencalhar a ambos”⁵²⁶.

A dramaticidade da narrativa se manteve quando o autor apontou as cenas de guerra ocorridas no dia 29 de março de 1866. A força do espaço cotidiano confirmava sua vontade em apresentar um embate justificável.

À meia-noite, os escaleres da 2ª Divisão fizeram presa de uma chata que descia de Humaitá com 30 ou 40 homens, os quais saltaram para a terra e fizeram fogo de fuzilaria contra os ditos escaleres, mas, aproximando-se as Canhoneiras⁵²⁷ *Ivaí* e *Araguari*, que fizeram fogo de metralha para o mato, obrigaram os paraguaios a fugir. Na chata encontraram-se sete espingardas, com as competentes patronas cheias de munição⁵²⁸.

A intensa atividade contrastou com implacabilidade climática “muito calor durante o dia. O inimigo não fez movimento algum”⁵²⁹. Entre marasmos e dias quentes, “continua o tempo fresco, o rio cresce, muita cerração durante o dia”⁵³⁰. As adversidades naturais no *front* preocupava o autor: “o termômetro fez 30° de diferença, de ontem para hoje. A temperatura baixou de 90° Fahrenheit a 60°”⁵³¹.

Gleny Guimarães traz as observações da filósofa Agnes Heller sobre a constituição da vida cotidiana como instância impositiva de “normas perante o sujeito”⁵³², que ameaçam, controlam e desafiam os direitos de escolha, retirando a plena autonomia do sujeito.

Nesse sentido, a lógica da guerra desfavorecia os beligerantes, pois direcionados por sentimentos patrióticos se anularam na tentativa de defender suas pátrias. O trecho abaixo dimensiona essa reflexão aqui aventada.

Passou-se um soldado paraguaio, que se apresentou a bordo da *Araguari*. Confirma o que têm dito todos os outros a respeito do Exército de López. Diz que López prometeu medalha especial aos soldados que tomarem um encouraçado⁵³³ de abordagem; que há um regimento de cavalaria resolvido a

⁵²⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., p. 82.

⁵²⁷ “**Canhoneira** – *S.f.* 3. Navio de combate de emprego fluvial com pouca borda-livre e pequeno calado, armado com um ou dois canhões de médio calibre e também com armas automáticas” (CHERQUES, Sérgio, Op. cit., p. 137).

⁵²⁸ JACEGUAI, Op. cit., p. 89.

⁵²⁹ Idem, ibidem, p. 87.

⁵³⁰ Idem, ibidem, p. 89.

⁵³¹ Idem, ibidem, p. 88.

⁵³² GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Op. cit., p. 50.

⁵³³ “**Encouraçado** – *s.m.* Navio de combate dotado de grande potência ofensiva, baseada em canhões de grosso calibre e protegido com pesada blindagem no casco, convés, superestruturas e torres [...] (CHERQUES, Sérgio, Op. cit., p. 227).

tentar esta empresa, e que no caso de não poderem tomar o navio, o incendiarão, para o que deverá cada soldado levar duas granadas de mão⁵³⁴.

O diário **Campanha do Paraguai** funcionou como espécie de “narrativa da nação”⁵³⁵, fornecendo “uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários e eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação”⁵³⁶.

Essa faceta da identidade nacional é patente no trecho seguinte, onde Artur Silveira da Mota descortinou o cenário da guerra e ressaltou as pretensas vicissitudes brasileiras, colaborando para indicar um inimigo repleto de fragilidades morais.

Calcula-se que tivemos 160 ou 180 fora de combate, sendo apenas uma pequena parte mortos. As perdas dos paraguaios, entre mortos e feridos, prisioneiros e afogados, calcula-se em 900 homens. Até às 8 horas, não se tinha recebido a parte oficial do Tenente-Coronel Cabrita, que se achava na ilha, porque este bravo oficial, que havia dirigido a ação e dado uma jornada tão gloriosa ao nosso exército, no momento em que redigia a parte em um lanchão que estava atracado à ilha, foi vítima de uma bomba de calibre 68 do Forte Itapiru que, arrebentando sobre sua mesa, o matou instantaneamente, assim como ao ajudante do Tenente-Coronel, Major Sampaio, e feriu ainda o secretário do Tenente-Coronel Cabrita. Tenente Carneiro da Cunha⁵³⁷.

Os conteúdos dos diários e das memórias navais da Guerra do Paraguai foram escritos para delimitar as fronteiras identitárias, auxiliando na constituição de uma “cultura nacional”⁵³⁸ que atuava como “fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação”⁵³⁹.

Para tanto, a ideia de Nação brasileira divulgada naquelas fontes se caracterizava pela tentativa em unificar os indivíduos “numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”⁵⁴⁰.

A convivência de identidades coletivas em jogo proporcionou o solapamento desta integração, pois o uso da guerra como elemento agregador não revelou sinais de pleno sucesso, mesmo porque as consequências do conflito contribuíram enormemente para evidenciar solidariedades identitárias que forçaram o fim do regime monárquico, como é o caso da participação de grupos militares na Proclamação da República (1889).

⁵³⁴ JACEGUAÍ, Op. cit., p. 88.

⁵³⁵ HALL, Stuart. Op. cit., p. 52.

⁵³⁶ Idem, *ibidem*.

⁵³⁷ Idem, *ibidem*, p. 91.

⁵³⁸ Idem, *ibidem*, p. 58.

⁵³⁹ Idem, *ibidem*.

⁵⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 59.

Stuart Hall nos convida à reflexão dos processos constitutivos de determinadas coletividades: “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres dos jogos de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas”⁵⁴¹. A orientação do autor é discutir estas relações sociais como “sendo deslocadas”⁵⁴², identificando as maneiras como a cultura nacional costurou “as diferenças numa única identidade”⁵⁴³.

Assim como no **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** de Manuel Carneiro da Rocha as menções à lógica temporal guiada pelas forças da natureza é constante nos escritos elaborados por Artur Jaceguai: “logo que desembarcou a primeira expedição de nossas tropas caiu forte pampeiro seguido de copiosa chuva que durou até o anoitecer”⁵⁴⁴.

A atuação do memorialista do **Diário da Campanha Naval do Paraguai 1866** é apresentada por Jaceguai, seu irmão de armas (os grifos são meus): “às nove horas da manhã, o Tenente-Coronel Carvalho e o Ajudante-de-Ordens **Carneiro da Rocha** hastearam a bandeira brasileira nas ruínas de Itapiru”⁵⁴⁵.

Marcar o território paraguaio com símbolos nacionais se transformava numa ação demarcatória que reforçava os sentimentos de pertencimento nacional. Confirmar a vitória mediante a explicitação de emblemas pátrios indicava a apresentação dos valores sociais e culturais postos em jogo, civilização para uns, barbárie para outros.

O tema do nacionalismo no século XIX é discutido por Eric Hobsbawm quando apresentou algumas teses sobre as bases constitutivas do conceito de Nação e principalmente os escopos históricos que foram divulgados como atributos nacionais, ou seja, as inclusões e as exclusões admitidas ou não por determinados grupos sociais que tomaram para si a construção das identidades nacionais⁵⁴⁶.

Hobsbawm pontuou seu estudo sobre as nações e os nacionalismos como “uma abordagem que concede atenção particular às mudanças e às transformações do conceito, especialmente em relação ao fim do século XIX”⁵⁴⁷. Antes de compreender a Nação como um atributo inato aos indivíduos, o autor esclarece: “conceitos, certamente, não são parte de

⁵⁴¹ HALL, Op. cit., p. 65.

⁵⁴² Idem, ibidem.

⁵⁴³ Idem, ibidem.

⁵⁴⁴ Idem, ibidem, p. 94.

⁵⁴⁵ Idem, ibidem, p. 95.

⁵⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁵⁴⁷ Idem, ibidem, p. 18.

discursos filosóficos flutuantes, mas são histórica, social e localmente enraizados e, portanto, devem ser explicados em termos destas realidades⁵⁴⁸.

Nesse sentido, Hobsbawm valeu das observações de E. Gellner, retirando alguns encaminhamentos para a compreensão dos elementos socio-históricos envolvidos na elaboração dos sentidos e entendimentos de Nação e de nacionalismo. A primeira diretriz aponta para a necessidade de congruência da unidade política e territorial com valores, costumes e traços étnicos grupais⁵⁴⁹.

O segundo direcionamento se refere às características da Nação “como entidade social originária ou imutável”⁵⁵⁰. Hobsbawm discordou da naturalização do conceito de Nação, entendendo esta ambiência social articulada como artefato e produto de uma engenharia social específica. O nacionalismo “toma culturas preexistentes e as transforma em nações, algumas vezes as inventa e frequentemente oblitera as culturas preexistentes”⁵⁵¹.

O terceiro item do desenvolvimento argumentativo de Hobsbawm encaminha a questão nacional como uma “intersecção da política, da tecnologia e da transformação social”⁵⁵². Para ele, “as nações e seus fenômenos associados”⁵⁵³ devem ser compreendidos a partir de “condições econômicas, administrativas, técnicas, políticas e outras exigências”⁵⁵⁴.

O quarto e último elemento analítico apresenta a discussão dos arcaços constitutivos da Nação a partir de uma perspectiva dual. Ou seja, considerar que algumas das bases nacionais foram construídas “essencialmente pelo alto”⁵⁵⁵, mas no entanto, não podem ser compreendidas sem ser analisadas de baixo⁵⁵⁶. Assim, devemos ser sensíveis às “esperanças, necessidades e interesses das pessoas comuns”⁵⁵⁷, que por vezes não se mostram “necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas”⁵⁵⁸.

Essa visão de baixo, isto é, a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas de movimentos nacionalistas (ou não nacionalistas), mas sim pelas pessoas comuns que são o objeto de sua ação e propaganda, é extremamente difícil de ser descoberta. Felizmente os historiadores sociais aprenderam como investigar a história das idéias, das opiniões e dos sentimentos no plano sublitério, de modo que hoje estamos mais seguros de não confundir

⁵⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. Op. cit., 2002, p. 18.

⁵⁴⁹ Idem, ibidem, p. 18-19.

⁵⁵⁰ Idem, ibidem, p. 19.

⁵⁵¹ Idem, ibidem.

⁵⁵² Idem, ibidem.

⁵⁵³ Idem, ibidem.

⁵⁵⁴ Idem, ibidem.

⁵⁵⁵ Idem, ibidem, p. 20.

⁵⁵⁶ Idem, ibidem.

⁵⁵⁷ Idem, ibidem.

⁵⁵⁸ Idem, ibidem.

– como os historiadores habitualmente faziam – os editoriais de jornais escolhidos com a opinião pública. Com certeza não sabemos muito. Todavia estas três coisas estão claras⁵⁵⁹.

As “três coisas”⁵⁶⁰ mencionadas por Hobsbawm podem ser assim resumidas: (1) as ideologias de caráter oficial divulgadas por Estados e movimentos sociais não podem ser encaradas como absolutas; (2) a identificação nacional, enquanto bloco de atributos de uma Nação específica, nem sempre se apresenta superior à significativa quantidade de “identificações que constituem o ser social, e, (3) a própria identificação nacional carrega intensas implicações, que por sua vez se deslocam no tempo, não raro “em períodos muito curtos”⁵⁶¹.

No que se refere à Guerra do Paraguai, acreditamos que a chamada consciência nacional se desenvolveu durante os confrontos de forma desigual entre os grupos sociais ali representados. Essa diversidade de espaços de sociabilidade e suas origens constitutivas “foram notavelmente esquecidas no passado”⁵⁶².

De volta à análise do diário da **Campanha do Paraguai**, as operações combinadas entre o Exército e a Marinha no *front* se mostraram escamoteadas no que se relacionava às frequentes inatividades nas quais a guerra recaía.

Dia 20 – Continuam o Exército e a Esquadra nas mesmas posições. Ontem à noite, tivemos a lamentar a grande desgraça na vanguarda do nosso exército. Dois batalhões brasileiros se bateram supondo-se inimigos, resultando a morte de nove soldados e muitos feridos. Proveio este equívoco o batalhão que se achava na frente de uma descarga de uma força paraguaia pela retaguarda. Às 17 horas, rompeu de novo o fogo e, segundo dizem alguns soldados vindos da frente, as nossas peças haviam sido retomadas, e tomadas três do inimigo. O campo está juncado de cadáveres inimigos.

O inimigo deixou mais de 500 mortos no campo. Entre mortos e feridos, não tivemos mais de 400 a 500 homens.

Dia 3 – Bom tempo. Conservou-se o Exército nas posições avançadas que havia ontem ocupado. Durante a noite e hoje todo o dia se estiveram pensando os feridos brasileiros, orientais e paraguaios⁵⁶³. (JACEGUAÍ, 1984, p. 96 e 101).

Os beligerantes iam padecendo, seja por ferimentos de combate ou em virtude da ausência de higiene, de alimentação regular e pela significativa proliferação de doenças

⁵⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. Op. cit., 2002, p. 20.

⁵⁶⁰ Idem, ibidem.

⁵⁶¹ Idem, ibidem.

⁵⁶² Idem, ibidem, p. 21.

⁵⁶³ JACEGUAÍ, Op. cit., p. 96 e 101.

contagiosas, fatores registrados por Jaceguai: “a temperatura esteve agradável durante o dia. Há na Esquadra muitos casos de disenteria e alguns de icterícia”⁵⁶⁴.

Esse cenário bélico foi igualmente registrado sob matizes semelhantes pelo Barão de Teffé e pelo Tenente-Coronel Carneiro da Cunha em seus registros memorialísticos. As tropas do Exército foram igualmente afligidas por enfermidades sérias: “continua a epidemia de febres intermitentes na Esquadra e no Exército”⁵⁶⁵.

Detalhes sobre a utilização de algumas embarcações da Marinha Imperial como navios-hospitais e como transportes de doentes foram mencionados. Os destinos dos enfermos: (1) a capital uruguaia, Montevidéu, local onde foi construído um hospital de campanha para o tratamento dos feridos, e, (2) a própria cidade do Rio de Janeiro, após a avaliação e a gravidade dos ferimentos de guerra.

Dia 18 – Saiu para Corrientes o Vapor *Duque de Saxe*, conduzindo alguns oficiais doentes da Esquadra, o Comandante Garção e o Comandante Tamborim. Estes dois foram se informar dos gêneros e material da Esquadra, existentes em depósito, assim como da escrituração geral, em consequência de se retirar doente para Montevidéu o Chefe Barão de Amazonas⁵⁶⁶.

Entre mortos e feridos, podemos perceber vários comentários sobre a postura e o ânimo dos soldados paraguaios durante a guerra, além de informações sobre o tratamento dispensado pelo presidente López aos seus compatriotas, comportamento que chamou atenção do autor:

Todos dizem que os paraguaios estão em geral convencidos de que vamos ser derrotados, apesar de que o exército de López não tem mais de 5 mil bons soldados de infantaria.

Todos os mais são velhos, meninos ou doentes.

Não há mais medicamentos no exército paraguaio. Os feridos são abandonados⁵⁶⁷.

O autor continuou sua narrativa ao apresentar as ações bélicas desenvolvidas na batalha de Tuiuti. Naquele instante, a guerra se caracterizava por intensos momentos de embate, caracterizados por tomadas de posições estratégicas. Doratioto denominou aquela fase do conflito como “guerra de posições”⁵⁶⁸.

⁵⁶⁴ JACEGUAI, Op. cit., p. 99.

⁵⁶⁵ Idem, ibidem, p. 105.

⁵⁶⁶ Idem, ibidem, p. 106.

⁵⁶⁷ Idem, ibidem, p. 102-103.

⁵⁶⁸ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 214.

Dia 24 – Os exércitos aliados preparavam-se para fazer um reconhecimento das posições do inimigo, a fim de dar-se a batalha decisiva no dia 24 de maio, aniversário da independência dos Estados do Prata.

O reconhecimento devia ter lugar às 2 horas da tarde. Os paraguaios, porém anteciparam-se, e, ao meio-dia, atacaram, com todo o seu exército (16.900 homens), os exércitos aliados, sendo grandes forças de cavalaria sobre o flanco direito (Exército argentino), infantarias, cavalarias e artilharia sobre o centro, e uma forte coluna de infantaria e cavalaria sobre a esquerda (Exército Brasileiro). Esta coluna inimiga chegou até nossa retaguarda, e esteve a pequena distância de nossas carretas de munições; mas foi depois completamente destroçada⁵⁶⁹.

O meio ambiente próximo a Tuiuti mostrava-se inapropriado para “operações ofensivas”, em virtude de sua pedologia arenosa e a frequência de inundações. Após a vitória aliada aquele espaço foi utilizado para a construção de um acampamento de guerra. A batalha de Tuiuti, 24 de maio de 1866, foi o maior confronto travado até então na América do Sul. Os recursos materiais e humanos empregados naquele combate impressionam: 24 mil soldados paraguaios, contra 32 mil aliados (21 mil brasileiros, 9700 argentinos e 1300 uruguaios)⁵⁷⁰.

O saldo da batalha foi descrito por Doratioto⁵⁷¹. Sua impressão sobre os flagelos daquele embate merecem ser reproduzidos por seu teor significativo, dimensionando bem as dificuldades e os sofrimentos vivenciados durante a guerra.

O terreno ficou coalhado de cadáveres paraguaios, em distância superior a três quilômetros, e em tal quantidade que nem todos puderam ser sepultados. Eram tantos os mortos que, após 48 horas enterrando-os, os soldados brasileiros, exaustos, estavam longe de terminar a tarefa. Para evitar doenças decorrentes da putrefação, os cadáveres inimigos foram empilhados, em montes de cinquenta a cem corpos, e incinerados, já de noite. Uma testemunha descreveu que o fogo começou a arder pelas camadas inferiores desses montes, com as labaredas, alimentadas pela gordura dos corpos, crescendo e envolvendo toda a pirâmide de cadáveres. Explodiam cartuchos de munição que estavam na roupa dos cadáveres, os crânios e, conforme aumentava a intensidade da fogueira, membros dos cadáveres se moviam⁵⁷².

Em outro trecho, Jaceguai revelou a deserção de um paraguaio que repassou informações sobre o estado das tropas guaranis e do presidente López. Jaceguai salientou a convocação de paraguaios, incitados a lutar contra os aliados.

Passou-se um soldado de infantaria paraguaio, o qual evadiu-se de Curupaiti, em uma canoa; chama-se Valentim Garay e diz pertencer ao 4º Batalhão de

⁵⁶⁹ JACEGUAI, Op. cit., p. 108.

⁵⁷⁰ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 214 e 217.

⁵⁷¹ Idem, ibidem, p. 221.

⁵⁷² Idem, ibidem.

Infantaria, que se acha de guarnição em Curupaiti; diz também que nesta fortificação há mil homens de guarnição, entre infantes e artilheiros, 25 peças de artilharia, sendo três de calibre 80, duas de calibre 24 e as outras de diversos calibres; que os paraguaios que vêm lançar torpedos dizendo que fizeram estragos nos navios; que, na primeira explosão de torpedo, foram vítimas quatro soldados; que López tem chamado às armas 10 mil paraguaios; que há muitos torpedos nos passos do rio preparados por um estrangeiro, em Curupaiti, que López, Berges, o Bispo, o engenheiro húngaro Wissener e Madame Linch estão no Passo, meia légua distante do Curupaiti⁵⁷³.

Ao reafirmar suas opiniões sobre Solano López, Jaceguai comentou o encontro do daquele com Venâncio Flores, presidente uruguaio e aliado do Brasil e da Argentina na guerra contra o Paraguai. Para o autor, López utilizava-se da dissimulação para atingir seus objetivos e convencer Flores da justeza de seus atos.

López, dizendo ao General Flores que havia empreendido esta guerra para salvar a independência do Estado Oriental, o General Flores respondeu-lhe que ninguém prezava mais a independência de seu país do que ele mesmo, e que o Brasil era o seu aliado mais sincero e a única nação da América Meridional que sabia cumprir os tratados⁵⁷⁴.

Jaceguai insistiu em revelar as características comportamentais de Solano López, acrescentando a relação dos soldados brasileiros com seus inimigos. No trecho que se segue, a narrativa pode conduzir a interpretação da pretensa bondade brasileira no tratamento aos inimigos. Aqui, o conflito parecia ser justificado contra as intenções exclusivas do presidente paraguaio e não necessariamente aos seus concidadãos.

Consta mais que López dissera que havia declarado ao povo paraguaio que, como os aliados diziam que a guerra era a ele exclusivamente que se fazia, e não à nação paraguaia, ele se considerava como o último dos paraguaios, no caso de sua nação preferir sustentar a guerra, como prefere, conservando-o à testa de seus exércitos. Os soldados brasileiros foram levar bolachas e farinha às trincheiras dos paraguaios, o que seduziu a estes e fez passar-se um bom número deles para o nosso lado. Então, o General paraguaio Bruguez comunicou isto a López, em um ofício que López apresentou ao General Mitre, e este mandou ao General Polidoro, para que se devolvessem os paraguaios que já tivessem passado, o que fez imediatamente⁵⁷⁵.

Jaceguai acreditava que a reunião de Iataití-Corá foi um subterfúgio para Solano López ganhar tempo e se recuperar das perdas anteriores. As trincheiras de Curupaiti foram reforçadas no período em que ocorreu a conferência entre as lideranças envolvidas no

⁵⁷³ JACEGUAI, Op. cit., p. 117.

⁵⁷⁴ Idem, ibidem, p. 130.

⁵⁷⁵ JACEGUAI, Op. cit., p. 130.

conflito. Doratioto discorda dessa argumentação dizendo: “se o objetivo fosse o de ganhar tempo, Solano López teria dissimulado sua resposta, pedindo alguns dias para estudar as condições de paz, em lugar de rechaçá-las”⁵⁷⁶.

Ao passo que a batalha de Tuiuti (24 de maio de 1866) é considerada a maior vitória aliada no conflito, o embate de Curupaiti (22 de setembro de 1866) provocou o maior número de feridos e mortos entre brasileiros, argentinos e uruguaios. Jaceguai nos informou as perdas: “o nosso exército teve cerca de 2 mil homens fora de combate e os argentinos, outros tantos”⁵⁷⁷.

Além dos efeitos práticos e morais do revés em Curupaiti, a derrota não fora bem recebida nos “círculos políticos no Rio de Janeiro”, aventando-se, inclusive, a assinatura de um acordo de paz com Solano López. No entanto, D. Pedro II estava disposto a levar a guerra até a última batalha, ameaçando abdicar ao trono caso sua vontade não fosse acatada⁵⁷⁸.

Para Salles, “a guerra nunca foi completamente popular”⁵⁷⁹, mesmo com o decreto que criou o corpo de Voluntários da Pátria (07 de janeiro de 1865), não houve um estímulo espontâneo “no seio de uma população que sempre fora excluída e desprezada socialmente pelas autoridades e instituições do Império”⁵⁸⁰.

Após a derrota de Curupaiti as tropas aliadas estiveram em estado de inércia durante dez meses, até julho de 1867, estacionadas no acampamento de Tuiuti, diante da fortaleza de Humaitá. Alguns pequenos combates foram travados, as epidemias e as doenças causaram alta mortalidade⁵⁸¹.

Ricardo Salles vê essa imobilidade como sinal de incompetência no comando, de covardia e de interesses comerciais que lucravam com o prolongamento das atividades⁵⁸². Esse historiador reforçou o aspecto insalubre do conflito, comentando as condições da base militar construída em Tuiuti: “foram dois anos de acampamento, amontoando milhares de seres humanos em uma faixa relativamente estreita de terreno, sob fogo de artilharia inimiga”⁵⁸³.

A diuturna convivência com a morte e o sofrimento foi confirmada por Silveira da Mota: “trovoada e depois chuva. Os paraguaios despojaram os cadáveres de nossos soldados e

⁵⁷⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 242.

⁵⁷⁷ JACEGUAI, Op. cit., p. 133.

⁵⁷⁸ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 252.

⁵⁷⁹ SALLES, Ricardo. Op. cit., p. 104.

⁵⁸⁰ Idem, *ibidem*.

⁵⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 158.

⁵⁸² Idem, *ibidem*.

⁵⁸³ SALLES, Ricardo. Op. cit., p. 158.

os lançaram ao rio nus, completamente”⁵⁸⁴. Aqui, a crítica à desumanidade da guerra parece clara “A Esquadra apanhou-os e os mandou enterrar”⁵⁸⁵.

Além das condições meteorológicas que dificultavam os atos da Esquadra nos rios platinos, o desconhecimento das “posições paraguaias”⁵⁸⁶ e o despreparo para novos “desafios militares”⁵⁸⁷ ajudaram a evidenciar alguns dissabores: “caiu ao rio e afogou-se o Primeiro-Tenente José Bernardino de Araújo, às 9 horas e 40 minutos. Era oficial do Magé. Foi muito sentida sua morte em toda a Esquadra. Era um homem de excelentes qualidades”⁵⁸⁸.

A natureza continuava incontinente, provocando sensações desagradáveis no espírito de nosso autor. As narrativas são permeadas também por comentários às ações bélicas e ao estado geral das tropas.

Dia 11 – Tempo chuvoso. Esteve a bordo o General Porto Alegre.

Dia 12 – Tempo chuvoso. Forte trovoadas. Às 7 horas da manhã, os paraguaios fizeram alguns tiros sobre o acampamento, que foram logo respondidos.

Passou-se por um paraguaio, que diz ser escravo e ter vindo do exército do Passo Pucu. Estava bastante magro e faminto. Continua a crescer o rio, extraordinariamente⁵⁸⁹.

Os comentários que Jaceguai emitiu na **Campanha do Paraguai** sobre Solano López são veladamente contrários ao presidente paraguaio. Nesse sentido, o autor não se diferenciou de seus irmãos de armas (Teffé e Carneiro da Rocha) que também culpabilizaram López pelas mazelas geradas pela guerra. No entanto, Jaceguai indicou um ressentimento ainda mais aguçado:

A tudo provê o gênio de Tamandaré: é ele quem fornece os meios de transporte da infantaria e da artilharia brasileiras, por água, pelo Prata e pelo Uruguai, à foz do S. Francisco e depois do Dayman, em frente à Concórdia, onde Mitre reúne e disciplina as forças argentinas; ele vai pessoalmente inspecionar a passagem do Uruguai neste último ponto, onde operam sua junção as forças dos três Estados provocados pelo déspota paraguaio; ao mesmo tempo, ele atende, solícito e impaciente, aos movimentos de Gomensoro, que ao longo do Paraná, opera pelo flanco do invasor, de combinação com a brigada argentina de Paunero. No meio de tanta labuta e das preocupações correlativas, ele toma parte dos diplomatas que protocolizam a aliança de fato das três nações sul-americanas ultrajadas pela

⁵⁸⁴ JACEGUAI, Op. cit., p. 133.

⁵⁸⁵ Idem, ibidem, p. 133.

⁵⁸⁶ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Op. cit., 2002, p. 245.

⁵⁸⁷ Idem, ibidem, p. 245.

⁵⁸⁸ JACEGUAI, Op. cit., p. 135.

⁵⁸⁹ Idem, ibidem, p. 137.

insensatez de Solano López; e corresponde-se com o presidente do Rio Grande do Sul, já ameaçado na fronteira do Alto Uruguai pelo delírio hostil do inimigo mais gratuito que o destino das nações jamais deparou ao Brasil⁵⁹⁰.

Na passagem acima, podemos notar os elogios às atitudes do Visconde de Tamandaré. Para Jaceguai, seu superior reuniu todas as virtudes do bom combatente “servi como secretario e ajudante-de-ordens do Visconde de Tamandaré enquanto **o notável Almirante** conservou-se no Comando-em-Chefe da Esquadra”⁵⁹¹ (grifo nosso).

A indisfarçável admiração do autor por seu chefe é evidenciada ainda quando Jaceguai julgou que Tamandaré estava sofrendo ataques infundados. As palavras do memorialista dão conta de suas intenções (grifo nosso):

Para ser justo, cumpre reconhecer que em nenhuma outra fase de sua **gloriosa vida militar** o Almirante Tamandaré revelou mais superioridade de ânimo, mais elevação de espírito, do que naquela época em que era vítima de pungentes afrontas ao seu imaculado patriotismo e à sua bravura jamais desmentida⁵⁹².

Nos conflitos armados a bravura é uma atitude valorizada. Sua definição, ao contrário, pode sofrer variações históricas significativas, tendo em vista o envolvimento de variados grupos sociais como protagonistas e ou coadjuvantes das guerras.

O enaltecimento à bravura na Guerra do Paraguai remetia aos atributos da coragem, acompanhada pela honra e pela tradição: “os batalhões de voluntários combatiam com a bandeira nacional, e os alferes tinham a incumbência de portá-la e defendê-la”⁵⁹³.

Entre os gritos de “Viva a Nação Brasileira”, dos “suspiros exalados”⁵⁹⁴ em favor da família e da pátria, Salles acredita que essas demonstrações patrióticas nem sempre condiziam com o cotidiano dificultoso da guerra. No entanto, a defesa do país e dos interesses envolvidos no conflito direcionavam “a nobreza do espírito, o desprendimento moral, o culto à bravura e a dedicação à Pátria”⁵⁹⁵.

Ricardo Salles, ao analisar o impacto do conflito sobre a população paraguaia, comenta que “a guerra significou, assim, o sacrificio, por mortes em combate, assassinatos e,

⁵⁹⁰ JACEGUAL, Op. cit., p. 147.

⁵⁹¹ Idem, ibidem, p. 144.

⁵⁹² Idem, ibidem, p. 154.

⁵⁹³ SALLES, Ricardo. Op. cit., p. 133.

⁵⁹⁴ Idem, ibidem.

⁵⁹⁵ SALLES, Ricardo, Op. cit., p. 133.

principalmente, doenças, epidemias e fome, quase total da população”⁵⁹⁶. Salles defende que o conflito atingiu não somente os combatentes, mas seus resultados também geraram sérias dificuldades para os civis.

Para o Brasil, as consequências não foram menos amargas. Como vencedor do conflito, os despojos de guerra para o país foram os seguintes: o esgotamento das finanças públicas, a aceleração do endividamento com bancos ingleses, os relevantes gastos com a constituição de uma Esquadra fluvial e a formação de um Exército destacaram significativos recursos do governo imperial⁵⁹⁷.

Apesar da inicial adesão patriótica aos esforços de guerra, no período exposto na **Campanha do Paraguai**, a guerra ainda estava longe do fim. Esse cenário colaborava para expor as fragilidades do Império Brasileiro para “fazer face às necessidades de uma guerra nacional”, além da urgência na mobilização de recursos materiais, humanos e morais⁵⁹⁸.

Os antagonismos vivenciados durante o conflito evidenciaram “amplos e complexos jogos de pressões, concessões e acomodações entre classes, grupos e corpos sociais”⁵⁹⁹, auxiliando na “criação, recriação”⁶⁰⁰ e no redimensionamento “de práticas, concepções e tradições simbólicas em torno da questão da identidade da nação”⁶⁰¹.

O diário escrito por Artur Jaceguai foi encerrado no dia 23 de dezembro de 1866 com a passagem do comando da Marinha Imperial ao Chefe-de-Esquadra Joaquim José Ignacio. No princípio do conflito, a Esquadra Brasileira era comandada pelo Almirante Tamandaré tendo como secretário o autor da **Campanha do Paraguai**: “retirou-se o Sr. Visconde de Tamandaré no Vapor *Apa*. Acompanha-o o seu secretario. O *Isabel*, em que veio o chefe-de-esquadra, é o navio chefe”⁶⁰².

Silveira da Mota comentou o teor de seu diário e esclareceu seus objetivos ao pontuar os fatos ocorridos na Guerra do Paraguai. Ficou expressa a visão de história defendida por Jaceguai, comprometida com a recuperação da verdade, mesmo que o intenso cotidiano bélico não proporcionasse uma narrativa mais detalhada. Permanece patente a proposta didática da obra, registrar fidedignamente as ações combinadas entre Exército e Marinha no conflito do Prata.

⁵⁹⁶ SALLES, Ricardo. A Guerra do Paraguai, a “Questão Servil” e a Questão Nacional no Brasil (1866-1871). PAMPLONA, Marco Antonio & STUVEN, Ana Maria (org.). **Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 129.

⁵⁹⁷ Idem, ibidem, p. 129.

⁵⁹⁸ Idem, ibidem, p. 130.

⁵⁹⁹ Idem, ibidem.

⁶⁰⁰ Idem, ibidem.

⁶⁰¹ Idem, ibidem.

⁶⁰² JACEGUAI, Op. cit., p. 142.

Entretanto, para escusar-me das falhas desse escrito, posso alegar o motivo irrecusável de só dispor dos rápidos momentos que sobravam de minhas múltiplas obrigações para lançar aquelas anotações passageiras em meu diário íntimo. Tais anotações têm entretanto, um mérito histórico incontestável: o da veracidade; e ninguém melhor do que o secretário do comandante-em-chefe da Esquadra, no centro dos acontecimentos, e em freqüente contato com os generais-em-chefe do exército aliado, podia possuir informações exatas dos acontecimentos que se desenrolavam naquele período, por terra e por água, nas Forças Terrestres e Navais em operações⁶⁰³.

Para tanto, a **Campanha do Paraguai** elaborada por Artur Jaceguai é rica em informações que colaboram para interpretação da Guerra do Paraguai. O dia a dia dos combates, as operações combinadas, a intervenção dos fenômenos naturais no fluir das batalhas, a movimentação das tropas aliadas no *front*, a reunião entre comandantes aliados, o resultado da presença constante de epidemias e doenças entre os combatentes, a convivência com a morte e as oposições ideológicas entre o Brasil, liderado por seu imperador, contra os interesses configurados por Solano López.

A multiplicidade temática nos dirige à compreensão da identidade brasileira como um caleidoscópio, que visto por variados ângulos nos proporciona sofisticados entendimentos. Os excluídos se incluíam, por necessidade nacional, mas ao mesmo tempo eram tratados como desiguais; heróis da Nação que muitas vezes não abriam mão de seus interesses pessoais em detrimento da defesa patriótica. Em suma, antes massificada, una e coesa, a identidade nacional se transmutou numa pluralidade identitária de Brasis representados no cruel jogo da guerra.

Nas próximas linhas, mostraremos os entendimentos da identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai contidas na obra **Reminiscências da Guerra do Paraguai** elaborada por Artur Jaceguai, mesmo autor do diário **Campanha do Paraguai**. Ao passo que a narrativa da **Campanha do Paraguai** se restringiu ao registro das ações brasileiras no *front* no período de comando do Visconde de Tamandaré, as **Reminiscências da Guerra do Paraguai** fornecem quadros históricos mais gerais sobre a participação da Marinha Imperial no conflito platino.

Nossa intenção é mostrar as variadas impressões que o memorialista criou de sua própria atuação nos combates navais, não somente como secretário e ajudante-de-ordens do

⁶⁰³ JACEGUAI, Op. cit., p. 143.

Almirante Tamandaré, mas também como comandante de embarcações. Nesse sentido, perceber diferenciações no que tange os pertencimentos à Nação vivenciados no cotidiano.

A primeira versão das **Reminiscências** é de 1935, sendo publicada novamente em 1982 pelo Serviço de Documentação Geral da Marinha com apresentação e biografia do autor composta pelo Contra-Almirante Raul Tavares. Esse biógrafo de Artur Jaceguai pretendia reforçar a importância deste autor para o estudo da Guerra do Paraguai quando adjectivou: “narrativa preciosa de acontecimentos vividos no palco da guerra. Não apenas limitando-se à descrição desses acontecimentos”⁶⁰⁴.

No longo prefácio da obra, a elevação patriótica é evidenciada quando Raul Tavares logrou as **Reminiscências da Guerra do Paraguai** seu possível lugar de merecimento na literatura sobre conflito do Prata.

Desses ensinamentos, estão repletas as magníficas *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, traçadas pela pena brilhante do saudoso Almirante Artur Jaceguai. Elas não se reduzem a tratar armas, porque, sob o ponto de vista eminentemente político, as *Reminiscências* são um eloqüente repositório de lições proveitosas, que se devem haurir a prol do Brasil atual e futuro, quando soar, outra feita ao longo das nossas fronteiras escancaradas o rufo soluçante dos tambores e o som candente dos clarins marciais. Que elas possam avivar ainda e sempre o patriotismo adormecido nas delícias da paz e na doce e estulta esperança de um novo seio de Abraão⁶⁰⁵.

O prefaciador das **Reminiscências da Guerra do Paraguai** imputou a estes escritos o papel de perpetuar na história brasileira os feitos da Marinha Imperial nos rios do Prata e convertê-la em espécie de modelo de exaltação patriótica às gerações futuras.

No princípio das **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, Artur Jaceguai delineou seu objetivo quanto ao registro das ações brasileiras durante os embates. No trecho a seguir ficam patentes os encaminhamentos narrativos do autor e seu conceito de “reminiscência”.

Devo declarar antes de tudo que, possuindo regular arquivo de documentos da guerra do Paraguai, as minhas *Reminiscências* são meras impressões que se gravaram na memória, e juízos que, com o tempo, cristalizaram-se em meu espírito sobre vultos e acontecimentos que encheram aquele grande cenário histórico e que pude observar de perto no íntimo contato que tive com homens e coisas, além da parte, embora ínfima, que me coube representar⁶⁰⁶.

⁶⁰⁴ TAVARES, Raul. Prefácio. JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982, p. 7.

⁶⁰⁵ Idem, ibidem, p. 51.

⁶⁰⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 53.

Paul Ricouer alerta que a “experiência temporal e a operação narrativa se enfrentam diretamente”⁶⁰⁷ com significante incidência sobre a memória e o esquecimento, tidos como níveis de mediação entre o tempo e a narrativa.

Nas **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, Jaceguai pontuou suas memórias no campo das reminiscências, é no “intervalo de tempo, entre a impressão original e seu retorno, que a recordação percorre”⁶⁰⁸.

Jaceguai admitiu que suas lembranças surgiram sob a égide das subjetividades, à “memória-paixão”, à “recordação-ação”⁶⁰⁹, eximindo-se de possíveis comentários ulteriores sobre a veracidade de suas reminiscências, da correspondência entre elas e os acontecidos.

Nesse sentido, nosso autor e sua obra mostram a memória como “recurso para significar o caráter daquilo de que declaramos nos lembrar”⁶¹⁰. Enquanto a memória é pensada no singular, enquanto capacidade e efetuação, as lembranças se apresentam plurais, fluidas, intensas e desorganizadas⁶¹¹.

Ulpiano Meneses relacionou a memória aos mecanismos de “retenção, depósito e armazenamento”⁶¹², sendo preciso apontá-la como dependente⁶¹³ de atos seletivos e que descartam imagens, ações, símbolos. Para Nora, a memória se converte em objeto da história na medida em que seus “lugares” indicam pontos de condensação, de sentido material, simbólico e funcional dos grupos sociais⁶¹⁴.

Pollak citando Olieven Stein mapeou algumas fronteiras da memória, alertando para a confusa convivência entre a memória coletiva e a memória nacional: “por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, não-ditos”⁶¹⁵. Cabe ao pesquisador perceber as formas de relacionamento “com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente”⁶¹⁶ que nem sempre são “evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”⁶¹⁷.

⁶⁰⁷ RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007, p. 17.

⁶⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 37.

⁶⁰⁹ Idem, *ibidem*.

⁶¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁶¹¹ Idem, *ibidem*.

⁶¹² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras**; São Paulo, 34, 1992, p. 9-24.

⁶¹³ Idem, *ibidem*.

⁶¹⁴ NORA apud MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Op. cit., p.9-24.

⁶¹⁵ STEIN apud POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 8.

⁶¹⁶ Idem, *ibidem*.

⁶¹⁷ Idem, *ibidem*.

Ana Paula Squinello nos sugere que “a memória da guerra não se configura como uma memória patriótica, e sim como uma memória conotativamente política”⁶¹⁸ repleta de sentidos, como instrumento e objeto de poderes, e, por isso, forjando identidades. Poderes simbólicos manipulados “em nome da pátria a glória prevaleceu”⁶¹⁹.

Essa função da memória é latente nos dizeres de Pollak, sua conceituação contribui para o estudo dos registros memorialísticos da Guerra do Paraguai, pois produzidos por membros da Esquadra Imperial podem ser lidos como espécies de “jogos da memória”⁶²⁰ que conferem sentidos às identidades individuais e de grupos.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas, mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis⁶²¹.

A lógica da fluidez temporal provocou em Jaceguai certa discordância quanto à necessidade da guerra, que para ele: “é que choques armados entre nações são sempre desvios errados, arrastamentos fatais que escapam a todos os princípios de religião, de moral e de direito”⁶²².

Ressaltamos que Jaceguai apresentou opiniões diferenciadas em duas obras escritas em momentos diversos. Na **Campanha do Paraguai**, a vivência cotidiana da guerra produziu juízos claros sobre os motivos do conflito. A vingança se mostrava necessária, os interesses brasileiros estavam em jogo e mereciam ser defendidos. Para Jaceguai, a luta era plausível, pois desferida contra um “déspota” e “tirano”.

Nas **Reminiscências da Campanha do Paraguai**, revelam um ex-combatente já descrente quanto aos encaminhamentos da guerra, outrora justificada e imperativa. Anos mais tarde, o memorialista acreditava que os sofrimentos poderiam ser evitados mediante soluções negociadas.

⁶¹⁸ SQUINELLO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai e suas interfaces: memória, história e identidade em Mato Grosso do Sul (Brasil). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2009, p. 8. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>.

⁶¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 8.

⁶²⁰ POLLAK, Op. cit., p. 9.

⁶²¹ Idem, *ibidem*.

⁶²² JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 53.

Esses sentimentos também foram expressos pelo Visconde de Ouro Preto em sua **Marinha D’Outrora** “o que adiante vai escrito refere-se a uma das épocas mais angustiosas e mais brilhantes da História pátria – a da luta ingente, que sustentamos contra o Paraguai”⁶²³. Último representante do gabinete ministerial do Império, Ouro Preto é ao mesmo tempo saudosista, mas igualmente crítico quanto aos resultados da guerra: “sinto consolação e conforto em avivar a lembrança dos atos grandiosos, que praticou outrora o meu país, hoje oprimido e desprestigiado”⁶²⁴.

Jaceguai tomou a missão de defender seu comandante Tamandaré das críticas desferidas contra ele. Nesse caso, seus registros memorialísticos mostram uma função didática. Assim, a escrita da História possui um entendimento propedêutico, fornecer lições aos homens e mulheres do presente e pontuar os elementos do passado que porventura possam guiar as práticas sociais do presente.

É um ponto da história da Guerra do Paraguai que convém esclarecer, por que encerra lições proveitosas a futuros governos e a futuros generais que se acharem em idênticas circunstâncias. A profissão das armas, entre outras desvantagens, tem a de afrontar os preconceitos populares, que exigem do militar investido do comando-em-chefe na guerra, se eleve à altura dos grandes capitães; ou se há-de ser César ou não se passa de João Fernandes. É o dilema do anexam português. É preciso conhecer um pouco a História para saber que os feitos, a bravura, a capacidade e a audácia do Almirante norte-americano, só admitem paralelo com os prodígios praticados pelo gênio de Nelson, o maior de todos os heróis do Oceano⁶²⁵.

Thaís Nívia de Lima e Fonseca aponta as características de “transgressão, sacrifício, morte, salvação e utopia”⁶²⁶ como elementos predominantes na composição representacional dos heróis nacionais. Tamandaré é transformado na narrativa de Jaceguai em indivíduo constituído de qualidades diferenciadas, fator que justificaria sua menção no panteão heroico brasileiro.

Os personagens elencados nas **Reminiscências** de Jaceguai aparecem como detentores de caracteres irretocáveis, tomados como modelos por suas ações. Fonseca associou esses atributos do herói como traços característicos das “mitologias políticas nacionais desde o

⁶²³ OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueiredo. **A Marinha d’outrora**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1981, p. 9.

⁶²⁴ Idem, *ibidem*.

⁶²⁵ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 64.

⁶²⁶ FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. Os heróis nacionais para crianças: ensino de história e memória nacional. In: ROCHA, Helenice, et al. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 116.

século XIX⁶²⁷ que moldaram a construção das histórias nacionais em muitos países da Europa e da América, atuando como “elementos fundadores de suas identidades”⁶²⁸.

A abnegação “torna-se um forte componente na conformação do herói cívico, cujo desprendimento está invariavelmente relacionado a uma causa pelo bem da coletividade”⁶²⁹. Nas memórias nacionais os heróis são selecionados como seres que “nunca pensam em si mesmos, e suas motivações pessoais devem ser condizentes com aspirações em prol de seus semelhantes”⁶³⁰.

No Brasil oitocentista, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era o centro oficial de produção destas narrativas em torno da memória nacional e funcionava como esteio delineador de um perfil determinado de Brasil, sob a orientação de um **projeto nacional** com seus mitos e heróis⁶³¹ (grifo nosso).

Jaceguai direcionou sua admiração ao monarca brasileiro e sua participação na guerra durante a invasão paraguaia do território rio grandense, ainda no princípio da guerra (1865).

Em poucos dias de acampamento comum os contingentes argentinos e orientais, desde o general até o último soldado, sentiam-se pela simplicidade, pela lhanza e pela cordura do monarca brasileiro. Por minha parte confesso que nunca vira, nem antes nem depois, na pessoa de D. Pedro II, tanta força de sedução. Tudo o que havia naquela época com o aspecto mais favorável. A cavalo com seu ponche de gola bordada a ouro e chapéu negro de feltro de largas abas, parecia ser o monarca da cochilha idealizada pela gauchada. Ele não teve sequer o seu batismo de fogo; mas a fleuma com que se aproximava ao alcance do fuzil das trincheiras paraguaias, quando ainda se parlamentava com Estigarribia, foi o bastante para que os circundantes fizessem uma alta ideia da sua coragem⁶³².

As menções ao imperador brasileiro reaparecem numa associação direta entre o Brasil e seu máximo representante político. Os conceitos de Nação e patriotismo são personalizados em sua figura.

O Brasil era uma nação pacífica, aberta ao comércio universal, administrada em todo o seu evoluir pela coesão política, tendo à testa do Governo um monarca enamorado pela sua grandeza, venerado pela sua prudência e bondade e pelo seu espírito liberal, procurava viver à sombra das suas instituições livres e sábias⁶³³.

⁶²⁷ FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. Op. cit., p. 116.

⁶²⁸ Idem, ibidem.

⁶²⁹ Idem, ibidem.

⁶³⁰ Idem, ibidem.

⁶³¹ SOUZA, Adriana Barreto. Um herói para a juventude: o duque de Caxias nas biografias e livros didáticos. In: ROCHA, Helenice, et al. Op. cit., p. 135.

⁶³² JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 67.

⁶³³ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 184.

Pollak aponta os caminhos que potencializam a utilização do conceito de memória como arcabouço teórico nas Ciências Sociais. Para ele, a “emergência de certas lembranças”⁶³⁴ especialmente “a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente”⁶³⁵ gerando possíveis deformações e colaborando para as reinterpretações do passado.

As **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, em linhas gerais alinham nossa percepção para a seguinte fórmula: o conflito como espaço de intenso relacionamento social, onde o cotidiano pressionava a adoção de atitudes que poderiam definir a sobrevivência dos indivíduos, entre a tênue linha que delimita a vida e a morte e no esplendor das experiências de vida.

O autor da **Campanha do Paraguai** e das **Reminiscências da Campanha do Paraguai** nos agraciou com um vivo quadro sobre as temáticas que cercam o conflito platino. As intempéries vivenciadas no *front* principalmente quantos aos aspectos estratégicos e logísticos são apresentadas. Tais elementos também foram evidenciados pelo Barão de Teffé e por Manuel Carneiro da Rocha.

A curiosidade pública nos países empenhados em guerra não perdoa aos generais deixá-la sem o alimento de notícias sensacionais, por espaço de semanas e meses. Não se considerava que o exército aliado em organização na margem direita do Uruguai, com imperfeitíssimas linhas e meios de mobilidade e comunicações, tinha de fazer largas marchas através de Entre Rios e Corrientes para atingir a linha do Paraná sobre a qual teria de iniciar as operações combinadas com a esquadra; não se queria reconhecer que a esquadra que se achava no Paraná, sobretudo depois do desbarato da flotilha paraguaia em Riachuelo, eram mais que suficiente para manter aquele rio em rigoroso bloqueio; fingia-se ignorar que a nossa esquadra nada podia tentar de sério contra as formidáveis defesas do Rio Paraguai; antes de se lhe incorporarem os navios encouraçados encomendados aos estaleiros europeus e em construção no Rio de Janeiro; ninguém parecia aperceber-se de que era preciso criar uma base de operações para a esquadra, nas proximidades do teatro principal de operações, provida de tudo quanto fosse necessário para mantê-la em pé eficiente diante do inimigo, como hospitalização de enfermos e feridos, combustível e munições de boca e de guerra, oficinas de reparações urgentes dos navios, tendo conta a baixa das águas no grande Rio Paraná, a qual muitas vezes intercepta a navegação exceto para embarcações de tonelagem ínfima; ninguém parecia aperceber-se, **repito que ao Almirante cumpria providenciar sobre a grande distância dos centros de recursos dos aliados. Tudo se ignorava, ou se fingia ignorar, para detrair o mérito e os serviços do velho servidor da Nação**⁶³⁶.

⁶³⁴ POLLAK, Michael. Op. cit., p. 8-9.

⁶³⁵ Idem, ibidem.

⁶³⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 72.

As linhas anteriores se prestaram à defesa das ações depreendidas pelo Almirante Tamandaré, considerado por Jaceguai como herói da Nação. O autor julgava que seu comandante não merecia as críticas dirigidas a ele, pois entendia que o chefe da Esquadra estava dispensando todos os esforços para melhorar as condições dos recursos materiais e humanos utilizados na guerra (grifo nosso).

Os sentimentos de Jaceguai ficam ainda mais expostos quando mencionou: “disciplina e o espírito do pessoal da Esquadra eram os melhores possíveis, a despeito das privações que vinha sofrendo havia longo meses”⁶³⁷. Seu desejo em colaborar na defesa de seu país foi pontuada assim: “o afã de recebermos o batismo de fogo. Eu por minha parte, já começava a experimentar o travo das desilusões”⁶³⁸.

As emoções se confundem entre a expectativa da estréia e dos empecilhos diários que o cotidiano da guerra desfraldava: “inexperiência da mocidade! Como se nos combates a glória se repartisse na justa proporção de nossas aspirações, do nosso valor e dos nossos esforços”⁶³⁹.

Algumas das queixas de Jaceguai se relacionaram com alguns desentendimentos oriundos das ações combinadas entre os Exércitos aliados e a Marinha, ambiente que para ele prejudicava o andamento da guerra. O autor inclusive nomeia seu alvo, um general do Exército Brasileiro.

No plano adotado, porém, nem sempre os generais aliados utilizaram ou souberam utilizar a ação conjunta das duas forças, isto é, Esquadra e Exército. Outras vezes, viu-se Exército e Esquadra exigirem um do outro mais do que cada um poderia praticar, razoavelmente, outras vezes cometiam reciprocamente erros devidos, sobretudo, a não se entenderem como deviam para a ação conjunta. Tudo, porém, reconsiderado retrospectivamente, cumpre reconhecer que só em um caso, em toda a guerra, pode-se increpar um dos dirigentes de não haver cooperado para o bom êxito de uma operação importante. Refiro-me à inação do General Polidoro em Tuiuti, por ocasião do ataque a Curupaiti⁶⁴⁰.

Jaceguai responsabilizou os comandantes do Exército pela inércia nas batalhas: “à falta de meios de mobilidade tomada pelo Exército Aliado, os seus chefes eram realmente responsáveis diretos, e também o eram, indiretamente, pela inação da Esquadra”⁶⁴¹.

⁶³⁷ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 75.

⁶³⁸ Idem, ibidem, p. 73.

⁶³⁹ Idem, ibidem.

⁶⁴⁰ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 77.

⁶⁴¹ Idem, ibidem, p. 99.

Noutro momento as batalhas se redimensionaram, antes objetos de censura, as operações entre Exército e Marinha mereceram uma descrição detalhada que remetem aos obstáculos naturais enfrentados no dia a dia.

A metralha da Esquadra ia varrendo a frente da coluna invasora e para que esta não fosse ofendida à medida que ia avançando, o terreno ganho era assinalado à margem do rio por uma bandeira de que era portador um oficial de Marinha, o então Primeiro-Tenente Baltazar da Silveira, hoje Almirante e Ministro da Marinha. Logo após, porém, a marcha de Osório para frente, desabou uma tormenta medonha acompanhada de chuva torrencial que imobilizou os combatentes por mais de duas horas e fez suspender todo o movimento da passagem do rio. Mandado pelo Almirante para saber qual era a situação do General Osório, depois do combate, que a julgar pela fuzilaria que se ouvira da Esquadra parecia dever ter sido renhidíssimo, encontrei o General debaixo de uma árvore para se abrigar da chuva⁶⁴²

A exemplo das obras de Luiz Von Hoonholtz e Manuel Carneiro da Rocha, as **Reminiscências da Guerra do Paraguai** são ricas em informações do cotidiano bélico: “nem a Esquadra poderia mover-se de noite em um rio inexplorado para prestar auxílio ao encalhados”⁶⁴³. Nessas linhas, fica notório o desconhecimento do meio ambiente, levando os comandantes das embarcações a atos não programados “e nesse pressuposto preparamos navios para uma defesa desesperada e extrema”⁶⁴⁴.

O cotidiano apresentado a partir da ambiência do sofrimento é marcante: “bastava, todavia, que as balas chocassem a couraça nas imediações das portinholas para que seus estilhaços, pela força de projeção que traziam”⁶⁴⁵, indicando vigor e movimento quando: “penetrassem pelas suas aberturas produzindo no interior das casamatas o efeito da mais perigosa metralha”⁶⁴⁶.

Jaceguai nos revelou um cenário de horror num palco onde a luta pela sobrevivência se mostrava penosa. Cenas que nos fazem questionar o teor do patriotismo e até que ponto o preço da vida não era alto demais para ser trocado pela defesa da Nação: “o projétil fizera-se em pedaços chocando contra a aresta de uma das portinholas e reduzira a tiras as cortinas de malha de ferro, indo todos os estilhaços incrustar-se na massa compacta de homens que enchia a casamata!”⁶⁴⁷.

⁶⁴² JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 96.

⁶⁴³ Idem, ibidem, p. 80.

⁶⁴⁴ Idem, ibidem.

⁶⁴⁵ Idem, ibidem, p. 86.

⁶⁴⁶ Idem, ibidem.

⁶⁴⁷ Idem, ibidem.

Essa dimensão da guerra evidencia-se na linguagem empregada por Jaceguai em alguns ímpetos de sua narrativa: “Indescritível o horror da cena!”⁶⁴⁸. Mais adiante o autor mostrou condolência com os ferimentos as quais foram acometidos seu irmão de armas.

O esperançoso Mariz e Barros teve um joelho fraturado; amputada a perna no dia seguinte, falecia em poucas horas depois da operação. A sua morte foi heróica como havia sido a sua conduta nos combates. Paga-se, de ordinário, a aprendizagem da guerra, sobretudo, nos períodos de transformação do material bélico⁶⁴⁹.

Apresentamos outro trecho elucidativo para a compreensão do cotidiano como dimensão narrativa privilegiada nas **Reminiscências** de Jaceguai. O tom dramático é recorrente e conduz ao espaço de sociabilidade marcado pelo sofrimento que o conflito causou aos atores envolvidos no conflito.

Na guerra moderna o troar da artilharia e da fuzilaria, confundindo-se com o ribombo dos trovões, ainda mais aumenta o horror do quadro. Para os espectadores, que eram o maior número, a sensação auditiva única que lhe dava o pavoroso espetáculo, era a de alguma coisa mais tétrica que uma batalha. Era a de um extermínio apocalítico! A passagem de um grande rio, operação sempre temerosa e das mais severas a que pode ser submetido o organismo de um general-chefe⁶⁵⁰.

Outra temática premente é a associação que os beligerantes adquiriram com as forças da natureza e com o tempo natural orientado pelos desígnios ambientais. Assim, vejamos alguns instantes das **Reminiscências da Guerra do Paraguai** que informam a relação entre os indivíduos e a natureza: “subindo o Rio Paraguai, o citado planalto forma uma profunda concavidade para só aparecer como um promontório nas barrancas de Curupaiti”⁶⁵¹.

A conformação geográfica do território paraguaio foi utilizada como arma de guerra, por seu profundo conhecimento e ao mesmo tempo pela ausência de ações de reconhecimento por parte dos aliados. O autor apresentou algumas estratégias paraguaias na tentativa de impor reveses aos aliados.

Do mesmo modo sobre o Paraná, a área compreendida entre a planura e a margem do rio é toda alagadiça. Entre Curupaiti e Humaitá as terras altas fazem outra reentrância pronunciada. Por conseguinte, o exército invasor só poderia escalar as campinas do Paraguai por estes três pontos, isto é, Passo

⁶⁴⁸ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 86.

⁶⁴⁹ Idem, ibidem, p. 87.

⁶⁵⁰ Idem, ibidem, p. 97.

⁶⁵¹ Idem, ibidem, p. 90.

da Pátria, Curupaiti e Humaitá. Os três pontos eram, é certo, igualmente bombardeáveis pelos fogos da Esquadra, mas ainda mesmo que Lopez confiasse em poder esmagar os aliados em batalha campal decisiva, ou detê-los em uma linha de defesa interior, ele não devia renunciar à vantagem da resistência em uma posição naturalmente forte, para a expugnação da qual os invasores teriam necessariamente de experimentar perdas muito maiores do que os defensores⁶⁵².

Nas memórias e nos diários de guerra produzidos por integrantes da Marinha Brasileira, a presença insistente de epidemias e doenças nos campos de rios de batalha foi registrada, situação que afligiu os beligerantes, mazelas que não escolhia vítimas.

O grosso das forças inimigas que invadiram Corrientes, não foi menos devastado pela epidemia da disenteria e da lepra que nelas se desenvolveu de modo assombroso, devido ao abuso de alimentação de carne verde a que o soldado paraguaio não estava habituado e à privação de vestuário e abrigo a que Lopez queria acostumar as suas tropas na previsão de uma campanha prolongada⁶⁵³.

Na longa passagem que se segue, Jaceguai continuou a sinalizar as graves enfermidades adquiridas no *front*, que se transformavam na grande causa de mortes entre os combatentes. Jaceguai criticou o comando de guerra por não preocupar-se com a plena estruturação de mecanismo que pudesse inibir a proliferação de doenças e epidemias.

Pode-se calcular que o desfalque por moléstias no exército inimigo invasor foi, no ano de 1865, de mais de dez mil homens. Mas não foi menor a mortalidade por moléstias do Exército Brasileiro que se organizava nas margens do Uruguai e depois em sua marcha através da Província de Entre-Rios e Corrientes. Os batalhões de voluntários procedentes das nossas Províncias do Norte, transportados no rigor do inverno do Rio da Prata, dissolviam-se pela morte pouco tempo depois de chegarem aos nossos acampamentos. Contando ao Almirante que um batalhão de belos caboclos do Pará, na maior parte adolescentes que chegaram a Montevideú, com quatrocentas praças, achava-se quase extinto no fim de um mês, ele requisitou do General Osório que destacasse os seus rostos para a Esquadra onde, com o melhor passadio de bordo, conseguiu-se salvá-los. Se fosse possível somar com exatidão o número de oficiais e praças que faleceram depois de embarcarem para o Sul, desde a declaração da guerra até o dia 16 de abril de 1866, é provável que a soma não ficasse aquém de doze mil homens. Encontrei em meu arquivo uma carta de Osório ao Almirante, em que acusava, logo depois da invasão, dez mil quatrocentos e sessenta e cinco doentes, inclusive feridos, em seu exército, isto é, acrescentava: *a terça parte de minhas forças! E o cholera morbus ainda não havia invadido o teatro de operações!* A verdade é que na administração do nosso exército, só se

⁶⁵² JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 91.

⁶⁵³ Idem, ibidem, p. 152.

cuidou seriamente da hospitalização, ambulâncias e higiene na alimentação, vestuário apropriado, abrigo da tropa e asseio dos acampamentos⁶⁵⁴.

Além das mortes ocasionadas por doenças e epidemias, outro fator que criou dificuldades foi o uso de navios oceânicos nos rios platinos. A navegabilidade das embarcações brasileiras era precária em alguns casos, retardando as ações e competindo para relativa inatividade da Marinha.

A prática de operações navais em um rio estreito e tortuoso, fornece-nos os preciosos ensinamentos que passo a salientar. As fortificações de barrancas elevada dominando inflexões bruscas de canais navegáveis são irredutíveis ao ataque mesmo de navios invulneráveis aos projéteis da artilharia inimiga. As vantagens de alcance, precisão de tiro e poder destruidor da artilharia da esquadra atacante, nulificam-se: as duas primeiras por causa das sinuosidades do rio que não permitem utilizá-la diretamente de grandes distâncias, e a terceira, porque todo o dano causado contra parapeitos de terra em posição a cavaleiro, é facilmente reparado durante as noites⁶⁵⁵.

Parte significativa das **Reminiscências da Guerra do Paraguai** se prestou à apresentação de opiniões contrárias aos encaminhamentos políticos da guerra, principalmente no campo estratégico. O memorialista criticou a união entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Os argentinos e orientais, depois da invasão, não só não preenchiam os claros de seus corpos, como até foram compelidos a retirar alguns batalhões do teatro das operações para atenderem a necessidades da política interna das duas Repúblicas; e os reforços que chegavam para o Exército Brasileiro eram tão insignificantes, depois da brusca suspensão do alistamento de voluntários, impensadamente, resolvida pelo Ministro Saraiva durante a ausência do Imperador no Rio Grande do Sul, que o efetivo de nossas forças nunca mais pôde atingir ao número com que se apresentaram nas margens do Paraná. Graças, porém, à exígua extensão territorial do Paraguai e à natureza de suas fronteiras, os aliados, com suas forças terrestres e navais, mantinham toda a nação inimiga em verdadeiro assédio. Salvas emergências externas, o triunfo da Aliança era uma questão de tempo. Manter, portanto, a Aliança e apertar cada dia mais os seus laços, devia ser a preocupação dominante dos governos das três nações e dos generais que as representavam⁶⁵⁶⁶⁵⁷.

Jaceguai continuou desferindo golpes contra os encaminhamentos da guerra. Sua opinião foi desfavorável à presença de estrangeiros no comando bélico. Para ele, as ações

⁶⁵⁴ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 153.

⁶⁵⁵ Idem, ibidem, p. 155.

⁶⁵⁶ Idem, ibidem, p. 119.

⁶⁵⁷ Idem, ibidem, p. 131.

deveriam ser lideradas por brasileiros: “eis aqui o resultado do Governo brasileiro não ter confiança em seus generais e entregar os seus exércitos aos generais estrangeiros”.

O memorialista dedicou um capítulo inteiro das **Reminiscências da Guerra do Paraguai** para apresentar algumas *Considerações Político-Estratégicas* sobre a participação da Marinha na Guerra do Paraguai, tentando reparar interpretações que considerou equivocadas.

Por ocasião da invasão do Paraguai teria sido muito acertado reservar uma pequena coluna do Exército em contato com a Esquadra, à margem do rio. Se isso se tivesse feito o grosso do Exército Aliado não se teria achado isolado da Esquadra em um só dia na posição que ocupou por tanto tempo em Tuiuti. De fato, teria tido sempre a sua extrema esquerda apoiada na margem. Nesse ponto falo com alguma autoridade porque, como já disse, fui eu e Hoonholtz que fizemos os primeiros reconhecimentos do terreno compreendido entre o Rio Paraguai e o Campo de Tuiuti. E quando mais tarde se resolveu chamar o exército de Porto Alegre para operar em contato com a Esquadra não se devia ter tido o *parti-pris* de pô-lo em presença das posições fortificadas do inimigo na margem esquerda do rio como flanqueadores da Esquadra⁶⁵⁸.

Pouco a pouco as expressões se tornaram incisivas: “A maior desgraça que pode acontecer a uma nação, é a de achar-se envolvida em uma guerra sem ter generais a quem confiar o comando de seus exércitos e esquadras”⁶⁵⁹.

Podemos notar que as opiniões de Jaceguai nas **Reminiscências da Guerra do Paraguai** se apresentaram distintas da narrativa da **Campanha do Paraguai**, se antes a guerra lhe parecia justa e seus chefes notáveis, agora suas lembranças se revelaram queixosas quanto aos rumos que o conflito seguiu.

Nosso autor cobrou mais atuação do poder central no direcionamento da guerra: “cumpria ao Governo Imperial, delinear a ação da nossa força naval tendo em vista a potencialidade dos armamentos do inimigo e dos nossos próprios”⁶⁶⁰.

Para Jaceguai, “um governo esclarecido, porém, pode ter as melhores inspirações e casos há em que as operações de guerra têm de subordinar-se a considerações de ordem política de que o Governo é o único juiz”⁶⁶¹.

Pouco depois, patenteava-se a insuficiência das forças aliadas no teatro de operações, e arrefecido o entusiasmo, que se não alimentava mais, antes se deixara de todo apagar e que produzira levas patrióticas de voluntários, o

⁶⁵⁸ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 138.

⁶⁵⁹ Idem, ibidem, p. 139.

⁶⁶⁰ Idem, ibidem.

⁶⁶¹ Idem, ibidem, p. 147.

Governo Imperial teve de recorrer ao recrutamento forçado, em detrimento da grandeza moral que ostentáramos os primeiros meses de preparativos para guerra⁶⁶².

Jorge Prata de Sousa estudou os critérios de recrutamento de recursos humanos para os serviços da Marinha, informando que a captação de braços para os trabalhos na Esquadra era uma problemática anterior à guerra⁶⁶³. As circunstâncias as quais eram submetidos os profissionais do mar nem sempre se convertia em atrativo para o alistamento voluntário, gerando a necessidade de recrutamento forçado.

As péssimas condições dos serviços navais sempre dificultaram o recrutamento. O afastamento da família, a insalubridade a bordo, os rigores das leis, as chibatadas, os ferros nos pés, a golinha ao pescoço, as intempéries climáticas, tudo isso formava o quadro desumano que fazia da Marinha um purgatório. Como vemos, a dificuldade na aquisição de marinhagem era estrutural, e não um problema iniciado com a guerra. O recrutamento forçado, era o “único sistema seguido até hoje de que se tem colhido maiores resultados”⁶⁶⁴, embora se reconhecessem os inconvenientes que dele se originavam. Sem usar de outros meios que não este, as autoridades ministeriais veladamente aprovavam os abusos no alistamento da marinhagem⁶⁶⁵.

Renato Pinto Venâncio acredita que o recrutamento de indivíduos para a Guerra do Paraguai não foi suficiente devido a longevidade do conflito e o despreparo do governo imperial para uma guerra tão longa. Por isso, as Companhias de Aprendizes Marinheiros colaboraram enviando crianças ao *front* “cabia às crianças, manter a limpeza dos pavimentos e servir aos oficiais da Marinha, além disso os grumetes atendiam aos oficiais do Exército transportados ao Paraguai pela via marítima ou fluvial”⁶⁶⁶.

Seiscentas crianças de nove a doze anos “freqüentaram os campos, ou melhor, os rios e mares onde foram travadas as batalhas contra o Paraguai”⁶⁶⁷. Os meninos marinheiros auxiliavam nas embarcações com o complexo manejo de velas e reabastecimento de armas com cartuchos e pólvora.⁶⁶⁸

Jorge Prata de Sousa ressaltou as estratégias da Marinha Imperial na política de recrutamento para o conflito platino. Para ele, essa instituição não adotou estratégias pacíficas

⁶⁶² JACEGUAL, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 147.

⁶⁶³ SOUSA, Jorge Prata de. Op. cit., p. 73.

⁶⁶⁴ Relatório do Ministério da Marinha. 1860-70. In: SOUSA, Jorge Prata. **Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: MAUAD: ADESA, 1996, p. 73.

⁶⁶⁵ Idem, ibidem.

⁶⁶⁶ VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 207.

⁶⁶⁷ Idem, ibidem.

⁶⁶⁸ Idem, ibidem, p. 208.

de aliciamento de menores para a guerra, orientando-se pela ideia de altruísmo salvacionista num “tratamento desvelado e uma instrução útil”⁶⁶⁹.

Com essa política de aliciamento, a Marinha pensava ganhar “coesão e moralidade”⁶⁷⁰, porque a crença no sistema de recrutamento das camadas inferiores era considerável: “que arremessa a bordo réus de polícia e toda a escória da sociedade considerada incorrigível”⁶⁷¹.

Para o governo imperial, “lançar mão dos menores”⁶⁷² foi a opção, que substituiu “momentaneamente réus e negros defeituosos”⁶⁷³, grupo considerado como escória social. As maneiras de arregimentar estes elementos era a mesma que “a usada com os maiores”⁶⁷⁴. Punições, coerções e aprisionamentos “eram praxes de recrutamento que não distinguiam maiores de menores, livres de escravos”⁶⁷⁵.

Artur Jaceguai indicou sua veia historiadora ao interpretar o conflito platino. Nas **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, o autor pretendeu reconstituir a história dos embates entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Em minha humilde opinião, se a Guerra do Paraguai fosse algum dia estudada por um profissional da competência de um Clausewitz ou de um Jomini, o veredito deste profissional, quanto à direção geral da guerra, seria: que, por parte dos paraguaios, foi sacrificado um exército admirável de coragem e preparo e que seria invencível, dadas as condições naturais do país só dele conhecidas, pela inépcia e incapacidade militar de Lopez; e quanto aos aliados, os generais adstrigiram-se aos métodos da guerra antiga, que imprimiram às operações, dirigidas com caráter tanto mais frouxo quanto para isto já concorriam várias circunstâncias poderosas, tais como: a exígua força numérica dos exércitos permanentes que serviram de nó à formação súbita dos exércitos com que se apresentaram em campi os aliados; as prevenções entre os mesmos aliados e a falta de unidade do comando, apesar de disposto no Tratado de Aliança. De modo que, se não fosse a ação da Esquadra em Riachuelo e depois no Passo da Pátria, a *invencibilidade* do Exército Paraguaio na defensiva estratégica, como diriam Clausewitz o Jomini, com aqueles métodos pelos generais aliados, seria um fato concreto que a Divina Providência nos livrou⁶⁷⁶.

As opiniões de Jaceguai sobre a participação dos paraguaios no conflito são contraditórias, ora são expressas como produto da barbárie e da incivilidade, ora produto exclusivo de manipulação política.

⁶⁶⁹ SOUSA, Jorge Prata de. Op. cit., p. 76.

⁶⁷⁰ BRASIL apud VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000, p. 75.

⁶⁷¹ Idem, ibidem.

⁶⁷² SOUSA, Jorge Prata de. Op. cit., p. 76.

⁶⁷³ Idem, ibidem.

⁶⁷⁴ Idem, ibidem.

⁶⁷⁵ Idem, ibidem.

⁶⁷⁶ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., p. 164.

As grandezas ou forças morais que entraram no cálculo das probabilidades da guerra, a favor do Paraguai, podem ser classificadas do modo seguinte: em primeiro lugar, a unidade do pensamento político e militar na direção da guerra, o governo e o comando-em-chefe achando-se, sem restrições, nas mãos do autocrata; em segundo lugar, o fanatismo, que é todas as formas que pode tomar o espírito nacional, a mais própria para inspirar virtudes guerreiras, sobretudo, em um povo essencialmente obediente e abstinente; em terceiro lugar, a simplicidade dos costumes do povo paraguaio, que permitia a manutenção de um numeroso exército, substituindo-se o dinheiro, como nervo da guerra, pela simples força de vontade do chefe supremo; o soldado paraguaio dispensando, sem murmurar, o soldo a barraca, o vestuário, o calçado e até a ração regular⁶⁷⁷ (JACEGUAÍ, 1982, p. 188-9).

Nenhuma das fontes analisadas neste capítulo forneceu com tamanha riqueza informações sobre a participação dos soldados paraguaios na guerra como as **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Os combatentes guaranis foram vítimas de seu comandante, heróis e patriotas, indivíduos capazes de doarem suas vidas por aquilo em que acreditavam.

O objetivo das **Reminiscências da Guerra do Paraguai** ficou novamente registrado quando seu autor propôs a elaboração de uma narrativa histórica apoiada em algumas bases metodológicas.

Não pertenço ao número daqueles que só escrevem sobre assuntos históricos para darem pasto a seu espírito crítico. Mas, penso que uma narrativa histórica de uma guerra torna-se duplamente instrutiva quando é acompanhada de análise, crítica impessoal e clarividente. O verdadeiro historiador é aquele que descrevendo os acontecimentos com rigorosa fidelidade, nota, entretanto, o curso que poderiam ou deveriam ter tomado se, no que dependem da vontade ou da inteligência humanas, se lhes houvesse imprimido outra direção⁶⁷⁸.

Apesar de sua intenção em construir um discurso histórico pautado pela objetividade e rigor, Artur Jaceguai se viu sensibilizado pelos traços da memória. Enquanto testemunha da guerra, nos forneceu um importante quadro do cotidiano bélico, das dificuldades estratégicas e logísticas, dos encaminhamentos políticos, das doenças e epidemias constantes nos campos e rios de batalha e dos sentimentos patrióticos.

Todos os elementos citados acima foram tratados por Jaceguai com significativa subjetividade, pois suas memórias foram postas em voga, seus sucessos e arrependimentos desnudados em suas obras. Jaceguai historiador, falou como Artur marinheiro, ajudante-de-ordens, secretário, comandante de embarcação.

⁶⁷⁷ JACEGUAÍ, Artur Silveira da Mota, Barão de. Op. cit., 1982, p. 188-9.

⁶⁷⁸ Idem, ibidem, p. 116.

Ao selecionar registros memorialísticos como fontes para interpretação da Guerra do Paraguai, objetivei expor as “possibilidades da memória ser fonte de experiência, de continuidade/ruptura, de identidade, de sentido e de comunicação”⁶⁷⁹.

A análise das memórias, diários e reminiscências de Luiz Von Hoonholtz, de Manuel Carneiro da Rocha e Artur Jaceguai revelou os vários vieses que a Guerra do Paraguai ia adquirindo a medida de seu prolongamento. Entender como as experiências vividas nos campos e rios de batalha geravam sentimentos de pertencimento ao país, ou ao contrário, as complexidades do conflito distanciavam os brasileiros de sua pátria.

O capítulo seguinte irá apresentar quatro diários e memórias de guerra produzidos por membros do Exército e atores históricos do conflito, com o intuito de refletir sobre os múltiplos vieses que a identidade nacional brasileira adquiriu como prática e discurso na Guerra do Paraguai, privilegiando sua construção cotidiana, diária, diuturna.

⁶⁷⁹ DIEHL, Astor Antonio. Op. cit., p. 121.

3 PREPARAR, APONTAR ... : AS LEMBRANÇAS IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS NA MIRA DOS COMBATENTES DO EXÉRCITO NO CONFLITO PLATINO (1864-1870).

Na busca por entendimentos sobre a identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai apresentaremos no presente capítulo quatro fontes históricas: (1) **Recordações da Campanha do Paraguai** de José Luís Rodrigues da Silva; (2) **Diário da Guerra do Paraguai (1866)** escrito por André Rebouças; (3) **Diário do Exército – Campanha do Paraguai (1869-1870)** elaborado pelo Visconde de Taunay e **Reminiscências da Campanha do Paraguai** de Dionísio Cerqueira.

Traço comum da documentação citada acima diz respeito à sua produção, escrita por oficiais do Exército que combateram na Guerra do Paraguai. Testemunhas do conflito, os memorialistas apresentaram suas opiniões sobre as batalhas e o cotidiano da guerra; suas opiniões são relevantes para o estudo dos aspectos socio-histórico daquela contenda.

Ao analisar diários e recordações de guerra compostos por profissionais do Exército é necessária a produção de quadros comparativos com as fontes memorialísticas produzidas pelos oficiais da Marinha. Ou seja, como os combatentes de duas forças distintas, Exército e Marinha, registraram suas atitudes durante a Guerra do Paraguai? Quais os caminhos que os memorialistas do Exército e da Marinha trilharam no que se refere ao conflito platino como tema principal de suas narrativas?

Tanto nos rios quanto nos campos de batalha, marinheiros ou soldados, os memorialistas compuseram cenas valiosas para o estudo do conflito. A guerra ganhou feições onde a vida navegava e marchava orientada a partir dos encontros com o inimigo.

A defesa da pátria ultrajada é mencionada nas fontes como mote narrativo. No entanto, em alguns momentos, os memorialistas se mostravam enfraquecidos diante daquela missão. Os sofrimentos experimentados no cotidiano da guerra forçam comentários sobre a justiça e a necessidade do conflito. Em que medida vidas seriam desperdiçadas em nome do bem maior: a Nação?

De maneira geral, a documentação selecionada apresenta vários temas importantes para o estudo da guerra: as táticas, as estratégias e as logísticas adotadas, o cotidiano das tropas, a presença de dificuldades e sofrimentos, as homenagens aos mortos e aos heróis e comentários sobre a necessidade do conflito.

O primeiro escrito memorialístico que será analisado foi composto por José Luís Rodrigues da Silva⁶⁸⁰ e intitulado **Recordações da Campanha do Paraguai**. A obra está subdividida em vinte e cinco capítulos, desprovidos de títulos. As **Recordações** não seguem uma cronologia exata do evento e muito menos é organizada em recortes diários, como em outras fontes aqui estudadas. A primeira edição das **Recordações da Campanha do Paraguai** é de 1924.

No proêmio, o autor esclareceu suas motivações ao registrar algumas de suas impressões sobre o conflito platino. José Luís Rodrigues da Silva ofereceu sua obra aos companheiros que também lutaram na guerra contra os paraguaios.

O trabalho insignificante que aí se vai, se não visa o preenchimento completo de uma lacuna, alcançará o bem reduzido número dos meus camaradas, já alquebrados e decrépitos, para motivar recordações de certo período da mocidade de cada um, consagrada ao bem da pátria estremeçada, ao mesmo tempo que mostrará à atual geração guerreira o modo lastimável por que naquelas épocas se malbaratavam, em pura perda, cruelmente, por ignorância ou propósito firme, os melhores esforços do soldado brasileiro, sempre menoscabado pelos governos da nefasta monarquia, que, sem contradição, detestava o exército, só tolerando-o por necessidade palpitante da sua existência criminosa⁶⁸¹.

O memorialista em vários momentos criticou a participação do Brasil no conflito. Nesse sentido, contrariamente às fontes analisadas no capítulo segundo, o autor não mediu suas palavras ao direcionar seus questionamentos sobre a justiça da guerra, principalmente a milhares de vidas desperdiçadas.

O autor não procurou criar um quadro histórico fiel do conflito, mas indicou alguns traços da guerra que acreditava pertinentes. Sinais marcados pela fluidez da memória, no espaço individual da lembrança.

Igualmente, cabe-me patentear que, escrevendo sobre assunto tão remoto, possível que nas minhas alusões a datas eu tenha claudicado por carência de notas arquivadas, visto apelar apenas para a memória, já em declínio pelo perpassar de três quartos de século; as ocorrências, contudo, como se gravam mais indelevelmente, se revestirão de genuína verdade, sem a menor

⁶⁸⁰ José Luís Rodrigues da Silva nasceu em 17 de abril de 1846, em Jaguarão no Rio Grande do Sul, assentou praça no Exército em 1863 pouco antes do início das hostilidades entre Brasil e Paraguai. Foi Capitão reformado e General honorário do Exército Imperial, recebeu algumas condecorações em virtude de seus feitos na Guerra do Paraguai. No Arquivo Histórico do Exército e no Almanaque de Oficiais de 1886 (último em que o militar aparece) não há referências à data e local de seu falecimento. Agradecemos ao Tenente Coronel Oliveira Barros, Chefe da Seção de Divulgação e Comunicação Social da *Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército* (DPHCEX) pelas informações prestadas quanto aos dados biográficos do autor das **Recordações da Campanha do Paraguai**.

⁶⁸¹ SILVA, José Luís Rodrigues da. **Recordações da Campanha do Paraguai**. Brasília: Senado Federal, 2007, p. 17-18.

preocupação de deturpá-la, prejudicando assim qualquer simpatia que porventura inspire esta despreziosa exposição, muito embora isenta de beleza literária⁶⁸².

A menção ao estatuto da memória é evidente. José Luís Rodrigues da Silva procurou se isentar dos possíveis equívocos que a fluidez de suas lembranças poderia sugerir. Mesmo assim, o autor deixou claro que sua “exposição” teria um compromisso com a recuperação fidedigna dos acontecimentos nos quais fez parte.

As **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, objeto de estudo do capítulo segundo, escritas por Artur Jaceguai também revelaram a importância da análise conceitual da memória enquanto instrumental teórico-metodológico do estudo da História.

As **Recordações** e as **Reminiscências** elaboradas por diferentes autores possuem características semelhantes no que se relaciona ao uso da memória como atributo, se fazem valer dela enquanto ambiência de salvaguarda. Os esquecimentos são reconhecidos enquanto capacidade limite da memória em armazenar todas as informações.

Na fonte memorialística de José Luís Rodrigues da Silva, a recordação significa ação ou ato de recordar, sinônimo de reminiscência e lembrança de experiências vividas, de objetos e de lugares percorridos.

Maurice Halbwachs evoca a localização “dos quadros sociais da memória”⁶⁸³ como referência na tentativa de “reconstrução”⁶⁸⁴ ao que chamamos de memória. Nesse caso, entender as lembranças das vivências experimentadas nos campos de batalha. Halbwachs insiste na associação indissolúvel entre memória individual e coletiva.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é de combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos lembrança, por que a traduzimos em uma linguagem⁶⁸⁵.

Os diários e as recordações da Guerra do Paraguai nos brindam com a proveitosa tentativa de transformar a lembrança numa linguagem, conforme apregoa Halbwachs. As cenas e o cotidiano do conflito aparecem nas variadas cores de um caleidoscópio, auxiliando na recomposição histórica da atuação de seus atores e personagens.

⁶⁸² SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 18.

⁶⁸³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004, p. 10.

⁶⁸⁴ Idem, ibidem.

⁶⁸⁵ Idem, ibidem, p. 14.

A lembrança é limítrofe à intersecção das várias correntes do pensamento coletivo. Eis porque experimentamos imensa dificuldade para nos lembrar “não podemos pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros”⁶⁸⁶.

O conteúdo das informações contidas nas fontes memorialísticas conduz para as dimensões fluídas da lembrança, na medida em que fornecem elementos para a compreensão da guerra como um apanhado de símbolos ordenados pela capacidade rememorativa de seus autores.

Pode ser que essas imagens reproduzam mal o passado, e que o elemento ou a parcela de lembrança que se achava primeiramente em nosso espírito, seja sua expressão mais exata: para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer que os depoimentos dos outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e orientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela⁶⁸⁷.

Nesse ínterim, as relações sociais experimentadas no *front*, nos rios e nos campos de batalha incitavam “pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sob um fundamento comum”⁶⁸⁸.

Sim, se o quisermos, mas com a condição de não esquecer que nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas e que o efeito de contraste provinha sobretudo daquilo que procurávamos nesses objetos, não do que ali viam aqueles para quem eram familiares, mas o que se ligava à preocupações de outros homens, cujo pensamento se aplicava pela primeira vez a esse quarto conosco⁶⁸⁹.

Os combatentes formularam memórias, reminiscências e recordações do conflito. Desejos, vontades, opiniões, conceitos e pré-conceitos informados pelas lembranças e legados ao esquecimento quando derrotas e vitórias os marcaram indelevelmente.

O estreito relacionamento entre história e memória é reforçado por Halbwachs quando pautou as fronteiras e os encontros entre essas formas de registrar o passado. Halbwachs conceituou história e memória como espaços de reserva de tempos vividos. A primeira assinalada por delimitações teóricas e metodológicas e a segunda com sua base fluída, convertida em importante instrumento da história.

⁶⁸⁶ HALBWACHS, Maurice. Op. cit., p. 22.

⁶⁸⁷ Idem, ibidem, p. 32.

⁶⁸⁸ Idem, ibidem, p. 38.

⁶⁸⁹ Idem, ibidem, p. 40.

A História, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva. É porque geralmente a história começa somente no ponto que acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança⁶⁹⁰.

Ao utilizar o conceito de memória, apontamos a relevância de sua potencialidade como informante de tempos vividos. As fontes memorialísticas nos conduzem à interpretação do conflito platino em sua crueza. Jogo de individualidades, de teses e de opiniões reveladas nas memórias de guerra e no cotidiano das batalhas.

Sem dúvida, é preciso então apoiar-se em depoimentos antigos cujo rastro subsiste nos textos oficiais, jornais da época, nas memórias escritas pelos contemporâneos. Mas na escolha que deles faz, na importância que lhes atribui, o historiador se deixa guiar por razões que não tem nada a ver com a opinião de então, porque esta opinião não existe mais; não somos obrigados a levá-la em conta, não se tem medo que ela se venha chocar com um destemido. Tanto isso é verdade que ele não pode realizar sua obra senão com a condição de se colocar deliberadamente fora do tempo vivido pelos grupos que assistiram aos acontecimentos, que com eles tiveram contato mais ou menos direto e que deles podem se lembrar⁶⁹¹.

A dimensão espacial da memória é reforçada por Maurice Halbwachs. Para ele, o direcionamento de nossas lembranças leva em conta o tempo e o espaço. A comunidade ou grupo social se refere às suas experiências a partir dessa dupla referência e localização.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso, e em que todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar a nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças⁶⁹².

⁶⁹⁰ HALBWACHS, Maurice. Op. cit., p. 85.

⁶⁹¹ Idem, ibidem, p. 114.

⁶⁹² Idem, ibidem, p. 150.

Uma das questões mais recorrentes nas fontes analisadas e nas **Recordações da Campanha do Paraguai** de José Luís Rodrigues da Silva é a maneira pela qual o espaço, o meio ambiente da guerra e os campos e rios de batalha interferiram no cotidiano bélico. As dificuldades naturais se apresentavam como oponente terrível. Tal cenário imprimiu nas mentes de nossos personagens fortes impressões, evidenciadas em seus escritos.

Assim, nos deteremos sobre as percepções que José Luís Rodrigues da Silva gerou sobre a natureza e o meio ambiente da guerra. De que maneira esses espaços colaboraram para criar entendimentos sobre o conflito?

Por um lado as linhas, posto que bem atendidas, mostravam soluções de continuidade, devido aos múltiplos obstáculos naturais do terreno; por outro a nossa clássica imprevidência, o nosso sentimentalismo piegas, a nossa elástica confiança em nós mesmos, eram a causa do fato altamente pecaminoso e de más conseqüências⁶⁹³.

Reiteradamente, o autor criticou a postura brasileira na guerra. José Rodrigues da Silva sistematizou sua contrariedade com alguns encaminhamentos adotados durante o conflito. As **Recordações da Campanha do Paraguai** apresentaram queixas e reclamações quanto aos rumos da guerra.

Hoje, eram os vapores de carga que encalhavam no Uruguai por falta de água; amanhã, o gado de corte que escasseava por magreza; no outro dia, a boiada enfraquecida pela dureza da estação invernos, impossibilitava-se de conduzir a carretame; no outro os caminhos intransitáveis [...] ⁶⁹⁴.

Além dos detalhes tático-estratégicos, o memorialista apontou a força da natureza como adversária, evidenciada pelo desconhecimento da geografia paraguaia: “o território inimigo, ignorado inteiramente, pela ausência completa de mapas por onde nossos generais pudessem se orientar, não permitia uma resolução firme e pronta, deixando a todos perplexos”⁶⁹⁵.

No trecho seguinte José Luís Rodrigues da Silva apresentou cenas do cotidiano marcadas por sofrimentos proporcionados pela ausência de conhecimentos quanto às características físicas do Paraguai e nesse caso da ocorrência de chuvas na região platina.

Já havíamos conquistado, talvez, meia légua de terreno, e desabou um temporal medonho, chovendo ininterruptamente durante a noite inteira, não

⁶⁹³ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 30.

⁶⁹⁴ Idem, ibidem, p. 36

⁶⁹⁵ Idem, ibidem, p. 39.

dando lugar a assentarmos-nos uma vez sequer. Os soldados atravessaram-na também, debruçados na coronha das espingardas, umidade e frio até a medula dos ossos. Foi uma terrível noite que ainda hoje, e lá se vão 58 anos, não nos fugiu da lembrança. Tivemos muitas outras idênticas no desenrolar das operações, mas essa da estréia, do batismo de fogo, se nos agravou no espírito para todo sempre⁶⁹⁶.

O sentimento patriótico sofria abalos quando das adversidades vivenciadas: “a quantidade destes insetos subia a coisa inenarrável. Insinuavam-se pelos ouvidos, boca, narinas. Um inferno em suma”⁶⁹⁷. A defesa do país em guerra ganhou contornos ainda mais dramáticos no trecho que se segue:

Em madrugada frígida do mês de junho – daquelas que no Paraguai, acompanhadas do implacável minuano, fazem gelar até a medula dos ossos–, a divisão do General Carlos Resin se move às 2 horas, devendo transpor forte lagoa, do comprimento de 400 metros em seu trajeto. Ali chegando, aviaram-se pontões de borracha desguarnecidos de parapeitos, oscilando perigosamente à intranqüilidade dos soldados em pé. Embarcaram 40 ou 50 em cada um dos tais meios.

Antes de alcançar-se a margem objetiva, os movimentos desencontrados fazem virar um deles, onde ia o autor destas linhas.

No atropelo, na confusão do momento, ninguém se pode eximir da queda na água, conduzindo a soldadesca, além do armamento, o peso de 100 cartuchos na patrona e outros tantos na bolsa a tiracolo. A friagem desagradabilíssima que experimentamos ao contato inesperado do elemento à temperatura de muitos graus abaixo de zero, foi-nos ao âmago do coração.

Não houve maior desastre, por isso que a profundidade só atingia o peito dos homens; um palmo mais, e subiria de ponto. Em terra, marchando-se em acelerado para alcançar forças troteando, a reação trouxe calor senegalesco, extinguindo o encharcamento da roupa.

No primeiro desfiladeiro encontrou a expedição o que presumia – fortificações detalhadas, e dali o regresso imediato, sem outros incidentes⁶⁹⁸.

As **Recordações da Campanha do Paraguai** traduzem bem a força dos elementos ambientais sobre o comportamento dos soldados brasileiros na guerra. As sensações e as oscilações climáticas chamaram a atenção do autor, que reforçou as condições naturais como valoroso adversário.

No Paraguai, os temporais no inverno como as tormentas no verão, de violência extraordinária, obrigavam-nos a acampar com o maior cuidado e segurança, tanto quanto o terreno permitia, não dispensando nunca nas barracas, os respectivos regos de esgoto interiores, pois as variantes

⁶⁹⁶ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 42.

⁶⁹⁷ Idem, ibidem, p. 52.

⁶⁹⁸ Idem, ibidem, p. 58.

bariométricas, em uma e outra estação, tem caráter freqüente e surpreendedor⁶⁹⁹.

A seguir, José Luís Rodrigues da Silva revelou descontentamento chegando a indagar-se sobre a real necessidade da luta. Para ele, a conveniência da guerra não poderia ser justificada perante tantas perdas materiais e humanas.

Céu chumbado sempre, mas úmido, tristonho, pouco sacudido por virações salutares, variantes bruscas de temperatura, tudo isso concorria para tornarmos execrado semelhante pedaço de terra, de uma esterilidade desoladora, e onde, pela agrura lancinante da sorte, sepultamos boa soma das nossas melhores energias de moços fortes e robustos⁷⁰⁰.

A juventude e a vida desperdiçadas nos campos de batalha. Eis a sugestão de nosso autor para a participação brasileira na Guerra do Paraguai: o Brasil transmutado em Nação e pátria não merecia tamanhos sacrifícios.

Novamente, as preocupações do autor de **Recordações** se voltaram para as intempéries naturais. As inconstâncias ambientais continuaram a incomoda-lo.

Quando por, negligência, deixava-se de observar o aconselhado por prudência, e o tempo de súbito mudava o aspecto calmo e confiante, era de ver o abarracamento pelos ares e a gritaria geral de imprecações dos menos resignados e a galhofa e expansão dos que nada tomavam a sério. Se a borrasca desabava à noite escura, acompanhada de trovoadas estridentes, medonhas, baixas, que dir-se-iam rugir sobre nossas cabeças; se vinha farta de relâmpagos sinuosos e duradouros, seguida do tufão ciclópico, muito comum nesse país e, da queda de estrondosas faíscas elétricas, então ninguém mais se entendia. Os animais na soga solatavam-se e fugiam espavoridos; as cavalhadas em ronda, disparando sobre os acampamentos, ameaçavam tudo levar por diante, obrigando a soldadesca em algazarra, terrível alarido, a recebê-las com tições de fogo em punho para espantá-las⁷⁰¹.

A “desordem” e o “caos” experimentados no front foram lembrados em meio as fortes e vivas imagens vivas do cotidiano, marcado por reveses, desorganizações e perdas. A culpa é delegada à mãe natureza, que em sua fúria gerou desconforto.

Parecia que as portas do Inferno se escancaravam para a evasão de mil demônios. Aos primeiros clarões da madrugada, em formatura do alarme, apreciava-se o estrago que o furor da tempestade havia produzido: barrancas arrancadas e jogadas aqui e ali, camas em desalinho e revolvida, peças de fardamento, equipamento e arreamento em confusão, objetos de cozinha e

⁶⁹⁹ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 103.

⁷⁰⁰ Idem, ibidem, p. 75.

⁷⁰¹ Idem, ibidem, p. 103.

gêneros alimentícios inutilizados e num conjunto lastimável, em suma, por toda a parte o caos, a desordem. Só em horas tardias da manhã, em plena bonança, as coisas se restabeleciam devidamente, debaixo de comentários, uns espirituosos e hilariantes, outros lamentosos e tristes, porém sem o cunho de desânimo ou abatimento moral de cada um⁷⁰².

José Luís Rodrigues da Silva, apesar do velado pessimismo, mostrou sinais de que as forças do tempo da natureza poderiam ser vencidas pela lógica cotidiana, pela insistência dos soldados. Na passagem anterior, o autor associou o patriotismo ao comportamento de abnegação dos indivíduos. A honra e a coragem são entendidas enquanto atributos específicos de homens eleitos e não necessariamente ao esforço artificializado de governos e suas criações simbólicas.

O cotidiano se converteu em espaço constitutivo dos sentimentos de pertença ao Brasil. O memorialista descreveu as feições físicas e de caráter de um companheiro de armas, que conseguiu resistir bravamente ao acometimento de enfermidades no *front*.

Possante, de pulso hercúleo, sem grande embaraço, suspendia do cavalo pela gola da farda, só com a mão direita, um soldado qualquer. Gozava de saúde de ferro. Durante toda a campanha jamais adoeceu, nem mesmo pagou o tributo ingrato da febre intermitente que atingiu, quase por completo, os oficiais e praças nas paragens inóspitas e malignas do Paraguai⁷⁰³.

Mais adiante, José Rodrigues da Silva narrou a visível e confusa reunião de beligerantes num ambiente assolado pela ira da natureza: “imagine-se a angustiada emergência resultante do aglomerado de 2500 e tantos indivíduos a bordo de um paquete imobilizado no meio do rio, sem o conforto preciso do mês de março, em que a canícula senegalesca quase ferve”⁷⁰⁴.

Semelhante cena é evidenciada quando: “os acampamentos viviam à mercê de quem quisesse percorrê-los. Penetrava neles e saía, com franqueza ampla, qualquer indivíduo, sem que lhe fossem às mãos ou, ao menos, os advertissem da obrigação de apresentar-se à autoridade encarregada da identificação conveniente”⁷⁰⁵.

No trecho a seguir, o autor apresentou algumas atividades que eram realizadas nos intervalos das batalhas. Ações que talvez nutrissem a vontade de alguns envolvidos no conflito a lutarem pelo país, espécie de refúgio ao sofrimento vivenciado no cotidiano.

⁷⁰² SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 103.

⁷⁰³ Idem, ibidem, p. 25.

⁷⁰⁴ Idem, ibidem, p. 29.

⁷⁰⁵ Idem, ibidem.

A vida na Lagoa Brava foi de grande descanso para as tropas treinadas, as quais não se molestavam mais com os assíduos exercícios e o tirocínio dos acampamentos de guerra.

Se a soldadesca continuou de barracas armadas, a oficialidade instalava-se em cômodos ranchos, cobertos de palha e paredes de torrão.

Alguns camaradas de mais habilidade e paciência construíram curiosas mobílias que cobriam com fazenda, aparentando trabalhos de arte.

Bem confortáveis as moradias, todas na linha de bandeira, recursos relativamente abundantes, passavam-se os meses suavemente, alegremente, a ponto de esquecer-se a gente que andava em campanha.

Logo ao cair da noite, principiavam a gemer os violões, cavaquinhos e violinos e flautas, até o toque de silêncio, seguidos dos clássicos descantes *à luz da sedutora lua*.

Com os mesmos materiais, levantavam-se teatros, salões para bailes, banquetes e jogos.

Quem dera, a esse tempo, o cinema; se já fosse uma realidade, claro, entraria em cena aberta⁷⁰⁶.

A prática dos jogos de azar era proibida. Para o comandante-em-chefe do Exército, Duque de Caxias, corrompia seus homens e desviava a atenção do objetivo brasileiro, derrotar Solano López: “Caxias mandou publicar uma ordem do dia eloqüente, profligando o vício e mandou expulsar do Exército a malta numerosa de jogadores incorrigíveis”⁷⁰⁷.

A guerra como oportunidade de enriquecimento é também assinalada no cotidiano dos soldados: “Ao Passo da Pátria começou a fluir comércio em grosso, alojando-se embarcações onde nada faltava; mas custando tudo os olhos da cara”⁷⁰⁸.

Alguns estranhamentos foram novamente apresentados: “não havia tabela de preços, multiplicando-se assim os abusos despejadamente”⁷⁰⁹. Ainda no mesmo capítulo das **Recordações**, o autor insistiu na descrição de alguns exageros econômicos: “o rabiscador destas impressões incolores, mal alinhavadas, porém repassadas de verdade, pagou uma libra esterlina por duas pequenas bolachas, duras como projétil, na picada de Caraguataí, logo após o combate”⁷¹⁰.

No romance machadiano **Iaiá Garcia** (1878), o personagem Procópio Dias se favoreceu financeiramente com a guerra e viajou aos campos de batalha para comercializar produtos junto às tropas. Lá, Machado de Assis mostrou um indivíduo que ascendeu socialmente a partir do uso da guerra por motivos claramente pessoais. Assim, a defesa da pátria foi posta em segundo plano.

⁷⁰⁶ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 37.

⁷⁰⁷ Idem, ibidem, p. 73.

⁷⁰⁸ Idem, ibidem, p. 45.

⁷⁰⁹ Idem, ibidem.

⁷¹⁰ Idem, ibidem.

Após dispensar parte de seu soldo na compra de bolachas, José Luís Rodrigues da Silva recordou-se dos sofrimentos da guerra. A linguagem utilizada é carregada de adjetivos que nos remetem à crueza do cotidiano e suas lembranças o conduziram a detalhada descrição:

Desfeita, logo a ordem da formatura, sob o domínio do pânico nas fileiras, ninguém mais se entendeu. Vieram a confusão, a balbúrdia, o desatino e o horror. A luta, corpo a corpo, tomou proporções que não se descrevem assim facilmente. Cada qual defendia-se como podia. Era o salve-se-quem-puder -, o pandemônio, debaixo de uma gritaria infernal. Matava-se, feria-se, golpeava-se a lanças, a espada, a baioneta e a tiro de revólver. Oficiais e soldados que saíam em carreira estrada afora eram baleados como animais e postos à garupa dos cavaleiros. Os poucos aprisionados por entregarem-se, retiravam-nos da arena. A hecatombe só cessou quando não houve mais sangue a correr⁷¹¹.

Em meio ao palco de horrores, o autor ainda encontrou instantes de felicidade. Agora não mais cenas de agonia e pesar, mas sim momento de alívio e esperança pelo fim do conflito.

Hotéis, cafés, bilhares, teatros, casas de baile, festas de igreja impulsionada pelo velho Hermes que, de batuta em punho, regia magistralmente as orquestras, o convívio confortante de muitas famílias chegadas do Brasil, tudo isso em plena atividade, roçava pelas fronteiras da verdadeira delícia. O concurso assíduo e joeirada⁷¹² em meio do opulento elemento comercial fortalecia e emprestava tom alegre ao quadro já de si risonho e próspero da existência agradável que fruíamos, após os sofrimentos depressivos do organismo por marchas constantes e combates sucessivos⁷¹³.

O final do conflito mostrava-se próximo e algumas provações diminuiram. Naquele momento, o comandante-em-chefe das tropas brasileiras anunciou o fim da guerra após a invasão de Assunção: “Caxias, dando a guerra por acabada, com a derrota e fuga de López, que o supunha à frente dos seus últimos defensores em Lomas Valentinas, de Assunção embarcou para o Rio de Janeiro[...]”⁷¹⁴.

Entre a mudança de comando e a possibilidade do fim, a guerra ainda dava fortes sinais de recrudescimento, pois de acordo com o Tratado da Tríplice Aliança assinado pelos aliados (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai, a luta só terminaria com a morte de Solano López.

⁷¹¹ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 47.

⁷¹² Esse termo foi utilizado como sinônimo de averiguação, esquadramento.

⁷¹³ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 47.

⁷¹⁴ Idem, ibidem.

Em um dos riquíssimos dias de maio, quando inteiramente descuidados, absorvidos na contemplação dos melhores ideais recreativos, entregues à indolência, às carências suaves do *dolce far niente*, eis que brutalmente, de surpresa, somos colhidos ouvindo o toque de chamada ligeira rumos diversos da cidade, sem poder atinar sobre a causa determinante do alarme. As casernas animaram-se, e as divisões de pronto marchavam para Luque⁷¹⁵.

A chegada à Assunção gerou expectativas sobre o desfecho do conflito. O presidente paraguaio fugiu para o interior do país, numa fase da guerra conhecida como Campanha das Cordilheiras. Após a saída de Caxias do *front*, o comando das tropas brasileiras passou para as mãos do Conde d'Eu, genro do imperador D. Pedro II.

O príncipe Conde d'Eu assumia o comando em chefe do Exército quando nos achávamos acampados em Luque no mês de abril de 1869. A retirada de Caxias, a ausência de Osório, preocupavam o ânimo das tropas, que caíram em marasmo evidente. Os oficiais esforçavam-se por licenças, na maioria à inspeção de saúde, doentes ou não, e isto constou no Rio. Chegando o príncipe a Assunção, em momento exato da partida de um vapor com 50 e tantos a bordo, mandou sustá-lo e desembarcar todos para submetê-lo a novo exame médico.

Os demais, reuniram-se aos seus corpos; e isso foi um bom decreto da Providência, porque, 4 meses depois, obtinham um posto de acesso, no correr das operações logo iniciadas.

Entusiasmado com a nomeação de comandante do Exército brasileiro, ele, príncipe consorte, de competência militar então desconhecida, tinha por divisa trabalhar ativamente na medida de suas forças, sacrificando-as mesmo.

Passou em revista o Exército no dia da posse, dividiu-o em duas colunas, uma às ordens de Osório, ausente, mas prestes a chegar, e a outra às de Polidoro, dando a Mallet o comando geral da artilharia; examinou o material, tomando as disposições precisas para em breve recomeçar as operações.

A estrada de ferro foi restabelecida, a linha telegráfica estendida quando convinha, e, assim tudo teve apresto para o tentâmen da chamada Campanha das Cordilheiras⁷¹⁶.

A passagem anterior é significativa para a compreensão de alguns encaminhamentos sócio-históricos da Guerra do Paraguai. A transmissão do comando bélico gerou dificuldades na reorganização dos recursos humanos e materiais. A retirada de Caxias e de Osório dos campos de batalha teve como consequência primeira a falta de liderança carismática nos campos de batalha.

As táticas de comunicação e transporte (linhas telegráficas e férreas) passaram também por manutenção, visando à perseguição definitiva a Solano López e seus

⁷¹⁵ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 47.

⁷¹⁶ Idem, ibidem, p. 67-68.

comandados. O novo comandante, o Conde d'Eu, entregou a chefia das divisões do Exército aos experientes Osório, Polidoro e Mallet, tentando recuperar o ânimo dos soldados, que após a saída de Caxias estava em baixa.

O trecho seguinte mostra a preocupação de Rodrigues da Silva em registrar as táticas de perseguição aos paraguaios, que ao final da guerra passaram por uma série de infortúnios, assolados pela fome, miséria e constante presença da morte.

Na picada, perseguindo o inimigo, o abaixo assinado, com o estômago capaz de digerir pedras, ia sendo vítima, não das balas, que o pouparam, mas de formidável indigestão proveniente de sardinhas de uma lata, engolidas com a voracidade do abutre voador, tendo bebido, logo depois, exagerada porção d'água lodosa. Por muitos anos lhe repugnaram, depois disso, os tais peixinhos acamados em azeite. Em Peribebeú já lhe havia sucedido caso idêntico, porém no tocante ao rico melado de cana, em cujo preparo os paraguaios são exímios e sabem conservá-lo longo tempo sem azedar-se, em grandes bolsas ou surrões de couro cru⁷¹⁷.

A irregularidade no abastecimento de alimentos causou sérios obstáculos aos brasileiros. O autor reclamou da má distribuição dos uniformes e queixou-se dos vencimentos percebidos; insuficientes para satisfazer as necessidades de sobrevivência. As **Recordações da Campanha do Paraguai** não pouparam críticas à política imperial no que se relacionava à logística do confronto.

O serviço de fornecimentos em primeiro lugar, de maneira péssima, fazia ressaltar daí imensos males. À oficialidade, como já referimos, só lhe era concedido o direito de ração de carne fresca ou seca, e raramente, um pouco de farinha e sal. Por tal forma mal alimentados, os camaradas nas marchas, se as faziam a pé, atrasavam-se muito, em razão de constantes fadigas, e, quando no acampamento, à noite, estavam mais mortos do que vivos. Subiam de ponto os sofrimentos, em ocasiões de frio e chuva, em que bagagens, conduzidas em cargueiros, molhadas por completo, os campos e matas de igual modo não permitiam armar-se barraca nem fazer fogo. Os parcos vencimentos, recebidos a 1º do mês, sempre, pontualmente, o que não acontecia entretanto, com as praças de pré, pagas às vezes com atraso próximo de um ano, com dificuldade cobriam as despesas urgentes, dando ensejo a privações injustas, mal cabidas, tanto mais que o comércio reputava os gêneros de primeira necessidade por preços exageradíssimos, só acessíveis aos oficiais empregados nos estados-maiores, cujas gratificações reforçavam o soldo⁷¹⁸.

Os protestos foram claros e endereçados ao desigual tratamento dispensado aos oficiais e aos soldados que não recebiam alguns itens alimentícios. A baixa remuneração

⁷¹⁷ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 67-68.

⁷¹⁸ Idem, ibidem, p. 93.

virou motivo de queixa. Ao mesmo tempo em que o pagamento regularizado dos soldos poderia sanar certas dificuldades, a especulação comercial foi constante nos acampamentos de guerra “de molde a estragar de pronto os uniformes que nos custavam os olhos da cara [...]”⁷¹⁹.

Entre oficiais e praças de pré “a primeira idéia, aliás bem justa, foi o de entregarem-no à enfermaria. Prevaleceu, todavia, o protesto formal dos mais famintos, opinando pela distribuição aos oficiais prontos somente”⁷²⁰.

Rodrigues da Silva revelou nostalgia: “no princípio da guerra ou até meados, andávamos fardados regularmente, decentemente”⁷²¹. O autor acreditava que no início do conflito a distribuição de víveres era mais organizada: “passado esse tempo, era uma vergonha, na verdade, pois vestíamos peças de uniformes dos soldados, e na falta, roupa à paisana, já velha, mais semelhantes a andrajos [...]”⁷²².

Após momentos de desordem e confusão o memorialista assinalou a melhora no serviço logístico: “desde então, passados os inesquecíveis 45 dias de suplício, começamos a ser abastecidos regularmente”⁷²³. José Luís Rodrigues da Silva aguardava a hora de vivenciar melhores dias: “não era sem tempo, pois na fisionomia cadavérica da tropa, em geral, estavam impressos os traços característicos do sofrimento agudo [...]”⁷²⁴.

Os raros momentos de paz logo se esvaeciam perante a dureza do cotidiano. As inconstâncias da natureza foram pontuadas como elementos que aceleravam as penúrias.

[...] Quando lográvamos campo melhor, isto é, mais firme, imperava tormento quase insuportável. Descalços, pisando em tocos de capim queimado dias antes do inimigo, na sua fuga precipitada, até as lágrimas nos vinham aos olhos. Pela madrugada, principalmente, ao sair da cama, com os pés quentes, inchados, cobertos de estrepes, o martírio nos tragava a alma. Para cúmulo de males, apareciam, de tempos em tempos, areais enormes, que esgotaram-nos as forças alquebradas, escaldando-nos os pés em feridas⁷²⁵.

O dia a dia da Guerra do Paraguai nos remete à observação da maneira como “as atitudes cotidianas encontram-se enraizadas nas relações existentes entre o fundador e o banal”⁷²⁶. O presente estudo mostra qual a força dos “sentimentos, das paixões, das imagens e

⁷¹⁹ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 96.

⁷²⁰ Idem, ibidem, p. 77.

⁷²¹ Idem, ibidem, p. 95.

⁷²² Idem, ibidem.

⁷²³ Idem, ibidem, p. 78.

⁷²⁴ Idem, ibidem.

⁷²⁵ Idem, ibidem, p. 71.

⁷²⁶ MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, p. 20.

diferenças” acionadas pelas ações e atos diários que colaboraram para a “relativização das certezas estabelecidas”⁷²⁷.

As fontes memorialísticas são testemunhos de dimensões sociais nas quais “a teatralidade, o estilo cotidiano, a astúcia e o trágico”⁷²⁸ ocupavam notório espaço nos destinos dos personagens atuantes na guerra.

Na retaguarda, qualquer elevação obrigava a força, com direção a ela a marchar em acelerado, quase de cócoras, outras ocasiões a arrastar-se, a fim de evitar as pontarias certeiras do inimigo, descobrindo-nos através da ramagem. Nos lugares secos, sacos de areia sobrepostos; nos úmidos, chapas de ferro da espessura de um centímetro serviam de abrigo passageiro às sentinelas, rendidas de hora em hora, às vezes, em menos tempo, tal a exalação pútrida e deletéria de cadáveres em decomposição adiantada, nunca sepultados, por se acharem entre as duas linhas beligerantes. A distância de uma a outra era tão curta, que se ouvia distintamente os paraguaios baterem no rosto para matar mosquitos⁷²⁹.

As lembranças de José Rodrigues da Silva se teciam nos fios da “esperança” aguardando desfecho do conflito. As notícias sobre o último capítulo da guerra causavam um misto de confusão e apreensão, expostos pela ausência de certeza quanto ao fim dos combates.

Um acontecimento extraordinário, que fragmentava completamente a monotonia do Exército, trazendo à crista das trincheiras mangrulos e pontos elevados, até doentes do hospital, empregados, comerciantes e mais paisanos, era quando no campo inimigo tremulava a bandeirinha branca do parlamentar. Nos acampamentos, então, a azáfama não tinha limites. Corria-se em todas as direções, e no olhar de cada um, na fisionomia geral, estampava-se a expressão cabal da curiosidade, do contentamento por se julgar logo como possível a pronta terminação da guerra, apesar de ignorar-se o fim da missão do enviado. Ninguém se entendia. Os oficiais e cadetes mais arrojados – porque não havia que fiar na lealdade do inimigo – mais irriquetos passaram as linhas e piquetes fronteiriços para confabular com os paraguaios, recebendo e oferecendo pequenos objetos como lembrança. Durante as horas de trégua, os parapeitos regurgitavam, não se cogitando de mais nada, além do assunto ocasional. Os comandantes toleravam a espécie de anarquia que, aliás, nos proporcionava a interrupção, sem maior inconveniência, da vida apática do acampamento. Terminada a impressão deliciosa do gesto inimigo, caía-se no pleno marasmo costumeiro e lá se ia pelos ares mais uma fagueira esperança⁷³⁰.

Nas primeiras páginas das **Recordações** o autor adjetivou as tropas paraguaias como “o assombro das hostes delirantes de López”⁷³¹. As impressões sobre os comportamentos e

⁷²⁷ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 8.

⁷²⁸ Idem, ibidem.

⁷²⁹ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 52.

⁷³⁰ Idem, ibidem, p. 94.

⁷³¹ Idem, ibidem, p. 23.

atitudes paraguaias se figuraram como um dos enredos narrativos constantes na documentação analisada na presente tese. Machado de Assis, Visconde de Taunay, Pereira da Silva, Manuel Carneiro da Rocha, Luiz Von Hoonholtz, Artur Jaceguai e José Luís Rodrigues da Silva apresentaram versões sobre a participação guarani no conflito.

Se resplandeceu a nosso lado a vitória no Paraguai, digamos francamente, de ciência certa, éramos em número superior, armados e municiados com mais vantagem, primando pela educação militar; enfrentávamos, por último, inimigo mais atrasado, pois em valor individual nada deixava a desejar⁷³²

Nossos autores coadunaram na construção de imagens de um inimigo ao mesmo tempo retrógrado e obsoleto, mas também detentor de qualidades guerreiras. O elogio ao oponente indicava a preocupação em justificar os atos de heroísmo. Lutar contra um adversário fervoroso e vencê-lo no campo de batalha significava bravura: “ou o paraguaio, em que a sobriedade, o valor, a obediência comprovada eram o apanágio”⁷³³.

O autor tipificou as ações dos soldados paraguaios a uma espécie de cegueira contraída na confiança ao seu general-presidente: “o servilismo, a degradação moral penetraram tão fundo no coração daquela gente, pelo hábito da obediência incondicional”⁷³⁴.

No trecho seguinte, podemos notar as impressões reservadas na lembrança de José Luís Rodrigues da Silva sobre os paraguaios. O memorialista voltou a dignificar a postura dos oponentes, ressaltando os esforços brasileiros na luta contra a insistência dos seguidores de Solano López.

O inimigo, a miúdo, teimava em surpreender as nossas linhas avançadas, empregando artimanhas de todo quilate. Obrigava-nos a uma vigilância invariável, perseverante, principalmente em noites de inverno, escuras, tempestuosas. Ninguém dormia nem descansava durante as 24 horas de serviço. Os oficiais em atividade contínua à retaguarda das praças às vezes não conversavam nem fumavam, se a linha contrária estava próxima, como sucedia ordinariamente. As sentinelas perdidas, vigiadas a todo momento. O general do dia não descurava de suas visitas obrigatórias⁷³⁵.

As **Recordações da Campanha do Paraguai** diferem das fontes analisadas anteriormente em virtude da quantidade de opiniões emitidas contra Solano López e pela

⁷³² SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 55.

⁷³³ Idem, ibidem, p. 92.

⁷³⁴ Idem, ibidem, p. 83.

⁷³⁵ Idem, ibidem.

negatividade embutida na narrativa: “O Calígula americano, inexorável, como se sabia, nos seus gestos malévolos [...]”⁷³⁶.

A capacidade de liderança e coesão do general-presidente também foi caracterizada, causando sensações de estranhamento e espanto: “este indivíduo de forma humana, de fato um animal bravo carniceiro, possuía em elevado grau o poder de insinuar-se no ânimo do povo”⁷³⁷.

O autor não acreditava na capacidade de convencimento do presidente paraguaio e criticou a submissão dos paraguaios aquele líder: “parece inacreditável que um homem só pudesse dominar e subjugar uma população completa, tolerando-lhe impassível, os maiores desatinos de monstro que era, sem reagir com energia, sem sacudir, um momento sequer, o jugo pesado e aviltante”⁷³⁸.

Para Rodrigues da Silva, o resultado daquele relacionamento social seria a penúria de “milhares de famílias”⁷³⁹ que “chegavam diariamente em estado de cortar a alma, cobertas de sarna e outras moléstias de pele, devido aos maus-tratos e exclusivo alimento do milho torrado”⁷⁴⁰.

As **Recordações da Campanha do Paraguai** são incisivas também às práticas políticas do governo imperial, principalmente nos processos decisórios relacionados à guerra: “o governo imperial, sempre imprevidente, dominado de negligência criminosa, foi o único responsável”⁷⁴¹.

Para o autor, a ausência de organização logística e estratégica se devia à falta de comprometimento governamental, isentando o Exército Brasileiro de possíveis culpas pelas derrotas nos campos de batalha.

É opinião corrente que disporemos de Exército idôneo, aparelhamento completo, se os nossos homens políticos prestarem-lhe a atenção merecida, não regateando os necessários recursos para torná-lo na altura da defesa da pátria. Que não seja enormidade deseja-se, mas em número, ilustração e competência capazes de evitar a série de decepções monstruosas que na campanha experimentamos, custando vidas de subido valor, a par de absoluta orgia de dinheiro⁷⁴².

⁷³⁶ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 71.

⁷³⁷ Idem, ibidem, p. 82.

⁷³⁸ Idem, ibidem.

⁷³⁹ Idem, ibidem, p. 81.

⁷⁴⁰ Idem, ibidem.

⁷⁴¹ Idem, ibidem, p. 22.

⁷⁴² Idem, ibidem, p. 55.

O autor registrou a homenagem que os ex-combatentes receberam após alguns anos do término da guerra. Rodrigues da Silva mostrou-se entristecido ao perceber que argentinos e uruguaios reconheceram o valor de seus heróis prontamente: “há muitos anos mandaram incluir, como prontos nas fileiras do Exército, os seus veteranos, para vencerem sempre como os efetivos e todas as gratificações a que estes tiverem direito”⁷⁴³.

No Brasil foram realizadas comemorações e reconhecimentos de forma tardia. Cinquenta anos após o conflito, os poucos sobreviventes que ainda respiravam seus últimos ares receberam honrarias e passaram a receber gratificações conforme previsto nos decretos imperiais sobre o alistamento de voluntários.

Felizmente os nossos homens pró-políticos, após meio século de acabada epopeia brasileira nos campos inóspitos do Paraguai, vão reconhecendo a relevância dos serviços prestados aí pelos seus poucos compatriotas, que ainda existem alquebrados, valetudinários, no último quartel da vida. Permitiram-lhes, aos reformados e Voluntários da Pátria, cujo soldo era pago pela tabela antiga, que fosse pela da atual. Recentemente prestaram grande homenagem, não há dúvida, a certa ordem de oficiais, concedendo-lhes as honras de general-de-brigada⁷⁴⁴.

As lamentações de José Luís Rodrigues da Silva não foram somente disparadas contra as práticas políticas paraguaias e brasileiras. Os argentinos e sua participação na guerra foram alvos do memorialista. Sua opinião, nesse caso não divergiu das colocações dos literatos e memorialistas analisados anteriormente. A aliança com a Argentina se fazia necessária, mas deveria ser celebrada com reserva e cuidado. Para ele, verdadeiro inimigo era Buenos Aires e não Assunção.

O nosso aliado argentino, posto que recebendo de nós gentilezas de toda sorte, manifestava, de contínuo, má vontade, prevenções e zombarias chulas, procurando sempre envolver-nos no ridículo, sem razão de ser. A causa, outra não era senão a inveja de nossos inesgotáveis recursos e progresso, sobretudo porque, durante toda a guerra, o efetivo do seu Exército nunca foi além da quinta parte do nosso Humaitá, e daí por diante, pouco excedendo de 4000 homens⁷⁴⁵.

Rodrigues da Silva analisou a reunião de forças brasileiras e argentinas recomendando “a boa prudência”⁷⁴⁶ e aconselhando “um *modus vivendi* de preocupações legítimas,

⁷⁴³ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 79.

⁷⁴⁴ Idem, ibidem.

⁷⁴⁵ Idem, ibidem, p. 97.

⁷⁴⁶ Idem, ibidem.

consoante interesses vitais a defender”⁷⁴⁷, alertando sobre o excesso de confiança “um traçoeiro golpe de mão, nos pode ser fatal. É o caso de confiar desconfiando...”⁷⁴⁸.

Outra constante na narrativa memorialística de Rodrigues da Silva é a menção sobre a presença de doenças contagiosas nos rios e campos de batalhas e as tentativas em diminuir seus efeitos visando à recuperação dos feridos em combate.

Começando a grassar a disenteria, de modo assustador, e, atribuindo-se ao fato da distribuição da carne no momento de abatido o gado, este serviço passou a ser feito com antecedência de 12 horas, cessando o mal em erupção, para reaparecer mais tarde, transformando em cólera morbo asiático, bexiga de pele de lixa, tifo, sarampo, tudo a um tempo⁷⁴⁹.

Em outro trecho, o autor mostrou cenas de sofrimento, criticando a desorganização dos serviços de saúde da campanha. Para ele, vidas seriam poupadas caso houvesse um melhor cuidado com os doentes acometidos por enfermidades contagiosas ou mesmo feridos em combate.

Companheiros, uns, infelizmente, por mal avisados, outros por batido pelo sopro maligno do infortúnio, viviam em um *mare magnum* de privações e necessidades. Sucedia, quando enfermos, avolumar-se o mal-estar, baixando aos hospitais, cujos estabelecimentos no Exército, mal atendidos, num lamentável descaso, desaparelhados de tudo, mormente de abundante pessoal de enfermeiros com o necessário preparo, de bom arsenal cirúrgico, de utensílios indispensáveis, enfim, daquilo que concerne ao conforto relativo, inspiravam em geral estranhada repulsa, horror mesmo, subindo de ponto, quanto aos feridos em combate. Os instrumentos de operação, talvez por força de circunstâncias, gozavam de fama funesta, ou pela sua má qualidade, ou por não os sujeitarem a uma assepsia completa, perfeita. Mui raramente escapava das garras da morte quem se via na obrigação de amputar um braço ou uma perna, sem falar em outras intervenções de cirurgia.

O corpo de saúde, escandalosamente deficiente, contava até estudantes do 1º ano das escolas de medicina, que seguiam para a campanha contratados, aliás, com pingues honorários, às vezes superiores aos dos médicos antigos do quadro. Semelhantes indivíduos desempenhavam trabalhos peculiares à alta cirurgia, empunhavam um ferro com a maior sem-cerimônia, cortando, retalhando carne humana, desalmadamente⁷⁵⁰.

Novamente, o autor emitiu julgamentos contra os serviços prestados nos hospitais de campanha: “um sem número de vezes, vimos no hospital central do Exército, em barraquinhas

⁷⁴⁷ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 97.

⁷⁴⁸ Idem, ibidem.

⁷⁴⁹ Idem, ibidem, p. 51.

⁷⁵⁰ Idem, ibidem, p. 98.

mal armadas, de porta aberta, soldados doentes deitados em puro frio chão, desapidadamente”⁷⁵¹.

Nesse ínterim, seus lamentos se voltaram contra possível ato desrespeitoso cometido por um capelão do Exército, que parecia profanar o nome dos mortos.

O capelão, um senhor padre Moura, já ido desta para a melhor, há boa soma de anos, lá pelo Estado de Mato Grosso, julgo eu, para dar contas ao credor das suas brilhanturas cá por este mundo, sujeito dado a pilhéria descriteriosa, ao gracejo canalha, chamado a encomendar um cadáver, cobriu-lhe de areia o rosto todo quase nu, dizendo com sarcasmo de alcouce: “Coitadinho, finou-se no verdor dos anos quando a existência lhe era tão feliz e risonha; está bom, carreguem o brejeiro, que já está encomendado”⁷⁵².

A seguir, o autor se dirigiu ao “corpo eclesiástico” do Exército Brasileiro, atacando o tratamento desumano contra aqueles que necessitavam de instantes de conforto e paz. A linguagem utilizada foi direta e sem meias palavras.

O corpo eclesiástico efetivo do Exército, na campanha, nunca primou pela idoneidade; representava antes uma perfeita excrescência, pode-se asseverar francamente, sem susto ou medo de errar. Os soldados padeciam nos hospitais sem lhes serem ministrados os sacramentos da religião, e, quando um ou outro padre comparecia, para o cumprimento dos deveres do seu ministério, junto aos moribundos ou cadáveres, era para fornecer a pior cópia de si, como fazia o edificante Veríssimo, digno êmulo do celeberrimo Moura, de quem tratei ultimamente. Exceções existiam em número bem insignificante⁷⁵³.

As **Recordações da Campanha do Paraguai** funcionam como uma espécie de manifesto reivindicatório das atrocidades vivenciadas durante o conflito platino. A força do cotidiano também impulsionou o combatente José Luís Rodrigues da Silva ao registro de comportamentos, que para ele, se mostraram genuinamente patrióticos.

O autor se preocupou em destacar a inediticidade e as proporções do confronto, valorizando as atitudes dos brasileiros nos campos de batalha: “Jamais a América Meridional presenciou prélio de tanta magnitude e onde o caro Brasil se revestisse de glórias imortais, em profusão, como mostrando à posteridade o patriotismo modelar, o valor de seus filhos diletos”⁷⁵⁴.

O valor do sentimento patriótico foi reforçado: “pronto aos maiores sacrifícios, principalmente associado ao cumprimento religioso, em se tratando da causa santa da

⁷⁵¹ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 98.

⁷⁵² Idem, ibidem, p. 99.

⁷⁵³ Idem, ibidem, p. 100.

⁷⁵⁴ Idem, ibidem, p. 50.

pátria”⁷⁵⁵. Rodrigues da Silva além das ferrenhas críticas à guerra mostrou sinais de crença nas “armas poderosas do patriotismo”⁷⁵⁶.

No trecho seguinte, percebemos que a luta contra um oponente é estimulada em defesa da honra patriótica. O cotidiano da guerra foi apresentado como ambiente de ações heroicas como fica patente nas próximas linhas⁷⁵⁷.

No fragor da batalha de 24 de maio, na ocasião do seu maior entusiasmo pelas cargas, que animava em altas vozes contra o inimigo, participaram-lhe que seu filho dileto, Alferes Salu, acabava de morrer varado por uma bala, em meio do seu batalhão, que avançava a marche-marche. O bravo general apenas respondeu, continuando na peleja com o mesmo ardor: “Morreu defendendo a sua pátria; teve um fim nobre e feliz”. Alcançado o triunfo, do qual participou com brilhante patriotismo, viram-no na barraca derramando copiosas lágrimas, por entre freqüentes soluços, porque, pai extremoso, o golpe recebido no âmago do coração o acabrunhava sensivelmente. A sua boa soma de conhecimentos práticos era, de ordinário, aproveitada em comissões importantes⁷⁵⁸.

O “grito altissonante da pátria”⁷⁵⁹ vociferou nas linhas das **Recordações da Campanha do Paraguai**. A morte de um ente querido foi assimilada como ato de heroísmo, na defesa do país. O pai abalado pela perda do filho lamentou-se consternado. Naquele momento, sua capacidade de assimilação foi posta em jogo, pois ele ainda seria útil na guerra.

Lucien Febvre nos auxilia na compreensão das maneiras como os sentimentos de honra e patriotismo compelem os indivíduos nas tomadas de decisão por mais espantosas que elas possam parecer. Para ele, a honra: “é o resultado de uma pressão, aceita, do grupo, da coletividade sobre uma ou várias consciências individuais”⁷⁶⁰.

Cunha citando Febvre argumenta que a honra é uma força de engajamento dos homens em suas ações imediatas, sem demonstrar hesitação⁷⁶¹. Numa ordem militar, uma espécie de código de honra delinea atos e ações⁷⁶². Nas **Recordações da Campanha do Paraguai** o patriotismo se associou com o desejo de vingança contra um adversário concreto contribuindo para amalgamar “o sentimento nacional dos brasileiros”⁷⁶³.

⁷⁵⁵ SILVA, José Luís Rodrigues da. Op. cit., p. 78.

⁷⁵⁶ Idem, ibidem, p. 79.

⁷⁵⁷ Idem, ibidem, p. 88-89.

⁷⁵⁸ Idem, ibidem, p. 89.

⁷⁵⁹ Idem, ibidem, p. 54.

⁷⁶⁰ FEBVRE, Lucien. **Honra e pátria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 65.

⁷⁶¹ FEBVRE apud CUNHA, Marco Antônio. Op. cit., p. 104.

⁷⁶² FEBVRE, Lucien. Op. cit, p. 64-65.

⁷⁶³ CUNHA, Marco Antônio. Op. cit., p. 66.

Marco Antonio Cunha menciona que a Guerra do Paraguai culminou no “culto à bravura, ao heroísmo e ao sentimento patriótico”⁷⁶⁴. José Luís Rodrigues da Silva construiu narrativa memorialística na qual ficam expressos os vários entraves e empecilhos vividos no cotidiano bélico. Tais entraves testavam dia a dia a capacidade dos beligerantes em evidenciar “a nobreza de espírito, o desprendimento moral e a dedicação à Pátria”⁷⁶⁵. Os sacrifícios “da vida no leito da honra”⁷⁶⁶ eram dimensionados em prol de uma causa maior, o Brasil.

A pátria se manifestou tendo como esteio “o espírito da guerra e seus espectros”⁷⁶⁷ que “deram asas aos discursos civilizatórios que formavam opiniões, legitimavam o estado de beligerância, e, ao mesmo tempo”⁷⁶⁸ objetivavam “os valores nacionais dos brasileiros”⁷⁶⁹.

Ainda nas **Recordações da Campanha do Paraguai** o vocábulo pátria ressoou carnalmente, brotou e falou “mais alto a voz do sangue”⁷⁷⁰. A guerra aproximava os “homens aos lugares que os viram nascer”⁷⁷¹, mesmo lutando num território inóspito e desconhecido. A união de desejos e finalidades se justificavam em torno da “dignidade e da qualidade divina”⁷⁷², atributos conferidos a ideia de pátria.

Nossa análise das **Recordações** de José Luís Rodrigues da Silva ressalta a utilidade de suas lembranças para a reflexão da historicidade da guerra. As declarações do autor foram incisivas na relativização do conflito enquanto evento histórico absolutamente conformador da identidade brasileira.

O memorialista não somente apresentou a contenda como iminência construtiva da identidade nacional brasileira, mas indicou suas fragilidades. Como pertencer a uma Nação que não reconhecia o valor de seus defensores? Qual o preço da preservação dos interesses brasileiros?

Nossa busca por entendimentos sobre a identidade nacional brasileira no conflito platino continua com o estudo do **Diário: A Guerra do Paraguai de André Rebouças**⁷⁷³. Suas linhas foram escritas entre 28 de maio de 1865 e 23 de junho de 1866.

⁷⁶⁴ CUNHA, Marco Antônio. Op. cit., p. 66.

⁷⁶⁵ Idem, ibidem, p. 86.

⁷⁶⁶ Idem, ibidem.

⁷⁶⁷ Idem, ibidem, p. 108.

⁷⁶⁸ Idem, ibidem.

⁷⁶⁹ Idem, ibidem.

⁷⁷⁰ FEBVRE, Lucien. Op. cit., p. 88.

⁷⁷¹ CUNHA, Marco Antônio. Op. cit., p. 104.

⁷⁷² Idem, ibidem, p. 104.

⁷⁷³ André Pinto Rebouças (1838-1898) nasceu na Bahia e formou-se engenheiro pela Escola Militar do Rio de Janeiro em 1860. Participou da Guerra do Paraguai engajado na Comissão de Engenheiros em missões de reconhecimento e infra-estrutura entre maio de 1865 e junho de 1866. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/historia/personagens-historicos>> Acesso em 09 de setembro de 2011.

Algumas passagens da obra foram publicadas em 1920 e referem-se somente ao período compreendido entre 13 de agosto e 23 de setembro de 1865. Em 1938, Ana Flora e Ignacio Rose Veríssimo trouxeram as impressões de André Rebouças sobre o conflito até o dia 09 de março de 1866.

A historiadora Maria Odila da Silva Dias reorganizou em 1973 o diário de André Rebouças, incluindo algumas anotações que o memorialista organizou num caderno manuscrito, que perfazem o universo de 15 de março de 1866 a 23 de junho do mesmo ano. A autora na apresentação do **Diário** procedeu à rica análise das temáticas expostas por Rebouças entre 28 de maio de 1865 e 09 de março de 1866.

Ao seguir essa trilha pretendemos indicar alguns aspectos da guerra e realizar uma releitura dos assuntos selecionados por Maria Odila da Silva. Na primeira parte do **Diário** há uma profusão de registros sobre temas diversos.

André Rebouças desembarcou em Montevidéu em maio de 1865 após um mês da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança. Por semelhança às **Recordações da Campanha do Paraguai**, o autor se queixou de alguns encaminhamentos da guerra: planejamento das ações, desconforto e condições de saúde das tropas, demora numa resposta do governo imperial à invasão do Rio Grande do Sul, desentendimentos entre os chefes aliados e interferências de interesses político-eleitorais nos assuntos da guerra⁷⁷⁴.

Maria Odila da Silva Dias resume bem o conteúdo dos descontentamentos presentes nas linhas do **Diário**, que por bem, merecem a reprodução a seguir:

Trata-se de um depoimento vivo e de um relatório minucioso dos preparativos da invasão do Paraguai, que se reveste de um interesse especial, por refletir a experiência de um primeiro tenente da Comissão de Engenheiros que participou na vanguarda das operações junto ao Forte Itapirú e depois, já em solo paraguaio, das peripécias dos primeiros tempos do acampamento do Passo da Pátria e de Tuiuti, entre 16 de abril e 23 de junho. Às vésperas da travessia das tropas, descreve a ocupação de uma ilha em frente ao forte paraguaio Itapirú (5 de abril), um combate sangrento no dia 10; as dificuldades de transporte do exército, e já no Paraguai, a desorganização do abastecimento, a fome, a falta de cavalos, as doenças, as dificuldades sofridas pelos soldados, fazendo referência ao desânimo que toma conta dos aliados após a derrota de 2 de maio, finalmente superada pela desforra da primeira batalha de Tuiuti, no dia 24 do mesmo mês. O seu tom é iminentemente crítico, contendo freqüentes denúncias da falta de visão e dos erros dos chefes militares, da desorganização geral das tropas, das deficiências de material técnico e da improvisação das operações estratégicas⁷⁷⁵.

⁷⁷⁴ DIAS, Maria Odila da Silva. Introdução. In: REBOUÇAS, André. **Diário**: A Guerra do Paraguai. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1973, p. 4.

⁷⁷⁵ REBOUÇAS, André. **Diário**: A Guerra do Paraguai. Op. cit., p. 7.

O autor valorizou as ações bélicas nas quais atuou: “a atitude psicológica de Rebouças leva-o a exagerar a importância das operações de que participa e a certas distorções subjetivas, de resto perfeitamente de se esperar nesse gênero de fonte”⁷⁷⁶.

A fluidez da narrativa confere às fontes memorialísticas alguns reforços subjetivos caracterizados pelo processo seletivo das lembranças.

O espírito acentuadamente crítico e agressivo com que Rebouças redige *Diário* parece aguçar-se nos últimos tempos de campanha. O seu inconformismo traduz-se em críticas violentas contra os superiores, em freqüentes atritos com seus chefes e em referências impiedosas às deficiências de orientação tática e à morosidade da guerra. Descontado o arroubo de seu temperamento e levando-se em contas as circunstâncias peculiares que revelam um estado psicológico de revolta latente, resta sem dúvida, muito de procedente em suas observações sobre a desorganização do exército e da vida militar nos primeiros tempos da guerra e a improvisação com que a enfrentaram os chefes militares⁷⁷⁷.

Traço comum nas fontes memorialísticas produzidas por profissionais da Marinha e do Exército em conflito contra o Paraguai é a referência às forças da natureza como entraves às ações bélicas. A linguagem usada por André Rebouças é semelhante à maneira como Manuel Carneiro da Rocha no **Diário da Campanha Naval do Paraguai** se referiu ao tempo natural.

A natureza se mostrava ora implacável e destemida, em virtude de um meio ambiente desconhecido, mas também lograva aos brasileiros deslumbres e instantes de contemplação. Os anos, os meses, os dias e as horas do conflito também eram marcados pela lógica natural. Entre as seivas pluviométricas, o calor escaldante, o frio noturno e os alagamentos constantes, os sentimentos e as sensibilidades ganhavam reforço ou mesmo arrefecimento.

A dicotomia entre um meio ambiente traiçoeiro, mas igualmente portador de boas novas é marcante. André Rebouças apresentou algumas feições naturais da guerra, sua geografia, hidrografia e mudanças climáticas. No trecho seguinte, observamos positividade quanto à influência do tempo natural na vida dos combatentes.

16 de março (6^a sexta-feira) – Dia todo de sol refrescado por fraca viração de NE.

17 de março (sábado⁷⁷⁸) – manhã clara; dia todo de sol refrescado por um NE fraco.

18 de março (domingo) – Dia todo de sol e de NE forte.

⁷⁷⁶ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 19.

⁷⁷⁷ Idem, ibidem, p. 16.

⁷⁷⁸ A exemplo da epopeia *Riachuelo* de Luiz José Pereira da Silva quando mantivemos a grafia do português brasileiro do século XIX, resolvemos igualmente preservar a escrita original do **Diário** de André Rebouças como também fez Maria Odila da Silva Dias na edição de 1973.

19 de março (Segunda-feira) – Dia todo de sol: mal poude a forte brisa de NE, que reinou durante todo o dia moderar o calor⁷⁷⁹

As mudanças climáticas e ambientais chamaram a atenção de Rebouças. Pouco a pouco o fruir natural proporcionou agruras aos beligerantes. A passagem anterior objetivou dimensionar os obstáculos naturais que paulatinamente ganhavam contornos de invencibilidade.

20 de março (Terça-feira) – manhã sombria: pelas onze da manhã o NE fresco, que até então reinara, passou pelo O a Sul, trazendo trovoadas, que durou até às 3 da tarde.

21 de março (4ª feira) – Noite humida; manhã de CEO encuberto por numerosos cumulus e nimbus principalmente a Leste: limpou o tempo pelas 8; dia quente e pouco ventilado.

22 de março (5ª feira) – noite pouco fresca; manhã clara, dia todo de sol quente com fraca viração de NE.

23 de março (6ª feira) - Noite muito quente; dia todo de sol de calor exorbitante com pouca viração de NE.

24 de março (sábado) – Noite muito quente; dia de sol de extraordinário calor: fraca brisa de NE.

25 de março (Domingo) – Noite quente; manhã muito clara: dia de sol de calor intencíssimo⁷⁸⁰.

A narrativa do **Diário**: a Guerra do Paraguai possui uma organização estrutura textual diversa das **Recordações da Campanha do Paraguai** compostas por José Luís Rodrigues da Silva. Ao passo que as **Recordações** possuem estilo livre orientado pela fluência das lembranças, o **Diário** de Rebouças foi disposto e configurado pela marcação dos dias.

A descrição diária da fluência natural se converteu em motivo narrativo. Cotidianamente ele descreveu as condições climáticas “noite belíssima de luar”⁷⁸¹ numa visualização que permite apontar um paradoxo da bem-aventurança ambiental: “dia todo de sol de calor abafador”⁷⁸².

Entre o “mais puro ceo”⁷⁸³ e o dia “extremamente quente”⁷⁸⁴ o diário vai revelando a “cerração”⁷⁸⁵ impingida aos combatentes brasileiros. As batalhas travadas em espaço natural não identificado eram temerosas: “às 2 ½ de desabou o iminente temporal. Rajadas

⁷⁷⁹ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 25-31.

⁷⁸⁰ Idem, ibidem, p. 33-37.

⁷⁸¹ Idem, ibidem, p. 40.

⁷⁸² Idem, ibidem, p. 43.

⁷⁸³ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 45.

⁷⁸⁴ Idem, ibidem, p. 51.

⁷⁸⁵ Idem, ibidem, p. 74.

fortíssimas de Vento Sul, raios, trovões e uma copiosa chuva de pedras, seguidas de abundantísimos [...]”⁷⁸⁶.

A natureza às vezes acalmava-se quando apareciam “as primeiras nuvens rosadas no Oriente”⁷⁸⁷, arrancando do memorialista agradecimentos à providência divina “dei graças ao Omnipotente; o Sol vinha iluminar-nos o campo de batalha”⁷⁸⁸ e que trouxe, além disso, o anúncio da vitória: “completar a derrota do inimigo e, sobretudo acabar com os enganos inevitáveis e tão fataes n’um combate às escuras e por surpresa”⁷⁸⁹.

Entre fuzilarias, temporais, aguaceiros, dias e noites escaldantes, o tempo natural ia ditando seu enredo, impondo sua lógica. As altas e baixas dos rios platinos também foram mencionadas no **Diário** de Rebouças “O Paraná continua a baixar com a mesma lentidão”⁷⁹⁰. Nos registros memorialísticos produzidos pelos oficiais da Marinha em guerra há várias abordagens sobre quadro hidrográfico do Prata e suas condições de navegabilidade.

A descrição das ações cotidianas também aparece no **Diário**. As táticas e as movimentações das tropas além das operações combinadas entre Exército e Marinha foram mencionadas na passagem seguinte.

Hontem 21 de março subio o chefe Alvim com a “Henrique Martins” e a “Araguary” para sondar os canaes do Passo da Pátria: ao anoitecer “quando soltavão, encalhou a Canhoneira “Araguary” (Comme. Hoonholz) e ficou toda a noite até às 9 1/2 da manhã de 22 de março quando conseguio desencalhar”. Às 2 da noite derão os paraguayos 12 tiros de peças da bateria D contra a 2ª Divisão que guarda a embocadura do Paraguay. A escuridão da noite so permittia ver a claridade produzida pelos tiros; durante estes tiros a bateria de Ytapirú fazia signaes de foguetes 1 a 1 e dous a dous, notando-se depois grande movimento de luzes nas canoas chatas e vapores fundeados sob sua proteção. Os tiros de bateria D nenhum effeito produzirão sobre a Segunda Divisão⁷⁹¹.

Maffesoli reconhece a energia do cotidiano como referência das relações sociais: “o social é afrontado por esse instante vivido em toda a sua concretude, instante que precisa ser consumido, rapidamente consumido em excesso, quando se conhece a sua precariedade”⁷⁹².

Nas fontes memorialísticas as experiências diárias aparecem obnubiladas “pela morte e suas diversas manifestações, a vivência cotidiana deposita toda a importância num presente

⁷⁸⁶ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 106.

⁷⁸⁷ Idem, ibidem, p. 82.

⁷⁸⁸ Idem, ibidem.

⁷⁸⁹ Idem, ibidem.

⁷⁹⁰ Idem, ibidem, p. 120.

⁷⁹¹ Idem, ibidem, p. 35-36.

⁷⁹² MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 25.

caótico que deve ser vivido numa intensidade que transcende as projeções sociais de toda ordem”⁷⁹³.

O desespero com a presença indelével da morte foi marcante nas linhas do **Diário: A Guerra do Paraguai** de André Rebouças: “uma bala lançada por uma das chatas, partio-se de encontro a uma portinhola, e arremessou a rêde de correntes, que a fechava, no interior da casamata produzindo esta fatal catastrophé”⁷⁹⁴.

As queixas de Rebouças se voltaram contra uma série de sofrimentos provocados pela insalubridade da guerra, mas também pelas inconstâncias do tempo natural. No trecho seguinte, as intempéries da natureza aparecem como um fiel e implacável inimigo.

Nésta noite molhados pela copiosa chuva, que cahia desde as duas da tarde tiritando de frio, não podendo nem ter por leito a areia e por travesseiro os saccos de trincheira, sem outro abrigo, além dos ponches e capotes, atormentados pelos alarmas, ignorando a sorte das nossas tropas desembarcadas no Paraguay, esgotámos até ás suas fezes o calix dos soffrimentos destinados aos que tomarão parte na gloriosa occupação da Iha Itapirú!!!⁷⁹⁵.

As exclamações podem ser interpretadas como um reflexo da vitória. A honra patriótica estava em jogo. As dificuldades eram justificadas “ás 3 ½ da madrugada chegava a minha barraca tendo assim completado 24 horas consecutivas de trabalhos militares”⁷⁹⁶ em prol do país.

Rebouças se regozijou com a presença de camaradas que lutaram com denodo: “Feliz o Paiz que se póde ufanar de ter taes defensores!”⁷⁹⁷. A proteção ao Brasil era sentida nos reveses diários que as batalhas impunham. Abaixo, mais uma passagem do *Diário*, onde Rebouças definiu o contraste entre a preservação “gloriosa” do país e o preço nem sempre barato dessa atitude.

A última bala oca atirada pelo inimigo as 10 ½ da noite proporcionou-nos um espectáculo magnífico; arrebentou na Ilha muito antes da linha de fortificação e elevou a mais de 20 metros d’altura uma enorme columna de fogo, fumo, areia e estilhaços sem produzir o menor damno, nem na linha de vedêtas nem nas trincheiras⁷⁹⁸.

⁷⁹³ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 25.

⁷⁹⁴ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 58.

⁷⁹⁵ Idem, ibidem, p. 107.

⁷⁹⁶ Idem, ibidem, p. 50.

⁷⁹⁷ Idem, ibidem, p. 71.

⁷⁹⁸ Idem, ibidem, p. 79.

Na narrativa, os heróis de guerra possuem características marcadas pela bravura e coragem: “perdeo dous dedos da mão direita por golpe de espada, teve na cabeça dou talhos feitos pela mesma arma e uma lançada em cada braço lutando com soldados de cavalleria paraguaya, que conseguiu affastar com o seu revolver encapado”⁷⁹⁹.

O espetáculo onde a pátria é exaltada, mas também questionada se refaz cotidianamente: “amanheci com os olhos inflamados pelos trabalhos contínuos em plena luz tanto na Ilha ao reflexo d’areia como nas pontes ao espelhar o rio”⁸⁰⁰.

O reflexo das manifestações identitárias brasileiras iluminavam a mente de André Rebouças. Os lampejos patrióticos são exibidos nas páginas do **Diário** numa inflexão de felicidade: “o entusiasmo chegára ao delírio: abraçavamo-nos e beijavamo-nos com os olhos rasos de lágrimas”⁸⁰¹.

Aos gritos de “Viva a Nação Brasileira” e “Viva o Imperador” as representações e as imagens do Brasil divulgadas por Rebouças se apresentam incongruentes. Nem sempre o esforço governamental para utilizar a Guerra do Paraguai como espaço de fortalecimento da identidade nacional se mostrou frutífero e eficaz.

Celso Castro nos alerta que as nações devem ser “vistas mais como construções simbólicas do que como entidades naturais, acabadas, com uma identidade única e uma memória sagrada a ser preservada”⁸⁰². A análise das fontes memorialísticas do conflito nos encaminha ao campo das “batalhas da memória”⁸⁰³, fornecendo uma “pluralidade e diversidade de passados”⁸⁰⁴.

As características desse espaço minado podem ser encontradas nas diversas críticas que André Rebouças divulgou em seus escritos. Trata-se de uma série de julgamentos às ações brasileiras no confronto paraguaio, partindo da relativização da guerra como momento absolutamente fecundo para a construção da identidade nacional brasileira.

André Rebouças não mediu esforços no sentido de negativizar determinadas condutas de guerra. Seus alvos foram indivíduos e grupos que julgou atrapalharem o desenvolvimento da guerra, não importando hierarquias e patentes. Para ele, todos deveriam somar esforços para o fim imediato do conflito e a defesa honrosa do país: “Na Esquadra, como no Exército, é geral o descontentamento pela morosidade, com que se faz esta guerra. Há uma irresolução,

⁷⁹⁹ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 137.

⁸⁰⁰ Idem, ibidem, p. 115.

⁸⁰¹ Idem, ibidem, p. 82.

⁸⁰² CASTRO, Celso. Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército; Batalhas de Memória. **A invenção do Exército**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 36.

⁸⁰³ Idem, ibidem, p. 37.

⁸⁰⁴ Idem, ibidem.

uma timidez, um excesso de precauções, que ora faz suppor cobardia e quase sempre é ridícula”⁸⁰⁵.

Os lamentos se voltaram várias vezes contra os comandantes que: “mais curiosos ou talvez menos medrosos”⁸⁰⁶. Ao contrário de José Luís Rodrigues da Silva que pouco reclamou de seus chefes, André Rebouças não poupou tinta ao lançar suas apreciações contra qualquer um. Em certo instante, chegou a clamar pela intervenção divina: “assim inteiramente perdidos todos os trabalhos e sacrifícios ahi feitos! Meu Deos, Meu Deos, quando teremos Generaes?”⁸⁰⁷.

A resposta à pergunta feita acima foi respondida com outro ataque à falta de prontidão e aos processos decisórios do conflito. A linguagem aguerrida e as feições ferinas das críticas impressionam.

Se tivéssemos um General emprehendedor que bela surpresa se poderia fazer n’esta madrugada a Curupaity atacando-a pela retaguarda com as forças de desembarque da Esquadra reforçadas por uma Brigada enquanto o resto do Exército offercesse batalha aos Paraguayos que lhe fazem face. Em lugar disso fechamos o campo por entrincheiramento como se estivéssemos emfrente de um Exército 3 vezes mais forte que o nosso!⁸⁰⁸.

Diferentemente das fontes pesquisadas até aqui, Rebouças indicou o alvo de suas queixas, citando, inclusive, o nome dos comandantes, como depreendemos nas passagens seguintes: “- já cansado, respondi-lhe, de aturar a inércia d’estes velhos – É verdade que já fadiga; e o Tamandaré que ainda hoje não subiu?! Não sei a que atribuir isto; só acho explicação em uma decrepitude precoce”⁸⁰⁹.

Rebouças não poupou a ninguém. O marquês de Herval foi mencionado no diário, não necessariamente por seus atos de heroísmo e despreendimento, mas sim: “O General Osório acaba de praticar um acto de atroz ingratidão. Deixou por mais de 8 dias na margem Correntina os seus secretários [...]”⁸¹⁰. Seus funcionários desgostosos “requererão a sua exoneração” e “retirarão-se logo do Exército”⁸¹¹.

Como testemunha ocular da guerra, Rebouças ainda assinalou: “o erro dos chefes n’este triste dia desmoralizarão muito”⁸¹². Os empecilhos logísticos e de abastecimento foram

⁸⁰⁵ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 29.

⁸⁰⁶ Idem, ibidem, p. 74.

⁸⁰⁷ Idem, ibidem, p. 79.

⁸⁰⁸ Idem, ibidem, p. 158.

⁸⁰⁹ Idem, ibidem, p. 27.

⁸¹⁰ Idem, ibidem, p. 127.

⁸¹¹ Idem, ibidem.

⁸¹² Idem, ibidem, p. 131.

indicados: “os escassos recursos de que dispomos”⁸¹³. Novamente, quanto ao serviço de distribuição de víveres o memorialista se referiu assim: “a flanela dos saccos é também de péssima qualidade e é preciso estar quase a cada tiro limpando o canhão com a rascadeira para evitar desastres”⁸¹⁴.

A paciência do combatente parecia se esgotar. A fadiga foi proporcionada por alguns itens pontuais: a insalubridade da guerra, a longevidade do conflito e a postura dos comandantes. O autor assim desabafou: “Permitta Deos que não se termine por uma imbecil retirada uma operação de guerra, que nos tem custado tantos e tão grandes sacrificios!”⁸¹⁵.

Nessa mesma linha de raciocínio, o desgaste psicológico de Rebouças foi registrado “tão grande número de feridos!”⁸¹⁶, questionando: “Meu Deos quando acabará tão nefanda guerra!”⁸¹⁷. Apesar de escapar ileso aos ferimentos de guerra, o autor não teve a mesma sorte quanto ao contágio de doenças.

5 de maio – [...] Amanheci com febre e muito abatido [...].

[...] Pelas três da tarde tive um forte acesso de febre. Tomei uma dose de acônito [...] ⁸¹⁸.

7 de maio – [...] Continúa a febre impedindo-me levantar da cama; que cama! um couro sobre duas taboas deitadas sobre o chão! [...] ⁸¹⁹.

8 de maio – [...] Amanheci um pouco melhor; repetio-se infelizmente o acesso de febre á tarde [...] ⁸²⁰.

10 de maio – [...] Usei durante a noite uma poção de Xarope de Tolú e ipecacuanha receitada pelo Dr. Bayma. Amanheci com menos febre mas muito fraco. Há quatro dias que me alimento com chá e bolachas não se encontrando no campo com que formar uma dieta [...] ⁸²¹.

11 de maio – [...] Tive febre durante toda a noite: amanheci debilitadissimo e resolvi pedir licença para me tractar a bordo do “Onze de Junho” com o meu bom amigo o Dr. João José Damasio em quanto ainda me restavão forças para montar a Cavallo [...] ⁸²².

O autor do **Diário**: a Guerra do Paraguai permaneceu doente até sua retirada do *front* que ocorreu no dia 23 de junho de 1866. Entre melhoras e piores, o memorialista nos sugeriu

⁸¹³ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 76.

⁸¹⁴ Idem, ibidem, p. 75.

⁸¹⁵ Idem, ibidem, p. 98.

⁸¹⁶ Idem, ibidem, p. 141.

⁸¹⁷ Idem, ibidem.

⁸¹⁸ Idem, ibidem, p. 131.

⁸¹⁹ Idem, ibidem.

⁸²⁰ Idem, ibidem, p. 132.

⁸²¹ Idem, ibidem, p. 134.

⁸²² Idem, ibidem, p. 135.

o alto grau de mortandade causada durante a Guerra do Paraguai “já ali havia para mais de 300 doentes”⁸²³.

As más condições sanitárias nos campos de batalha e a falta de tratamento adequado aos doentes inquietaram Rebouças: “Até 26 de mayo tinham os Hospitales de Corrientes recebido 1500 feridos; o numero dos doentes e feridos eleva-se a 4500; há somente 12 médicos”⁸²⁴.

O autor sentiu a aproximação da morte, temendo pelo pior: “escrevi pela manhã a meu bom Pay temendo não fazê-lo amanhã”⁸²⁵. Seu “abatimento geral”⁸²⁶ e “melancolia”⁸²⁷ eram sinais de que a enfermidade a qual foi acometido continuava vigorosa e não cederia facilmente: “temi sempre que fosse ephemera a rápida convalescença da pneumonia”⁸²⁸.

O **Diário**: A Guerra do Paraguai elaborado pelo engenheiro André Rebouças se difere das outras fontes memorialísticas estudadas. Sua narrativa mais direta se deu pelo fato do próprio autor ter contraído, por duas ocasiões consecutivas, febres e pneumonias que causaram: “insomnia e delírios”⁸²⁹.

Mesmo antes da invasão do solo paraguaio, a gangrena, o frio e a falta de aclimação matavam mais que o próprio inimigo⁸³⁰. A permanência desse cenário causou descontentamento nos combatentes, como notamos nas memórias de guerra.

Após apresentar algumas temáticas da guerra presentes no **Diário** de André Rebouças: a relação dos beligerantes com a natureza, o cotidiano dos combates, as noções de patriotismo, as críticas à condução da guerra e a presença constante de doenças no *front* passamos a indicar quais as percepções que o autor gerou sobre os paraguaios.

Suas opiniões se mostraram igualmente contraditórias assim como as opiniões dos memorialistas nas páginas anteriores. Ora o inimigo foi representado com desprezo, ora objeto de compaixão e pena. Para Rebouças, os paraguaios eram ingênuos, e por isso, foram manipulados por um presidente cheio de más intenções.

Ainda durava o combate, e já os nossos soldados lastimavão a nudez e a magreza dos prisioneiros e feridos que cahião em nosso poder! Diz-se que alguns foram mortos comendo carne tirada dos bornaes de nossos soldados.

⁸²³ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 137.

⁸²⁴ Idem, ibidem, p. 142.

⁸²⁵ Idem, ibidem.

⁸²⁶ Idem, ibidem.

⁸²⁷ Idem, ibidem.

⁸²⁸ Idem, ibidem.

⁸²⁹ Idem, ibidem, p. 161.

⁸³⁰ CUNHA, Marco Antonio. Op. cit., p. 79.

Feridos muitas vezes bem gravemente comião vorazmente farinha e carne que se lhes offerecia.

Os paraguayos tem costumes ainda primitivos; logo que desembarcarão na Ilha fizerão uma grande acuada batendo na boca como os Indios. Quando se lhes perguntava, quem vem lá? Uns respondião com o seu metal de voz especial, quase feminino, que logo os denunciava “son brasileiros”, outros suppondo talvez intimidar-nos, respondião “son los paraguayos que vem matar los cambays (negrinhos).

São extraordinariamente cruéis e traiçoeiros; fingem-se de mortos e ferem aos que se approximão”⁸³¹.

O cenário paradoxal ainda se mantém, num misto de revanchismo e compaixão: “a guerra bárbara, sem tréguas nem mesmo para enterrar os cadáveres que nos faz Lopes, impossibilita contar e enterrar os seus infelizes súditos que perecem nos combates”⁸³².

Nesse sentido, Rebouças não divergiu do entendimento que os memorialistas criaram sobre a personalidade de Solano López. O presidente paraguaio é apresentado como um déspota, seu caráter é descrito sob o viés da desumanidade. Para Rebouças, a população guarani deveria ser libertada do jugo a qual foi submetida: “Oxalá que effectivamente possamos remir o infeliz povo paraguayoy”⁸³³.

A exemplo dos clamores que fazia aos céus para diminuir os padecimentos brasileiros, Rebouças também sentiu compaixão para com os oponentes: “Deos nos proteja e se compadeça dos infelizes Paraguayos, limitando os *martyres* da sua *emancipação política e social* (grifo do autor) ⁸³⁴. Aqui, o memorialista opinou sobre a missão brasileira no Prata: derrotar Solano López e suas tropas, restabelecendo a paz e a ordem no Paraguai.

Assim, as impressões de Rebouças são comuns às **Recordações da Campanha do Paraguai**. Tanto André Rebouças como José Luís Rodrigues da Silva guardaram em suas lembranças as imagens de uma contenda cruel e desoladora, justificada apenas em prol da defesa nacional. Ambos os autores parecem se perguntar: qual o preço do Brasil? Vidas merecem ser esvaecidas por nosso país? Não haveria outra alternativa?

A identidade brasileira conservada nas lembranças dos combatentes é vivenciada no cotidiano como uma “entidade abstrata”⁸³⁵ não podendo “ser apreendida em sua essência”⁸³⁶,

⁸³¹ REBOUÇAS, André. Op. cit., p. 85.

⁸³² Idem, ibidem, p. 144.

⁸³³ Idem, ibidem, p. 63.

⁸³⁴ Idem, ibidem, p. 139.

⁸³⁵ ORTIZ, Renato. Op. cit., p. 138.

⁸³⁶ Idem, ibidem.

se situando “enquanto virtualidade”⁸³⁷. No caso da Guerra do Paraguai, tais atributos identitários foram utilizados como trampolim para o fortalecimento da brasilidade⁸³⁸.

As fronteiras da identidade nacional brasileira no conflito platino aparecem também no **Diário do Exército, campanha do Paraguai, 1869-1870**: comando-em-chefe de S.A. o Sr. Marechal do Exército Conde d’Eu. Essa fonte foi escrita pelo Visconde de Taunay no próprio campo de batalha por solicitação de seu comandante como percebemos pelo título da obra.

No primeiro capítulo apresentamos a **Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai escrito por Alfredo d’Escagnolle Taunay. Naquele momento, indicamos as imagens de Brasil registradas por aquele literato em sua narrativa. As ações descritas naquela fonte se referiam ao início dos combates. O jovem escritor-combatente teve seu batismo de fogo nas paragens mato-grossenses, território invadido pelas troas paraguaias.

O desenrolar do romance nos mostrou um espírito de inquietude e preocupação com os rumos da guerra. A dramaticidade, a melancolia e a saudade delinearam os escritos de Taunay.

Os indivíduos adquirem experiências diversas e suas falas traduzem em grande medida o resultado de suas vivências cotidianas. Esse foi o caso do **Diário do Exército, campanha do Paraguai, 1869-1870** quando Taunay foi convocado ao registro cotidiano das movimentações brasileiras no último ano da guerra.

Antes debutante à época da retirada da Laguna, Taunay não era mais um soldado inexperiente. No final do conflito atuou como membro da Comissão de engenheiros (a propósito de André Rebouças) e regressou ao Paraguai junto com o príncipe Conde d’Eu, genro do imperador D. Pedro II, que lhe ordenou a redação do **Diário do Exército**.

A obra foi organizada com anotações que se iniciaram no dia 16 de abril de 1869 e findaram-se em 31 de março de 1870. Por seu caráter oficial, a linguagem adotada no **Diário** seguiu o fluxo cotidiano dos combates, privilegiando informações pertinentes à condução da campanha, à organização das forças (tropas e comandos) ao mapeamento geográfico e hidrográfico do Paraguai e às disposições sobre disciplina, ordem e justiça⁸³⁹.

Por comparação, percebemos diferenças na construção narrativa do **Diário do Exército** e **A Retirada da Laguna**. Ao passo que o romance foi publicado após o fim dos combates (a primeira versão em português é de 1878) a escritura do **Diário do Exército** se

⁸³⁷ ORTIZ, Renato. Op. cit., p. 138.

⁸³⁸ Idem, ibidem.

⁸³⁹ PAULA, Luiz Carlos Carneiro de. Apresentação. TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. **Diário do Exército**: Campanha do Paraguai 1860-1870. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002, p. 6.

intencionou o fornecimento de dados para “uma futura história da memorável campanha do Paraguai”⁸⁴⁰.

A fluidez da narrativa literária encontrada na **Retirada da Laguna** não parece tão perceptível quanto no **Diário do Exército**, talvez por prender-se à necessidade de cumprir uma exigência institucional.

O próprio memorialista anunciou no prefácio o objetivo de seu trabalho: “tal estudo ninguém, pois, procurará encontrar neste mirrado trabalho, feito às pressas, impresso do mesmo modo, e puramente oficial, caráter que impossibilita os desenvolvimentos tão necessários à apreciação dos sucessos de uma guerra”⁸⁴¹.

Por sua natureza memorialística, a fonte revelou algumas lembranças que o escritor conservou em sua memória, as experiências que lhes pareceram mais significativas. Taunay se desculpou pelas prováveis omissões: “dados que nunca chegarão a ser completos a ponto de poder-se deles depreender a razão dos fatos, surgindo um juízo exato e completo”⁸⁴².

Na trilha aberta por Taunay destacamos algumas temáticas sobre a Guerra do Paraguai. Os vínculos dos beligerantes com a natureza e o meio ambiente que os cercava, a movimentação social cotidiana e seus desdobramentos, as críticas proferidas pelo memorialista contra algumas atitudes adotadas no conflito, relação do Brasil com os países aliados (Argentina e Uruguai), representações de patriotismo e heroísmo, as várias referências aos paraguaios, as operações combinadas entre Exército e Marinha, as indicações das ordens proferidas pelo comandante-em-chefe das tropas brasileiras e a presença de doenças e enfermidades nos campos de batalha.

As próximas linhas serão dedicadas à análise do encontro humano com a natureza. De que forma os personagens brasileiros da guerra se viram envolvidos pelo ambiente natural que os abraçava? Inimigo ou aliado? O tempo orientado pela natureza foi sempre um vigoroso oponente? Ou ao contrário, se mostrou misericordioso e respondeu positivamente aos anseios dos combates?

Nas primeiras linhas do **Diário do Exército** o autor explicitou aquela dicotomia: “todas as localidades ocupadas eram muito saudáveis, elevadas e pitorescas, ornadas de lindos laranjais, cuja folhagem e sombra as tornam tão aprazíveis”⁸⁴³.

No refúgio de López na Cordilheira paraguaia, o memorialista não transparecia tranquilidade: “nas agruras das serras e nas brenhas e emboscadas; renovava com desespero

⁸⁴⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 13.

⁸⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 13.

⁸⁴² Idem, *ibidem*.

⁸⁴³ Idem, *ibidem*, p. 17.

essa luta de recursos”⁸⁴⁴. O embate travado num espaço desconhecido causou estranheza: “atirava-se aos azares da guerra de montanha, que tantos embaraços cria aos atacantes [...]”⁸⁴⁵.

“Apesar do mau tempo”⁸⁴⁶ o memorialista se felicitou por presenciar “a vista que daí se goza é em extremo aprazível”⁸⁴⁷. A flora da região é descrita em riqueza de detalhes, pois “começam a reaparecer as macaúbas e matagais, de maneira que nos primeiros planos de todo aquele painel agrupam-se eles, formando graciosos maciços”⁸⁴⁸.

Por contradição do dia que amanheceu “chuvoso e durante toda noite o tempo mantivera-se borrascoso”⁸⁴⁹. Taunay registrou a bonança natural quando a “abundância de roças abandonadas, de maneira que os nossos soldados iam encontrando a granel mandiocas, aipins ou macaxeiras, abóboras, além de canaviais e sobretudo profusão de laranjeiras”⁸⁵⁰ que reduziam o cansaço e a fome dos beligerantes.

A natureza intempestiva, mas por vezes generosa, não mais parecia admitir tréguas ou momentos duradouros de descanso e paz. Taunay descreveu os entraves que um ambiente desconhecido causou numa ação de reconhecimento bélico.

À hora marcada, moveu-se por seu turno o 2º Corpo do Exército. A madrugada era fria, encoberta; por vezes chovia, ou simplesmente chuviscava. Sua Alteza colocou-se atrás da artilharia que teve de lutar com maus trechos de caminho, se bem que houvesse ele sido reparado do melhor modo possível pelos engenheiros; assim em fundos lameiros, numerosos estivas haviam sido lançadas e pontilhões construídos, tornando-se necessário, em muito deles, colocar lanternas de papel a fim de dar boa direção à gente e animais⁸⁵¹.

Apesar dos “magníficos e umbrosos laranjais”⁸⁵², a natureza local merecia “particular atenção”⁸⁵³. O terreno da Cordilheira era “muito pedregoso, cheio de grossos matacões de conglomerados”⁸⁵⁴. Taunay manifestou alegria por perceber que havia “uma casinha de palha rodeada de frondosos laranjais e viçosos como soem ser essas plantações em todo o Paraguai”⁸⁵⁵.

⁸⁴⁴ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 18.

⁸⁴⁵ Idem, *ibidem*.

⁸⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 44.

⁸⁴⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 55.

⁸⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 57.

⁸⁵⁰ Idem, *ibidem*.

⁸⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 126.

⁸⁵² Idem, *ibidem*, p. 127.

⁸⁵³ Idem, *ibidem*.

⁸⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 127 e 129.

⁸⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 168.

No entanto, sua felicidade foi interrompida quando na “marcha do dia houve pedaços do caminho péssimos; banhados já extensos, atoleiros custosos e grandes desvios”⁸⁵⁶. Por um instante, o memorialista se deparou com uma paisagem que fez lembrar seu leito natal, restaurando sua esperança: “a estrada costeia bonitas matas em que abundam os lapachos que presentemente ostentam vistosas flores e nas quais vêem-se as lindas trepadeiras, tão comuns no Rio de Janeiro [...]”⁸⁵⁷.

Na tentativa de driblar as resistências de “lagoas cobertas de aguapés”⁸⁵⁸, o batalhão de engenheiros praticava “os desvios a fim de evitarem atoleiros e banhados”⁸⁵⁹ que tornavam “custoso o trânsito” das “pesadas viaturas de artilharia”⁸⁶⁰.

Às 6 horas e cinco minutos, debaixo de grande temporal, começou a marcha por uma picada de quase três léguas em mata não interrompida. Vêem-se magníficos madeiros, alguns cipós e parasitas; começam a aparecer com mais freqüência os arbustos de erva-mate que são da família, de que a azinheira é tipo. A chuva começou a cair logo os primeiros passos e foi não intervalada durante todo o dia, violenta e acompanhada de intensos trovões. O caminho, com a enxurrada, tornou-se péssimo, formando-se fundos regos em que corria com violência a água a rolar areia e barro. A progressão foi por isso demorada, tanto mais quanto os carros de artilharia com dificuldade passavam vários angustos da picada. Assim pois, só depois de meio-dia é que se alcançou o Ribeirão Cururu-coró que corre na entrada do potreiro Capivary e que, estando de nado ainda, foi causa de atraso até que chegasse o pontão de borracha que nos vinha acompanhando à retaguarda. É ele um braço do Rio Capivary que, mais adiante, corta o vasto e bonito potreiro conhecido por este nome⁸⁶¹.

A beleza dos “campos atravessados nesta marcha”⁸⁶² é “lindíssima”⁸⁶³, mas que contrastava com as “péssimas pastagens”⁸⁶⁴ e o cheiro nauseabundo da morte: “tivemos cinco soldados de cavalaria feridos e cinco de infantaria caíram fulminados pelo ardor do sol e violência da marcha”⁸⁶⁵, quase sempre feita em solo e terrenos “que os cargueiros mal puderam acompanhar [...]”⁸⁶⁶.

⁸⁵⁶ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 169.

⁸⁵⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 192 e 195.

⁸⁵⁹ Idem, *ibidem*.

⁸⁶⁰ Idem, *ibidem*.

⁸⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 196-197.

⁸⁶² Idem, *ibidem*, p. 219; 238; 254.

⁸⁶³ Idem, *ibidem*.

⁸⁶⁴ Idem, *ibidem*.

⁸⁶⁵ Idem, *ibidem*.

⁸⁶⁶ Idem, *ibidem*.

Entre “caminhos intransitáveis, cortados de inúmeros arroios, extensos banhados, atoleiros e muitos esteiros”⁸⁶⁷ as tropas brasileiras caminhavam assolados pela “pressão do estorvo sério das freqüentes chuvas”⁸⁶⁸. Além dos andarilhos da guerra que sofreram com tais condições climáticas, os navios brasileiros e sua tripulação não estavam devidamente preparados para autuarem em rios com vazantes irregulares.

Taunay e os memorialistas da Marinha pontuaram com a difícil navegabilidade dos rios platinos, que contavam com baterias de canhões e sistema de correntes atreladas às margens, impondo alguns empecilhos à passagem dos navios.

Domingo, 25 de julho de 1869

[...] O vapor *Silvado* encalhou, a três dias, sobre as pedras em frente a Emboscada e, apesar de toda a diligência, não tem sido possível, em conseqüência da baixa do rio, safá-lo: entretanto continua-se a trabalhar⁸⁶⁹.

Segunda-feira, 20 de setembro de 1869

[...] Aquele transporte tinha boa marcha e como fosse distanciando-se demais do resto dos vapores, parou sobre rodas, comunicando a ordem de que passassem os outros que atrás vinham, carregando a Divisão do General José Auto e, quando se aproximasse a noite, parassem, não só por causa da escuridão do tempo, como por estar próximo um passo que a vazante extraordinária do rio devia ter tornado mau [...] ⁸⁷⁰.

Sexta-feira, 15 de outubro de 1869

[...] – Ao Ministro da Guerra foi comunicado o estado das operações, cuja morosidade é principalmente devida à baixante extraordinária do Rio Paraguai [...] ⁸⁷¹.

Sexta-feira, 03 de dezembro de 1869

[...] Os arredores estavam todos empatanados em conseqüência de uma cheia do rio, por isso foram os batalhões fazendo alto de descanso em lugares que encontraram menos úmidos e ali carnearam [...] ⁸⁷².

As altas e baixas dos rios se apresentavam desoladoras. Às vezes uma “hélice em movimento fazia pular de fora d’água numerosos peixes, que muitas vezes caíam sobre o convés, proporcionando assim pesca cômoda”⁸⁷³. Tal paradoxo é visível na narrativa de Taunay. O tempo natural é composto por duas faces contraditórias: a primeira é intocável e a segunda permite um encontro frutuoso entre homem e natureza.

O **Diário do Exército** é uma rica fonte no que se refere ao relacionamento dos combatentes com a natureza. O Visconde de Taunay nos mostrou uma concepção mais apurada e sensível se comparado com André Rebouças e José Luís Rodrigues da Silva. Por

⁸⁶⁷ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 296.

⁸⁶⁸ Idem, ibidem.

⁸⁶⁹ Idem, ibidem, p. 114.

⁸⁷⁰ Idem, ibidem, p. 180.

⁸⁷¹ Idem, ibidem, p. 195.

⁸⁷² Idem, ibidem, p. 232.

⁸⁷³ Idem, ibidem, p. 181.

alguns momentos agiu como um naturalista, vislumbrado e assombrado com a grandiosidade da natureza.

As lembranças de Taunay sobre os paraguaios, seu presidente e sua organização social também se tornaram motivos de sua narrativa. Além de se ocupar com a descrição do tempo natural, o memorialista se esforçou na apresentação e adjetivação do oponente.

As pretensas qualidades brasileiras foram exacerbadas nas experiências da guerra, nossas fraquezas camufladas e escondidas pelas sugeridas imperfeições coletivas dos oponentes. A brasilidade naquele instante aparecia como um somatório de elementos sociais comuns (território, língua, governo) e um conjunto de diferenças visualizadas na sociedade paraguaia, que nas lembranças dos memorialistas ganham feições excludentes e negativizadas.

Solano López foi apontado como o principal responsável por sujeitar seus concidadãos aos sofrimentos da guerra. O memorialista qualificou o presidente paraguaio como tirano e déspota, se convertendo no alvo primeiro das tropas brasileiras. O conflito só terminaria com sua morte, de acordo com o Tratado da Tríplice Aliança.

Taunay denunciou os maus tratos e o estado de miséria paraguaia após quase quatro anos de conflito: “uma família paraguaia composta de um velho, um menino, uma moça maior de 16 anos”⁸⁷⁴, identificando que “todos mal trajados e com mostras de terem sofrido fome”⁸⁷⁵.

O Conde d’Eu na qualidade de comandante-em chefe também testemunhou o estado da população. Vejamos como Taunay narrou esse encontro, que impressiona pela dramaticidade.

Sua alteza foi, pela manhã, até Paraguay, a três e meia léguas de distância, e encontrou a força do General João Manoel que saía daquele povoado precedida de uma coluna de velhos e mulheres e crianças em número de mais de 4000 pessoas, cujo aspecto indicava os últimos limites da desgraça e dos padecimentos.

Às três horas da tarde, essa gente magra, nua, raquítica, debaixo do peso de longa tirania, acabrunhada pela fome de muitos meses, entrava no acampamento de Pirayu, reunindo-se na praça principal defronte da igreja.

Todos mostravam intensa alegria por verem enfim terminado um tempo de sofrimentos inaturáveis que já haviam feito sucumbir muitos milhares de entre eles, tempo marcado pela nudez que os fazia cobrirem-se de tiras de couro e pela fome que os impeliam a comerem frutas azedas, por isso que o

⁸⁷⁴ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 77.

⁸⁷⁵ Idem, ibidem.

despotismo do chefe da nação proibia-lhes a matança do gado e até a colheita de laranjas doces⁸⁷⁶.

O caráter da missão “salvadora” do Exército Brasileiro foi caracterizado na passagem anterior. A intervenção imperial junto aos fugitivos paraguaios aparece no **Diário** como sinal de galhardia e de civilidade das “altas qualidades de caridade”⁸⁷⁷ em oposição ao presidente López. Taunay ressaltou que: “o estado de miséria da gente que vai sendo libertada da tirania é, como sempre espantoso”⁸⁷⁸.

Taunay em seu **Diário do Exército** dimensionou os grupos famintos e miseráveis que recebiam atendimento humanitário. A população agradecida “saudavam amistosamente do limiar de suas míseras choupanas”⁸⁷⁹.

Taunay registrou que na capital paraguaia foi organizada uma ação para auxiliar as vítimas da guerra: “fundou-se, depois de obtida permissão de Vossa Alteza, uma associação, a fim de amparar as famílias [...] que sejam libertadas pelas armas aliadas e venham no último grau de miséria e nudez”⁸⁸⁰.

O desfalecimento e a fadiga se mostravam no palco de um “espetáculo o mais lastimoso”⁸⁸¹ que “oferecia-se aí aos olhares”⁸⁸². O aspecto corporal dos indivíduos chocou o autor: “esqueletos ambulantes haviam chegado ao último estado de fraqueza e anemia”⁸⁸³. Os enfermos e doentes eram tratados num “imundo depósito de feridos [...], intitulado hospital, dentro do qual 600 infelizes respiravam o ar infeccionado pela putrefação de 30 cadáveres insepultos”⁸⁸⁴.

Para o descontentamento de Taunay seus concidadãos foram vitimizados num “quadro ainda mais pungente para os corações brasileiros”⁸⁸⁵. O horizonte de “50 e muitos brasileiros estendidos nas varandas da igreja e em tal grau de abatimento”⁸⁸⁶ comoveu Taunay a ponto de informar que “alguns faleceram de emoção, ao verem chegar os seus compatriotas”⁸⁸⁷.

O luxo das “jóias pertencentes ao ditador Solano López”⁸⁸⁸ não condizia com os “cadáveres ambulantes, roídos pela fome” que traziam “consigo ossos carcomidos”⁸⁸⁹ na

⁸⁷⁶ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 81.

⁸⁷⁷ Idem, ibidem, p. 138.

⁸⁷⁸ Idem, ibidem.

⁸⁷⁹ Idem, ibidem, p. 133.

⁸⁸⁰ Idem, ibidem, p. 111.

⁸⁸¹ Idem, ibidem, p. 142.

⁸⁸² Idem, ibidem.

⁸⁸³ Idem, ibidem.

⁸⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁸⁵ Idem, ibidem.

⁸⁸⁶ Idem, ibidem.

⁸⁸⁷ Idem, ibidem.

⁸⁸⁸ Idem, ibidem, p. 23.

esperança de “fazer caldos ou laranjas azedas, que poupam como alimento saboroso e de último recurso”⁸⁹⁰. Quando o socorro ainda vinha corria-se o risco de “não poucos”⁸⁹¹ morrerem “aos satisfazerem a fome que já conheciam há mais de cinco anos”⁸⁹².

A opinião do Visconde de Taunay sobre o presidente paraguaio foi incisiva “o poder selvático, cujos caprichos insanos”⁸⁹³, culpando-o pelas misérias e sofrimentos de seu povo, onde “são comuns os fuzilamentos, por terem sido descobertos projetos de conspiração”⁸⁹⁴.

O combatente-memorialista Taunay assustava-se com homens e mulheres que ainda acreditavam na causa de Solano López. Alguns deles “partidistas fanáticos do tirano”⁸⁹⁵ eram levados à Assunção sob a égide de prisioneiros perigosos.

Para além da “quantidade de gente morta”⁸⁹⁶ e “homens degolados, mulheres e velhos lanceados, e com as lanças ainda fíncadas nos corpos que formavam grupos horrorosos”⁸⁹⁷ Taunay reiterou seu espanto quando presenciou “mulheres”⁸⁹⁸ que “tinham passado por dolorosa experiência”⁸⁹⁹, que ainda “não se haviam poupado as mais extraordinárias demonstrações de adulação e baixeza à entidade *del supremo*, patenteando-se entusiastas de todas as medidas sanguinárias do Ditador do Paraguai”⁹⁰⁰.

José Luís Rodrigues da Silva nas **Recordações da Campanha do Paraguai** também procurou sugerir que os traços da personalidade social paraguaia eram marcados pela sujeição e obediência ao seu líder. André Rebouças, talvez de forma menos incisiva, também associou aquelas duas instâncias, cego acompanhamento, merecida derrota.

Já o Visconde de Taunay não se preocupou tanto com a tipificação das características sociais do inimigo, mas mostrou como a guerra proporcionou dificuldades sérias entre os paraguaios e brasileiros: fome, miséria, escassez, enfermidades, doenças e desorganização comunitária.

Alguns trechos do **Diário do Exército** sinalizam os desconfortos do autor com relação aos encaminhamentos da guerra. Seu olhar não se voltou somente contra as atrocidades do conflito, mas também para a própria validade e justificativa do conflito.

⁸⁸⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 233.

⁸⁹⁰ Idem, *ibidem*.

⁸⁹¹ Idem, *ibidem*.

⁸⁹² Idem, *ibidem*.

⁸⁹³ Idem, *ibidem*, p. 185 e 188.

⁸⁹⁴ Idem, *ibidem*.

⁸⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 236; 241 e 261.

⁸⁹⁶ Idem, *ibidem*.

⁸⁹⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁹⁸ Idem, *ibidem*.

⁸⁹⁹ Idem, *ibidem*.

⁹⁰⁰ Idem, *ibidem*.

Taunay reivindicou que algumas necessidades logísticas das tropas deveriam ser “atendidas com urgência”⁹⁰¹: “a remonta da cavalaria, já bem afracada, e a distribuição de fardamento aos soldados, que quase se acham em completa nudez”⁹⁰².

As necessidades da tropa são bastante sérias. A nutrição insuficiente, seguindo-se sem transição a outra habitualmente substancial, traz imediatas conseqüências mórbidas a que resistem melhor os organismos já depauperados.

Assim pois vêm-se soldados, desesperados pela fome, mostrarem sinais repentinos de grande sofrimento; outros mais resolutos lançam mão do palmito de jeribá, cuja palha ainda são obrigados a carregar para dar aos animais grande alimento⁹⁰³.

“A falta de condução durante as penosas marchas”⁹⁰⁴ fez com que “o General”⁹⁰⁵ se queixasse da “falta de víveres”⁹⁰⁶. No entanto, as ordens do comando não foram cumpridas, pois: “não houve distribuição de víveres nem de carne, apesar das providências tomadas e diligências empregadas”⁹⁰⁷.

Nas ocasiões em que se regularizava o abastecimento de alimentos, os beligerantes ainda sofriam: “à soldadesca foram dadas rações de estrato de carne; entretanto, a estranheza do alimento e a ignorância que presidia à preparação, aliás muito simples de caldos inutilizaram quase toda a porção”⁹⁰⁸.

Para Taunay, apesar de todas as dores da guerra, nada estava acima do dever patriótico. Mesmo assim, apontou casos de fuga e abandono dos campos de batalha, motivados pela insalubridade do conflito: “têm-se dado alguns casos de deserções, indo os criminosos a favor dos matos”⁹⁰⁹.

Taunay adjetivou seu comandante por acreditar em sua boa vontade para atender as diligências da guerra. Para o memorialista, aqueles e aquelas que lutavam com denodo e paixão mereciam um tratamento diferenciado.

Uma família brasileira, arrancada de S. Borja em 1865 e chamada Soares, um mocinho de 15 anos e um negrinho de Corumbá ainda são salvos, depois do delongado tempo de seu martírio. A todas estas mal-aventuradas criaturas, mandou Sua Alteza acomodar numa casa e distribuir a carne de

⁹⁰¹ TAUNAY, Alfredo d’Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 25.

⁹⁰² Idem, *ibidem*.

⁹⁰³ Idem, *ibidem*, p. 197.

⁹⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 29; 71 e 198.

⁹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

⁹⁰⁶ Idem, *ibidem*.

⁹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

⁹⁰⁸ Idem, *ibidem*, p. 198.

⁹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 200.

uma rês. Às mais fracas desvelam-se alguns oficiais em dar caldos de extrato de carne e bolachas⁹¹⁰.

O trecho anterior remete às concepções de patriotismo presentes na narrativa do **Diário do Exército** quando criou as cenas onde os “nobres feitos garantiria “glórias futuras”⁹¹¹ adquiridas pelo comportamento dos “bravos que as tinham conquistado, quase todos a custa de seu sangue derramado, e cujos nomes iam sendo proclamados com a especificação dos feitos particulares”⁹¹².

Pouco mais de mil homens das três armas atravessaram o Paraná e, vencendo dificuldades de toda espécie, banhados imensos, rios caudalosos e defendidos, terrenos atoladiços, florestas seculares, emaranhadas e cheias de armadilhas, fizeram tremular no coração do Paraguai o pendão auriverde, símbolo redentor para milhares de entes inofensivos, que, arrancados do poder do ditador e restituídos a seus lares, bendizem fervorosamente os seus libertadores⁹¹³.

O **Diário do Exército** foi composto pelo Visconde de Taunay que seguia as ordens de seu comandante. O memorialista se prestou aos registros de acontecimentos valiosos para uma concepção positiva da Nação.

Ricardo Salles comenta que as guerras são momentos propícios para dar forma às “identidades nacionais no contexto de competição e de disputas hegemônicas entre estados”⁹¹⁴. Os confrontos entre países criam elementos sociais que reforçam atitudes posicionadas numa espécie de consciência que privilegia a honra e a pátria, materializando ações e símbolos (hino e bandeira nacionais) e justificadas o culto à bravura e ao heroísmo⁹¹⁵.

Na “ordem da vivência”⁹¹⁶, a memória de um grupo se direciona para transcendência dos “sujeitos e não se concretiza imediatamente no cotidiano”⁹¹⁷. Para Renato Ortiz, “a memória nacional se situa em outro nível, ela se vincula à história e pertence ao domínio da ideologia”⁹¹⁸.

As fontes memorialísticas analisadas no presente estudo, em maior ou menor grau, procederam à escolha de eventos que mostrassem a guerra como “um universal que se impõe

⁹¹⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., p. 242.

⁹¹¹ Idem, ibidem, p. 107.

⁹¹² Idem, ibidem.

⁹¹³ Idem, ibidem, p. 295.

⁹¹⁴ SALLES, Ricardo. A Guerra do Paraguai, a “Questão Servil” e a Questão Nacional no Brasil (1866-1871). PAMPLONA, Marco Antonio & STUVEN, Ana Maria (org.). **Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 126.

⁹¹⁵ CUNHA, Marco Antônio. Op. cit., p. 146.

⁹¹⁶ Ortiz, Renato. Op. cit., p. 135.

⁹¹⁷ Idem, ibidem.

⁹¹⁸ Idem, ibidem.

a todos os grupos”⁹¹⁹ e sustentado na tentativa de reforçar nos brasileiros o sentimento de pertencimento ao Brasil.

Nesse sentido, o **Diário do Exército** seguiu a tendência apontada no parágrafo anterior. Homens são elevados à condição de personagens cujo heroísmo é evidenciado: “no meio de um chuva de balas, o fosso e tratou de galgar a trincheira, enquanto nela fincava a bandeira o heroico Alferes Gaspar Ribeiro de Almeida Barros que recebeu cinco ferimentos”⁹²⁰.

Taunay citou o nome dos heróis com o objetivo de conserva-los no panteão patriótico, logra-los à memória nacional: “o Coronel Deodoro conseguiu com muito brilhantismo e resolução”⁹²¹. O comandante-em-chefe, Conde d’Eu louvava “os seus nunca assaz admirados rasgos de dedicação à causa pública”⁹²².

Entre os atos de “coragem e resignação”⁹²³, o memorialista relacionou o heroísmo à capacidade de desprendimento, iniciativa e sujeição. O trecho seguinte esclarece essa dualidade presente entre a categoria de herói, coletivamente admirável, e os processos de silenciamentos subjetivos os quais os indivíduos se submetiam.

De manhã chegou ao nosso acampamento o heróico Tenente-Coronel que enfim alcançara o acampamento do Espadim e dele arrancara mais de 1.000 mulheres e crianças, que contudo, faltas de forças e inanimadas, foram ficando esparramadas pelo caminho, a exceção de 400 e tantas, cujo supremo esforço completou-se com a posse da vida e da liberdade. Entre essas não podia entretanto o destemido salvador contar a sua irmã, causa primordial de tão ousado feito, pois, dias antes, havia falecido de miséria, deixando na orfandade duas mocinhas, hoje amparadas na proteção de seu tio⁹²⁴.

A passagem anterior é rica em detalhes do cotidiano bélico. A bravura e a coragem são testadas e evidenciadas no fluxo do dia a dia. Michel Maffesoli⁹²⁵ lembra que a vida cotidiana é polissêmica e “rica em imprevistos e aberta a múltiplas potencialidades”⁹²⁶. No caso da guerra, essa multiplicidade foi experimentada na trivialidade, quando na repetição entediante de gestos e ações e na intensa vivência dos combates corpo a corpo⁹²⁷.

⁹¹⁹ Ortiz, Renato. Op. cit., p. 136.

⁹²⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 136.

⁹²¹ Idem, ibidem, p. 145.

⁹²² Idem, ibidem, p. 226.

⁹²³ Idem, ibidem, p. 245.

⁹²⁴ Idem, ibidem.

⁹²⁵ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 26.

⁹²⁶ Idem, ibidem.

⁹²⁷ Idem, ibidem.

A seguir, mais algumas passagens do **Diário do Exército** que fornecem dados sobre o espaço diário de convivência social e seus desdobramentos para construção identitária nacional.

Das informações colhidas a respeito do conflito entre soldados na polícia do acampamento e uma guarda argentina comandada pelo Tenente Palaviccino, do qual resultou o ferimento leve de dois soldados e um grave de outro daquela nacionalidade e de um dos brasileiros, chegou-se ao conhecimento de ter-se ele armado às 11 horas da noite, por haverem querido três praças argentinas, de volta do comércio, penetrar em um rancho ocupado por uma mulher cujo marido, no ato de se opor a essa violência, levava dois tiros de revólver. Acudindo então os soldados da polícia aos gritos e barulhos, foram perseguidos os perturbadores até recolherem-se a um piquete de argentinos que, sem mais averiguação, caíram logo sobre os nossos, dos quais prenderam um, a que feriram mortalmente, escapando-se os outros com grande dificuldade⁹²⁸.

O trecho anterior mostra o cotidiano “entendido enquanto sentimento do destino e se inscreve na ordem da força social”⁹²⁹. Assim, a guerra parece somar e catalizar elementos que propulsionam essa “força” citada por Maffesoli.

Outra temática em destaque é a relação social entre brasileiros e argentinos, que por ora aliados, reproduziam nos campos de batalha algumas querelas históricas (Oribe contra Rosas, Cisplatina) causando desconforto e queixas de ambas as partes.

O General Mitre veio visitar Sua Alteza e falar-lhe em um conflito havido na noite antecedente entre soldados brasileiros e uma guarda argentina que ficou com dois soldados seus feridos. A tal respeito já o Chefe de Estado-Maior do Exército argentino oficiara ao oficial brasileiro de igual categoria, narrando o incidente e pedindo providências imediatas para o castigo dos delinquentes e repressão de fatos idênticos para o futuro. Foi logo resolvida a sindicância minuciosa deste acontecimento, sabendo-se, no entretanto, pela parte que dele dera o encarregado da polícia, ter ficado de nosso lado um soldado mal ferido⁹³⁰.

Brasileiros e argentinos unidos por uma causa tornada comum nem sempre se entendiam. As lamentações aparecem no **Diário do Exército**: “– O Conselheiro Paranhos comunica que o próprio Sr. Lanus se queixava do procedimento da empresa argentina, que tem negado por vezes os seus vagões, ao passo que a administração brasileira, em casos

⁹²⁸ TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 136.

⁹²⁹ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 24.

⁹³⁰ TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 34.

urgentes, sempre se presta de boa vontade à condução de víveres para o Exército Argentino”⁹³¹.

As memórias e as lembranças de guerra inscritas no **Diário do Exército** podem ser lidas na ambiência social denominada por Maffesoli como pertencente ao domínio da teatralidade, característica marcante do cotidiano: “toda a atividade individual e social provém do domínio teatral”⁹³².

Maffesoli conceitua teatralidade como elemento básico “que convém ser repetido, que a paixão, ou seja, o drama, possui uma importância fundamental nos jogos de todas as organizações sociais”⁹³³. O confronto armado entre indivíduos que defendiam os interesses de uma dada coletivamente exprimem o “furor da vida ao longo do corre-corre cotidiano”⁹³⁴.

Não só neste ponto, mas ainda na margem do Paraguai, têm-se dado desses atentados. Um bote tripulado por quatro homens, tendo se encostado à barranca do Lambaré, foi também repentinamente assaltado, escapando-se um só homem que declarou terem sido os seus companheiros ou mortos ou aprisionados.

A localidade prestava-se perfeitamente à defensiva, pois por uma garganta apertada é que se penetrava num recôncavo de montanhas; sem desanimar contudo a gente oriental pôs pé em terra e galhardamente sustentou por mais de uma hora fogo de fuzilaria, levando em seguida de vencida o inimigo que esmoreceu ao ver o Comandante Insfran cair nas mãos dos atacantes. Cinquenta e três soldados, o Capitão Insfran, o 2º Tenente Moreno e Alferes Caceres ficaram prisioneiros; 23 paraguaios foram mortos, fugindo o resto para os matos⁹³⁵.

A teatralidade social conduz ao espetáculo, aos “domínios grotescos, tragicomédios, patéticos e épicos”⁹³⁶ que “pertencem ao âmbito da vida diária”⁹³⁷. Tal “espaço é rico e diversificado para aqueles que se propõe a analisar a socialidade”⁹³⁸. Nesse ínterim, sugerimos que a identidade brasileira na Guerra do Paraguai se consubstanciava “na encenação da existência social”⁹³⁹, onde “todos os papéis se interpelam e se respondem livremente” num “encaixe de situações maleáveis e pontuais”⁹⁴⁰.

⁹³¹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 116.

⁹³² MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 136.

⁹³³ Idem, *ibidem*, p. 132.

⁹³⁴ Idem, *ibidem*.

⁹³⁵ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 47 e 49.

⁹³⁶ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 136.

⁹³⁷ Idem, *ibidem*.

⁹³⁸ Idem, *ibidem*.

⁹³⁹ Idem, *ibidem*, p. 138.

⁹⁴⁰ Idem, *ibidem*.

Taunay em seu **Diário do Exército**, mesmo orientado por questões oficiais, retratou um conflito pontuado por ações relacionadas à citada teatralidade, ambiente onde as paixões, os desejos, as agruras e os sofrimentos da guerra conviviam numa paradoxal relação.

[...] denunciando fatos de violências, extorsões praticadas pela polícia brasileira naquela cidade e desapropriações de casas, a fim de que se faça rigorosa devassa para castigar os culpados ou então se adquiram dados para refutar semelhantes alegações⁹⁴¹.

O inimigo ficou todo ou morto ou prisioneiro. Perto de 700 cadáveres contados, entre os quais os do Tenente-Coronel Cavallero [...]⁹⁴².

O combate cessara, e, entretanto, ouviam-se contínuas detonações; eram caixões de munição abandonados no campo e que iam sendo devorados pelo fogo atirado, logo no princípio da ação, pelos paraguaios, para ocultarem os seus movimentos. Este incêndio, alimentado pela macega alta e ressecada, levava todo o dia, de modo que muitos desgraçados feridos foram queimados, subindo espesso fumo aos céus de envolta com a fumaça dos canhões⁹⁴³.

Na “produção de bens⁹⁴⁴” ou na “glória de honras⁹⁴⁵”, a contenda ia se desenvolvendo numa espécie de “dramaturgia política⁹⁴⁶” que pretendia criar uma “liturgia⁹⁴⁷” e uma “iconografia⁹⁴⁸” na qual a existência de comportamentos heroicos funcionava para bendizer o nome patriótico. No entanto, os combatentes que lutavam por revanchismo ou necessidade praticavam atos nem sempre condizentes com o “sagrado” dever patriótico.

Ao mesmo General é remetido o interrogatório, feito no 2º Corpo de Exército, ao Tenente paraguaio Moreno, prisioneiro de Ibicuy e que, com outros aprisionados naquele lugar, e hoje às ordens do General Castro, se entregava a pilhagens e excessos de toda casta, sem exceção de assassinatos, em pessoas de velhos paraguaios e mulheres, invocando ordens recebidas do Comando-em-chefe brasileiro. Sua Alteza pede pois castigo o mais severo possível para esses homens prejudiciais aos princípios que a aliança tem mantido e além de tudo altamente perigosos por se acobertarem sob pretendidas ordens de um general-chefe⁹⁴⁹.

O Conde d’Eu atuou como comandante-em-chefe das tropas brasileiras no último ano da guerra e tentou reorganizar o Exército Brasileiro após a saída do Duque de Caxias da

⁹⁴¹ TAUNAY, Alfredo d’Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 107.

⁹⁴² Idem, ibidem, p. 137.

⁹⁴³ Idem, ibidem, p. 147.

⁹⁴⁴ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 149.

⁹⁴⁵ Idem, ibidem.

⁹⁴⁶ Idem, ibidem.

⁹⁴⁷ Idem, ibidem.

⁹⁴⁸ Idem, ibidem.

⁹⁴⁹ TAUNAY, Alfredo d’Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 175.

guerra. Os saques, as pilhagens, os estupros e os exageros contra os prisioneiros e à população paraguaia procuraram ser coibidos e punidos⁹⁵⁰.

Taunay anotou no **Diário do Exército** tais iniciativas: “ordenaram-se castigos para impedir tais fatos e o oficial da guarda ali postada sofreu as conseqüências de sua frouxidão em conter seus subordinados”⁹⁵¹. E ainda “– as autoridades brasileiras têm procurado em todos os pontos do Paraguai reprimir os abusos que são inerentes à guerra e que a tornam tão deplorável em suas conseqüências, maleficiando habitantes fracos e desarmados”⁹⁵².

A longevidade da guerra ocasionou dificuldades para todos os envolvidos. Por vezes, o sofrimento era interrompido por instantes de paz e tranquilidade. Os personagens da guerra logo voltavam à triste realidade cotidiana.

Tem se sentido grande carência quer de carne fresca, quer de charque e víveres, ficando mais uma vez demonstrada a pouca previdência dos fornecedores que apelam para desculpas fúteis, queixam-se da pouca estabilidade das forças e de contínuos desmanchos em seus vapores. Aviso de todos os movimentos tem lhes sido contudo convenientemente dado e, a 3 do corrente, Sua Alteza comunicava ao Governo Imperial que tinha mandado anunciar aos encarregados do fornecimento as novas operações que eram projetadas. A soldadesca não tem contudo sofrido fome porque encontra em dois vastos canaviais e em roças de abóbora e mandioca bons elementos de nutrição. A cana há sido tão abundante que as engenhocas abandonadas trabalham na confecção de melado e rapadura e os infantes incessantemente empregam-se em carregar grandes feixes ou para os moinhos ou para as suas barracas⁹⁵³.

Querer exigir trabalho braçal de soldados enfraquecidos pela falta de alimentos é na verdade cruel. Nem se creia que aqui meia ração de carne é como em outra qualquer parte. Às vezes vêm magríssima, são pequenas; seu peso pouco mais deve ser de cinco arrobas: assim pois o que se distribui por cada soldado não chega a uma libra. Neste mês só tem recebido três rações de farinha e nada mais. Não se encontra em todos os arredores uma única raiz de mandioca⁹⁵⁴.

Como vimos nos trechos anteriores, o abastecimento das tropas não era realizado continuamente, apesar das tentativas para se organizar alguns serviços de apoio durante os meses finais da campanha: “o Sr. Comandante-em-Chefe fez seguir para Assunção o Sr. Chefe do Corpo de Saúde que vai cuidar na regular organização do hospital do Exército, cujas más acomodações e acanhada disposição tornavam-se tanto mais sensíveis [...]”⁹⁵⁵.

⁹⁵⁰ VAS, Braz Batista. Ações militares e diplomacia: considerações acerca do Brasil e as providências em relação ao fim da Guerra do Paraguai. Disponível em <http://www.abed.defesa.org>, 2008, p. 9.

⁹⁵¹ TAUNAY, Alfredo d'Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 204.

⁹⁵² Idem, ibidem, p. 203.

⁹⁵³ Idem, ibidem, p. 181-182.

⁹⁵⁴ Idem, ibidem, p. 201.

⁹⁵⁵ Idem, ibidem, p. 25.

A fome enfraquecia os corpos e abria caminho para as enfermidades e as doenças contagiosas. O desconhecimento médico e a falta de tratamento adequado trouxeram alto nível de mortandade. Todas as fontes memorialísticas analisadas apresentaram esse desolador cenário.

Essas localidades são todas perniciosas à saúde, senão normalmente, pelo menos acidentalmente, talvez em consequência do número de cadáveres que todos os passados são contestes em afirmar pejam os caminhos desde Paunero até Itanaran. Na verdade, apesar de elevadas e umbrosas, produzindo elas febres de mau caráter nas praças e oficiais da Coluna Fidelis, de modo que os hospitais estabelecidos em Curuguaty estão atonetados de doentes⁹⁵⁶.

– Tem chovido quase todas as tardes. A temperatura conserva-se agradável: entretanto, a quantidade de doentes vai aumentando consideravelmente, sendo atacados de febres perigosas os oficiais e praças que expedicionaram Jejuí e Iгатemi. Grandes galpões foram preparados e neles se recolhem para cima de trezentos enfermos⁹⁵⁷.

A “espacialidade” do cotidiano⁹⁵⁸ onde “tudo junto adquire corpo”⁹⁵⁹ pode ser notada no **Diário do Exército**. A guerra se revela “lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões”⁹⁶⁰. Local feito também para comemorar e celebrar as mínimas e máximas melhorias nas condições de sobrevivência.

O espetáculo que oferecia a singular procissão dessas mulheres, que haviam resistido as mais apuradas necessidades e que enfim atingiam o dia ardentemente desejado de sua libertação, era comovente e ao mesmo tempo altamente curioso. Ali se viam as representantes de nomes familiares em todas as peças oficiais do Paraguai e consequentemente sobremaneira bajulatórias a Lopez e ofensivas ao Brasil, caminhando a pé, quase nuas, carregando na cabeça o que havia a custo do naufrágio de suas fortunas⁹⁶¹.

A Vila do Rosário apresenta grande animação. Por todos os lados vêem-se casinhas de palha construídas com esmero, ruas bem alinhadas, algumas caprichosamente ornadas, casas caiadas e rebocadas e junto ao arroio Cuarepoti levantam-se os muitos barracões de numeroso comércio⁹⁶².

O desfecho da guerra se aproximava e o memorialista não desejava mais registrar acontecimentos infelizes. Suas lembranças indicam o anseio pelo fim absoluto das animosidades. Três trechos do **Diário do Exército** mostram o autor consagrado os louros da vitória e ao mesmo tempo aliviado com o fim da guerra.

⁹⁵⁶ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 247.

⁹⁵⁷ Idem, ibidem, p. 253.

⁹⁵⁸ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 58.

⁹⁵⁹ Idem, ibidem.

⁹⁶⁰ Idem, ibidem.

⁹⁶¹ TAUNAY, Alfredo d’Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 246.

⁹⁶² Idem, ibidem, p. 257.

Navegava o vapor rio acima, quando, às 12 horas e meia do dia, passou pelo vapor de fornecimento *Davison* que vinha descendo com a bandeira americana à popa e brasileira à proa e que apitou, virou de bordo e marchou nas águas do *Conde d'Eu*, denunciando ser portador de grandes notícias. Na realidade, de bordo dele saltou o Capitão de Cavalaria Pedro Rodrigues, que foi recebido entre gritos de vivas, porque todos haviam compreendido e logo sabido que a guerra se achava terminada por ter sido López alcançado e morto, fato que achou sua confirmação no ofício do General Câmara lido por Sua Alteza em voz comovida entre frenéticas ovações⁹⁶³.

Sua Alteza ao som das salvas e vivas partidos da canhoneira *Mearim* aí ancorada, saltou em terra, sendo recebido pelo Coronel Antônio Augusto de Barros Vasconcelos, que o esperava rodeado de toda oficialidade e de grande quantidade de povo, cuja alegria era manifesta [...] ⁹⁶⁴.

– À noite, continuaram as demonstrações de alegria. Toda a vila iluminou-se, e o chefe político Capitão Caríssimo, inimigo fidalgo de Lopez, que mandara degolar a sua família, ofereceu ao Estado-Maior de Sua Alteza um baile que esteve muito animado⁹⁶⁵.

Ulpiano Meneses diz que o ato de comemorar “é uma modalidade de memória como ação”⁹⁶⁶, pois implica a seleção de gestos, performances e atos. Ao passo que as lembranças e rememorações enquadram-se “por excelência, na memória como representação, imaginação do passado, imaginação de eventos”⁹⁶⁷.

Apesar do teor de subjetividade contida na memória como representação, as fontes memorialísticas nos fornecem um abrangente quadro histórico do conflito, pois, “práticas e representações são indissociáveis, e que, portanto, memória como ação e como representação não podem ser compartimentadas”⁹⁶⁸.

Num campo de negociação seletivo, as memórias da guerra são valiosas por seu caráter “multiforme”⁹⁶⁹, reveladoras de uma “paisagem”⁹⁷⁰ com “suas ambigüidades, sua fluidez, sua complexidade”⁹⁷¹ e das “inúmeras articulações e os paradoxos que escapam à prisão de teorias uniformizantes ou binômios mutuamente excludentes”⁹⁷².

O Visconde de Taunay recebeu a missão de produzir um diário onde fossem minuciosamente assinaladas as ações de guerra brasileiras no período compreendido entre abril de 1869 e março de 1870. Na qualidade de membro da Comissão de Engenheiros e chefe

⁹⁶³ TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 276.

⁹⁶⁴ Idem, ibidem, p. 278.

⁹⁶⁵ Idem, ibidem.

⁹⁶⁶ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Op. cit., 1992, p. 29.

⁹⁶⁷ Idem, ibidem, p. 29.

⁹⁶⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Os paradoxos da memória. MIRANDA, Danilo Santos de. São Paulo: SESC, 2007, p. 29.

⁹⁶⁹ Idem, ibidem, p. 33.

⁹⁷⁰ Idem, ibidem.

⁹⁷¹ Idem, ibidem.

⁹⁷² Idem, ibidem.

de gabinete do Estado-Maior Taunay fez referência à atuação de seu comandante, Conde d'Eu.

Escuso repetir a V. Exa. que as forças de seu comando devem sempre proporcionar o tratamento mais humano e consentâneo com o espírito civilizador que tem guiado na presente guerra a nação brasileira e tanto a honra, não só as famílias paraguaias que forem encontradas, como também aos prisioneiros e passados das forças inimigas⁹⁷³.

– Sua Alteza oficiou ao General Polidoro acerca de queixas, que têm chegado ao seu conhecimento, feitas por indivíduos que estiveram presos na guarda do Exército de Assunção, sobre o mau trato que ali receberam, ficando em muitos casos até expostos à cruel sede pela maneira brutal com que se os tratara. Recomendando àquele General sindicância a tal respeito, renova as ordens anteriores para a formação e rápido andamento dos Conselhos de Guerra, cuja demora traz como consequência a acumulação de presos no pontão e na guarda, com prejuízo dos princípios da mais simples humanidade⁹⁷⁴.

Taunay construiu representações em torno do Conde d'Eu apresentando seu comandante como espécie de paladino da justiça e portador de excelso patriotismo. Além de aparecer na narrativa memorialística como salvador da pátria paraguaia, o memorialista fez questão de pontuar a prática administrativa, organizadora e disciplinadora de seu chefe.

Apesar dessas imagens criadas sobre o Conde d'Eu, após o conflito, o temor dos republicanos brasileiros no tocante à instauração de um 3º Reinado e a influência do príncipe francês junto à herdeira do trono, a princesa Isabel, fez com que alguns defeitos do genro do imperador fossem evidenciados: “modos desajeitados, surdez, apertada economia (avareza), melancolia, carolismo acentuado”⁹⁷⁵. Tais críticas geraram forte impopularidade para o governo imperial, sendo o alvo primeiro o próprio Conde d'Eu.

Os entendimentos elaborados pelos historiadores da guerra pertencentes à corrente revisionista mostram o Conde d'Eu como um homem truculento, cruel, perverso e sanguinário que perseguiu crianças, homens e velhos e espalhou epidemias entre os paraguaios.

Vale lembrar, que tais adjetivos não aparecem no **Diário**, excetuando-se o caráter oficial dessa fonte memorialística, o próprio Visconde de Taunay será ainda presidente de província e senador do Império, um homem fielmente monarquista, portanto.

Se entendermos que as fontes memorialísticas sobre a Guerra do Paraguai retrataram um acontecimento histórico onde o país saiu vitorioso, pelo menos nos combates diretos, essa

⁹⁷³ TAUNAY, Alfredo d'Escragno, Visconde de. Op. cit., 2002, p. 167.

⁹⁷⁴ Idem, ibidem, p. 190.

⁹⁷⁵ FAGUNDES, Luciana Pessanha. Do estrangeiro apático e avarento ao velhinho simpático e veterano de guerra: representações e construções memoriais sobre o Conde d'Eu. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br>, 2010, p.4.

documentação pode ser interpretada como uma tentativa de angariar dados para a construção de uma memória nacional, que intencionalmente comporá traços da própria identidade brasileira.

O esquema narrativo das fontes memorialísticas analisadas até aqui seguem alguns estratégias: filtros e seleções que “remetem justamente às formas de apropriação, expressas tanto na multiplicidade de experiências e lembranças como na capacidade da memória coletiva de construir uma visão comum do passado”⁹⁷⁶.

Produto de memórias individuais inseridas e condicionadas por um contexto coletivo, a memória nacional da guerra “apresenta-se como unificadora e integradora, procurando a harmonia e escamoteando ou sublimando o conflito”⁹⁷⁷. Pertencente “a ordem da ideologia”⁹⁷⁸ os principais responsáveis por sua perpetuação, “constituição e “circulação”⁹⁷⁹ são o “estado e as camadas dominantes”⁹⁸⁰.

Nesse sentido, Ulpiano Meneses reforça que a “memória nacional é o caldo de cultura, por excelência, para a formulação e desenvolvimento da identidade nacional, das ideologias da cultura nacional, e, portanto, para o conhecimento histórico desses fenômenos”⁹⁸¹ relativos à composição social da memória.

Exemplo dessa preocupação em pontuar uma espécie de memória nacional são as **Reminiscências da Campanha do Paraguai** escritas por Dionísio Cerqueira⁹⁸² quarenta anos após a guerra. Fonte de natureza memorialística apresentou as impressões que um ex-combatente guardou na memória sobre o conflito platino.

Amplamente citada na historiografia da Guerra do Paraguai as **Reminiscências** de Dionísio Cerqueira contêm uma série de informações importantes: (1) cotidiano da guerra; (2) descrição do meio ambiente e das intempéries naturais; (3) demonstrações patrióticas e heroicas; (4) opiniões sobre os paraguaios e o presidente López; (5) críticas à desumanidade e ao andamento da contenda; (6) doenças e enfermidades nos campos de batalha.

Umberto Peregrino compôs a introdução das **Reminiscências** elencando as principais temáticas da obra: “os quadros da vida em campanha, dos combates, da destruição humana e

⁹⁷⁶ FAGUNDES, Luciana Pessanha. Op. cit., p. 1.

⁹⁷⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Op. cit., 1992, p. 15.

⁹⁷⁸ Idem, ibidem.

⁹⁷⁹ Idem, ibidem.

⁹⁸⁰ Idem, ibidem.

⁹⁸¹ Idem, ibidem.

⁹⁸² Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira (1847-1910), baiano assentou praça no Exército em 1865 chegando ao posto de general-de-brigada. Engenheiro de formação atuou em diversos cargos políticos após a Guerra do Paraguai, foi ministro de Estado e diplomata, teve parte em missões de delimitações de fronteiras. PEREGRINO, Umberto. Uma variada e complexa paisagem humana. In: CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980, p. 17-44.

material são tão animados que chegam ao leitor como coisas vividas”⁹⁸³. Peregrino chegou a dizer que as **Reminiscências** de Dionísio Cerqueira “são o nosso melhor manancial de documento humano da nossa maior campanha externa”⁹⁸⁴.

Do mesmo teor, na verdade é “A Retirada da Laguna”. A única diferença, será no sentido, que na narrativa de Taunay é o épico, como convinha à aquela tragédia. Mas, à semelhança das “Reminiscências”, o predominante em “A Retirada da Laguna” é o documento humano, aí tecido de dor, fome, desgraça, desespero, esperança, resignação. Quando acaso reponta o fato militar, a análise dos chefes, o balanço dos erros, esse desvio é mais aparente que real. Bem examinado verificar-se-á que tudo isso é aduzido ou apreciado em função do humano – o drama, o sacrifício da coluna. Em vários livros posteriores Taunay prolongou o seu depoimento desse lance e de outros em que foi parte, na Guerra do Paraguai. Depoimentos, de certo, muito valiosos do ponto de vista dos episódios históricos, mas, sobretudo nisto insuperáveis, depoimentos emotivos.

Assim, as “Reminiscências” se inferiorizam, seguramente, à comparação com a “Retirada da Laguna”, na intensidade emotiva, mas superam-na francamente, no interesse geral. E nada mais compreensível. Esta fixa um breve e isolado episódio. Grandioso, épico, mas tão-somente um episódio. Aquelas, as “Reminiscências”, retratam a intimidade da vida de um estirado período de luta, num amplo cenário. Numa somente há lugar para o drama que é esmagador, nas “Reminiscências” há lugar para tudo ... Estão presentes as almas com as suas paixões no sentido do elevado, do nobre, e também do rasteiro, estão presentes os costumes do tempo, as dificuldades que nos atormentaram, os sentimentos que nos guiaram, estão presentes o pitoresco e o trágico, a verdade e o erro, o grande e o mesquinho, a vida e a morte⁹⁸⁵.

Umberto Peregrino confirma as variadas possibilidades analíticas presentes nas **Reminiscências da Campanha do Paraguai** de Dionísio Cerqueira no que se refere ao estudo do conflito platino. O memorialista advertiu que “nunca”⁹⁸⁶ lhe “sobraram lazeres para escrever diários”⁹⁸⁷, nem possuía “ementários para apontar o que ia sucedendo”⁹⁸⁸.

As vivências passadas ficaram patenteadas quando o memorialista fez questão de afirmar: “das ações de guerra, de que fui testemunha e obscuríssimo comparsa relato o que resta, do que me foi dado observar no campo demasiado restrito da visão do soldado e oficial subalterno”⁹⁸⁹.

⁹⁸³ PEREGRINO, Umberto. Prefácio. In: CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro, 1980, p. 22.

⁹⁸⁴ Idem, *ibidem*, p. 21.

⁹⁸⁵ Idem, *ibidem*.

⁹⁸⁶ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 45.

⁹⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁹⁸⁸ Idem, *ibidem*.

⁹⁸⁹ Idem, *ibidem*.

As “reminiscências semi-apagadas de tempos remotos, escritas à luz bruxoleante de cansada memória”⁹⁹⁰ se assemelham à proposta de José Luís Rodrigues da Silva nas **Recordações da Campanha do Paraguai**, que alertou para a fluidez da memória, desculpou-se pelas omissões e possíveis incorreções narrativas, assim como o fez Dionísio Cerqueira.

O **Diário**: a Guerra do Paraguai 1866 e o **Diário do Exército** escritos logo após as lutas por André Rebouças e Alfredo d’Escragnolle Taunay seguiram uma lógica diferenciada de registros. Os autores José Luís Rodrigues da Silva e Dionísio Cerqueira se preocuparam em indicar alguns traços de suas lembranças. Rebouças e Taunay pretendiam apresentar um quadro fidedigno do passado, fiel e mais próximo do que ocorreu um dia.

Os conceitos de identidade e memória apoiados na dimensão social cotidiana produzem desdobramentos na convivência entre os indivíduos, personalizando-se nos comportamentos que podem remeter ao patriotismo, ao heroísmo, a bravura e a coragem, configurados pelo medo e resignação que a presença da morte trazia aos personagens da guerra. O Brasil enquanto Nação e pátria aparecem ao mesmo tempo no espaço da vitória e no desperdício questionável da vida.

As passagens seguintes das **Reminiscências da Campanha do Paraguai** podem elucidar a dicotomia instaurada no parágrafo anterior. A defesa de um país nem sempre se revelava num ato absolutamente patriótico e feliz, pois a força do cotidiano bélico indicava uma faceta de sofrimento e descontentamento.

No fim de dois dias, foi-se o último patacão e tive de me resignar a ir também para o fogão. Tudo naquilo me povoava o espírito de impressões singulares e novas. Nos meus primeiros dias de campanha pareciam-me estar transportado a outro mundo. A língua estranha, os hábitos diferentes, a decadência estética dos meus amigos, os tipos curiosos dos soldados de Flores, aquela cidade de alvas tendas de algodão, mal alinhadas e pior armadas, os dias bochornais e as noites frias, a vegetação raquítica e diferente da nossa, aquelas cercas de prata, as casas da vila Úion sem telhados, cobertas por açotéias ou eirados, como as *solaria* romanas, tão usadas na Espanha; tudo me impressionava profundamente.

Dava-me aquela confusão saudades do lar plácido de meus pais.

No dia 20 ou 21 de fevereiro, não me recordo bem, desarmou-se o abarracamento, e entramos em forma em completa ordem de marcha.

A mochila, a princípio, fatigou-me muito: não estava habituado àquele peso e não sabia ainda arranjar bem ao alto⁹⁹¹.

Os “exemplares”⁹⁹² de Dionísio Cerqueira que “vagam”⁹⁹³ em sua memória nos brindam com uma descrição da vida de um jovem soldado que já sofria os efeitos da guerra,

⁹⁹⁰ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 45.

⁹⁹¹ Idem, ibidem, p. 52.

sentindo “saudades de sua terra natal”⁹⁹⁴. Suas lembranças estremeciam “ao recordar aquele quadro, horrorosamente pungente”⁹⁹⁵. Na cruenta guerra desfilam na memória do escritor lembranças de dores e dificuldades, interrompidos por raras emoções de felicidade, que logo são arrebatadas quando:

No meio daquele grande entusiasmo, dores calaram-se para esconder injustiças. Lembro-me de uma, porque ecoou na minha alma. Um primo carnal, o major da Guarda Nacional João Evangelista de Castro Tanajura, moço rico, organizou formoso corpo de gente escolhida no sertão, vestiu-o, alimentou-o e transportou-o até a capital, onde foi aquartelado a fim de seguir para o sul. Não pôde porém, o malgrado realizar o desejo ardente de sua alma patriótica, porque morreu de uma febre cerebral, causada, decerto, pela decepção amarga de ver seu batalhão dado a comando de outro, influência política do partido dominante. Há sempre dessas ingratidões, principalmente na política partidária⁹⁹⁶.

Dionísio Cerqueira queixou-se da intervenção política nos assuntos bélicos. O autor mostrou que as patentes e os comandos na guerra eram distribuídos a partir das conveniências partidárias. Na passagem anterior das **Reminiscências da Campanha do Paraguai** notamos o alto teor crítico do autor, linguagem muito presente nessa fonte memorialística.

Os lamentos do memorialista Cerqueira se mostram na narrativa do cotidiano. As agruras matizadas pelos ferimentos e pela presença pungente da morte sem dúvida marcaram a memória do autor.

Mais de cem já eram os golpes, quando irrompeu dos lábios ressequidos do condenado um gemido de aflição. A esse, outros e mais outros sucederam compassados, ritmados ao bater das espadas do corpo flagelado. Depois... não pôde mais... caiu de borco. Avançaram três homens. Dois colocaram sobre os ombros direitos uma carabina em posição horizontal e mantiveram-na segurando-a com a mão direita, um voltado para o outro. Dois corneteiros ergueram o corpo torturado, passaram-lhe os braços por cima da arma; e o terceiro homem, na frente, segurou-o pelos pulsos. Chamava-se isso – *castigar nas armas!*⁹⁹⁷.

Cerqueira descreveu o procedimento dado a “um capelão e um médico”⁹⁹⁸ que “iam ser castigados por terem atacado oficial estrangeiro”⁹⁹⁹. Os desvios de conduta e

⁹⁹² CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 223 e 188.

⁹⁹³ Idem, ibidem.

⁹⁹⁴ Idem, ibidem.

⁹⁹⁵ Idem, ibidem, p. 255.

⁹⁹⁶ Idem, ibidem, p. 56.

⁹⁹⁷ Idem, ibidem, p. 92.

⁹⁹⁸ Idem, ibidem, p. 91.

descumprimento das regras militares levavam os infratores ao “castigo corporal”¹⁰⁰⁰, que eram legitimados “pelos regulamentos que vigoravam”¹⁰⁰¹ na época do conflito.

Para além dos golpes desferidos contra seus companheiros de armas, noutra passagem das **Reminiscências** uma catástrofe impingiu o memorialista: o bombardeio à casamata do navio *Tamandaré* que também foi descrita por Artur Jaceguai nas **Reminiscências da Guerra do Paraguai**.

Uma bala paraguaia penetrou na casamata por uma das portinholas e, aos recochetes, matou e pôs fora de combate trinta e cinco homens, entre os quais sobressaía o jovem comandante, que acabou pedindo aos amigos desolados que o acompanhavam nos últimos momentos, que dissessem ao velho pai, o glorioso visconde de Inhaúma, que ele morria honrando o seu nome. Diziam que o sangue, nessa casamata subira à altura dos tornozelos¹⁰⁰².

O desejo do comandante da *Tamandaré* em ser lembrado pela “paixão”¹⁰⁰³ dispensada na luta patriótica pertence ao domínio do espetáculo. A morte é experimentada cotidianamente como sinal do sofrimento, mas também encarada como ação heroica.

[...] Era um extensíssimo tendal de cadáveres, horrivelmente mutilados e amontoados em confusão. Havia cabeças decepadas, com olhos bem abertos; umas, presas ainda ao tronco por músculos ensangüentados; outras, rachadas, de meio a meio, mostrando os miolos transbordando; narizes cortados, braços mutilados, queixos partidos, peitos esburacados. Que golpes aqueles! Que talhos e estocadas! Era o caminho da morte para o inimigo e da glória para nós... Que morte gloriosa e que glória cheia de lágrimas! Era, entretanto, a que fascina e deslumbra os povos, era a glória de Osório, de Napoleão e de Frederico – a glória da morte¹⁰⁰⁴.

Olgária Féres Matos estudou a “emergência e a desconstrução do herói e do heroísmo no horizonte da morte”¹⁰⁰⁵. Para ela, o indivíduo com qualidades heroicas é conhecido entre os seus como homem dotado de “invulnerabilidade”¹⁰⁰⁶. A brevidade da vida não pode conter

⁹⁹⁹ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 91.

¹⁰⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰⁰¹ Idem, ibidem.

¹⁰⁰² Idem, ibidem, p. 112.

¹⁰⁰³ MAFFESOLI, Op. cit., p. 132.

¹⁰⁰⁴ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 143-144.

¹⁰⁰⁵ MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional.

Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, 6 (1-2), 1994, p. 83.

¹⁰⁰⁶ Idem, ibidem.

seu “renascimento”¹⁰⁰⁷ imaginário. O cotidiano bélico transforma a morte de alguns em “glória imperecível”¹⁰⁰⁸, “num modo heróico de morrer em combate”¹⁰⁰⁹.

Os batalhões avançavam; a artilharia rugia rápida, infatigável, a revolver, era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam a carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas a duas mãos como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. [...] Era uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo. O ataque mais forte fora à 3ª Divisão, que resistia heróica, a dez mil homens de Diaz. Todos, modéstia à parte, consideravam-na o escol do exército¹⁰¹⁰.

Nossa proposta ao estudar a Guerra do Paraguai em sua feição diuturna e cotidiana foi motivada pela perspectiva de Michel Maffesoli. Este autor diz que o “conjunto da prática cotidiana possui estreita relação com o tempo”¹⁰¹¹ onde o “realismo e o fantástico, o trivial e o sonho se misturam numa pintura matizada”¹⁰¹² descortinando “toda a riqueza da vida social”¹⁰¹³. A seguir, o espetáculo cotidiano do conflito nas vozes de Dionísio Cerqueira.

Via voar sobre minha cabeça, seguidamente, sem interrupção centenas e centenas de grandes projetis, que iam explodir mais adiante, no centro dos batalhões, espalhando a morte com os seus estilhaços. Outras vezes, caíam na frente e vinham, a chapeletas, rasgar as nossas fileiras. Ouvia os seus roncões próximos e sentia as vergastadas do ar deslocado por eles; acompanhava, curioso, os pontos negros, que pareciam vir sobre mim em trajetórias rápidas, fatais, e abriam-se em chamas avermelhadas e fumo esbranquiçado, derramando sangue e disseminando a dor, abrindo peitos, despedaçando cabeças, dilacerando entranhas, arrancando gemidos, sufocando esperanças e derribando castelos dourados pela fantasia¹⁰¹⁴.

A multiplicidade de espaços sociais manifesta pelo cotidiano é denominada por Maffesoli como “teatralidade”¹⁰¹⁵. Para ele, “na encenação da existência social todos os papéis se interpelam e se respondem livremente”¹⁰¹⁶. A guerra reflete um confronto que exprime um “modo de aparecer de teatralização do ser social e individual”¹⁰¹⁷.

¹⁰⁰⁷ MATOS, Olgária Chain Féres. Op. cit., p. 83.

¹⁰⁰⁸ Idem, ibidem, p. 84.

¹⁰⁰⁹ Idem, ibidem.

¹⁰¹⁰ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 164.

¹⁰¹¹ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 22.

¹⁰¹² Idem, ibidem, p. 139.

¹⁰¹³ Idem, ibidem.

¹⁰¹⁴ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 164.

¹⁰¹⁵ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 138.

¹⁰¹⁶ Idem, ibidem, p. 139.

¹⁰¹⁷ Idem, ibidem, p. 132-133.

Assim, a identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai pode ser pensada a partir de um dinamismo referendado nos processos de repetição e de criação representacional e simbólica “porque repousa sobre uma tal arquitetura de papéis”¹⁰¹⁸ que são igualmente assinaladas nas **Reminiscências da Campanha do Paraguai** de Dionísio Cerqueira.

De distância em distância apareciam montões de ossadas humanas meio carbonizadas, restos dos paraguaios de 24 de maio; tantos que, não podendo ser enterrados, foram amontoados em grandes pilhas e cremados. Aqui e ali, um cavalo ressequido, com os beiços repuchados, os dentes arreganhados, como os do corcel da estátua de Tamerlão, de Jerome e as ventas mal abertas, aspirando as emanções hediondas das batalhas. Ao lado, uma caveira com barretinha de sola, um farrapo de *bichará* envolvendo vértebras e tíbias, ou um *bogó* de couro cru, muito duro e encarquilhado, com a *guasca* retorcida, apertando um omoplata¹⁰¹⁹.

Se, porém, a sentinela era um sertanejo, habituado à espera das onças e veados, recebia o temerário com um tiro à queima-roupa. Ouvia-se a denotação, um grito, um ai de agonia e o estrebuchar de um corpo. Quando clareava o dia, se a vítima vivia ainda, o brasileiro compassivo dava-lhe água fresca do seu cantil para lhe matar a sede. O sangue perdido faz a boca tão seca!... Não estava mais, ali, um inimigo: era um homem que sofria, compungindo o coração generoso e bom do nosso soldado (CERQUEIRA, 1984, p. 192)¹⁰²⁰.

As dificuldades vivenciadas nos campos de batalha produziram reiteradas impressões sobre as injustiças cometidas na guerra: “o pobre menino fez-me achar razão nos que afirmam que a guerra, falsa solução do problema da felicidade humana é a forma mais brutal do mal”¹⁰²¹.

Homens e mulheres, velhos e crianças em pedaços com os olhos vazados, lábios arrancados, pernas e braços dilacerados, crânios furados com os miolos de fora, os ferimentos mais horríveis e a gangrena enegrecendo os bordos estiomenados e purulentos. Uns, deitados no chão úmido sem uma rama sequer; outros menos mutilados, encostados a troncos de árvores¹⁰²². Tínhamos perto uma vala imensa, atonetada de cadáveres denegridos pela podridão, moços e velhos, todos nus com ferimentos medonhos de lança, de bala, de faca. As gargantas cortadas, cobertas de varejeiras, os peitos largamente fendidos e restos dos intestinos, que os urubus já tinham arrancado. Todos imensamente inchados. Um ou outro com os olhos esbugalhados, quase todos só com órbitas, que os abutres cavavam¹⁰²³.

¹⁰¹⁸ MAFFESOLI, Michel. Op. cit., p. 139.

¹⁰¹⁹ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 191.

¹⁰²⁰ Idem, ibidem, p. 192.

¹⁰²¹ Idem, ibidem, p. 240.

¹⁰²² Idem, ibidem, p. 256.

¹⁰²³ Idem, ibidem, p. 258.

No som das balas que percorriam o ar procurando alvos móveis, de vidas dedicadas à defesa de seus países, o memorialista resgatou de suas lembranças cenários assombrosos da capacidade humana de matar, justificada em torno de pretextos muitas vezes incompreensíveis.

Pela zoadada adivinhávamos. O que nos fizera aquele destroço no *Dezesseis* era um de 32 Withworth, que nos fora tomado a 3 de novembro de 1867. Entre os feridos, vi um com as entranhas arrancadas por um estilhaço. Um cabo da quarta ficou sem cabeça e o sangue jorrou borbulhando alguns instantes das carótidas e jugulares espedaçadas. O mais horrível de todos foi o ferimento dum soldado da terceira: um grande estilhaço arrancou-lhe um pedaço do peito e via-se o coração bater lá dentro afogado em sangue. Um oficial caiu redondo no chão, do choque de um braço sem divisas, projetado como uma bala. Foi uma cena horrorosa e, para alguns, de mau presságio¹⁰²⁴. O soldado Benvindo, horrivelmente mutilado, com o maxilar despedaçado e língua grande, muito comprida, pendida sobre o peito, caminhava arrastando a carabina; mas ereto, sem um ai. O sangue lhe esguichava das carnes em farrapos; e o pobre herói ignorado acercava-se calmo e resignado do hospital, onde a morte o esperava com a glória que lhe ia dar em segredo o último beijo [...] ¹⁰²⁵.

No trecho anterior, o cotidiano da guerra cheio de intensidade contrasta com “a ideia de que o herói é aquele que detém, que suspende o tempo e que por sua excelência supera, por assim dizer, a condição humana”¹⁰²⁶. A morte ganha pleno sentido quando transformada numa identidade heroica repleta de vida.

Trazia na mão um maço de ataduras e fios e ao pescoço uma tesoura presa por um cordão. Ordenou ao Antônio Faustino que fosse buscar um pouco de água. Desatou o lenço que me envolvia a cabeça; retirou o sangue coagulado; com os dedos foi afastando os cabelos para descobrir bem a ferida. Que lavou com água, colhida pelo camarada num banhado próximo, aplicou sobre ela um chumaço de fios que não primavam pela alvura; desenrolou, finalmente, um pacote de ataduras e passou-me uma pela testa, dando volta à cabeça, descendo, depois, abaixo do queixo e subindo ao alto, onde rasgou as extremidades em duas tiras e amarrou-as solidamente. Agradeceu-lhe os cuidados; e ele com sorriso de bondade, assegurou-me que os miolos não estavam de fora. Apesar de inverossímil eu tinha dúvida, porque o sangue coagulado tinha a consistência da massa encefálica¹⁰²⁷.

A passagem anterior se referiu ao tratamento a qual foi submetido Dionísio Cerqueira após sofrer ferimento de guerra. André Rebouças no **Diário**: a Guerra do Paraguai também relatou as dificuldades encontradas para curar-se de doenças contraídas no campo de batalha.

¹⁰²⁴ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 282.

¹⁰²⁵ Idem, ibidem, p. 284.

¹⁰²⁶ MATOS, Olgária Chain Féres. Op. cit., p. 84

¹⁰²⁷ Idem, ibidem, p. 286.

O combate tinha atingido a sua fase mais terrível. Chegava o trem dos sapadores, ouvia-se perto o rodar da nossa artilharia, que avançava, e algazarra da cavalaria, a galope: quando soou, lúgubre e terrível, um toque de retirada. Que transe!

Toda a gente vacilou. Nesse momento angustioso, senti-me perdido. Para mim a retirada era impossível – era a morte. O Celestino, corneteiro do *Dezesseis*, de *motu* próprio, tocou: *Anular o toque, carga*.

Todas as cornetas repetiram, vibrantes, aquelas notas fortes e alegres; e os batalhões, dizimados pela metralha e pela fuzilada, arremataram com furor contra as trincheiras, dando brados de vitórias.

Não há quem possa descrever aquela confusão épica¹⁰²⁸.

O sucesso era anunciado enquanto “a água fria” lhe “dava [...] “uma sensação de bem-estar indefinível”¹⁰²⁹. O memorialista retirou de suas lembranças raras felicidades: “soldadesca que passava contente das suas fadigas pela pátria...”¹⁰³⁰. O autor comentou que “a nossa vida de campanha não era tão má como se pensa vulgarmente”¹⁰³¹.

A alegria e o bom-humor nunca deixaram de morar com aquela mocidade, cujos sofrimentos reduziram-se: a marchas com os pés descalços pelas areias calcinadas ao sol do verão e por campos cobertos de *malícia*; noites passadas ao relento, dentro da lama e expostos à chuva e ao vento frio que cortava; vigílias na mata escura, de arma engatilhada, espreitando o inimigo a poucos passos de distância; enfermidades desprezadas e que nunca mais foram curadas; dias e semanas de penúria e de cansaço e saudades, sem esperança de rever a família e a terra amada da pátria. Havia também os combates. Além de raros, pois não excedia muito de uma centena, passavam rápidos, e freqüentemente os sacrifícios eram compensados por elogios em ordens do dia, condecorações honoríficas e promoções. Isto, entretanto, não tocava a todos. Muitos valentes contentavam-se com o bom conceito dos camaradas e a fé que neles tinham os soldados, juízes imparciais. Isto valia mais do que tudo. A justiça não podia ser distribuída a todos, porque os generais não tinham o dom da ubiqüidade, e muitos atos de bravura ficaram ignorados. Nós, cadetes obscuros, vivíamos despreocupados dos elogios e recompensas. Tínhamos votado pela pátria a nossa vida, que considerávamos *dada em consumo* e estávamos no firme propósito de a não poupar todas as vezes que nos fosse exigido o seu sacrifício. Éramos mais felizes do que os nossos comandantes, porque não tínhamos a preocupação da responsabilidade. A nossa tarefa era fácil – cumprir o dever e ir além se pudéssemos. A do general-chefe era levar milheiros de homens à vitória. O que valia era a consciência que depositávamos nos nossos chefes, obedecendo, sempre contentes, aos toques de *avançar* e *retirar*, sem nada indagar e convencido que eram mandados dar por eles para maior honra e glória do Brasil. Felizes os exércitos, que são animados do mesmo espírito que nos animava e têm generais-chefe como Osório, Polidoro, Caxias e Conde d’Eu, que souberam inculcar-nos a fé na sua estrela e a esperanças na glória do Brasil¹⁰³².

¹⁰²⁸ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 222.

¹⁰²⁹ Idem, ibidem, p. 81.

¹⁰³⁰ Idem, ibidem, p. 81.

¹⁰³¹ Idem, ibidem, p. 136.

¹⁰³² Idem, ibidem, p. 137-138.

A longa passagem anterior elucida aspectos importantes da Guerra do Paraguai. O autor revelou rasgos de entusiasmo patriótico e teceu elogios copiosos a seus comandantes, justificando os sofrimentos como caminho necessário para o alcance da glória. O não reconhecimento dessas ações não deveria incomodar os beligerantes, mesmo porque a honra da pátria era considerada o bem maior.

Quarenta anos depois da guerra Dionísio Cerqueira organizou suas **Reminiscências**, e na qualidade de ex-combatente lembrou-se com certo pesar de sua atuação na guerra, recordando-se principalmente dos cenários e campos de batalha, que o impressionaram por sua vivacidade e fulgor.

[...] Eu sofria a nostalgia do grande exército. Tinha saudades da cidade imensa de tendas brancas, dos esplêndidos exercícios, das alvoradas tocadas pelas bandas de dezenas de batalhões, do comércio com seus bilhares, cabeleireiros, fotógrafos, restaurantes, cassinos, lojas de modas e armazéns sortidos com o que havia de melhor e mais fino, para homens e mulheres¹⁰³³. No alto da coxilha do “Potreiro Pires” construiu-se, por ordem superior, uma capelinha coberta de colmo e paredes de taipa de sebe. Todos os domingos ia à missa a divisão inteira. Era digno de ver o grandioso espetáculo daquela infantaria, formada em colunas contíguas, ajoelhar no campo, de cabeça descoberta, as armas em adoração e batendo no peito, quando o sacerdote levantava a hóstia e todas as cornetas tocavam marcha batida e todas as músicas o hino nacional e todas as bandeiras se abatiam até o chão¹⁰³⁴.

O sentimento patriótico foi tema de várias linhas das **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Dionísio Cerqueira acreditava que a sensibilidade dos brasileiros quanto à pátria era combustível que animava as tropas. As manifestações de patriotismo às vezes se sobrepujavam às crueldades experimentadas no dia a dia.

Aos brasileiros devotados, Cerqueira inclusive ofereceu sua obra: “a esses heróis ignorados, anônimos gloriosos, rendo, com este livro, uma homenagem, sem valor embora, mas muito sincera; – ufando-me de ter sido testemunha de sua abnegação, do seu patriotismo e do seu valor”¹⁰³⁵.

No “ardor patriótico”¹⁰³⁶ o memorialista se “sentia satisfeito de já estar sofrendo pela sua pátria”¹⁰³⁷. No início da guerra, o memorialista já estava sonhando com “um futuro de glórias”¹⁰³⁸. Ele descobriria mais tarde que “a vida militar”¹⁰³⁹ lhe poderia dar “o hábito da

¹⁰³³ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 215.

¹⁰³⁴ Idem, ibidem, p. 182.

¹⁰³⁵ Idem, ibidem, p. 45.

¹⁰³⁶ Idem, ibidem, p. 46.

¹⁰³⁷ Idem, ibidem, p. 50.

¹⁰³⁸ Idem, ibidem, p. 51 e 97.

¹⁰³⁹ Idem, ibidem.

ordem”¹⁰⁴⁰, lhe ensinar “a disciplina”¹⁰⁴¹, inocular “o respeito à lei”¹⁰⁴² e fazer o “intenso”¹⁰⁴³ amor “à glória da pátria”¹⁰⁴⁴.

O patriotismo era explicado em sua visão do outro: “assim devia ser, porque o solo sagrado do Brasil fora o primeiro a ser profanado pelos soldados de López”¹⁰⁴⁵. O jovem soldado Dionísio se admirou perante algumas demonstrações sinceras de amor ao Brasil: “éramos rapazes de 18 a 20 anos, cheios de vigor, ardentes de entusiasmo, cérebros povoados de ilusões, estremecíamos a Pátria e aspirávamos, na sua desafronta, o nosso quinhão de glória”¹⁰⁴⁶.

Cessou o fogo. De quem seria a vitória? Houve um angustioso momento de ansiedade, de horrível incerteza. Era um espetáculo inenarrável o do exército debruçado à margem do rio, numa imobilidade cruciante, perscrutando a tua treva da antemã. Súbito ouvimos os sons da alvorada festiva, que assinalava as nossas vitórias. O hino nacional, vibrante, glorioso, arrebatou as nossas almas juvenis, e a imagem adorada da Pátria, numa irradiação de apoteose, deslumbrou os nossos espíritos de moços soldados. Amanhecia. Debandou o regimento. Recolhi à pequena tenda de campanha ouvindo ainda os ecos do fragor da peleja, que pairavam sobre aquelas margens trágicas. Obedecendo ao sentimento religioso, que minha mãe me inoculava no coração, prostrei-me e rezei pelos nossos compatriotas heróicos, pelos valentes soldados do Ditador, adversários irmanados no seio da morte, igualmente dignos da prece de um crente¹⁰⁴⁷.

O soldado-memorialista revelou grande emoção quando um compatriota encontrou os braços da morte, e em sinal de reverência comentou: “tiveste, amigo Celso, um glorioso fim. Se puderes, da mansão da glória, descobrir o que se na terra, verás o velho camarada derramar sobre tua memória a uma lágrima de saudade”¹⁰⁴⁸.

Apesar da nostalgia provocada pela lembrança da perda, Cerqueira regressou à realidade da guerra. Para ele, lugar onde “o homem não vale nada; a pátria vale tudo. A glória é do Brasil [...]”¹⁰⁴⁹. O valor da vida se mostrava mínimo diante da pretensa honra em defender a terra natal: “nessa época, porém, tais ponderações nos não vinham à mente

¹⁰⁴⁰ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 51 e 97.

¹⁰⁴¹ Idem, ibidem.

¹⁰⁴² Idem, ibidem.

¹⁰⁴³ Idem, ibidem.

¹⁰⁴⁴ Idem, ibidem.

¹⁰⁴⁵ Idem, ibidem, p. 113.

¹⁰⁴⁶ Idem, ibidem, p. 126.

¹⁰⁴⁷ Idem, ibidem, p.160.

¹⁰⁴⁸ Idem, ibidem.

¹⁰⁴⁹ Idem, ibidem, p. 219.

despreocupada. Vivíamos satisfeitos com a idéia de dar a vida pela pátria, que era o nosso maior”¹⁰⁵⁰.

Toda aquela gente, que acabava de perder amigos caros, passando a noite sob a ação de impressões intensas e a manhã, banhando-se em ondas de sangue humano, parecia contente; não se lembrando que os louros colhidos eram orvalhados pelas lágrimas de centenas de mães inconsoláveis, de esposas amorosas que ficaram viúvas e de filhos que perderam os pais queridos, seu único arrimo; lágrimas derramadas na longínqua pátria e também naquela heróica terra que se ensangüentava a cada passo. E todos aqueles homens pensavam ser cristãos, sem cumprirem os divinos preceitos do amor e da paz¹⁰⁵¹.

Era mais um dos heróis anônimos que lá caíram aos milheiros em defesa da honra nacional, deixando os esqueletos branqueando os campos ou enterrados em covas mal cobertas, amparados somente pela cruz simbólica da Pátria, o Cruzeiro do Sul, brilhando na cúpula do panteon infinito onde seus nomes humildes se confundem e se integram no glorioso nome de – Exército Nacional¹⁰⁵².

As **Reminiscências da Campanha do Paraguai** mostram alguns encadeamentos sociais que compunham a ideia de herói no conflito platino. Ferés citando Vernant diz que “a lógica da honra heróica é a do tudo ou nada”¹⁰⁵³. Dionísio Cerqueira se preocupou em registrar o heroísmo praticado por qualquer combatente.

Para Matos, “heróis e instituições heróicas são fontes de identificação imaginária, em outras palavras, de identificação coletiva”¹⁰⁵⁴. A autora acredita que o simbolismo criado em torno da figura do herói, se transforma em “instituição heroicizada”¹⁰⁵⁵ em espaços definidos, como o Exército, a Igreja entre outros.

No intuito de construir a identidade nacional, exemplo de instituição heroicizada, os grupos sociais geram elementos de identificação, que “são resultados de incorporações de objetos e introjeções de afetos a eles ligados”¹⁰⁵⁶. Uma “identidade palpável”¹⁰⁵⁷ e “polifônica, onde diversos eus são suscitados”¹⁰⁵⁸ de tal forma que correspondem a “imaginários”¹⁰⁵⁹ que investem em “novos heróis e novos mitos”¹⁰⁶⁰.

¹⁰⁵⁰ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 124.

¹⁰⁵¹ Idem, ibidem, p. 225.

¹⁰⁵² Idem, ibidem, p. 329.

¹⁰⁵³ VERNANT apud MATOS. Op. cit., p. 87.

¹⁰⁵⁴ MATOS, Op. cit., p. 87.

¹⁰⁵⁵ Idem, ibidem.

¹⁰⁵⁶ Idem, ibidem.

¹⁰⁵⁷ Idem, ibidem.

¹⁰⁵⁸ Idem, ibidem.

¹⁰⁵⁹ Idem, ibidem.

¹⁰⁶⁰ Idem, ibidem.

Dionísio Cerqueira selecionou seus heróis, aqueles indivíduos que lhe pareciam dotados de características excepcionais. Osório, Caxias e o Conde d'Eu são mencionados como homens exemplares que deviam ser objetos de admiração e suas condutas copiadas por todos.

Foi o que aconteceu a Osório, o imortal, o ídolo do exército, que o amava porque via sempre a glória cintilando na ponta da sua lança legendária. Acusam-no por se ter arriscado temerariamente num reconhecimento, à viva força, à frente de poucos homens, quando dependia da sua vida o bom êxito da operação¹⁰⁶¹.

Surge, no seu belo cavalo de combate, o General Osório, com um largo chapéu de feltro negro, o ponche flutuante deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante, dominando aquele cenário trágico da glória e da morte, Ouviu-se um viva retumbante. De todos aqueles lábios secos, daquelas gargantas roucas, saiu imenso, entusiástico, um viva ao General Osório!¹⁰⁶².

Dir-se-ia que o grande guerreiro insuflava o valor da sua alma patriótica na dos seus soldados, que o seguiam confiantes pela estrada da glória¹⁰⁶³.

Todos nós, exército e armada, desejávamos ardentemente atingir quanto antes Assunção, e tínhamos a mais absoluta confiança no nosso grande marechal, cuja vida inteira era um exemplo de bravura e de fortuna, de civismo e de bom senso¹⁰⁶⁴.

Regressamos a Assunção. Já não estava ali o exército, cujo comandante era o jovem Príncipe de Orleans, o bravo marechal-de-exército, o Senhor Conde d'Eu, que se revelou um dos nossos melhores generais, não só pela bravura peculiar à raça de Henrique IV, como por elevadas qualidades de comando, entre as quais destacavam-se a rapidez de movimentos e a certeza dos golpes estratégicos¹⁰⁶⁵.

No longo trecho anterior, indicamos as percepções criadas por Dionísio Cerqueira sobre Osório, Caxias e o Conde d'Eu. O memorialista parecia divinizar aqueles personagens, principalmente, o marquês de Herval, a quem não poupou elogios. Talvez porque Osório lutava ao lado de seus comandados: “o herói é aquele que entra no perigo, pois só assim conquista seu ser. Nada seria se se furtasse a ele. É na iminência da morte e no risco que ele se reconhece”¹⁰⁶⁶.

Na narrativa das **Reminiscências da Campanha do Paraguai** a menção aos heróis destoava das críticas contra a validade e a justiça da guerra “que duraria muito tempo, se continuasse aquela estratégia paliativa”¹⁰⁶⁷. O memorialista se referiu à falta de preparação das tropas brasileiras e criticou a falta de pleno interesse do governo na organização bélica.

¹⁰⁶¹ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 128.

¹⁰⁶² Idem, ibidem, p. 161.

¹⁰⁶³ Idem, ibidem, p. 204.

¹⁰⁶⁴ Idem, ibidem, p. 214.

¹⁰⁶⁵ Idem, ibidem, p. 308.

¹⁰⁶⁶ MATOS, Olgária Chain Féres. Op. cit., p. 84.

¹⁰⁶⁷ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 163.

No Brasil, não se interessavam pela defesa do país. No parlamento, vozes autorizadas bradavam contra as despesas com a força armada. O voluntariado e o recrutamento forçado preenchiam os claros que se iam dando nas reduzidas fileiras dos nossos dezesseis batalhões de infantaria, cinco regimentos de cavalaria e outros tantos corpos de artilharia¹⁰⁶⁸.

Era um exército de um povo descuidado, ao qual faltava o principal elemento, base fundamental dos exércitos modernos: uma reserva. O país que não a possui, numeroso e capaz de entrar em campanha imediatamente, não pode aspirar aos foros de forte e está a cada instante ameaçado de um desastre, porque a guerra muitas vezes vem quando menos se espera¹⁰⁶⁹.

O tom das reclamações foi ainda mais incisivo quando Dionísio se viu prejudicado na sua mudança de batalhão. A veneração à pátria se perdeu na ausência de atendimento aos interesses particulares.

Dois ou três dias depois, deu-se em *ordem* a minha transferência. Fui, desarmado, apresentar-me ao Doze. Que diferença! Deram-me uma carabina meio enferrujada com um sabre-baioneta muito amolado, que pertencera a um soldado morto, uma mochila vazia, sem a roupa da ordem e já bastante usada, mas com os malotes completos, a marmitta areada, o cantil de madeira sem rolha, um bernal muito sujo, que mandei lavar imediatamente para a formatura do outro dia, um cinturão com espoleteira e patrona, um *bogó* de couro ressequido, 100 cartuchos embalados em pacotes de dez e cento e cinquenta cápsulas fulminantes. O comandante da companhia arranhou-me o quartel-mestre um capote já servido, por que o meu ponche reiúno não era uniforme, e uma manta cinzenta com meia dúzia de rombos¹⁰⁷⁰.

Sentei-me num tronco velho e cismava nos absurdos da vida, nessa guerra entre homens que se matavam como feras, sem se conhecerem, quando deviam ser amigos. A ambição e a vaidade haviam postergado os verdadeiros interesses das duas nações; o bom senso e o amor cederam o passo às más paixões¹⁰⁷¹.

A passagem anterior soa como um desabafo. Os conflitos humanos transformados em espaços de veleidades causaram no combatente um sentimento contrário à “guerra, e há ainda quem faça a tua apologia!”¹⁰⁷². Dionísio Cerqueira questionou o resultado de tantos sacrifícios. Ele mesmo respondeu: “Canhões obsoletos, espingardas enferrujadas, lanças partidas, espadas rotas de tanto sangue, bandeiras enfumaçadas, em farrapos ... e messe enorme de lauréis de glória. Glória cara!”¹⁰⁷³.

Numa referência ao presidente paraguaio o autor não escondeu sua felicidade pelo fim do conflito: “aquele tiro, que matou López e que até hoje é um mistério, reboou nos nossos

¹⁰⁶⁸ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 62.

¹⁰⁶⁹ Idem, ibidem, p. 63.

¹⁰⁷⁰ Idem, ibidem, p. 146.

¹⁰⁷¹ Idem, ibidem, p. 170-171.

¹⁰⁷² Idem, ibidem, p. 298.

¹⁰⁷³ Idem, ibidem, p. 336.

corações como uma explosão de esperanças longo tempo recalçadas. O homem é sempre um egoísta”¹⁰⁷⁴.

O denodo e o desprendimento com que lutavam os “esforçados guerreiros do Ditador”¹⁰⁷⁵ não era “mistério”¹⁰⁷⁶ para o autor. No entanto, a submissão dos “valorosos filhos”¹⁰⁷⁷ que “resistentes às fadigas, bravos por atavismo”¹⁰⁷⁸ ainda se batiam nos campos de batalha a favor “de todas as loucuras que *el Supremo* lhes ordenasse [...] surpreendeu o escritor”¹⁰⁷⁹.

Todos os memorialistas demonstraram espanto e até certa indignação com a vinculação dos paraguaios a seu presidente. Dionísio Cerqueira comentou que “o fanatismo”¹⁰⁸⁰ sobre a figura de Solano López havia assumido “proporções colossais, quase sobrenaturais”¹⁰⁸¹.

Joël Candau sustenta que as identidades não são elaboradas “a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de traços culturais – vinculações primordiais”¹⁰⁸². No caso da Guerra do Paraguai houve um confronto ideológico onde “as estratégias de membros de uma sociedade consistem em jogos muito sutis [...]”¹⁰⁸³.

A identidade nacional posta em jogo nos campos de batalha paraguaios foi produzida e se modificou no “quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de visões de mundo identitárias ou étnicas”¹⁰⁸⁴.

Tais construções são derivadas da “emergência [...] de produtos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados”¹⁰⁸⁵.

As fontes memorialísticas são exemplos de registros históricos que evidenciaram táticas utilizadas na formulação de atributos afirmativos ao pertencimento dos indivíduos a um grupo social específico. Por exclusão ou inclusão, as qualidades brasileiras vinham à tona

¹⁰⁷⁴ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 336.

¹⁰⁷⁵ Idem, ibidem, p. 108; 144 e 160.

¹⁰⁷⁶ Idem, ibidem.

¹⁰⁷⁷ Idem, ibidem.

¹⁰⁷⁸ Idem, ibidem.

¹⁰⁷⁹ Idem, ibidem.

¹⁰⁸⁰ Idem, ibidem, p. 108.

¹⁰⁸¹ Idem, ibidem.

¹⁰⁸² CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 27.

¹⁰⁸³ Idem, ibidem, p. 27.

¹⁰⁸⁴ Idem, ibidem.

¹⁰⁸⁵ Idem, ibidem, p. 27.

e os defeitos escamoteados, visando à construção da identidade nacional homogênea sem desvios nem falhas.

Nesse sentido, a narrativa construída sobre o passado comporta necessariamente uma dimensão seletiva, relegando ao esquecimento certos aspectos e destacando outros. As estratégias de esquecimento atuam diretamente nessa reconfiguração, pois pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando às ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela¹⁰⁸⁶.

A identidade se formava num processo cotidiano e seletivo de comportamentos e entendidos como essenciais à atuação do Brasil na guerra. Sofrer pela pátria significava ato honroso, mas em alguns instantes os altos níveis de sofrimento fizeram os memorialistas lograrem seus sentimentos patrióticos ao esquecimento.

Sinal de dificuldade foi a convivência constante com “um número considerável de doentes”¹⁰⁸⁷. Doenças infecto-contagiosas eram adversárias implacáveis: “a disenteria, flagelo dos exércitos em campanha, grassava intensamente e fazia inúmeras vítimas”¹⁰⁸⁸.

O desespero forçou o memorialista a emitir a seguinte opinião: “estávamos todos em plena *zona do cólera* [...]. A excitação era indescritível; todos queriam avançar; o perigo alucinava e perturbava a razão. Ninguém queria ficar ali a pé firme”¹⁰⁸⁹.

Medonhos cadáveres! Um dia entrei numa enfermaria próxima do batalhão. Havia um montão deles arrumados em andaina nas tarimbas. Tinham a pele enrugada e os olhos fundos. Estavam azulados, escaveirados como se tivessem morrido de fome. Uns mexiam-se, outros não tinham a algidez da morte. Eram cadáveres quentes. Os músculos do peito e dos braços contraíam-se como se aqueles mortos ainda vivessem. Vi um braço encolhido distender-se e a mão bater em cheio na face do camarada deitado ao lado, que pela primeira vez ficava impassível.

E o terrível flagelo dos exércitos matava às cegas cada vez mais¹⁰⁹⁰.

Paisagem tenebrosa em meio aos “areais com o nosso sangue e lutando com o cólera-morbus, mais terrível do que os milheiros de soldados de López. A cólera continuava a dizimar, impiedosa, as nossa fileiras”¹⁰⁹¹. O próprio autor, acometido tanto por doença contagiosa quanto por ferimento de guerra narrou a luta contra sua enfermidade.

¹⁰⁸⁶ FAGUNDES, Luciana Pessanha. Op. cit., p. 2. Ver também: RICOUER, Paul. Op. cit., 455.

¹⁰⁸⁷ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 122.

¹⁰⁸⁸ Idem, ibidem, p. 65.

¹⁰⁸⁹ Idem, ibidem, p. 248.

¹⁰⁹⁰ Idem, ibidem, p. 183.

¹⁰⁹¹ Idem, ibidem, p. 206.

Deve ser o Chaco a região predileta, da *malária*; entretanto, restabeleci-me ali de sezões impertinentes, que me perseguiram muitos meses em Tuiuti. Já me tinha habituado à intermitência da febre. A princípio, quando vinha o acesso, deitava-me no jirau, se estava no acampamento; e no chão, quando de serviço. Cobria-me com o capote e batia os queixos, como se tivesse no pólo. Vinha depois a febre que me escaldava; e acabava tudo com um suor abundantíssimo. Às vezes, tocava reunir o *Dezesseis* e, assim, mesmo, prendia a espada aos *franqueletes* do talim e entrava em forma. Outras vezes, era a *Linha Negra*: ouvia-se um tiroteio mais cerrado, e corria para meu posto, tiritando de frio. Felizmente sabiam que não era medo: era o frio da febre. Ninguém dava parte de doente nas minhas condições: estive sempre *pronto*. Tomava sulfato de quinina, às colheres de sopa. Já não sentia tanto o amargor. A febre porém não passava. Os soldados diziam que o remédio era falsificado: vinha do Rio de Janeiro misturado com polvilho¹⁰⁹².

Dionísio Cerqueira nos esclareceu sobre a organização dos hospitais de campanha. José Luís Rodrigues da Silva e André Rebouças em suas memórias também se referiram ao despreparo dos profissionais de saúde responsáveis pelo tratamento aos doentes.

Nos hospitais havia, também, perigos e alguns bastante sérios. A maior parte dos nossos médicos eram hábeis e caridosos, mas havia um ou outro, que causava arrepios aos nossos pobres camaradas. Servia no “Saladero”, nosso hospital em Corrientes, um médico contratado, que tinha horror a sua enfermaria, por casos de moléstias contagiosas que lá apareceram. Todos os dias chegava à porta, pedia ao enfermeiro notícias dos doentes e receitava verbalmente: para os do lado direito – purgantes; para os do esquerdo – vomitórios. No dia seguinte os do lado direito tomavam “vomitório” e os do esquerdo “purgante”; alternava sempre. Outro, não pensem ser fantasia; não não é, estava uma vez de *dia* – e foi chamado para socorrer a um ferido, recolhido do hospital. Acercou-se do infeliz, que tinha o ventre aberto e os intestinos de fora, palpitanes. Deixou o cigarro, cheio de sarro, na *barra* ensangüentada; e, sem lavar as mãos, tentou debalde reduzir a hérnia, rebelde e obstinada. Desanimado, abriu uma caixa de amputação, tirou uma faca fina, longa, meio enferrujada; agarrou com a mão esquerda o intestino mais saliente; com a faca ameaçadora na direita olhou para o cabo-enfermeiro, que fitava, espantado, aquela cena e perguntou-lhe: *Corto?* O cabo respondeu: – *Não, senhor doutor.*
– *Então arranja-te* – disse o cirurgião, e retirou-se.
O enfermeiro, mais prático do que ele, introduziu os intestinos e coseu o ventre do infeliz.
Parece fábula, mas é verdade, em toda a sua nudez¹⁰⁹³.

Espetacular foi a descrição do memorialista quando ferido por uma bala. Seus sentidos abalados não se atinaram do descompasso cotidiano que a guerra causava na vida dos combatentes. Tal cenário só pode ser caracterizado em sua inteireza pelo próprio autor:

¹⁰⁹² CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 210.

¹⁰⁹³ Idem, ibidem, p. 236-237.

Rompam as trevas os clarões dos relâmpagos e dos canhões. Lembrei-me que tinha cigarros e um isqueiro. Pretendi fumar; não pude erguer o braço direito para meter a mão no bolso da calça: estava parálitico do lado direito. Pela face esquerda escorria-me um filete de sangue quente, que descia da ferida, a poucos centímetros acima da orelha esquerda. Não tinha consciência do meu estado; estava ainda atordoado. O campo era escuro; mas os olhos, habituados àquela treva, perceberam uns vultos. Seriam inimigos ou brasileiros? Reconheci soldados nossos, também feridos. Quis perguntar-lhes se era aquele caminho para Vileta; não pude lembrar-me das palavras para formular a pergunta. Tinha perdido a memória da linguagem. Os sons que pude proferir eram como gritos de mudo. Segui. O que se passou, na minha alma de angústia e dor, não posso descrever. Aterrou-me a minha situação; considera-me perdido. A consciência era lúcida, mas eu não sabia falar, nem sabia dar nome às coisas. Estava afásico e amnésico. Quis blasfemar; desejei a morte; mas vence a santa imagem da mãe, que me havia inoculado na alma idéias profundamente cristãs; e, quase consolado, resignei-me à minha triste sorte. E continuei a viajar. Alta noite vi luzes. O cavalo seguia sempre, manco e sangrando, conduzindo-me lentamente¹⁰⁹⁴.

Outra instância que produziu grande hesitação no combatente-memorialista foi a força do tempo natural. Um meio ambiente desconhecido e inóspito para as tropas brasileiras também ficou guardado na memória de Cerqueira.

Suas percepções sobre a natureza paraguaia seguiam “o tempo”¹⁰⁹⁵ que “passava na sua marcha fatal”¹⁰⁹⁶ onde “as águas do rio subiam e subiam sempre com crescente ameaça”¹⁰⁹⁷ motivadas pela “ignorância do terreno em que pisávamos”¹⁰⁹⁸. As “paragens”¹⁰⁹⁹ paraguaias de dias “muito quentes”¹¹⁰⁰, e “noites frescas”¹¹⁰¹ constituíam um cenário natural dos “beijos frios do triste sol do inverno”¹¹⁰².

As imagens de um tempo natural cada vez mais severo e ardoroso impressionaram Dionísio Cerqueira. As fuzilarias provocadas pelos “trovões” anunciavam a vitória ou a derrota.

Alta noite, despertou-me um rumor surdo que parecia de trovões longínquos. A barraca começou a estremecer. Em pouco tempo agitava-se fortemente. O ruído aproximava-se, ora semelhante a alarido de mil vozes, ora a estrupida de cavahada em disparada. Sentia frio e cobri-me bem com o ponche reiúno, forrado de barreta vermelha. O clamor vinha perto. A barraquinha voou pelos ares e levantei-me açotado pela ventania. Todas as alvas tendas voavam no espaço como aves noctívagas levadas pelo furacão, e os brasidos dos fogões lançavam fagulhas e chispavam crepitantes como forjas onde

¹⁰⁹⁴ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 288.

¹⁰⁹⁵ Idem, ibidem, p. 269 e 320.

¹⁰⁹⁶ Idem, ibidem.

¹⁰⁹⁷ Idem, ibidem.

¹⁰⁹⁸ Idem, ibidem.

¹⁰⁹⁹ Idem, ibidem.

¹¹⁰⁰ Idem, ibidem, p. 51 e 71.

¹¹⁰¹ Idem, ibidem.

¹¹⁰² Idem, ibidem.

deram aos foles com vigor. Era o pampeiro, que nos visitava pela primeira vez. Não tardou muito que o céu luzisse estrelado e límpido¹¹⁰³.

A densa vegetação somava-se ao encontro repugnante com insetos “repulsivos e nojentos”¹¹⁰⁴ que atacavam “os soldados nas campanhas prolongadas”¹¹⁰⁵. Os desígnios naturais e suas recorrências e forças continuavam patentes.

Os nossos extraordinários eram bolachas duras como tábuas, que poderiam, em caso de necessidade, servir de metralha; e alguma lata de sardinha de Nantes, que custava preços fabulosos. As moscas eram tantas, que dificilmente o bocado nos chegava à boca sem uma dúzia delas. A carne que algum cozinheiro previdente dependurava nos laços para amoxamar, ficava coberta rapidamente das larvas brancas das varejeiras. Lembro-me bem de um companheiro, que cansado de dar combate às moscas e desanimado com a multidão infrene, resolveu machucar no pirão ou no arroz as mais impertinentes e tragá-las. Vi o uma vez tomar dura xícara de ferro estanhado, cheia de vinho Carlon muito zurrapa, comprado numa carreta próxima, e bebê-lo coando nos dentes a massa de moscas que o engrossavam, cuspidoras depois. Acompanhava todas aquelas extravagâncias com ditos chistosos, boas gargalhadas e uma filosofia *sui generis*. Dizia que o mosquito da fábula pôde com o leão, mas as moscas da Lagoa Brava não poderiam com ele¹¹⁰⁶.

O autor questionou os caminhos por onde as tropas brasileiras passariam. Dúvida causada em virtude do desconhecimento dos combatentes: “Qual seria o ponto escolhido para penetrar naquele território, que os seus ditadores conservaram insulado do mundo sem uma carta que indicasse bem os seus acidentes, o curso dos seus rios, as lagoas, as serras, os *esteiros*, as matas, os campos, as estradas e os povoados?”¹¹⁰⁷.

André Rebouças e Luiz Von Hoonholtz trabalharam em comissões de engenharia que visaram diminuir o despreparo geográfico das tropas brasileiras. A construção de pontes, diques e obras de drenagem e a elaboração de cartas hidrográficas foram necessárias para o andamento dos combates.

A cada passo que dávamos, novos obstáculos surgiam: regueiros profundos, de ribanceiras altas e resvaladias, pântanos de águas mansas e pérfidas, ora lisas como um espelho, ora cobertas das flores alvas dos aguapés; adiante tremedais matizados de traidora; espinhos por toda parte¹¹⁰⁸. Ouviu-se uma alarida infernal: parecia um bando de porcos. Os nossos gritavam também.

¹¹⁰³ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 58.

¹¹⁰⁴ Idem, ibidem, p. 98.

¹¹⁰⁵ Idem, ibidem.

¹¹⁰⁶ Idem, ibidem, p. 105.

¹¹⁰⁷ Idem, ibidem, p. 208.

¹¹⁰⁸ Idem, ibidem, p. 211.

As folhas cortadas pelas balas caíam das árvores, como açoitadas pelos ventos do outono. O combate travou-se violento, na mata sombria¹¹⁰⁹.

Havia dois meses que estávamos no Chaco, quando amanheceu o 3 de julho, coberto de brumas, triste como o manto esbranquiçado que cobria a mata e o rio. A umidade era penetrante e as árvores gotejavam, como se as folhas chorassem. A natureza tinha a melancolia do inverno e o sol escondia-se atrás do nevoeiro. O homem sentia a influência daquele dia sombrio. Foi o que mais fundos traços cavou na minha memória, naquela campanha, de mais de cinco anos¹¹¹⁰.

A combativa natureza mostrava-se numa “borrasca tremenda de trovões e chuva, açoitada por vento violento”¹¹¹¹ desabando “sobre nós e molhando “até os ossos”¹¹¹². A “ignorância do terreno”¹¹¹³ em que pisavam fazia com que “a situação do inimigo”¹¹¹⁴ se fizesse incerta.

Com ondulações suaves, o terreno ia descambando para o interior, até a orla enredada da floresta, onde o chão, excessivamente úmido, era matizado de montículos de gravetos e folhas podres, deixados de sedimentação pelo rio, quando se retirava ao leito normal. Nos galhos das árvores, víamos, muitos metros acima das nossas cabeças, pedaços de pau, raízes e chamiços enganchados, marcando, com a ciscalhagem das enchentes, o limite das grandes águas. Sentia-se um cheiro indescritível de mofo, de lama, de todos aqueles detritos putrefatos, que nos cercavam por toda a parte, e corrompiam o ar, que respirávamos, principalmente à noite, fechados nas nossas tendas de campanha e dormindo à flor do solo. O *albardão* em que acampamos era limitado, de um lado pelo rio e do outro por um lençol de água, que podia ser uma lagoa ou um arroio, porque não o víamos correr; era estreito e longo e perdia-se na espessura da mata, mais negra do que ele, que ao menos refletia os raios do Sol, que penetravam coados pela folhagem da abóboda sombria e caíam na sua face lisada da cor da noite¹¹¹⁵.

O tempo natural se descortinou na convivência estabelecida entre os homens e a natureza. Os memorialistas observaram que o cotidiano bélico definido por esse relacionamento se apresentava árduo, por vezes. Além de um inimigo concreto e valioso na luta corpo a corpo, a natureza combatia as intenções dos beligerantes utilizando como arma seus próprios desígnios, suas inesperadas transformações.

As **Reminiscências da Campanha do Paraguai** de Dionísio Cerqueira são valiosas io estudo do conflito platino. Narrativa orientada pelas lembranças de um personagem que atuou diretamente no confronto é rica em detalhes sobre o cotidiano bélico, as demonstrações de

¹¹⁰⁹ CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. Op. cit., p. 231.

¹¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 246.

¹¹¹¹ Idem, ibidem, p. 276.

¹¹¹² Idem, ibidem.

¹¹¹³ Idem, ibidem, p. 320.

¹¹¹⁴ Idem, ibidem.

¹¹¹⁵ Idem, ibidem, p. 262.

patriotismo e heroísmo, os sofrimentos e as extemporâneas felicidades, as críticas sobre a validade e a necessidade dos embates, as descrições do contágio de doenças e enfermidades, a situação dos serviços de saúde, as visões da atuação de seus comandantes, e ainda, as impressões elaboradas sobre os paraguaios e o presidente Solano López.

Essa reflexão não seria possível sem estabelecer uma conexão com o conceito de memória que indica “o modo de afiliação de um indivíduo a seu passado”¹¹¹⁶. As fontes memorialísticas apresentam essa possibilidade, pois parecem evocar e reivindicar tempos vividos, num curto período de cinco anos de guerra, mas intenso e loquaz para aqueles que a vivenciaram.

Os conceitos de memória e identidade se relacionam intimamente. As lembranças dos memorialistas entendidas como “atos de memória”¹¹¹⁷ ganham contornos, “dimensões”¹¹¹⁸ e significados, apontam “diferenças”¹¹¹⁹ que logo podem se transformar em “fronteiras sociais escorregadias a partir das quais os atores estimam que as coisas e as pessoas – “nós” *versus* os “outros” – são diferentes”¹¹²⁰.

Desse modo, não podemos definir a identidade como componente social reificado, reduzido, essencial ou substancial¹¹²¹. Seu dinamismo e movimento nos impede de encará-la como um universal que tocou os corações e gerou sentimentos sempre da mesma maneira, a favor da pátria, sempre em honra de seu nome. As lembranças e memórias dos personagens da guerra nos revelam um quadro socio-histórico bem mais complexo.

Por hora, deixaremos os literatos do conflito e os memorialistas da Marinha e do Exército para nos dedicar à análise de cartas e correspondências produzidas no *front*. As próximas linhas se construirão em torno de duas tipologias documentais diversas: uma série de escritos elaborados por um oficial da Marinha e por um combatente do Exército.

¹¹¹⁶ CANDAU, Jöel. Op. cit., p. 23

¹¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 27.

¹¹¹⁸ Idem, ibidem.

¹¹¹⁹ Idem, ibidem.

¹¹²⁰ Idem, ibidem.

¹¹²¹ Idem, ibidem.

4 “ESCREVER CERTO POR LINHAS TORTAS”: OS BRASIS NAS CARTAS ÍNTIMAS DA GUERRA GRANDE (1864-1870)

Neste momento, iniciaremos a análise de correspondências escritas no cotidiano da Guerra do Paraguai (1864-1870) tendo como escopo o estudo da identidade nacional brasileira, suas variantes e suas múltiplas feições.

O objetivo deste último capítulo desta tese é indicar as posturas dos autores selecionados no que tange às impressões geradas sobre a Guerra Grande¹¹²². Apontar quais as opiniões dos correspondentes sobre a contenda, apresentando os possíveis sentimentos de pertença ao país e os elementos constitutivos da identidade brasileira no conflito platino.

Para tanto, escolhemos duas séries de correspondências de caráter particular, trocadas entre os personagens do conflito e seus familiares em momentos distintos da guerra. Testemunhas do cotidiano, os autores nos brindaram com variadas temáticas sobre o desenrolar dos combates: a necessidade dos combates; as dificuldades experimentadas pela ausência de condições de sobrevivência (alimentação, armamentos, pagamento de soldos), as queixas quanto à condução da guerra e as demonstrações pontuais de sentimentos patrióticos.

Por sua natureza privada, essas correspondências apresentam as contradições da guerra, pois sua escritura não se prestava ao atendimento de solicitações oficiais, como é o caso do **Diário do Exército** que fora escrito pelo Visconde de Taunay a pedido do comandante das tropas brasileiras no final da guerra, o Conde d’Eu.

Tal comparação se justifica em virtude da maneira como lemos as correspondências, porquanto descompromissadas com o estabelecimento oficial de versões patrióticas dos embates se prestavam mais à troca de notícias entre os personagens da guerra e seus familiares. Assim, os escritores pareciam não poupar palavras e críticas à condução do conflito. Provavelmente como instrumento sensível, essas fontes serviam também como meio de desabafo e acalanto dos autores quanto as suas participações na guerra.

Conforme já anunciado, duas foram as sequências de cartas escolhidas para análise. São elas: 1) **Cartas de Custódio de Mello a sua noiva prometida Janu**, escritas por um oficial da Marinha Imperial e que compreendem todo o período da guerra e, 2) **Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**, série de correspondências publicadas

¹¹²² Guerra Grande é sinônimo de Guerra do Paraguai ou mesmo Guerra da Tríplice Aliança. Francisco Doratioto afirma que entre os paraguaios o termo é o mais utilizado para se referir ao maior conflito bélico da América do Sul em virtude de suas características (DORATIOTO, 2009: 2).

em 1999 por Renato Lemos e que revelam elementos da atuação de um engenheiro do Exército durante sua presença no *front*.

Aqui, trazemos um profissional da Marinha e outro do Exército, intencionando confrontar as múltiplas visões que esses autores apresentaram sobre a Guerra do Paraguai, calcados sobre pretensões diversas e informados por ações que contestavam os encaminhamentos do conflito.

O debate sobre a constituição das fontes é premente, tendo em vista que as correspondências possuem especificidades que merecem ser tratadas com cuidado, suas “bem traçada linhas”¹¹²³ se convertem em rico material para o historiador, que busca “sinais”¹¹²⁴ e “indícios”¹¹²⁵ dos rastros vividos por indivíduos ou grupos no passado.

Ressaltando essa importante dimensão das correspondências como fontes históricas, Renato Lemos lembra que a carta pessoal é um espécie de “veículo de comunicação individual e restrito”¹¹²⁶, não é redigida para o “conhecimento geral ou publicação”¹¹²⁷. As cartas devem ser tratadas como ambiente de comentários, de informações. Nelas encontramos interpretações, elogios, ofensas, apresentações e cobranças, pois conjugam “a infinidade de verbos que exprimem a riqueza contida no amplo arco que vai da trivialidade à nobreza da vida”¹¹²⁸.

Maussaud Moisés credita a Baudelaire o valor literário da correspondência. Essa forma de expressão escrita pode transformar as “sensações em símbolos”¹¹²⁹, criando intimidades, recorrendo às formas, aos movimentos, aos números, às cores, aos perfumes, num caminho claramente sinestésico que parece nos colocar como mais um autor da trama, um espectador que assiste, mas parece também atuar.

Para além da constituição fortemente privada das cartas e correspondências da guerra, existe também sua dimensão social que não pode ser desconsiderada: “não me conformo com a doutrina de que as peças de correspondência particular são sempre propriedade de quem os escreveu”¹¹³⁰.

¹¹²³ LEMOS, Renato. **Bem traçadas Linhas**: a história do Brasil em cartas pessoais. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

¹¹²⁴ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

¹¹²⁵ Idem, *ibidem*.

¹¹²⁶ LEMOS, Renato. Op. cit., p. 7.

¹¹²⁷ Idem, *ibidem*.

¹¹²⁸ Idem, *ibidem*.

¹¹²⁹ MOISÉS, Massaud. Op. cit., 2004, p. 91.

¹¹³⁰ JACEGUAÍ apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 11.

A ênfase dada à correspondência também foi assinalada por Artur Jaceguai que alertava sobre a importância das cartas como veículos de comunicação. Este autor produziu diversos escritos sobre o conflito platino, inclusive uma significativa série de cartas trocadas na confiança da amizade e na expectativa inesperada da possível publicidade: “esta impõe meditação e lealdade a todo aquele que confia seus pensamentos ou sentimentos a uma folha de papel, cujos trâmites futuros a ninguém é dado prever”¹¹³¹.

Assim, as fronteiras de expansão e divulgação das cartas são informadas por uma margem estética que “ao marcar, mais do que em outros textos, a peculiaridade da escritura do artista e o reconhecimento dos espaços de circulação pretendidos – espaço privado ou espaço público – como espaços igualmente possíveis à criação literária”¹¹³².

O desejo em informar seus entes mais próximos sobre as realidades das batalhas pareciam trazer agonia e ansiedade aos correspondentes, ciosos quanto aos instantes destinados à escritura de suas cartas. A falta de respostas às suas inquietudes e o envio irregular de respostas também causava sensações de angústia.

Reforçar e informar suas condutas e comportamentos durante a guerra se convertia em missão para os correspondentes, seja para justificar certos atos ou mesmo para desabonar as ações de outrem. Enquanto exercício de memória e de sua dimensão intencional e seletiva, as correspondências também indicam escolhas e omissões, se convertendo em rico material de pesquisa histórica.

Ao apontar a pertinência das cartas como documentos de história e mais especialmente para o estudo da identidade nacional na Guerra do Paraguai iniciamos o capítulo com a investigação de correspondências¹¹³³ trocadas entre um profissional da Marinha Imperial, Custódio José de Mello¹¹³⁴ e sua noiva Januária Alves Pereira que à época residia no Rio de Janeiro.

As análises que se seguem são subsidiárias de pesquisa desenvolvida no Mestrado¹¹³⁵ e realizada em 2003 no Serviço de Documentação da Marinha. O estudo das correspondências

¹¹³¹ JACEGUAÍ apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 11.

¹¹³² RESENDE apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 12.

¹¹³³ Agradeço aos funcionários do Arquivo e da Biblioteca do Serviço de Documentação da Marinha, a quem devo a apresentação das cartas de Custódio José de Mello a sua noiva Janú.

¹¹³⁴ Custódio José de Mello nasceu em Salvador em 1840 e faleceu no Rio de Janeiro em 1902. Atuou como militar da Marinha, alcançando o almirantado. Teve intensa atividade política, sendo ministro no governo de Floriano Peixoto (1891-1894) em três pastas diferentes: Marinha, Guerra e Relações Exteriores. Atuou também na Revolta da Armada em 1893. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cust%C3%B3dio-de-Mello>>. Acesso em 05 de dezembro de 2012.

¹¹³⁵ ARAÚJO, Tiago Gomes de. **Nas águas do Prata: o cotidiano naval e a identidade nacional na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de História da Universidade de Brasília, 2005, 138p.

de Custódio de Mello redundou na composição de uma parte do segundo capítulo da Dissertação de Mestrado em História defendida no ano de 2005. Em 2006, transformamos algumas reflexões em artigo que foi submetido e aceito para publicação no periódico **Em Tempo de Histórias**¹¹³⁶, organizado pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em História da *Universidade de Brasília*.

De maneira geral, as cartas de Custódio de Mello contêm questionamentos à condução do conflito. Ou seja, encontramos duras críticas à política do governo imperial com relação à contenda. Os principais alvos de suas indagações são os comandantes da Marinha Imperial e o próprio imperador D. Pedro II. Por se tratar de corpo documental caracterizado por sua privacidade, o autor não parece ter se preocupado com o teor de suas linhas. Para ele, os embates eram impróprios por causarem dor e sofrimento desnecessários.

As cartas de Custódio de Mello são igualmente ricas em detalhes do cotidiano bélico. O dia a dia insalubre dos combates levaram o autor a sentir forte arrependimento por despender suas energias nos campos de batalhas, deixando o tranquilo ambiente de sua terra natal e sua futura esposa Janú.

Para Custódio de Mello, sua permanência no *front* era apenas uma questão de tempo. Os sentimentos patrióticos do autor não se mostravam tão sinceros. O risco de perder sua amada bem como o desperdício de sua juventude foram fatores que abalavam seu coração. O escritor parecia ressignificar a guerra como um ambiente exclusivo de atendimento às questões privadas: ganhos financeiros (soldos) e reconhecimento profissional (patentes militares).

Semelhante ao voluntário circunstancial Jorge, personagem machadiano do romance Iaiá Garcia, analisado no primeiro capítulo, Custódio indicou nas correspondências suas motivações fortemente pessoais, pouco patrióticas. O autor vivenciou sérias contradições internas quanto à sua atuação no conflito.

Essa faceta do escritor Custódio de Mello já aparece em carta datada de 07 de dezembro de 1864. Já no início das rivalidades, o autor estivera compelido a pedir demissão de seu cargo, pois pretendia voltar aos braços de sua noiva, casando-se com ela por contraste à sua crença no sucesso da guerra.

[...] Jurando pelas dores de Maria Santíssima e pelas cinzas de meu Pai, que me hei de casar contigo em breve; para o que será necessariamente preciso

¹¹³⁶ ARAÚJO, Tiago Gomes de. Nas correntezas do amor: A Guerra do Paraguai nas cartas de Custódio de Mello à sua noiva prometida Janú. *Em Tempo de Histórias*, publicação do PPGHIS-UnB, nº 10, 2006. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2628/2178>.

daqui sair – segundo as cartas que recebi tenho esperança de sair breve, porém se assim acontecer, eu estou resolvido a pedir demissão de oficial da Marinha, para o que já tenho pronto o meu requerimento, mas para dar este passo torna-se muito preciso saber se me amas e muito; porque se assim for, isto é, se o teu amor for verdadeiro, tenho certeza de que desprezarias todas as quimeras do mundo, e consideraras como tua única felicidade a companhia e amizade daquele que amas¹¹³⁷.

Novamente, o motivo pessoal é apresentado: o casamento com Januária aparece como principal objetivo de sua vida. Sinal desse desejo é o pedido que faz à sua noiva, uma prova de amor mais contundente. Caso não fosse contemplado, Custódio estava compelido a continuar na guerra. A demissão do posto de oficial se fazia urgente, para então regressar ao e se reencontrar com a futura esposa.

Nas correspondências de 19 de julho e 11 de novembro de 1865 as motivações pessoais e patrióticas se engendram numa mistura confusa de sentimentos. Custódio demonstrou arrependimento ao dispensar sua vida combatendo nas frentes navais sem obter a promoção militar ansiada.

Nesta semana deve decidir-se a minha sorte, porque hontem houve um grande ataque dado pelo nosso exército que levou o inimigo em debandada e tomou posições para seguir para Humaitá e juntamente com a Esquadra batel-o; por tanto querida Janú, se for felis irei cheio de gloria abraçar-te, e lançar aos teus pés as corôas de louro tão custosamente conquistadas, porém se for infeliz rogo-te que cumpra o que prometteste e que não deixes de rezar todos os dias por minha alma, que na vida tanto soffreu por tua causa. Também descançar das fadigas causadas por esta carreira que abrasei – Antes Deus me tivesse tirado a existencia quando eu tencionava para ella entrar.
Eu tenho muita vontade de pedir minha demissão, para o que hei-de contigo combinar¹¹³⁸.

O autor ora demonstrava um conveniente sentimento patriota ora preferia se ausentar do *front*. Aquele profissional da Marinha se mostrava exaurido pelas dificuldades encontradas na carreira naval e insinuou preferir a morte à submissão perante práticas e condutas que condenava.

Para além dos meandros sentimentais de Custódio de Mello, as cartas à Janú são alusivas ao fluir do cotidiano bélico. Os espaços da guerra são apresentados em cenários cruentos e reforçados por intenso sofrimento. O conflito não foi retratado como ambiente de vanglórias e enaltecimentos, mas como vivência infeliz, num encontro constante com a morte.

¹¹³⁷ MELLO, Custódio José de. **Cartas de Custódio de Mello a sua noiva prometida Janú**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1963, caixa 164, B-1.

¹¹³⁸ Idem, *ibidem*, B-3.

Em carta de 5 de setembro de 1866, escrita às margens do rio Paraguai, Custódio de Mello descreveu as seguintes cenas:

No dia primeiro d'este mez tomei o meu baptismo de fogo, que durou desde o meio dia até o escurecer, resultando apesar do navio ser encouraçado, um homem morto, um gravemente ferido, sete levemente e um Tenente que perdeu o braço esquerdo e com todas as probabilidades de perder a perna direita, enquanto a mim, nada soffri a pesar de ter estado bastante exposto, porquanto durante todo fogo tomei conta de duas peças e só eu fazia fogo com elas. No dia dois a festa¹¹³⁹ continuou, porém o navio em que estava embarcado so tomou parte a uma hora porque teve de reparar-se as avarias que soffreu no combate da vespera, porem, pouco depois de ter elle principiado a faser fogo arrebentou-lhe por baixo da pôpa um enorme torpedo que fes o navio submergir-se, resultando morrer o Comandante, tres officiaes e quarenta e sete praças, e escaparam três officiaes, sendo eu um d'elles, e mais cincoenta e nove praças - Não sei, minha querida Janú, como escapei, porque depois do navio submergido e a gente n'ágoa principiaram a faser fogo vivo de metralha sobre nós - até chegar-mos a margem opposta do rio¹¹⁴⁰.

Um dos momentos mais esperados por Custódio seria o seu “batismo de fogo”, como forma de quebrar a inatividade. O combate em que tomou parte durou algumas horas, resultando em várias mortes e homens feridos.

As análises das nuances cotidianas são relevantes para gerar compreensões em torno das estratégias que levaram a possíveis elementos identitários. Para Michel de Certeau, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*”¹¹⁴¹ (grifo do autor). As ações diárias pautadas numa constante reinvenção incidiam sobre a formação de sentimentos de pertencimento ao país durante o conflito.

Tais “maneiras de fazer”¹¹⁴², nas palavras de Certeau, “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”¹¹⁴³. Nos campos de batalha platinos, os sujeitos da guerra criaram e recriaram formas de relacionamento na dimensão social do cotidiano.

Espontaneidade, teatralização, estratégias e táticas são os termos utilizados por Heller¹¹⁴⁴, Maffesoli¹¹⁴⁵ e Certeau¹¹⁴⁶ para caracterizarem a riqueza da reflexão do cotidiano

¹¹³⁹ O capitão Custódio de Mello utilizou o termo festa para se referir a sua estreia nos combates, seu batismo de fogo.

¹¹⁴⁰ Idem, ibidem, B 3-4.

¹¹⁴¹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 38.

¹¹⁴² Idem, ibidem, p. 41.

¹¹⁴³ Idem, ibidem.

¹¹⁴⁴ HELLER, Agnes. Op. cit.

¹¹⁴⁵ MAFFESOLI, Michel. Op. cit.

¹¹⁴⁶ CERTEAU, Michel. Op. cit., 2007.

entendido como ambiente de estímulo às sociabilidades. O dia a dia ao mesmo tempo em que não parece dar condições de independência e liberdade, devido ao seu caráter rotineiro e obrigatório, aparece transmutado em rompantes que podem gerar nos indivíduos instantes de autonomia.

Para Certeau, essa faceta das relações sociais está pautada pelo “estudo de algumas táticas cotidianas”¹¹⁴⁷ que não deve desconsiderar “o horizonte de onde vêm e, no outro extremo, nem o horizonte para onde poderiam ir”¹¹⁴⁸.

Essa complexidade do cotidiano fica expressa na dicotomia constante de Custódio de Mello que informou seu descontentamento com os rumos do conflito, mas também, mesmo que raramente, mostrou sinais de patriotismo.

Em uma de tuas cartas mandaste-me dizer que eu deveria ir-me embora atento ao lucro que tinham os meus companheiros que para cá estão e tem estado é que se eu não ia-me era por que não tinha amizade, estou respondendo as duas partes da tua carta dir-te-ei - não estou aqui esperando remunerações, porém sim, como te tenho mandado dizer, para cumprir um dever, que para mim é sagrado como o Livro de Deus, e que para cumprir esse dever lancei ao olvido o que tinha de mais caro no mundo, isto é, deixei-te a minha querida mãe, e continuarei aqui até terminar a guerra, podendo, como tem feito muitos, ir-me embora, o que não faço para não imital-os, a estes que considero como infames.

Continúo embarcado no mesmo navio de maneira que mandei dizer, e em que entrei em fogo no ataque de Curupaity, porém creio que d’elle passarei, porque não entra elle em acção e eu desejo entrar, por isso é provável que passe para um dos Encouraçados.

Falla-se em combate, que será breve, por ter o Governo mudado o Chefe da Marinha e Exercito, o que achei bastante acertado, porquanto so assim se terminará esta guerra cruenta, e, portanto eu breve te abracei lançando aos teus pés as glorias que tiver conquistado¹¹⁴⁹.

Em 16 de novembro de 1866, Custódio de Mello se aborreceu com algumas exigências feitas pela futura esposa, certamente, algo relacionado ao seu desenvolvimento profissional. Nesse sentido, quando cobrado e exigido, o autor informou outra motivação. Se antes o amor conjugal e o sucesso pessoal foram seus esteios para o alistamento, agora a desculpa encontrada é o cumprimento do dever patriótico.

Em correspondências de 22 de novembro de 1866, 14 e 22 de fevereiro de 1867, Custódio apresentou sua indignação e forneceu sinais de que seu patriotismo também caminhava de acordo com as conveniências cotidianas.

¹¹⁴⁷ CERTEAU, Michel. Op. cit., 2007, p. 105.

¹¹⁴⁸ Idem, ibidem.

¹¹⁴⁹ MELLO, Custódio de. Op. cit; B-5.

O navio em que estou embarcado deve de seguir para o Rio de Janeiro, porém creio que eu não seguirei porque tencionei aqui estar até o termo da guerra, não sendo, contudo, uma resolução ultimada. As razões que me compellem a assim pensar são as que ja sabes, isto é brio e nada mais.

Peço-te, quando leres os Jornaes, dê pouco peso as correspondencias contra a Marinha, por que não passam de accusações aleivosas feitas para offenderem o Almirante de Tamandaré. A marinha, eu te digo, bem como o Exercito tem cumprido com seus deveres e não invejaram a Marinha e Exercito de nação alguma, porém achão que por uns devem pagar os outros - É lei do mundo.

Cançado de soffrer injustiças do Governo principalmente na ultima promoção, em que não me promoverão e além d'isso me preterirão, á mim carregado de serviços n'esta guerra e preterido por um Official, cujo principal merecimento é o patronato pedi minha demissão.

Falla-se que o ataque geral será breve, porém creio que não tomarei parte, pois não estou resolvido a dar mais uma gota de sangue em defesa da pátria.

O ataque geral deve ser breve, porém não espero tomar parte n'elle, por isso que não estou resolvido a dar mais uma gotta de sangue em defesa da patria, que tem sido e continua a ser governada pela corrupção¹¹⁵⁰ (MELLO, 1866; 1867, B-6).

No trecho anterior, há indícios de que a identidade nacional brasileira não alcançou todos os envolvidos na guerra. Caso o espaço bélico se mostrasse pessoalmente frutífero e proveitoso, o conflito parecia se justificar. Contrariamente, o não atendimento aos anseios privados proporcionava severas críticas, minando a estrutura dos fios da identidade.

Custódio de Mello informou à noiva que havia pedido demissão, fato que não se concretizou, pois o autor atuará na guerra até 1870. Seu caráter peremptório, talvez tenha sido uma força retórica tentando mostrar a sua amada a inquietude causada pela demora no desfecho do conflito; lentidão vivenciada, segundo ele, em virtude da incompetência dos chefes.

André Rebouças também criticou em vários a conduta dos comandantes do Exército e da Marinha. Para ele, a exemplo de Custódio de Mello, a guerra teria uma rápida resolução caso houvesse mais arrojo e poder decisório. Por se tratar de documentos de cunho privado, ambos os escritores, o memorialista e o correspondente, se utilizaram de linguagem altamente crítica.

As queixas e as lamentações retornaram à narrativa de Custódio de Mello em 27 de março de 1867. Desta feita, sua noiva é transformada em testemunha das possíveis injustiças cometidas contra ele, que ameaçou abandonar o *front* caso não houvesse reparação.

¹¹⁵⁰ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-6.

Apesar dos soffrimentos moraes por que tenho passado, causados pelas injustiças do governo de meu pais que obra levado somente pela maldita protecção.

Como sabes, fui preterido na última promoção, que houve na minha corporação por um official que tem por único merecimento ser filho do Senador Silveira Motta, eu preterido, eu que ressuscitei tendo perdido tudo que tinha, e que, apesar disso, aqui estou na guerra soffrendo privações e passando por provocações quasi todos os dias. Por esta razão pedi minha, como já te mandei diser, a minha demissão do posto, e estou resolvido a não mais entrar em fogo se o Governo não reparar a injustiça que aqui soffri¹¹⁵¹.

As opiniões do Capitão Custódio contra a política de promoções na Marinha continuavam fortes. A intervenção dos interesses políticos na nomeação de oficiais causou no autor impressões indesejadas. Suas críticas se voltaram contra o comandante-em-chefe da Esquadra Imperial, Joaquim José Ignácio de Barros, o Visconde de Inhaúma. Em 04 de maio de 1867, o autor responsabilizou inclusive o próprio imperador D. Pedro II, considerado culpado pela escolha de comandantes despreparados.

É realmente muito reptil o homem que o governo escolheu para dirigir uma Esquadra composta de pessoal tão intelligente.

Como já mandei diser, estou tratando, tendo entregado o comando, de ir-me embora, não com muito affinco porque espero umas cartas de recomendação para este Almirante poltrão, homem capaz de prostituir o que há de mais sagrado para satisfazer o pedido de um amigo, mas que seja de alto cothurno, e portanto se elles vierem espero ter um comando ou uma outra comissão importante, conseguindo por este feitio compensar de alguma sorte o que soffri - Como Comandante prefiro ficar na guerra a retirar-me, mas como official não, porque não quero servir de instrumento de glória para comandante nenhum. Sou muito orgulhoso. Sou muito orgulhoso. Eu, Janú, gozo do melhor prestigio e conceito entre meus collegas, e mesmo entre os Chefes, tanto que foi um clamor quasi geral quando o Almirante deu o Comando do Barroso ao Silveira Motta, e não á mim. Este mesmo Almirante faz de mim os maiores elogios, mas está tão prostituido que so obra movido pela manivella da proteção. Desgraçado pais.

Eu estou embarcado no Encouraçado Silvado, o que menos se presta para esta guerra por causa dos defeitos, tornando-se, por isso, mais vulneravel que os outros - Não importa pois n'esta guerra ja entreguei-me á muito. Deus será comigo¹¹⁵².

Na correspondência acima a fluidez dos sentimentos patrióticos durante o conflito é notória. Os comportamentos cotidianos estavam relacionados às circunstâncias. Os sentimentos se alteravam a partir do atendimento às necessidades pessoais. A guerra ganhava

¹¹⁵¹ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-7.

¹¹⁵² Idem, ibidem, B-8.

sentido na medida em que os desejos privados fossem cristalizados em ganhos concretos (promoções, soldos e garantia de reconhecimento pelos feitos).

Ainda no trecho anterior de 4 de maio de 1867, o autor lamentou as condições dos navios de guerra. A bordo do *Silvado*, Custódio de Mello detectou a incompatibilidade da embarcação para o serviço a que prestava.

Na passagem seguinte, as queixas se transformaram em arrependimento. Custódio de Mello confessou à noiva o vazio existencial que tomava conta dele por não ter recebido o posto de comandante. Nesse sentido, a identidade nacional no conflito flutuava nas águas turvas dos anseios particulares, sendo amarrada às correntes da conveniência pessoal.

Eu estou a espera de entregar o comando para envidar os esforços para fazer-me de vela para o Rio de Janeiro, pois não estou resolvido a entrar em fogo como Official. Não quero sacrificar a minha vida, tendo em recompensa uma preterição.

N' esta guerra, Janú, nada tenho ganho, ao contrario perdi tudo que era meu, tendo gasto a minha mocidade¹¹⁵³.

A temática da injustiça é reiterada nas cartas do Capitão Mello. Na correspondência de 15 de maio de 1867, o tema da vitimização retornou com grande força. Naquela ocasião, Custódio declarou sua indignação quanto ao uso puramente político da guerra.

Continúo aqui sendo o ludibrio do governo, que tem por meta nas remunerações premiar aquelles que mais padrinhos tem, ainda mesmo que elles cometão infamias lançando d'est'arte um véo sobre os serviços dos que, como eu, não tiverão á felicidade de irem a pilha baptismal e que não conhecem o que é dobrez - Não me importão estes votos do governo, porque tenho a minha consciência pura como a palavra da virgem e por isso pretendo, logo que chegar ao Rio, protestar contra elles. Contudo minha resolução final está formada e so espero ser rendido no comando do encouraçado Barroso, em que estou desde o dia sete de Março, para pol-a em execução, isto é pedir a minha demissão sem attender as consequencias, pois assim é preciso para sustentaculo da minha dignidade - Se eu a bem d'ella sacrifico a minha vida nos combates, por que hei de supportar dous ou tres anos de privações, que poderei soffrer pedindo a minha demissão. Não achas Januária?¹¹⁵⁴.

Custódio de Mello após três anos de atuação na guerra se revelou ainda mais pessimista. Seu desejo de vingança contra aqueles que não lhe deram valor povoaram seus pensamentos. A tônica era a seguinte: Para que tanto sacrifício em nome da pátria que não reconhecia meus atos de heroísmo?

¹¹⁵³ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-9.

¹¹⁵⁴ Idem, ibidem.

A longevidade do conflito apareceu como forte razão que auxilia no encaminhamento à indagação anterior. Conforme observamos em outras cartas já apresentadas, Custódio culpou seus chefes pela inatividade, fator que competiu para o adiamento do fim da guerra..

Não há esperança de tão cedo concluir-se esta guerra desastrosa e infernal - Creio que os nossos Generaes tem mêdo, isto é, o Caxias como Comandante em Chefe, e que espera grande leva de soldados, que elle pedio, para atacar; leva em um numero crescido e que creio não conseguirá o Governo remetter tão cêdo; principalmente empregando o recrutamento, que seria muito bom se não houvesse o patronato, e se na execução dele não atendessem a partidos¹¹⁵⁵.

No fragmento acima, além da lógica temporal dos combates, o autor censurou as estratégias de recrutamento adotadas pelo governo imperial, consideradas ineficazes e guiadas por vontades partidárias.

Após desferir golpes questionadores na atuação brasileira na guerra, o correspondente Custódio de Mello revelou uma surpreendentemente mudança em seu ponto de vista. Em carta de 20 de junho de 1867, o Capitão Mello informou à Janú a desistência quanto a demissão, desistindo de abandonar o *front*. O fato que outrora esteve consumado se esvaiu perante a possibilidade de alcançar ganhos financeiros.

Na tua carta me mandaste perguntar se tinha esperança de alcançar a minha demissão, ao que respondo-te Minha Janú, em um momento de precipitação requeri minha demissão sem pensar e por tanto sem ver que eu hoje não vivo só por mim e sim para ti também, por isso, que, pedindo a minha demissão, não poderia cumprir os meus votos, casando-me contigo, por quanto não sou rico. Se por acaso tivesse minha demissão e contigo casasse-me te faria desgraçada, por esta razão não empreguei esforços necessarios para que o meu requerimento tivesse andamento¹¹⁵⁶.

Custódio decidiu permanecer na guerra devido às futuras compensações particulares. Uma vez mais, a característica circunstancial de seu protagonismo na guerra foi divulgado. Seu principal desejo era conquistar fama e prestígio militar para alcançar independência financeira e consumir seu casamento.

Apesar de sua súbita desistência, o autor continuou se opondo aos encaminhamentos táticos do conflito. Na carta de 22 de agosto de 1867, Custódio reiterou comentários contra as tomadas de decisão e seus resultados.

¹¹⁵⁵ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-10.

¹¹⁵⁶ Idem, ibidem, B-10.

Essa fortificação é bem formada e muito difficil será a sua passagem, pois além do grande numero de canhões, existem cinco grossas amarras postas parallelamente e de uma margem a outra do rio, sendo preciso, portanto quebral-os para que a Esquadra passe; além d'isso é muito de suppôr que hajão torpêdos, por quanto o canal é muito estreito e os navios são por força obrigados a passarem por elle. As amarras estão á vista e pretendemos cortalas com bala; e o que conseguido, vamos tentar a passagem a fim de nos colocar-mos acima d'essa fortificação, pois é necessário visto ser o plano dos nossos Generaes de bôrra sitiar. Se levarem a effeito esse plano a guerra não terminará tão cedo.

Já debes saber que fui condecorado com o hábito do cruzeiro, a condecoração mais honrosa do Brasil, e que me derão como premio dos meus serviços depois de me terem preterido: dos males o menor.

Eu hoje, Janú, só peço a Deus que me conserve a vida; restar-me-ha a consciencia de ter com honra cumprido o meu dever de cidadão e soldado¹¹⁵⁷.

A passagem acima é elucidativa sobre algumas temáticas relativas à Guerra do Paragua e remete às deliberações militares em torno da tomada de Humaitá. Não houve consenso entre os comandantes da Marinha e do Exército sobre aquela ação bélica.

Para o Capitão Custódio, havia premência em estabelecer uma operação combinada, contando com a invasão e enfraquecimento da fortaleza por terra, tática que seria desenvolvida pelo Exército. A Marinha se incumbiria da passagem fluvial defronte à Humaitá, procedendo aos bombardeios a partir dos rios para a margem onde estava localizado aquele sistema defensivo.

As sérias divergências entre membros da Marinha e do Exército com relação à tomada de Humaitá colaboraram para a duração do conflito. Após a derrota de Curupaiti em setembro de 1866 e a reorganização das tropas aliadas capitaneada por Caxias, os avanços territoriais e bélicos não foram tão significantes.

Além d'esses encomodos que tanto affligem minha vida, existem os nascidos das vicissitudes da guerra, que, contudo, são somenos aos que por ti soffre, e creio que teria ainda que soffrel-os por muito tempo, pois esta guerra não se termina tão cêdo. Esta demora é que me encomoda mais e realmente nada peor em uma guerra do que seja a demora; o combate é o menos, principalmente quando neste estado de inacção pode-se de um momento passar d'esta para outra vida sem resultado¹¹⁵⁸.

Além disso, os comandantes da Esquadra Imperial, principalmente seu chefe, o Visconde de Inhaúma, não aceitavam passar Humaitá sem a proteção terrestre do Exército, temendo a existência de forte represália de canhões e de correntes atadas nas margens daquele

¹¹⁵⁷ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-10 e 11.

¹¹⁵⁸ Idem, ibidem, B-11.

trecho de rio, materiais utilizados pelos paraguaios para tentar impedir a passagem dos navios brasileiros.

A Esquadra, quanto á mim, nada mais faz a não ser um ou outro bombardeio Inutil e estúpido seria querer tentar a passagem do Humaita, que quanto á mim, é muito difficil; não direi impossivel por que é palavra que não existe, pois além dos obstaculos feitos pela natureza tem os artifícios, como sejam torpedos, correntes passadas de uma margem para outra do rio, e grande numero de canhões. Ultimamente vendo elles que as correntes estavam muito expostas a serem cortadas por balas da Esquadra, visto que taes embarcações, que os suportavão, forão a fundo com tiros dados pelos navios puserão outras mais acima, porém estas podem ser cortadas também por tiros logo que se queira¹¹⁵⁹.

A vitória dos aliados se daria em 19 de fevereiro de 1868, quando as embarcações brasileiras, sem maiores dificuldades, conseguiram resistir ao bombardeio oriundo da fortaleza, ultrapassando o trecho do rio onde estava posta. O Exército efetuou a invasão terrestre de Humaitá, tornando-a incomunicável.

A passagem daquele pretensu opúsculo militar é considerada pelos membros da Marinha como a segunda maior vitória naval na guerra, perdendo somente para a batalha de Riachuelo.

Em carta de 22 de agosto de 1867, Custódio de Mello noticiou a conquista de sua condecoração militar. No entanto, seu tom reivindicatório continuou evidente, pois acreditava que o governo imperial não estaria fazendo mais que sua obrigação, inclusive premiando seus esforços de guerra tardiamente.

Ainda em de 22 de agosto de 1867, percebemos abrupta alteração no temperamento do autor. Se nos instantes idos o abandono das funções era pauta frequente das cartas, agora não mais. A “consciência de ter com honra cumprido”¹¹⁶⁰ o seu “dever de cidadão e soldado”¹¹⁶¹ animava o correspondente.

O humor de Custódio de Mello não sofria mudanças significativas, permaneciam os ataques à política de condução da guerra. No excerto seguinte, de 18 de setembro de 1867, notamos a interferência das relações sociais cotidianas no comportamento do autor.

Presentemente estamos expostos a isso toda hora, pois os Paraguaios depois que a esquadra para aqui subiu levam constantemente a atirar para os navios, que são completamente descobertos, devido ao systema, com duas peças pequenas e com espingarda de grande alcance, e atirão do mato de maneira

¹¹⁵⁹ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-12.

¹¹⁶⁰ Idem, ibidem, B-10 e 11.

¹¹⁶¹ Idem, ibidem, B- 10 e 11.

que nada se vê. Nos atiramos também, porém com uma diferença que eles vem para onde fazem fogo e nós para o mato, onde eles têm provavelmente a trincheira com fosso para ali se esconderem logo que derem o tiro. Algumas praças já tem sido feridas e hontem um oficial do Encouraçado Cabral que está fundeado pela proa do Silvado, onde como já sabes, estou embarcado¹¹⁶².

O cotidiano bélico foi apresentado como ambiente de sofrimento. Custódio de Mello descreveu as operações de guerra, indicando um inimigo combativo. O autor antes determinado a deixar o *front* se revelou um fiel defensor de sua honra, como fica visível na passagem seguinte de 18 de setembro de 1867.

Acredita Januária, que o que me retém aqui é o sustentáculo da minha dignidade, não porque eu tenha medo, porem porque já estou com o meu espirito bastante fatigado - Não me retiro porque não quero que digão que eu tive medo e que sou covarde; neste caso prefiro a morte. Eu estou disposto a tudo até mesmo a minha vida já puz em desprezo¹¹⁶³.

Na correspondência acima percebemos a preocupação do autor em criar sua imagem heroica, quando preferia morrer a optar pela covardia. Seu esforço patriótico parecia estar fora de questão. No entanto, seu maior objetivo era conquistar espaço profissional e gozar dos louros da vitória, podendo enfim, casar-se.

Aqui estou sempre em guerra e n'ella continuarei até o final, porque quero faser carreira e ter um futuro lisongeiro e prospero e uma posição brilhante para te offerecer. Já estou Capitão-Tenente, e com direito, mais que qualquer outro Capitão-Tenente, á ser promovido; o que, com tudo, não espero, por que como sabes, não tenho padrinhos, e em meo país nada se faz pelo direito e pela justiça¹¹⁶⁴.

Nessa altura, o autor já havia conquistado a promoção militar e estava no comando de uma embarcação brasileira. No entanto, ansiava alcançar melhores condições financeiras e profissionais.

Qualquer dia d'estes vae faser uma operação de desembarque no território inimigo em que o Para tem de tomar parte activa, portanto será mais um serviço para juntar aos demais e me dar mais direito ao que já tenho direito, isto é, a promoção. Por não ter padrinhos ainda estou comandando o Pará, tendo vagado comandos de encouraçados grandes, sendo eu Capitão-Tenente

¹¹⁶² MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-11.

¹¹⁶³ Idem, ibidem, B-12.

¹¹⁶⁴ Idem, ibidem, B-13.

que mais serviços tem e que tem estado sempre na vanguarda. Não importa, pois a verdade cedo ou tarde aparece¹¹⁶⁵.

Custódio já fatigado da guerra confidenciou à Januária: “O que peço é que um raio de sabedoria divina illumine a cabeça do General em Chefe para ver esta guerra terminada com honra para nosso paiz, que tanto sacrificio tem feito”¹¹⁶⁶.

Uma particularidade importante das cartas íntimas de Custódio Mello é o seu viés sentimental. Conforme a carta de 16 de novembro de 1866, Custódio reclamou da ausência de prontas respostas às suas inquietações: “promettendo-te nunca mais escrever-te no caso de teres procedimento igual ao que tiveste pela primeira vez - Assim debes estar sciente da razão por que não te escrevi”¹¹⁶⁷.

Como represália, ainda em 24 de novembro de 1868, o correspondente-beligerante deixou sua amada sem notícias: “depois de quasi um ano te escrevo por que julgo ter cultivado bastante o procedimento que tiveste para comigo não mandando-me teu retrato como te mandei pedir por mais de uma vez o que de novo peço”¹¹⁶⁸.

A Guerra do Paraguai perdurou até março de 1870. As queixas do Capitão-Tenente Custódio contra os rumos do conflito e a atuação dos comandantes também se apresentam de forma reiterada. Na carta de 14 de janeiro de 1869, Mello mostrou um comportamento insubordinado, caso suas vontades de progressão funcional não fossem prontamente atendidas.

Contudo sahi-me bem não obstante ter-se partido o leme. Este serviço e muitos outros que tenho prestado como nenhum outro Capitão-Tenente não hão de influir na minha promoção e portanto não hei-de ser promovido não so porque não tenho protecção, como também porque tenho dignidade bastante para não me rebaixar diante de homem nenhum, qualquer que seja sua posição¹¹⁶⁹.

Quando suas reivindicações de promoção não eram atendidas, o Capitão-Tenente não media o teor de suas palavras. Na correspondência de 14 de janeiro de 1870, já próximo ao final dos embates, Custódio ainda reclamava do descaso com que era tratado por seus comandantes.

¹¹⁶⁵ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-13.

¹¹⁶⁶ Idem, ibidem.

¹¹⁶⁷ Idem, ibidem.

¹¹⁶⁸ Idem, ibidem.

¹¹⁶⁹ Idem, ibidem, B-14.

Em resposta dir-te-ei que se não fosse a propriedade de poder dominar-me ja tinha pedido a minha demissão esperando que elle viesse para ir atirar com as divizas na cara do Ministro da Marinha, pois esta foi a idéa que logo affluio quando chegou a promoção, devendo, por cá, dizer-lhe que foste tu a parte que contribuiste para que eu não procedeste assim.

O fim de tal Ministro, fasendo a promoção da maneira porque apresentou, foi somente de disprestigiar a corporação, que lastima, não ter força bastante para repelir insultas dessa ordem.

Eu estou prompto para tudo até mesmo para a revolução se for preciso para derribar esse poder de mandões e prepotentes e mesmo lançar para a terra o throno de Pedro 2º, que está redusido á um verdadeiro manequim. No dia em que se der o primeiro grito eu imediatamente alçarei a minha espada e se estiver comandando o navio içarei immediatamente a bandeira da revolução. Janú estou no firme proposito de pedir demissão logo que tenha um esteio, pois me considero injuriado e desprestigiado.

Os jornaes muito tem fallado sobre a promoção e em todas as correspondencias trata de meu nome acompanhado sempre de elogios, o que vale para mim mais que uma promoção¹¹⁷⁰.

Custódio confidenciou à sua noiva toda sua indignação. Nessa ocasião, o Ministro da Marinha e o imperador D. Pedro II são citados como responsáveis pelos sofrimentos ocasionados pelo conflito. O imperador é caracterizado como indivíduo indeciso e manipulável.

A fim de obter o atendimento aos seus desejos, o correspondente-beligerante ameaçou organizar um movimento como uma espécie de reação contra supostas ordens de beneficiamento profissional baseada em preferências políticas e econômicas. Apesar de não ter sido contemplado, Custódio se felicitou com as notícias de seu reconhecimento na imprensa brasileira.

A última carta de Custódio de Mello à sua noiva foi datada de 30 de junho de 1870, enviada após o término da Guerra do Paraguai, que ocorrera em 01 de março de 1870 com a morte de Solano López em Cerro Corá. Essa correspondência abordou o regresso de Custódio de Mello à capital brasileira e seu pronto retorno à região platina. Mesmo com o fim do conflito, as tropas e a diplomacia brasileira atuaram no Paraguai até 1876, visando à constituição de um novo governo no país guarani.

Depois que cheguei no Barroso a Montevidéo, sahi no dia 13 de maio para o Rio de Janeiro em commissão de levar a Corveta Beberibe a este porto, onde cheguei no dia vinte e um do mesmo mez tendo tido uma bella viagem. A commissão aceitei com o fim de ficar commandando o navio, porém fui tão infeliz que alli chegando ja encontrei um Official de patente superior a minha para comandal-o; a vista do que deliberarei regressar para Montevidéo e tomar conta de novo do meo comando, o que teve lugar no dia

¹¹⁷⁰ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-16.

seis tendo saído do Rio no dia 30 no transporte Bonifacio. Aqui estou, portanto, gosando as auguras do belo clima d'esta terra, a qual tem contribuído para meu restabelecimento.

A razão de querer comandar o Beberibe era de ficar no Rio, podendo pedir uma licença sem perder o commando, condição sem a qual não quero licença pois penso no futuro e não quero ficar, depois de concluída a licença, redusido o soldo, como estão muitos Officiais de patente superior a minha, e esta condição é tanto mais importante quanto depois da licença será provavel que já esteja casado contigo e então não há-de-ser so com o soldo que poderei sustentar a ti e a mim. Creio que são rasões, que muito devem pesar na balança da tua consciencia¹¹⁷¹.

A passagem anterior revela alguns encaminhamentos sobre o pós-guerra. Custódio preocupou-se com a possibilidade de diminuição de seu pagamento, realidade que percebeu acontecer com alguns companheiros de armas.

As promessas do governo imperial em prestigiar os ex-combatentes com vantagens políticas e financeiras nem sempre se concretizaram. Os dispositivos previstos no Decreto nº 3.371 de 1865 que estabeleciam certas garantias aos voluntários da pátria, caso regressassem ao Brasil, não foram respeitados em plenitude. O caso mais conhecido talvez seja do alferes Cândido da Silva Fonseca Galvão, D. Obá II d'África, que ao retornar ao país cobrou insistentemente do imperador os direitos adquiridos na qualidade de ex-soldado.

O correspondente-beligerante da Marinha trocou cartas com sua amada durante os cinco anos do conflito, mas não conseguiu consumir seu casamento. Sua noiva, Januária Alves Pereira, faleceu sem casar-se com Custódio de Mello.

Custódio de Mello revelou à amada sua visão de Brasil marcada por perturbações e percalços, pois apesar de defender os interesses do país, não se satisfazia com os encaminhamentos da guerra e muito menos com o tratamento dispensado à sua progressão funcional. O cotidiano bélico vivenciado se convertia em ambiente de sofrimento e dor. As atitudes e comportamentos do autor nos direcionam à seguinte questão: Qual o preço e o valor da Nação? Em que medida o sacrifício indiscriminado de indivíduos era indispensável à pátria?

Os anseios privados entravam em confronto direto com as necessidades do governo imperial em usufruir da belicosidade em nome do fortalecimento identitário. A Guerra do Paraguai pode ser pensada como espécie de “tradição inventada”¹¹⁷². Os discursos que valorizavam o heroísmo, a bravura e a coragem como atributos de “um conjunto de práticas

¹¹⁷¹ MELLO, Custódio José de. Op. cit., B-16 e 17.

¹¹⁷² HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica”¹¹⁷³ visavam “inculcar certos valores e comportamentos”¹¹⁷⁴.

Hobsbawm nos alerta que as tradições “inventadas” evocam um passado histórico, caracterizando-se “por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial”¹¹⁷⁵. O historiador britânico reforça que tais sociabilidades “são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”¹¹⁷⁶.

Ao convocar todos os segmentos sociais brasileiros na luta contra o Paraguai, o governo imperial procurou ressaltar os atributos brasileiros calcados numa pretensa aproximação com os valores civilizacionais, configurados na unidade e coesão territorial do Império em contraposição ao inimigo e suas estruturas sociais consideradas inferiores.

Os conflitos bélicos entre as Nações podem ser entendidos como estratégias de construção ou reforço de um “processo de formalização e ritualização”¹¹⁷⁷ da identidade nacional. No entanto, a “tradição inventada” se choca com a constituição fluida e dinâmica do cotidiano, que desnuda as relações sociais e revela um ambiente bélico informado por dificuldades.

Para Michel de Certeau, as ações diárias e seus relatos “contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço”¹¹⁷⁸. Certeau se referia a espaço como lugar próprio, marcado por uma série de “cruzamentos de movimentos”¹¹⁷⁹ e efeitos gerados por “operações”¹¹⁸⁰, podendo se apresentar também como “unidade política de programas conflitivos”¹¹⁸¹ ou “unidade de proximidades contratuais”¹¹⁸².

“Espaço”¹¹⁸³ e “lugar praticado”¹¹⁸⁴ são conceitos desenvolvidos por Michel de Certeau para explicar as práticas cotidianas como táticas de acesso e conquista das demandas sociais. Por sua característica, a identidade brasileira na Guerra do Paraguai se mostra como

¹¹⁷³ HOBBSAWM, Eric. Op cit., 1997, p. 9.

¹¹⁷⁴ Idem, ibidem.

¹¹⁷⁵ Idem, ibidem, p. 10.

¹¹⁷⁶ Idem, ibidem, p. 10.

¹¹⁷⁷ Idem, ibidem, p. 12.

¹¹⁷⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. v.1. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 207.

¹¹⁷⁹ JOSGRILBERG, Fábio. **Cotidiano e invenção**: os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 74.

¹¹⁸⁰ Idem, ibidem.

¹¹⁸¹ Idem, ibidem.

¹¹⁸² Idem, ibidem.

¹¹⁸³ CERTEAU, Michel de. Op. cit., 2007, p. 201.

¹¹⁸⁴ Idem, ibidem.

lugar praticado, ordenada segundo a distribuição de “elementos nas relações de coexistência”¹¹⁸⁵.

Essa pluralidade da vida diária é marcada por “operações” que orientam, circunstanciam, temporalizam e incidem sobre o “lugar”, destronando-o de seu caráter controlador e estável. O espaço de Certeau modifica a intransigência do lugar, transformando-o a partir de sua característica multifacetada e informada pelas ações de “sujeitos históricos”¹¹⁸⁶, eis o “lugar praticad.

A identidade brasileira na Guerra do Paraguai foi vivenciada na prática pelos combatentes, no cotidiano das batalhas. Os sentimentos de pertença ao país se desenvolveram a partir da “emergência de estigmas, estereótipos e atributos sociais”¹¹⁸⁷, atributos específicos do “fenômeno da identidade”¹¹⁸⁸.

As cartas da guerra analisadas no presente capítulo podem ser consideradas como “tecido memorial que vai alimentar o sentimento de identidade”¹¹⁸⁹. Nesse sentido, o ato de escrever uma correspondência pode ser associado à elaboração de diários, memórias e reminiscências. O registro e o compartilhamento das experiências vividas num determinado espaço e época com outrem, mediante uma carta, possui também seu aspecto memorialístico, de seleção informativa, de inclusões e exclusões orientadas pela fluidez da memória.

A riqueza das correspondências íntimas trocadas entre sujeitos da guerra e seus familiares pode ser facilmente notada no conjunto de cartas¹¹⁹⁰ que Benjamin Constant Botelho de Magalhães¹¹⁹¹ enviou ao sogro, aos irmãos e aos amigos, mas, especialmente à esposa.

A passagem de Benjamin Constant pela Guerra do Paraguai “foi relativamente curta e pouco expressiva do ponto de vista militar”¹¹⁹². Constant foi convocado em 25 de agosto de

¹¹⁸⁵ CERTEAU, Michel de. Op. cit., 2007, p. 201.

¹¹⁸⁶ Idem, ibidem, p. 201-202.

¹¹⁸⁷ VIERTLER, Renata B. Estudos sobre “identidade”. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes & LUCENA, Célia Toledo (org.). **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, p. 47.

¹¹⁸⁸ Idem, ibidem.

¹¹⁸⁹ CANDAU, Jöel. Op. cit., p. 77.

¹¹⁹⁰ Renato Lemos publicou a obra **Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN/Museu Casa de Benjamin Constant, 1999. O autor foi responsável pela transcrição, organização e introdução do livro. Utilizamos como material as correspondências contidas nesse livro, além de valiosas informações biográficas e da participação de Benjamin Constant na guerra.

¹¹⁹¹ Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu em Niterói em 1836, falecendo no início do governo republicano em 1891 na cidade do Rio de Janeiro. Foi oficial do Exército durante a Guerra do Paraguai, atuando no Corpo de Engenheiros. Foi professor na Escola Superior de Guerra, divulgando suas idéias positivistas. Esteve à frente dos ministérios da Guerra e da Instrução Pública, Correios e Telégrafos no governo de Deodoro da Fonseca.

¹¹⁹² LEMOS, Renato. Op. cit., p. 10.

1866, chegando em Montevidéu em 13 de setembro e em Corrientes, na Argentina, no dia 02 de outubro do mesmo ano¹¹⁹³.

No total, Renato Lemos transcreveu e organizou sessenta e sete cartas referentes à atuação de Benjamin Constant no conflito platino. Esse corpo documental se caracteriza “como registro das experiências humanas”¹¹⁹⁴. As correspondências “são uma porta nesta totalidade de inúmeros vetores individuais e coletivos: um homem e suas circunstâncias, da intimidade à vida pública. Resultam do olhar de um indivíduo no olho do furacão, aonde chegou por tortuosos caminhos subjetivos”¹¹⁹⁵.

As cartas íntimas de Benjamin Constant trocadas com seus familiares apresentam sugestivas temáticas para a abordagem da Guerra Grande. Suas linhas são atroztes no ataque aos encaminhamentos e rumos do conflito. A linguagem utilizada é feroz nas críticas que dispensou aos comandantes, inclusive ao Duque de Caxias, responsabilizados pela longevidade da contenda.

Ao contrário de Custódio de Mello, o engenheiro militar Benjamin Constant mencionou a precariedade das condições sanitárias e higiênicas do *front*, ambiente propício à proliferação de doenças e enfermidades, da qual inclusive foi vítima, como seu colega de armas André Rebouças e Dionísio Cerqueira.

Benjamin Constant já havia constituído família quando foi convocado para a luta, deixando a esposa grávida e uma filha pequena sob os cuidados de seu sogro. Maria Joaquina, sua amada, preocupada com o marido e sua saúde, toma uma decisão desesperada, viaja ao Paraguai para buscar Constant e trazê-lo ao Rio de Janeiro para tratar de sua doença. Fato concretizado no início do mês de setembro de 1867.

Renato Lemos acredita que Benjamin Constant, “como combatente, mostrou-se essencialmente envolvido pelo clima de patriotismo e pela febre anti-López que se disseminava entre os brasileiros como elemento de mobilização nacional”¹¹⁹⁶.

Custódio de Mello e André Rebouças, ao contrário, foram ferrenhos opositores da guerra. Seus sentimentos patrióticos não se mostraram tão enraizados quanto às demonstrações de apelo ao país do próprio Constant e também de Dionísio Cerqueira que não questionaram fortemente “o mérito da guerra, apenas a orientação que a ela imprimiam as elites militares e civis brasileiras”¹¹⁹⁷.

¹¹⁹³ LEMOS, Renato. Op. cit., p. 11.

¹¹⁹⁴ Idem, ibidem, p. 13.

¹¹⁹⁵ Idem, ibidem.

¹¹⁹⁶ Idem, ibidem, p. 14.

¹¹⁹⁷ Idem, ibidem.

A variedade temática das correspondências de Benjamin Constant sobre os embates platinos é digna de menção. Entre 13 de setembro de 1866 e os primeiros dias de 1867, o escritor enviou aos seus familiares suas impressões sobre o conflito.

As práticas cotidianas dos beligerantes e sua influência sobre a vida dos combatentes ganhou destaque nas cartas de Constant. Vejamos a opinião de Renato Lemos sobre as possibilidades analíticas desse corpo documental para o estudo da guerra.

As preocupações pessoais manifestadas nas cartas são, da mesma maneira que os juízos sobre a guerra, a expressão do processo de definição de um papel individual em meio a uma turbulenta quadra nacional. A experiência com as elites militares e políticas é filtrada por esse movimento subjetivo. É o que transparece, por exemplo, no julgamento que Benjamin Constant, como seus amigos, fazia do Marquês de Caxias, que comandou as forças brasileiras durante sua estada no Paraguai. O já consagrado líder militar teve seus méritos profissionais, políticos e pessoais negados de maneira absoluta. Covarde, incompetente, corrupto e corruptor são alguns dos epítetos que lhe são lançados nas páginas das cartas¹¹⁹⁸.

Ao passo que Custódio de Mello lançou suas opiniões contra seus comandantes da Marinha e ao imperador D. Pedro II, Constant também não poupou palavras no intuito de adjetivar ações de seus chefes, que considerava suspeitas e despropositadas.

A circunstancialidade da presença de Constant nos campos de batalha foi mencionada nas cartas, talvez de forma menos incisiva do que nas correspondências de Custódio de Mello. Mesmo assim, não podemos perder de vista as contradições entre um interesse que se fazia coletivo e os anseios de desenvolvimento privado. No trecho seguinte, Renato Lemos insiste em revelar a pertinência das correspondências de Constant.

As cartas são, um produto histórico que se atualiza. Nelas, Benjamin Constant surge na plenitude de seu tempo social, flagrado num momento total cuja importância para os rumos da formação social brasileira não se reduziria ao impacto na conjuntura. Elas enfatizam a dimensão individual inconsciente desse processo social e político. Seu autor, ainda um modesto professor com ambições de ser reconhecido como cientista, não se encontrava engajado em qualquer atividade coletiva, privada ou pública, que o vinculasse à significação que, posteriormente, seria atribuída à Guerra do Paraguai como fato fundador do Exército nacional. Entretanto, mesmo que em seu texto não se encontre uma narrativa desse momento, há nele indicadores da maneira como o processo massivo se desenrola no plano individual: a experiência com outros povos e formas de organização social e política, o contraste de valores, as relações de subordinação e lealdade entre soldados e líder nacional, a construção de uma imagem do inimigo, o desprendimento do serviço da Nação¹¹⁹⁹.

¹¹⁹⁸ LEMOS, Renato. Op. cit., p. 14.

¹¹⁹⁹ Idem, ibidem, p. 17.

Renato Lemos nos mostra as variadas possibilidades temáticas das cartas de Benjamin Constant. A partir de agora, apresentaremos alguns trechos das correspondências e sua potencialidade como documentos históricos, perseguindo de perto os indícios constitutivos da identidade brasileira no conflito platino.

As críticas desferidas contra os rumos da guerra são marcantes nas correspondências de Benjamin Constant, especialmente quanto à inatividade e longevidade do conflito, contra os processos decisórios dos comandantes e as condições insatisfatórias dos serviços logísticos e de abastecimento, além de comentários sobre a presença de doenças e enfermidades nos campos de batalha.

A guerra está para acabar e eu não estou em comissão onde a vida corre perigo. Espera-se hoje o Marquês de Caxias com todo o seu estado-maior. Os aduladores andam assanhados, pulam de contentes, preparam frases lisonjeiras, etc. Os homens de bem andam aborrecidos e vexados¹²⁰⁰.

A carta anterior foi datada de 17 de novembro de 1866, onde o autor revelou alívio, pois não estar envolvido diretamente nos combates corpo a corpo. Constant indicou expectativa com a chegada de Caxias ao *front*, reclamando do excesso de zelo e respeito dispensado a seu chefe.

A crença de Constant no ligeiro desfecho dos embates não se concretizou. Na correspondência de 23 de janeiro de 1867, direcionada ao seu sogro, o autor apresentou opiniões contrárias ao modo como as ações bélicas estavam sendo conduzidas.

A guerra aqui continua nas mesmas bases, com pouca diferença. É verdade que já não se pode, com rigor, repetir a mofina velha e enjoativa: – o Exército ocupa as mesmas posições –, porque anteontem duas companhias do 6º Batalhão entraram pela mata duas pequenas trincheiras inimigas. Avançamos pois mais um bocadinho. Agora vamos descansar e dar tempo ao inimigo que se fortifique para avançar mais um bocadinho (cavalheirismo Brasileiro). O que me parece mau é que neste passo de *tartaruga* os nossos soldados e oficiais vão desaparecendo debaixo do fogo das guerrilhas e tiroteios das avançadas, pois os Paraguaiois ocultos na mata atrás dos paus vão zombando da bravura com que atacamos a peito descoberto. Mas quem sabe se nisto não entra algum plano importante e transcendente? O Conde de (sic) Eu está tratando da organização do Exército e vai acabar com a forma (realmente má) de nosso sistema de recrutamento e substituí-la pela conscrição – realmente a conscrição é atualmente incompatível com a organização deste nosso Exército, talvez que por isso procurem acabar com ele atirando-o gloriosamente ao combate. Na verdade tenho visto e sabido por aqui de tanta coisa nada pode causar admiração. Manda-se tocar retirar quando o Exército tem transposto as trincheiras inimigas (16 de maio e 18 de

¹²⁰⁰ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 62.

maio). Veja que é a coluna cerrada a disposição mais predileta para atacar os pontos fortificados avançando-se sobre bocas de fogo que vomitam bombas, granadas, cachos de uvas, lanternetas, etc. (brilhante feito de Curuzu e Curupaiti), que a infantaria foge espavorida ao grito de – aí vem cavalaria – que substitui o grito aterrador do Conde Lipe imaginou (vê-se disto todos os dias) (tática em ação), o acampamento de um corpo de uma divisão com o flanco ou a retaguarda para o inimigo (castrametação¹²⁰¹!), um exército invasor que não quer que se provoque o inimigo recebendo sempre em 1º lugar o fogo do inimigo invadido e respondendo com acanhamento por ordem superior (energia), um marasmo completo nas operações de uma guerra ofensiva; porém um imenso rebuliço de paradas, formaturas quando passar o general, cortejo no dia de gala S. Exa. o – Imperador de Comissão – (adulação? não! Tributo ao mérito!).¹²⁰²

As queixas contra a lentidão nos andamentos táticos dos combates são patentes. A narrativa é minuciosa no que se refere às relações sociais cotidianas no *front*. Ainda em 23 de janeiro de 1867, Constant informou as dificuldades experimentadas pelos participantes dos combates.

Dois exércitos que saíram dos povos que mais se odeiam, que se hostilizam no mesmo campo de batalha negando pão e água um ao outro em presença do inimigo (exércitos aliados!), ordem para que os oficiais não usem de suas divisas em dias de combate (bravura!), um fornecedor vendendo os gêneros ao Exército por um preço excessivamente maior do que se poderia obter de qualquer outro a até dos pequenos comerciantes que acompanham o mesmo Exército ... (economia!), navios que navegam muitos dias de um ponto para outro sem saber ao certo onde devem deixar o carregamento que afinal se estraga, ou não chega a tempo (previdência), encarregados de depósitos de fardamento e material que vivem descansados e à larga deixando que tudo apodreça ou leve descaminho (atividade e zelo!), oficiais que se escondem atrás dos paus e até fazem buracos no chão para esconder-se nos dias de combates e bombardeios (temos muitos aqui entre nós, Drago, por exemplo) outros que nem vêm cá (condenados por serviços prestados à guerra) e outros que praticam atos de verdadeiro heroísmo completamente esquecidos (atos de justiça!), comandantes os mais bravos, os mais pichosos e desmoralizados (oficialmente) em frente a seus comandados só porque um soldado não estava com as calças bem engomadinhas (como aconteceu aqui com alguns comandantes da 1ª Divisão, os mais distintos do Exército) (animação!), etc., etc., etc.¹²⁰³.

O espaço da guerra como ambiente de ganhos particulares foi evidenciado, a exemplo das correspondências de Custódio de Mello e dos contos e romance machadianos. Para

¹²⁰¹ [De castrametar + ção] *S.f.* 1. Escolha e levantamento de terreno para fortificação ou acampamento. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição, revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 366.

¹²⁰² CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 91-92.

¹²⁰³ Idem, *ibidem*, p. 92.

Constant, os atos considerados heroicos nem sempre eram valorizados na medida em que seus protagonistas julgavam merecer.

A irregularidade dos serviços de abastecimento foi notada pelo escritor. Para ele, os negociantes nem sempre realizavam suas operações de compra e venda de maneira honesta, prejudicando o abastecimento das tropas. O armazenamento dos gêneros alimentícios não era feito de maneira adequada, causando desperdício.

Divalte Garcia¹²⁰⁴ em **Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai** analisou bem a atuação de comerciantes no *front*, apontando a falta de controle e fiscalização dos aliados no momento da contratação de empresas ou indivíduos aptos ao abastecimento das tropas.

Esse contexto trouxe dificuldades na distribuição de víveres e armamentos, além de fomentar práticas corruptivas e de especulação econômica: “vim do Exército sem trazer um vintém e tudo aqui é caríssimo¹²⁰⁵. Os comerciantes argentinos foram os maiores beneficiados, pois controlavam a maior parte dos negócios relacionados à guerra¹²⁰⁶.

Na carta de 23 de janeiro de 1867, Constant lamentou a covardia de alguns beligerantes que fugiam da luta escondendo-se em trincheiras. A relação nem sempre amistosa dos chefes com seus comandados foi vista como comportamento exagerado e, portanto, dispensável.

Já em 09 de março de 1867, Benjamin Constant revelou à esposa o desejo de regressar ao Brasil e desfrutar do convívio familiar, não acreditando mais num desfecho ligeiro da guerra. Abaixo o autor confessou a sua amada a vontade de preferir um futuro estável e menos doloroso.

Se esta malvada guerra ainda durar ainda muito tempo pedirei alguns meses de licença para ver-te e abraçar-te e talvez então possa trazer-te, arranjando algum emprego em alguma destas cidades, onde me demore enquanto não houver combate; além disso, creio, e é convicção geral, que não teremos nenhum ataque sério. Portanto para que te hás-de entregar tanto a este mau¹²⁰⁷.

Num misto de saudade e arrependimento, Constant apresentou sua visão da guerra como um ato irracional em nome de uma causa desprezível: “esta infeliz guerra pouco tempo pode [durar] o inimigo está mais que fraco e o nosso [país] mais que cansado de sacrifícios de gente e de dinheiro”¹²⁰⁸.

¹²⁰⁴ FIGUEIRA, Divalte Garcia. Op cit.

¹²⁰⁵ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 158.

¹²⁰⁶ FIGUEIRA, Divalte Garcia. Op cit.

¹²⁰⁷ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 116.

¹²⁰⁸ Idem, ibidem, p. 168.

Uma das temáticas mais significativas das correspondências de Benjamin Constant é a maneira como se referia à atuação de Caxias como comandante-geral do Exército Brasileiro: “mas o nosso fofo general despreza o que tem nas mãos porque se não lhes reconhece o valor. A posição elevada que tem o Marquês, o prestígio imenso de que está rodeado o seu nome são mais que um fenômeno inexplicável, incompreensível, é uma verdadeira aberração de todas as leis sociais”¹²⁰⁹.

Caxias foi constantemente lembrado pelo autor como principal culpado pela longevidade e inatividade do conflito. Para Constant, Caxias não era merecedor de tanta pompa e circunstância, não vendo nele, qualidades importantes que pudessem justificar tantas homenagens e congratulações.

Nesse sentido, Constant ao lado de André Rebouças, registrou a maior quantidade de reivindicações e críticas contra seus chefes. No trecho abaixo, num fragmento sem data, o escritor utilizou-se duma linguagem deselegante quando se referiu ao seu comandante.

Mas o Marquês surge sem mérito no meio da sociedade em que vivemos, eleva-se triunfante e majestosamente acima dela assumindo por uma escala ascendente todas as posições as mais importantes do Império, que só deviam pertencer e servir de passos aos homens de verdadeiro mérito, de verdadeiro prestígio. E nessa ascensão que já elevou à cúpula do edifício social que já o elevou às grimpas das mais altas e mais importantes regiões do poder, acompanham-no os votos de quase toda a nação, os aplausos e a admiração dos homens mais ilustrados do país e ao mesmo tempo o próprio e esses próprios homens que o deram conhecem-lhe a inaptidão, falam bem claro de sua falta de mérito. Nisso está a aberração. Que é dos feitos desse homem? Como orador na tribuna que é dos seus discursos? Na imprensa que é dos planos estratégicos que tem dado ou posto em execução, que é de sua perspicácia? General pacificador por excelência o temos visto sempre em frente ao inimigo ou aos revoltosos nos últimos paroxismos de sua resistência, já fracos e impotentes, tomar posição à distância respeitosa com a mão esquerda acenar-lhes de longe com a outra mão com as baionetas de que dispuser mas com a bolsa recheada, com o cofre das graças das posições oficiais, com o suborno, com a prostituição. Será devido a esta leveza de serviços, de mérito, de prestígio, que ele tem subido¹²¹⁰.

Renato Lemos esclarece que a oposição entre Constant e Caxias se devia, “em parte pelo menos, à importância que Benjamin Constant e seus amigos, quase todos positivistas e de origem social modesta, davam ao mérito como critério de reconhecimento numa sociedade dominada pelo clientelismo”¹²¹¹.

¹²⁰⁹ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 120.

¹²¹⁰ Idem, ibidem, p. 121.

¹²¹¹ LEMOS, Renato. Op. cit., p. 15.

O fato de não conseguir sua nomeação para a vaga de professor a qual fazia jus, porque tinha obtido aprovação em primeiro lugar em concurso realizado, fomentou o espírito revanchista de Constant. Para o autor, sucesso e glória na vida profissional deveriam ser conquistados mediante competência e qualidade não conseguidos mediante beneficiamento político-partidário¹²¹².

Outro elemento que pode ajudar a explicar a ojeriza que Constant alimentou contra Caxias foi a diferente concepção que aqueles dois profissionais do Exército tinham sobre a vida militar. Constant apregoava a importância do “soldado-cidadão, pela qual negava-se a noção de obediência passiva, fundamento da disciplina e da hierarquia nas organizações militares”¹²¹³. Caxias, ao contrário simbolizava o “oficial disciplinado e disciplinador”¹²¹⁴, transformado em “Patrono do Exército”, em 1926.

O memorialista Dionísio Cerqueira em sua obra **Reminiscências da Guerra do Paraguai** somente elogiou o suposto caráter austero e organizador do Duque de Caxias. Se Constant acreditava que o comandante das tropas brasileiras foi o grande responsável pelas “numerosas perdas humanas do Exército brasileiro”¹²¹⁵ Dionísio pensava diferente, seu chefe foi um astuto e perspicaz comandante, tendo participado do processo de pacificação das províncias brasileiras no Período Regencial (1832-1840).

Além dos reclames contra Caxias, Benjamin Constant também questionou a aliança brasileira com os argentinos: “esta cidade é abominável por todas as razões, a população é a mais cínica e ordinária que se pode imaginar. Quase sempre há questões entre os Correntinos e Brasileiros, mortes e ferimentos, etc.”¹²¹⁶.

Que desgraçada aliança! Estes aliados! Creia que são muitos mais nossos inimigos do que os próprios Paraguaiois porque não há maior inimigo do que aquele que finge ser nosso amigo. Sabe quantos homens compõem hoje os dois exércitos Argentino e Oriental... Mil e duzentos! Sendo 250 Orientais e novecentos e tantos Argentinos! E chamam a isto – Exércitos aliados! Ora realmente o Brasil não podia enlamear-se mais do que o tem feito nesta desgraçada guerra. É o único que concorre com todos os sacrifícios e despesas da guerra, que fornece pessoal, armas, munições de guerra e de boca, dinheiro, etc. e no entanto todos os jornais Argentinos e Orientais são unânimes em ultrajá-lo continuamente, em promover-lhe toda a sorte de embaraços e atribuir aos aliados o pouco ou nada que temos feito. Esta aliança, longe de diminuir o ódio de raça que existia entre o Brasil e estas miseráveis repúblicas tem servido ao contrário para dar-lhe maior

¹²¹² CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 14.

¹²¹³ Idem, ibidem.

¹²¹⁴ Idem, ibidem.

¹²¹⁵ Idem, ibidem.

¹²¹⁶ Idem, ibidem, p. 137.

desenvolvimento. Deus queira antes de voltarmos ao Brasil tenhamos de rasgá-la aqui no campo de batalha¹²¹⁷.

As intensas críticas ao modo pelo qual argentinos e uruguaios atuaram no conflito são claras. Na passagem anterior de 20 de abril de 1867, Constant defendia que a guerra já seria protagonizada somente pelo Brasil, pois a presença de efetivo dos aliados era menor se comparada ao aspecto humano, material e logístico dos momentos iniciais da guerra.

Sua revolta se voltou também contra o Paraguai, que qualificou como “país ingrato”¹²¹⁸. No entanto, a exemplo dos memorialistas, Constant reconheceu o valor e destemor dos beligerantes paraguaios.

No combate os Paraguaio mostraram que são valentes e dedicados ao López, [morrem] mas não se rendem. Num pequeno [encontro] que houve no dia seguinte vi quanto [são bravos] e fanáticos pelo – El Supremo [Gobierno] – estas desgraçadas vítimas do [despotismo] de López. Deu-se o seguinte: um piquete Paraguaio composto de 10 soldados ao comando de um oficial foi completamente cercado, por um [corpo] de cavalaria do Osório, fecharam e apertaram o círculo e o comandante disse-lhes que se rendessem que não seriam [mortos]. As lanças e as espadas de nossos soldados refletiam aos raios de sol e em cada [uma] viam eles pintada a morte que os [esperava] se tentassem resistir ou se não [se quisessem] entregar; mas no meio daquele círculo de espadas que se apertava cada vez mais, diante da morte, aqueles heróis não se esqueceram do juramento prestado ao seu despótico chefe, [não se esqueceram] das ordens recebidas; este juramento, estas ordens tinham para eles mais valor que [a vida,] responderam que não se entregariam porque não tinham ordem do superior governo; repetia-lhes o comandante da nossa força que então iam ser mortos; [-] responderam com a maior calma – [morreremos] pois – e o comandante agitando a bandeira e dando reviravoltas com ela gritava – não se [rendam] ustedes, sejamos Paraguayos asta (sic) em la tumba¹²¹⁹.

A maneira como o escritor se referiu ao denodo dos paraguaios nos campos de batalha é digna de nota. No entanto, Constant revelou pesar sobre a possível subserviência e obediência guarani para com seu líder.

A luta contra um inimigo valoroso e combativo era interpretada como ação patriótica. A vitória conquistada com dificuldade ganhava importância na “defesa opor-lhe heróica resistência; salta todos os fossos”¹²²⁰. Nesse caso, os heróis eram “todos aqueles que honraram a nação, qualquer que seja sexo ou cor da pele”¹²²¹.

¹²¹⁷ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 163.

¹²¹⁸ Idem, ibidem, p. 52.

¹²¹⁹ Idem, ibidem, p. 192.

¹²²⁰ Idem, ibidem, p. 56.

¹²²¹ ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, 26, São Paulo, 2000, p. 44.

Para Armelle Enders, o conflito platino “fornecia batalhões de glórias militares, de mortes prematuras e trágicas, de mártires para a pátria e para o imperador”¹²²². Como os “primeiros servidores da nação”¹²²³ os personagens da guerra se converteram em motivo de “várias encomendas oficiais a fim de fixar a posteridade os grandes momentos do Exército e da Marinha imperiais, associando-lhes alguns semblantes”¹²²⁴.

Nas cartas de Benjamin Constant, o heroísmo pode ser visualizado como uma ação relacionada ao patriotismo “é necessário fazer o sacrifício que o país exige de mim”¹²²⁵. Alcançar a glória nos combates nem sempre se convertia em tarefa fácil. Na correspondência de 25 de dezembro de 1866, a associação entre sofrimento e dever cumprido foi informada.

e freqüentes e que soube livrar-se desses escolhos e seguir sempre firme e desassombrado o caminho do dever, que não tem tido nem um só [...] que sempre [...] a mocidade, que só tem encontrado o prazer no trabalho e sacrifícios que faz por sua família, que tem por orgulho seguir e respeitar os sagrados princípios [...] da honra e que finalmente não tem tido (em toda a sua vida) um só instante de verdadeira felicidade ao menos essa felicidade¹²²⁶.

Os memorialistas e profissionais da Marinha e do Exército em guerra contra o Paraguai construíram narrativas onde o espaço bélico é representado como ambiente altamente insalubre: “o bom conceito que felizmente gozo nos dois exércitos tem me custado bastante trabalho e bastantes sacrifícios, mas o que tem sido minha vida até hoje senão de trabalhos e sacrifícios?”¹²²⁷.

A guerra entendida como flagelo dos povos é recorrente nas cartas de Benjamin Constant “quantos moços de esperanças tenho visto morrer”¹²²⁸. O desperdício da vida, a distância dos entes queridos e a falta de reconhecimento e justiça foram igualmente registradas: “deves saber o quanto me tem custado passar aqui, estando tão distante de ti e em circunstâncias de praça de pré, que não recebe soldo e sim uma tira de couro de boi para sua vegetação”¹²²⁹.

Tenho tido muito fastio em todos os dias e ando a cair de sono, passo as noites todas em claro e durante o dia poucas são as horas que tenho

¹²²² ENDERS, Armelle. Op.cit., p. 58.

¹²²³ Idem, ibidem.

¹²²⁴ Idem, ibidem.

¹²²⁵ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 65.

¹²²⁶ Idem, ibidem, p. 82.

¹²²⁷ Idem, ibidem, p. 67.

¹²²⁸ Idem, ibidem, p. 64.

¹²²⁹ Idem, ibidem, p. 90.

desocupadas e nessas o calor e moscas não me deixam dormir, passo por um pequeno sono que não substitui o sono da noite¹²³⁰.

Em meio a cenário desolador, Constant acalentava-se quando recebia notícias de sua família e encontrava tempo para narrar e descrever sua faina “eu aproveito qualquer descanso que tenho para escrever-te”¹²³¹. Na correspondência de 3 de outubro 1866, Constant se mostrou exultante e emocionado com a leitura das informações recebidas.

Ao ler tua cartinha, as lágrimas corriam-me sem que eu sentisse. Um major meu companheiro e amigo que estava ao meu lado foi quem me despertou perguntando-me se tinha recebido más notícias. O homem acostumado ao infortúnio e ao sofrimento não estava preparado para esse lampejo de felicidade. Poderias encontrar um homem que te fizesse muitíssimo feliz, mas nunca havias de achar um que te amasse mais do que eu. Também nada mais te posso oferecer e a meus filhos que uma profunda e sincera amizade e uma vida sem mancha. Li e reli muitas vezes a tua carta, beijei o teu retrato e apertei-o muitas vezes contra o peito, era o único lenitivo que encontrava, neste lugar ingrato, à saudade que me roía¹²³².

Os extemporâneos instantes de felicidade foram explicados em meio ao sofrimento que a guerra causava no coração de Constant. Na carta de 25 de dezembro de 1866, o escritor reconheceu que as dificuldades poderiam ser encaradas com certa positividade.

Eu, posto que sofra com ela, sinto-me enobrecido e feliz. Sinto com prazer que os trabalhos, os sofrimentos e desgostos de toda espécie que me têm perseguido, a luta aberta e desesperada em que tenho estado com a severa adversidade não tem em aniquilado. Ao contrário, me tem dado mais e mais sensibilidade, mais pureza¹²³³.

Apesar de reconhecer a importância do conflito para seu crescimento pessoal, Benjamin Constant reposicionou e relativizou os sentimentos geradores de participação no conflito: “falei-lhe com toda a franqueza sobre minha questão capital que neste caso é [...] boa comissão”¹²³⁴.

Conforme as cartas de Custódio de Mello que esclarecem a circunstancialidade da atuação daquele profissional na guerra, há vários trechos das correspondências de Constant que também informam os motivos primeiros que conduziram o autor ao *front*: “se porém não achar comissão alguma para não ficar a soldo simples e sem que fazer, voltarei para

¹²³⁰ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 112.

¹²³¹ Idem, ibidem, p. 149.

¹²³² Idem, ibidem, p. 46.

¹²³³ Idem, ibidem, p. 81.

¹²³⁴ Idem, ibidem, p. 49.

Montevidéo onde o General tem sempre para mim (conforme me ofereceu) uma boa comissão”¹²³⁵.

Constant confessou nas cartas que “tendo mil coisas diversas em que cuidar”¹²³⁶ e que seu “espírito”¹²³⁷ não podia “entregar-se inteiro à influência do único pensamento, da única idéia, que constantemente atua sobre ele – a saudade da família”¹²³⁸.

Motivação privada, o combustível de sua permanência nos campos de batalha era o “prazer”¹²³⁹ em “receber uma carta tua, dando notícias de ti, minha filhinha, de nossa família, enfim de nossos amigos”¹²⁴⁰, no país que considerava “nojento”¹²⁴¹.

A vontade de retornar ao seio da família ainda inquietou o autor em 05 de abril de 1867 quando afirmou: “não tenho pretensão alguma na vida militar: só o que desejo é voltar (quando isto acabar) e bem com a minha consciência”¹²⁴².

O desejo de regressar ao Brasil foi assinalado quando “os sentimentos de amizade e amor são em mim tão veementes que me dominam completamente e às vezes tenho ímpeto de pedir demissão e ir abraçar-te, ir ver minhas filhinhas”¹²⁴³.

Contrariamente a Custódio de Mello, que ameaçou se demitir em várias ocasiões, Constant valorizava mais suas qualidades militares: “se a minha vinda à campanha tivesse por fim satisfazer nesse sentido o amor próprio, ele estaria mais que satisfeito”¹²⁴⁴.

Na passagem a seguir, de 06 de março de 1866, as motivações privadas e patrióticas se confundem. O sentimento patriótico e a defesa da honra e dos valores pessoais se misturam numa imagem de Brasil multifacetada, onde os interesses particulares e coletivos interagem.

Eu troco pela felicidade de estar contigo e com toda a nossa família todas estas fofas glórias do mundo. Não sou suscetível destes vãos entusiasmos. Cumpro o meu dever como militar e hei de cumpri-lo simplesmente para estar bem com a minha consciência, nada mais tenho em vista, porque não posso e não devo ser militar com a numerosa família que tenho e pelos recursos que dá esta desgraçada classe em nosso país. Tenho me exposto [já] muito e [muito] que ninguém suponha que fujo ao perigo e felizmente ninguém há que ponha isso em dúvida (dos que por cá estão), mas digo com toda a franqueza que tenho as nossas coisas, o abandono criminoso em que são deixadas e o nenhum resultado de que disso se tira para o militar ou para

¹²³⁵ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 32.

¹²³⁶ Idem, ibidem, p. 56.

¹²³⁷ Idem, ibidem.

¹²³⁸ Idem, ibidem.

¹²³⁹ Idem, ibidem, p. 60.

¹²⁴⁰ Idem, ibidem.

¹²⁴¹ Idem, ibidem.

¹²⁴² Idem, ibidem, p. 151.

¹²⁴³ Idem, ibidem, p. 99.

¹²⁴⁴ Idem, ibidem, p. 66.

o país. A história imparcial há-de um dia analisar com honestidade justa todos estes medonhos episódios e o crime que têm aqui cometido o nosso governo, os nossos diplomatas e os nossos generais, excetuando os muito novos¹²⁴⁵.

O trecho anterior indica um combatente que demonstrava rancor contra os desígnios da guerra. A luta não ganhava validade e justificativa nas linhas de Benjamin Constant. Seus sentimentos patrióticos ora estimulavam ações ora não o acalmavam.

À margem: Trouxe uma bagagem imensa. Tenho de deixar no Passo da Pátria minhas canastras, cama, etc. No campo, a cama é um pedaço de couro atirado no chão, o travesseiro e o selim. Tem-se por teto o céu estrelado e para colchão a macega do campo. Toma-se mate chimarrão, bebe-se água dos pântanos onde ainda há cadáveres em putrefação e come-se churrasco. Não diga estas verdades à Nhanhá¹²⁴⁶.

A intensidade das relações sociais cotidianas é traço marcante da narrativa epistolar de Benjamin Constant. Certeau reforçou o caráter performativo das práticas cotidianas¹²⁴⁷. Nesse sentido, a análise das ações diárias dos indivíduos e dos grupos se torna uma sugestiva possibilidade teórica-metodológica, pois apresenta a “natureza não saturada do social”¹²⁴⁸.

O espetáculo da guerra fluía no dia a dia do “fogo de fuzilaria que é incessante e nos vai dizimando, há quase todos os dias alguns tiros de canhão. No dia 30 de outubro sofremos aqui um bombardeio que atirou sobre nossas avançadas perto de 200 bombas e granadas”¹²⁴⁹.

Na correspondência de 19 de dezembro de 1866, o autor ergueu as cortinas da guerra, nos brindando com um cenário bélico da luta de homens contra homens, que outrora aliados, se transformaram em inimigos.

Tenho trabalho muitíssimo, minha boa amiguinha, não podes imaginar a vida desgraçada que passa um militar em campanha. Dorme-se muitas vezes ao relento, chova ou não. O calor é aqui tão excessivo que não sei como tenho resistido a ele. Ninguém se pode meter debaixo de uma barraca, é preferível apanhar o sol no meio do campo. Há aqui moscas numa quantidade sem ser a comida temperada com centenas de moscas. Ao princípio repugnava-se e tapava muitas vezes a xícara de café com um papel e levantava um pouco para poder pôr a boca e beber, mas juntavam-se nos cantos em tal quantidade que não havia remédio senão beber sempre com moscas. Quando há por aqui alguma trovoadas forte, ficam satisfeitos porque nesse dia as moscas desaparecessem. À noite, quando se

¹²⁴⁵ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 125.

¹²⁴⁶ Idem, ibidem, p. 50.

¹²⁴⁷ JOSGRILBERG, Fábio B. Op. cit., p. 101.

¹²⁴⁸ Idem, ibidem, p. 103.

¹²⁴⁹ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 65.

acende uma vela nas barracas, aos mosquitos, que são desesperados, juntam-se as moscas, que ficam alvorotadas, e então a barraca transforma-se num verdadeiro inferno. A água que aqui se bebe é a pior possível. Faz-se um buraco no chão e bebe-se a água cor de lama que se obtém. No antigo acampamento estas poças se faziam à beira dos pântanos e charcos onde se via uma porção de cavalos, bois e Paraguaio podres. Custei muito a me habituar com essas imundícies, mas não houve remédio e já estou familiarizado com a porcaria e com este viver todo especial pelas privações que se sofre. No entanto, não tenho passado mal de saúde¹²⁵⁰.

Ao contrário das cartas de Custódio de Mello que não descrevem em profundidade a lógica cotidiana do conflito, Benjamin Constant é detalhista ao revelar aos seus familiares as rotinas da guerra: “as bombas e granadas com as espoletas [acesas] se assemelhando a globos de fogo e com ruído medonho”¹²⁵¹ que ditavam ações, orientavam comportamentos e atitudes.

O único pensamento que ainda estimulava o autor diante do “estrondar do canhão, ao [quebrar] da metralha”¹²⁵² era a lembrança da família: “pensarei em ti, meu anjo, pedirei a Deus que se lembre de ti, de minhas filhinhas e de minhas irmãs e Mãe”¹²⁵³.

Benjamin Constant reforçou que as imagens mentais de seus entes queridos funcionavam como refúgio perante as agruras da guerra. O autor afirmou que seus irmãos de armas utilizavam esse mecanismo como meio de diminuir a saudade de suas terras e de suas famílias.

Conversamos pois sobre nossas famílias, sobre as saudades que nos vão ralando a alma, sobre nossos filhos, sobre nossas mulheres, sobre nossas crenças um pouco fora do vulgar, etc. Assim passamos algumas horas entretidos. Se isto se dá em companhia de um amigo, quanto mais em companhia de uma esposa amiga, que é mais que o maior amigo que se possa ter?¹²⁵⁴.

As rotinas diárias do conflito nos sugerem a pertinência do cotidiano como espaço de “organização do tecido social”¹²⁵⁵. O dia a dia se apresenta a partir da vivência dos homens e mulheres na guerra, nos sofrimentos vividos, nos raros instantes de liberdade. Na correspondência seguinte, Benjamin Constant confessou à esposa o cansaço e monotonia que o afligia.

¹²⁵⁰ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 72.

¹²⁵¹ Idem, ibidem, p. 106.

¹²⁵² Idem, ibidem, p. 147.

¹²⁵³ Idem, ibidem.

¹²⁵⁴ Idem, ibidem, p. 140.

¹²⁵⁵ JOSGRILBERG, Fábio B. Op. cit., p. 109.

Almoço, janto e ceio nas linhas, onde camarada me vai levar a minha refeição e durmo por ali, isto é, passo pelo sono embaixo da barraca de qualquer companheiro e algumas vezes deito-me no campo em qualquer lugar tendo o poncho para colchão e cobertura (e [o frio] aqui já vai forte demais). Estas últimas 8 noites tendo dormido absolutamente nada. Estou como não podes fazer idéia, magro, com fastio [extraordinário]. etc.; mas enfim o trabalho está concluído. Fui muito feliz, nem ao menos fui ferido e no entanto perto de 70 homens entre soldados e oficiais ali perderam a vida¹²⁵⁶.

As correspondências escritas no calor das batalhas podem ser entendidas como artefatos de memória, pois apresentam as lembranças dos atos mais significantes da participação do autor no conflito: “eu não tinha há meses algumas horas de descanso, mas [nunca um só] dia em que ele fosse absoluto”¹²⁵⁷.

Se para Certeau “memória é tocada pelas circunstâncias”¹²⁵⁸ e possui sua dimensão “deslocável, móvel, sem lugar fixo”¹²⁵⁹, podemos perceber a constante negativização que Benjamin Constant extraiu da convivência com enfermidades e doenças.

Para cúmulo de infelicidades, o estado sanitário do Exército é mau, vai se tornando cada vez mais pior. Os hospitais regurgitam de doentes e são já suficientes para contê-los. Quando baixarem as águas que com as enchentes dos rios inundam todos estes campos, começarão as febres intermitentes, tifóides e outras, a sua devastação. As febres intermitentes já começam a aparecer; mas enquanto não alcançam seu máximo de intensidade, outras epidemias vão se entretendo com o nosso Exército. Entre elas há uma que veio surpreender a medicina, que em sua *previsão* não podia nem sonhar, e que não tem encontrado entre seus recursos meio de combatê-la. O indivíduo que é atacado por esta enfermidade trata logo de pôr-se bem com Deus, porque sua morte é certa¹²⁶⁰.

Enquanto “atos de memória”¹²⁶¹ definidos numa área de “circulação de lembranças”¹²⁶² a morte espreitava os combatentes numa implacável perseguição. A proximidade do fim gerava temores “apanhei uma fortíssima febre que quase me leva para a outra vida”¹²⁶³. Constant assim como André Rebouças foi contagiado por doença que o obrigou a solicitar licença, voltando ao Rio de Janeiro em setembro de 1867 para tratar-se, não voltando a atuar na guerra.

¹²⁵⁶ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 164.

¹²⁵⁷ Idem, ibidem, p. 144.

¹²⁵⁸ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., 2007, p. 163.

¹²⁵⁹ Idem, ibidem, p. 163.

¹²⁶⁰ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 94.

¹²⁶¹ CANDAU, Jöel. Op. cit., p. 35.

¹²⁶² Idem, ibidem.

¹²⁶³ CONSTANT apud LEMOS. Op. cit., p. 164.

Comecei a sentir uma extraordinária moleza em todo corpo e deitei-me, meia hora depois ardia numa febre violenta, sofria dores [fortíssimas] em todo o corpo e assim estive até ontem, até que ela começou a declinar e [sup (sic)] [que] não voltará mais. Estou porém, muito abatido, o que é natural, pois além da moléstia que já enjoa não tenho ingerido nestes 4 dias senão duas xícaras de mingau de araruta¹²⁶⁴.

Constant acreditava que o serviço de saúde não era eficiente, causando grande parcela de perdas humanas. Em carta de 03 de fevereiro de 1867, o autor nos forneceu um quadro desolador dos cuidados médicos dispensado às vítimas da Guerra que também foi Grande nesse quesito, número de mortos.

Disse algumas verdades que nada têm de boas e ainda hoje tive com o chefe do corpo de saúde, alguns médicos e o diretor do hospital uma forte questão sobre o modo desumano e mais que bárbaro por que aqui são tratados os infelizes doentes e feridos que já se ia tornando séria. Teve ela [origem] numa representação formal e enérgica que fiz contra a maneira por que aqui se transportam os doentes de um para outro hospital em padiolas descobertas ao calor abrasador nas horas mais quentes do dia e a grandes distâncias. Corta o coração ver-se os pobres soldados e oficiais ardendo em febre ou feridos por balas, cortados por metralhas, cortando os ares com dolorosos gemidos, pedindo água, comida, etc., e vê-los assim atirados sobre o convés de navio onde passam um e dois dias sem ter um pão para comer. É o espetáculo mais desumano que se pode imaginar¹²⁶⁵.

Dionísio Cerqueira, José Rodrigues da Silva, André Rebouças e Benjamin Constant compartilharam algumas memórias sobre a atuação dos serviços de saúde brasileiros e seus profissionais na Guerra do Paraguai. Todos os autores citados guardaram lembranças não muito positivas dessa faceta do conflito.

No longo trecho seguinte, Constant apresentou a situação daquele serviço e dos cuidados, nem sempre pautados pelo zelo e carinho, concedidos aos feridos e enfermos. Em correspondência de 11 de abril de 1867, observemos como o autor tratou essa temática.

No meio desta conflagração geral os nossos médicos têm prestado alguns serviços, é verdade, porém acho-os muito longe (com raras exceções de merecerem elogios. Vendo o terror extraordinário de que está possuída a população, ainda não se lembraram de fazer alguns artigos para jornais, aconselhando as medidas higiênicas que devem tomar para procurar evitar o mal, os medicamentos de que devem estar munidos e que devem aplicar logo que os conhecidos sintomas aparecerem enquanto procuram o médico, etc. Embora a medicina não tenha definitivamente resolvido o problema de ser o

¹²⁶⁴ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 130.

¹²⁶⁵ Idem, ibidem, p. 96.

cólera contagioso ou não, acho que os médicos, em presença das cenas desumanas que se têm dado e de que acima lhe falei, deviam procurar convencer a este povo que o mal não é contagioso, para diminuir assim de algum modo as desgraças que aqui se dão e se vão dando. Enfim o corpo de saúde (no meu modo de entender) não tem dado esses conselhos, não tem feito os serviços que a humanidade reclama de sua ciência¹²⁶⁶.

Outro tema presente nas cartas de Benjamin Constant é a relação do homem com a natureza, assunto também comentado nas narrativas dos memorialistas, principalmente aqueles vinculados profissionalmente à Marinha. Em 05 de setembro de 1866, o autor indicava que para além das dificuldades cotidianas que a guerra causava, a natureza e sua lógica indefinida traziam transtorno para os beligerantes.

Tivemos uma péssima viagem, apanhamos um grande temporal que nos pôs por muitas vezes em risco, o vapor jogava desesperadamente e o mar jogava sobre ele montanhas de água que o lavavam de popa a proa. Os pobres soldados foram os que mais sofreram¹²⁶⁷.

O autor mostrava a sua esposa a interferência do tempo natural na vida cotidiana dos atores da guerra. Quando embarcado num navio em direção ao *front*, Constant comentou: “apanhamos um horrível temporal acompanhado de chuva de pedra e fartei-me de enjoar. Estive quase sempre deitado no camarote, porque estou muito abatido e com enjôo e além disso o vento frio e úmido não consentia ninguém no tombadilho”¹²⁶⁸.

A dicotomia entre o meio ambiente assolador e ao mesmo tempo admirável também esteve presente nas cartas de Benjamin Constant. Inimiga na maioria das vezes, aliada raramente, a natureza foi descrita assim nas cartas íntimas: “rio da Prata acima. É um imenso e majestoso rio. Colocado no meio dele não se avistam as margens, só se vê (sic) céu e águas”¹²⁶⁹.

Ainda na correspondência de 25 de setembro de 1866, a contemplação ao espaço natural apareceu na narrativa: “durante todo o dia íamos vendo planícies imensas, ilhas, bonitas enseadas. Às 5 ½ passamos por um lugar muito pitoresco. Era uma pequena mas bonita ilha bordada por uma praia de areia. Havia um lago no interior e à beira do lago grandes e copadas árvores”¹²⁷⁰.

Como elemento cotidiano que gerava sensações negativas no escritor, o meio ambiente foi descrito assim: “nunca vi natureza mais estéril, mais ingrata que a natureza deste país.

¹²⁶⁶ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 154.

¹²⁶⁷ Idem, ibidem, p. 24.

¹²⁶⁸ Idem, ibidem, p. 31.

¹²⁶⁹ Idem, ibidem, p. 36.

¹²⁷⁰ Idem, ibidem, p. 37.

Estas imensas planícies [...] apresentando aqui e ali uma vegetação acanhada e sem variedade, este rio com suas águas barrentas [...] formam o painel mais monótono e mais triste que é possível imaginar”¹²⁷¹.

Se as dores proporcionadas pelos combates corpo a corpo, pela presença de doenças e epidemias no *front* desequilibravam o ânimo de Benjamin Constant, a natureza e suas intempéries o agoniavam. Na correspondência de 29 de março de 1867, o escritor detalhou a ação do meio ambiente sobre o cotidiano dos indivíduos em guerra.

O Paraná afogou ontem três pessoas, um cadete que ia levar mantimentos ao hospital numa canoa que virou em consequência do muito vento que fazia e duas pobres mulheres de soldados Brasileiros que disputavam à beira do rio por causa de uma ponta de pedra em que ambas queriam lavar, atracaram-se, caíram ambas no rio que as engoliu, arrastando-as em sua impetuosa corrente. Fatos semelhantes são por aqui muito freqüentes¹²⁷².

Nas lembranças das testemunhas oculares do conflito, Taunay, Carneiro da Cunha, Jaceguai, Teffé, Rodrigues da Silva, Dionísio Cerqueira, Rebouças e o próprio Constant, a natureza aparecia como um ambiente ao mesmo tempo desconhecido e difícil de ser dominado, mas também se apresentava como possibilidade de desfrute contemplativo.

Assim, a natureza pode ser pensada como mais um traço da memória dos combatentes na Guerra do Paraguai. A interveniência ambiental no cotidiano bélico reforça “a articulação de uma memória com uma oportunidade (*ocasião*)”¹²⁷³ conduzindo necessidades representacionais guiadas por elementos identitários informados por uma “caminhada interminável”¹²⁷⁴.

Candaou citando Cassirer reforça que as representações podem ser pensadas de duas formas distintas mas complementares: 1) factuais que são relativas à existência de certos fatos, e, 2) semânticas, relativas ao sentido atribuído aos mesmos fatos¹²⁷⁵.

No caso do estudo das memórias, reminiscências, diários e cartas produzidas nos campos de batalha, a identidade brasileira pensada como representação possui uma dupla dimensão: 1) a factual porque produzida a partir das vivências cotidianas e apegada à descrição dos comportamentos e das atitudes, e a 2) semântica, enquanto discurso possivelmente aglutinador de lembranças preocupadas em reforçar ou rechaçar os traços constitutivos da brasilidade.

¹²⁷¹ CONSTANT apud LEMOS, Renato. Op. cit., p. 70

¹²⁷² Idem, ibidem, p. 137.

¹²⁷³ JOSGRILBERG, Fábio B. Op. cit., p. 75-76.

¹²⁷⁴ Idem, ibidem.

¹²⁷⁵ CANDAU, Jôel. Op. cit., p. 39.

Maria Inês Mancuso tentou relacionar os conceitos de memória, representação e identidade, afirmando sua indissociabilidade enquanto lentes observadoras do passado. Citando Durkheim, a autora afirma que quando são produzidas representações, elas afetam “além dos órgãos, o próprio espírito, isto é, as representações presentes e passadas”¹²⁷⁶ que a constituem, “desde que se admita, como nós que as representações passadas subsistem conosco”¹²⁷⁷.

As representações sociais podem constituir sentimentos de pertença em espaços de fabricação e construção de identidades, pois “fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros [...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta, de negociação, de transformação em função dos outros”¹²⁷⁸.

Representações e identidades em confronto dialógico conseqüentemente se relacionam com a memória quando refletida a partir de sua potência criadora. Mancuso citando Pollak reafirma que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”¹²⁷⁹.

O estudo da identidade nacional brasileira na Guerra Grande deve priorizar a constituição multifacetada do pertencimento ao Brasil. Se o esforço governamental em agrupar os mais variados interesses em prol da defesa nacional se mostrava claro, a multiplicidade de condutas divergentes aquele intuito também deve ser considerada.

A coesão e unidade do Brasil Imperial confrontadas com realidades sócio-históricas plurais se desfazem perante o conflito. Nesse sentido, o estudo da Guerra do Paraguai é valioso no sentido de colaborar para possíveis entendimentos das nuances que cercavam a elaboração, a construção, o fortalecimento ou mesmo a relativização da identidade nacional brasileira.

As cartas da guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai organizadas e transcritas por Renato Lemos sugerem, portanto, que as imagens e representações de Brasil apregoadas e desenvolvidas no cotidiano bélico nem sempre satisfaziam o desejo e a vontade dos combatentes, gerando possíveis distanciamentos com relação às ideias de Brasil uno e coeso, capitaneadas pelo governo imperial.

¹²⁷⁶ MANCUSO, Maria Inês R. Memória, Representação e Identidade. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes & LUCENA, Célia Toledo (org.). Op. cit., p. 66.

¹²⁷⁷ Idem, ibidem, p. 66.

¹²⁷⁸ POLLAK apud MANCUSO, Maria Inês R. Op. cit., p. 67.

¹²⁷⁹ MANCUSO, Maria Inês R. Op. cit., p. 68.

Portanto, a série de cartas íntimas produzidas por Benjamin Constant no período de 05 de setembro de 1866 a 13 de setembro de 1867 é sugestiva para a análise das condições nas quais se apresentava a adoção de sentimentos de pertença ao Brasil.

As críticas ao andamento da guerra, sua longevidade e inatividade, as queixas contra as ordens indecisas de seus comandantes, os comentários sobre as relações sociais cotidianas vivenciadas no *front*, as opiniões dos comportamentos e atitudes paraguaias e de seu presidente, menções acerca de sentimentos aparentemente patrióticos, as motivações circunstanciais que moveram o autor à luta, os sofrimentos e as dificuldades causadas pela presença de doenças e epidemias nos campos de batalha, além da força ambiental nos desígnios do conflito foram temas abordados por Benjamin Constant.

Custódio e Constant, brasileiros e combatentes, dirigiram suas opiniões contra os rumos que a guerra adquiriu, duvidando em alguns momentos da real necessidade da luta. As cartas íntimas compostas por eles mesclaram motivações pessoais com motivos coletivos, o combate ganhava sentido na medida do atendimento de suas carências. Apesar disso, observamos instantes onde confessam aos seus familiares um comportamento patriótico, mais relacionado à defesa de sua honra pessoal do que necessariamente a um sentimento genuinamente nacionalista.

As fontes históricas analisadas no presente capítulo foram igualmente válidas para apresentar as fronteiras de demarcação do movimento da história e sua projeção sobre as memórias dos beligerantes.

Nossa busca se deu em torno da reconstituição dos trajetos, por vezes contraditórios, entre Nação e Estado como estereótipos complementares, pois “uma depende da outra para exteriorizar-se, mas ao mesmo tempo, se negam uma vez que ora a nação busca revolucionar o Estado, ora é o Estado que limita e constrange a coletividade nacional”¹²⁸⁰.

A Guerra Grande, como é nomeado o conflito platino pelos paraguaios, foi mais uma instância histórica onde se inter-relacionaram anseios individuais e coletivos. Nem sempre os desejos de utilização do conflito como elemento identitário encontrou absoluto esteio nos campos de batalha. Por isso, a identidade brasileira na guerra deve ser pensada com relativa reserva, pois se antes o Estado modificou mentes e corações na guerra também provocou dúvidas e questionamentos quanto às suas bases constitutivas.

¹²⁸⁰ OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Estado nação e escrita da História: propostas para debate. In: CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Repensando o Brasil dos Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 246-247.

As correspondências íntimas da guerra apresentam a construção da identidade nacional brasileira como um movimento orquestrado e estratégia que favorecia solidariedades e mobilizações que se engendraram um “processo permanente de eliminação e escolha”¹²⁸¹.

Se entendidas como registro de memórias coletivas, as cartas analisadas no presente capítulo se convertem em exemplos de narrativas memoriais que sofrem em maior ou menor grau a influência de “marcos de pensamento”¹²⁸² e experiências, que podem se reunir e se dividir, se encontrar e se perder, se aproximar e se distanciar em “múltiplas combinações que formam, assim configurações” de memória “mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas”¹²⁸³.

Portanto, mostramos nas cartas de Custódio e Constant os indícios de uma identidade nacional, que para longe de ser naturalizada, atravessou a Guerra Grande como lampejos, mal nascia e já retornava à noite e amiúde ao esquecimento. As ideias de Brasil no conflito platino foram elaboradas na fluidez dos acontecimentos marcados por dificuldades que geravam nos atores da guerra sentimentos que os distanciavam do sentimento de pertencimento.

Entre as penas dos literatos, os campos e rios de batalha dos memorialistas e correspondentes da guerra encaminharemos nossas apreciações finais sobre a identidade nacional brasileira no conflito platino. Enquanto tema polêmico da historiografia platina continuaremos nossa faina apontando algumas possíveis conclusões sobre essa temática, apesar da errônea crença que “tudo já foi escrito sobre o assunto. Isto significa pensar na quantidade e não na qualidade”¹²⁸⁴.

¹²⁸¹ GEARY apud CANDAU, Jöel. Op. cit., p. 47.

¹²⁸² CANDAU, Jöel. Op. cit., p. 49.

¹²⁸³ Idem, *ibidem*.

¹²⁸⁴ SQUINELO, Ana Paula. Op. cit; 2002, p. 123.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a produção de quatro capítulos que indicaram os encaminhamentos e as paisagens históricas¹²⁸⁵ da identidade brasileira na Guerra do Paraguai, teceremos algumas considerações sobre os prováveis motivos que geraram nos beligerantes sentimentos de pertencimento ao Brasil, e, em que medida suas opiniões corroboravam ou se distanciavam das intenções do governo imperial.

Ao longo dessa faina indicamos por meio da análise de corpo documental diverso as múltiplas facetas da identidade nacional brasileira no conflito platino. Eis a problematização: em que medida a proposta de fortalecimento da identificação¹²⁸⁶ ao Brasil direcionado pelo governo imperial encontrou nos literatos oitocentistas, nos memorialistas e nos produtores de cartas íntimas a repercussão esperada de seu objetivo durante o conflito: unir todos os brasileiros e brasileiras em torno de uma causa considerada comum.

Lembramos que estas considerações finais devem ser tratadas como pontos de vista próprios, pois acreditamos que o ofício do historiador é orientado por infinitos horizontes de pesquisa e estudo, pois “no castelo da História só há processos e metamorfoses, sem veredicto final”¹²⁸⁷.

Para tanto, compreendemos o estudo das experiências vivenciadas no passado como uma sugestiva construção diuturna de “tramas”¹²⁸⁸ selecionadas de acordo com as conveniências que marcam indelevelmente a narrativa histórica e suas derivadas operações¹²⁸⁹.

As identidades individuais e coletivas na Guerra do Paraguai manifestas nas fontes analisadas, parecem formar uma longa teia de tecidos históricos. Espaço e ambiente de

¹²⁸⁵ Para a definição do conceito de “paisagens da história” como modos de ler, entender e visualizar as experiências vivenciadas no passado utilizamos as observações de GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 148. Para Gaddis, nossa consciência histórica deve funcionar como uma espécie de paisagem, gerando entendimentos sobre a importância e ao mesmo tempo a insignificância do distanciamento e da proximidade subjetiva e criadora de nossas intenções ao interpretar as vivências e as ações de outrem.

¹²⁸⁶ Michel Maffesoli (1996) na obra **No fundo das aparências** construiu uma diferenciação entre identidade e identificação. Para ele, a alteridade é a característica que funda e cria as identidades, direcionando as relações sociais e, conseqüentemente conduzindo os indivíduos à adoção de variadas identificações, que em sua trivialidade cotidiana se manifestam nas multiplicidades das práticas, dos hábitos e das maneiras como nos apresentamos ao mundo.

¹²⁸⁷ JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Op. cit., p. 67.

¹²⁸⁸ VEYNE, Paul. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. 4ª ed. Brasília: EdunB, 1998, p. 42.

¹²⁸⁹ Na **Escrita da História**, Michel de Certeau, Op. cit., p. 65-119, chama de “operação historiográfica” a junção de três elementos do trabalho do historiador: a relação do lugar social, das práticas científicas e de uma escrita. Ou seja, as interpretações dos passados estão orientadas pelos lugares de fala e conexão profissional, dos entendimentos teóricos e metodológicos e das maneiras de narrar as experiências humanas vivenciadas.

pluralidade, o conflito platino revelou nos campos de batalha as características da sociedade brasileira, que posta em combate mostrou suas pretensas qualidades, mas também evidenciou suas fraquezas, levando o regime monárquico a sua própria ruína.

Nos escritos literários de Machado de Assis, a brasilidade e o sentimento de pertencimento ao Brasil aparecem em estradas marcadas pela contrariedade de opiniões. Ora o autor via a contenda como necessária e justa, pois em defesa a um ultraje, ora revelava seus pesares com relação aos rumos nefandos da guerra.

Luiz José Pereira da Silva escreveu uma epopeia para homenagear os feitos da Marinha Brasileira na batalha naval do Riachuelo, pretendendo elevar as ações brasileiras nos campos de batalha aos níveis de intensa honra e glória. Aqui não parece haver contradição, o patriotismo se mostrou sentimento necessário para fazer valer os interesses do Brasil, a identidade nacional é una, coesa, linear.

Na **Retirada da Laguna** obra elaborada pelo Visconde de Taunay as matizes da identidade brasileira no conflito platino regressam a nossa trama. Apesar da tentativa de glorificação de um feito militar e a transformar de uma fuga forçada num ato de heroísmo, sua narrativa também informou as penúrias vividas em virtude da guerra e em prol de uma causa comum e por muitos desconhecida.

Contrariamente a Machado de Assis e Luiz José Pereira da Silva, o combatente Taunay participou intensamente do conflito, seja como membro da comissão de engenheiros ou mesmo como secretário do Conde D'eu. Três literatos e um conflito, opiniões semelhantes, mas também divergentes quanto os rumos do Brasil na Guerra. Entre circunstâncias pessoais que conduziram indivíduos à guerra e motivos genuinamente sinceros, nossa identidade ia se formando.

A literatura praticada no Brasil dos oitocentos servia como espécie de laboratório onde se travavam discussões em torno das questões de raça e suas hierarquias, além da construção de imagens relacionadas à natureza, ao território e à pátria¹²⁹⁰. Nesse contexto, a literatura brasileira no século XIX também foi importante instrumento para a propagação de elementos ligados à brasilidade. Os escritores utilizavam suas penas para divulgar determinadas visões de Brasil, ideias que muitas vezes corroboravam com os interesses do governo imperial.

As fontes literárias analisadas nesta tese indicam que a Guerra do Paraguai serviu como pretexto para discutir e justificar as ideias de Brasil. Contra um inimigo comum, os

¹²⁹⁰ MADEIRA, Angélica & VELOSO, Mariza. **Leituras brasileiras**: itinerários no pensamento social e na literatura. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 39.

brasileiros deveriam atuar como um só corpo, acionados por seus sentimentos insuspeitos de amor à pátria. Ao contrário e nem sempre a afeição pelo país se mostrou sincera e suficiente para cativar os corações dos combatentes.

Portanto, a literatura funcionou como uma espécie de chafariz para os interessados em produzir versões dos passados. Os discursos ficcionais¹²⁹¹ podem trazer aos historiadores sugestivas maneiras de relacionamentos sociais marcados pelos literatos, que ansiosos por compreender suas próprias épocas, criam tipos sociais cuja origem parece estar em seus aguçados olhares de analistas comportamentais.

Ao indicar a riqueza de algumas fontes literárias para o estudo da identidade nacional na Guerra do Paraguai reforçamos a potencialidade dessas obras como campos onde se trabalham com “materiais e matrizes provenientes do mundo social”¹²⁹², operando deslocamentos, reformulações e transferências dos comportamentos, experiências e atitudes que podem servir para estimular a reflexão do historiador.

Dessa maneira, Machado de Assis, Taunay e Pereira da Silva estimularam as percepções ao redor do estatuto da identidade nacional brasileira na guerra, colaborando para proceder à relativização das imagens de Brasil, se antes impenetrável e unânime os sentimentos se desnudaram perante a multiplicidade de sentidos que nosso país adquiriu durante o conflito. Outrora uno e coeso, o Brasil se mostrou durante o conflito como espaço de sociabilidades plurais e heterogêneas.

A diversidade de ideias e imagens de Brasil é reveladora também nas memórias, recordações, diários e reminiscências escritas seja no decorrer das batalhas ou mesmo anos após a luta. Profissionais da Marinha e do Exército Brasileiro em guerra contra o Paraguai deixaram vasto material para a interpretação do conflito.

Nos capítulos segundo e terceiro nos debruçamos sobre instigante corpo documental. A exemplo da literatura oitocentista que utilizou a contenda como motivo narrativo, os memorialistas e testemunhas da guerra pintaram cenários de um Brasil múltiplo e plural.

A atração dessas fontes se dá em virtude do fornecimento de quadros onde se evidenciam detalhes, originalidades, fugas ou exceções às regras, num fulgor cotidiano que se

¹²⁹¹ Em **História e Psicanálise: entre ciência e ficção** (2011: 45), Michel de Certeau aponta quatro mecanismos operacionais que a ficção exerce no discurso historiográfico: (1) enquanto estratégias narrativas; (2) dos limites das realidades; (3) explicar os acontecidos, sobre bases diversas e, (4) em torno da dignidade discursiva. José Carlos Reis (2010) também crê no entrecruzamento dos discursos, que não devem ser separados e sim colaborar para a tarefa de interpretação histórica.

¹²⁹² CHARTIER, Roger. A verdade entre a ficção e a história. In: SALOMON, Marlon. **História, verdade e tempo**. Santa Catarina: Argos, 2011, p. 348.

insinua na crueldade e na injustiça que as guerras causam¹²⁹³. Para tanto, os escritos memorialísticos podem ser compreendidos como uma “narração da experiência”¹²⁹⁴, pois não deve haver “testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração”¹²⁹⁵.

As lembranças da guerra proporcionaram uma instigante apreensão: trazer à tona lugares perdidos que à deriva não sinalizavam seus valores, talvez escamoteados pela pressão do exercício de uma Nação una, coesa e indivisível. Relativa pátria, o Brasil dispunha ao mesmo tempo de fiéis defensores, mas também de desconfiados soldados¹²⁹⁶.

Manuel Carneiro da Rocha, Luiz Von Hoonholtz (Barão de Teffé) e Artur Silveira da Mota (Barão de Jaceguai), memorialistas da Marinha nos deixaram importantes registros das múltiplas aparências que o Brasil adquiria, dia após dia, combate após combate. A fluidez e o caráter por vezes espetacular de seus escritos colaboram para a compreensão das intensas lógicas sociais vivenciadas na Guerra do Paraguai.

Entre os desígnios da natureza que balançavam os corpos e as mentes dos beligerantes e a presença insistente de doenças e mortes no *front*, os memorialistas da Marinha iam criando suas próprias imagens de Brasil gravadas em suas recordações. Pouco a pouco as relações sociais cotidianas ganhavam sentido, revelavam passados¹²⁹⁷.

O cotidiano da guerra se mostra nos registros memorialísticos navais marcado como espaço de produção de sentidos, quer por espontâneo ou silencioso, ou mesmo desprovido de traços marcantes. Sua sutileza é escandalizada nas narrativas de memórias, diários, reminiscências. E novamente a identidade mostrava sua face, diuturna e plural, não mais unívoca e artificializada.

As recordações do conflito registradas pelos profissionais do Exército são identicamente apropriadas para o estudo da Guerra do Paraguai. Na complexa operação da memória os memorialistas revelaram suas autônomas formas de lembrança, indicando determinadas permanências e significados¹²⁹⁸.

¹²⁹³ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras/Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 17.

¹²⁹⁴ Idem, ibidem.

¹²⁹⁵ Idem, ibidem.

¹²⁹⁶ Sérgio Buarque de Holanda (1995: 177) em **Raízes do Brasil** afirma que o governo imperial utilizou-se do conflito apenas como uma forma de impor a grandeza da imagem que criara de si próprio, tentando se fazer respeitar no campo de batalha, não por ambições de conquista mas como critério de afirmação regional.

¹²⁹⁷ CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: **A força das representações: história e ficção**. Santa Catarina: Argos, 2011, p. 117.

¹²⁹⁸ Eclea Bosi em **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos (2007: 411), considera que cada indivíduo é um memorizador que de posse das “camadas do passado a que tem acesso” retem apreciações que são únicas dentro de “um tesouro comum”.

José Rodrigues da Silva, André Rebouças, Dionísio Cerqueira e Taunay construíram juízos de valor sobre o conflito (elemento significante em todas as fontes analisadas), não se contentando em narrar os eventos como meras testemunhas históricas, mas também marcando e reafirmando suas posições sociais.

A identidade brasileira no conflito platino pode ser entendida como “invenção”, da “comunidade imaginada”¹²⁹⁹. O governo imperial pretendia usufruir do evento guerra enquanto espaço propício para testar os atributos nacionais, configurados sob um regime monárquico.

Brasil imaginado nos campos e rios de batalha, cotidianamente, num processo de intensa seleção e obliteração, evidenciado nas fontes memorialísticas da Marinha e do Exército. A Nação em seu caminho, por vezes revelado tranquilo, vazio e homogêneo, por sua criação excludente, desejava incluir e somar forças contra um inimigo deformado e recomposto no tempo.

As multiformes expressões¹³⁰⁰ da identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai também se descortinaram nas cartas íntimas escritas por seus protagonistas. Na urgência dos combates, os correspondentes-beligerantes noticiavam aos seus familiares a rotina da guerra em sua face mais cruenta.

Se o Estado cria e imagina a Nação, forçando e artificializando o patriotismo, Custódio de Mello e Benjamin Constant não se mostraram fortemente tocados. Suas opiniões sobre a necessidade da guerra são marcantes, e na maioria das ocasiões, divergiam da utilização do *front* enquanto espaço pleno da prática identitária.

O estudo da literatura oitocentista, dos registros memorialísticos e das cartas íntimas da guerra direcionou alguns entendimentos: na Guerra do Paraguai e mesmo após seu fim, a heterogeneidade dos elementos ligados à brasilidade foi indicada, percepções diversas e questionadoras da ideia uniforme em torno dos sentidos e sentimentos da brasilidade.

A identidade nacional brasileira no conflito platino foi refletida como para uma instância social singular e ao mesmo tempo coletiva. As fontes selecionadas indicaram forças de aglutinação e segregação, num jogo de proximidade e distanciamento, visualizado em territórios de sociabilidade demarcados pelas energias que separaram e geraram movimentos de afastamento quanto aos sentimentos e desejos de pertença ao Brasil.

¹²⁹⁹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹³⁰⁰ Essa expressão foi utilizada por Eric Hobsbawm (1998: 205) para se referir aos processos que conduziram a construção de nacionalidades na Europa no período de 1875 a 1914.

Nossa trama envolveu escritores do passado e autores do presente, instigando confrontos e descortinando opiniões, no afã de colaborar para o desvendamento de um conflito, que devido às dimensões do presente trabalho, bem que poderia ser chamada de Guerra do Brasil.

FONTES E DOCUMENTAÇÃO

1 ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo e Biblioteca do Serviço de Documentação da Marinha.

Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Biblioteca do Senado Federal.

Biblioteca da Universidade Federal do Espírito Santo.

2 DOCUMENTAÇÃO

BRASIL. Decreto nº 3.371 de 07 de janeiro de 1865. **Leis e Decisões do Império do Brasil de 1865 / Coleção de Leis do Império do Brasil de 1865**. t. XXV, parte I. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1865.

CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

HOONHOLTZ, Luiz Von. **Memórias do Barão de Teffé**. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier Irmãos, /s.d/.

LEMONS, Renato. **Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria de. Contos. COUTINHO, Afrânio (org). **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. **Crônicas**. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W.M. Jackson editores, 1946.

_____. **Crônicas**. v.2. Rio de Janeiro/São Paulo/ Porto Alegre: W.M. Jackson, 1957.

_____. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Globo, 1997.

MELLO, Custódio José de. **Cartas de Custódio José de Mello a sua noiva prometida Janú**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1963, caixa 164.

JACEGUAL, Artur Silveira da Mota, Barão de. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982.

JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. **De aspirante a almirante**: minha fé de ofício documentada. 2ª ed. tomo I. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1984.

REBOUÇAS, André. **Diário**: A Guerra do Paraguai (1866). São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1973. Introdução e notas de Maria Odila Silva Dias.

ROCHA, Manuel Carneiro da. **Diário da Campanha Naval do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999.

SILVA, José Luís Rodrigues da. **Recordações da Campanha do Paraguai**. Brasília: Senado Federal, 2007.

SILVA, Luiz José Pereira da. **Riachuelo**. Poema épico em 5 cantos. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1883.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, Série Retratos.

———. **A Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Martin Claret, 2005.

———. **Diário do Exército**, campanha do Paraguai, 1869-1870: Comando-em-Chefe de S.A. o Sr. Marechal de Exército Conde d'Eu. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- AGUIAR, Flávio Wolf de; CHIAPPINI, Lígia (org.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.
- AGUILAR, Ana Paulina Malavassi (org.). **Historia: ¿ciência, disciplina social o práctica literária?** Costa Rica: San José, Editorial UCR, 2006.
- ALMEIDA, Fabiana Aparecida de. Vivendo a Guerra do Paraguai: memórias de um voluntário da pátria. **Revista Brasileira de História Militar**, ano I, n. 03, dez. de 2010.
- BANDEIRA, Moniz. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: da colonização à Guerra da Tríplice Aliança**. 3ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: Revan/EdUnB, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BETHELL, Leslie. Cronologia da Guerra. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- BITTENCOURT, Armando de Senna. A Batalha Naval do Riachuelo, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves (org.). **Guerra no Mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOBBIO, Norberto; et al. **Dicionário de Política**. 12ª ed. Brasília/São Paulo: EdUnB/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa (org.). **Romance Histórico: Recorrências e Transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.
- BRANDT, Isabel Mir. A guerra do Paraguai na historiografia didática do MERCOSUL. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br>.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- _____. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 14^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- BRASIL, Assis. **Dicionário Prático de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro, 1979.
- BRIGNOLI, Héctor Pérez. Historia ¿ciência, disciplina social o práctica literária? In: AGUILAR, Ana Paulina Malavassi (org.). **Historia**: ¿ciência, disciplina social o práctica literária? Costa Rica: San José, Editorial UCR, 2006.
- CAMARGO, Katia Aily Franco de. Representações do Brasil Aquém e Além Mar. **XI Congresso Internacional da ABRALIC**: Tessituras, Interações, Convergências, São Paulo, 2008.
- CANDAUI, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. v. 2. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1997.
- CANO, Jefferson. Machado de Assis Historiador. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania**: o longo caminho. 9^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- _____, Mariana Nunes de. O Bem versus o Mal: Brasil e Paraguai através da visão dos caricaturistas. **História, imagem e narrativas**, n. 3, ano 2, setembro de 2006.
- _____, M. C. Brant & NETTO, J. P. 7^a ed. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____, Vinicius Mariano de. Observações acerca da música militar na Guerra do Paraguai. Disponível em: <http://www.defesa.ufjf.br>
- CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia brasileira. **Revista do IEB**, n. 46, fev 2008.
- _____. Taunay viajante: das anotações de campo à ficção. **Encontro Regional da ABRALIC**, Caderno de Resumos: Literaturas, Artes e Saberes, São Paulo, 2007.

CASTRO, Celso. Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército; Batalhas de Memória. **A invenção do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CAVALCANTE, Gabriel D.; MÜLLER, Raquel M. & SANTOS, Leandro A. dos. Laguna – Aprendendo sobre a Guerra do Paraguai com jogo educativo. **Anais do XXVII Congresso da SBC**, Rio de Janeiro, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 13ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. A história, ciência e ficção. In: **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier**: a força das representações: história e ficção. Santa Catarina: Argos, 2011.

_____. A verdade entre a ficção e a história. In: SALOMON, Marlon (org.). **História, verdade e tempo**. Santa Catarina: Argos, 2011.

CHERQUES, Sérgio. **Dicionário do Mar**. São Paulo: Globo, 1999.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano**: a Guerra do Paraguai. 27ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Quando subordinados roubam a cena: a batalha de Campo Grande de Pedro Américo. **Saeculum** – Revista de História [19], João Pessoa, jul./dez. 2008.

- COSTA, Wilma Peres. **A espada de Damôcles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- _____. Afrânio; SOUSA, José Galante de. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. 2ª ed. v. I e II. São Paulo/Rio de Janeiro: Global Editora. Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- CUNHA, Marco Antônio. **A chama da nacionalidade: ecos da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.
- DIEHL, Astor Antonio. **A cultura historiográfica brasileira: memória, identidade e representação**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Guerra do Paraguai – 2ª visão**. Brasiliense: São Paulo, 1991.
- _____. **O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2009. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. v. 1. Rio de Janeiro: 1981.
- DUBY, Georges. História social e ideologia das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- EISENBERG, José. Patriotismo e gênero na tradição do pensamento político moderno. In: JASMIN, Marcelo; João Féres Junior (org.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola/IUPERJ, 2007.
- ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. **Estudos Históricos**, São Paulo, 2000.

- FAGUNDES, Luciana Pessanha. Do estrangeiro apático e avarento ao velhinho simpático e veterano de guerra: representações e construções memoriais sobre o Conde d'Eu. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br>.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 4ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FEBVRE, Lucien. **Honra e pátria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FERRER, Francisca Carla Santos. A (Re)organização do Exército Brasileiro Na Guerra do Paraguai. **Biblios**, Rio Grande, 17, 2005.
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. **Soldados e negociantes da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP; FAPESP, 2001.
- FONSECA, Thaís Nívia de Lima. Os heróis nacionais para crianças: ensino de história e memória nacional. In: ROCHA, Helenice; et al. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FRADE, Everaldo Pereira. Os (in) voluntários da pátria: recrutamento e controle do espaço urbano no Rio de Janeiro no período da Guerra do Paraguai. **Crime, Direito e Sociedade**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia, 1997.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GELLNER, Ernest. O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. BALAKRISHNAN, Gopal (org.) **Uma mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: Impostura e realismo**. São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- . **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

- GRANJA, Lúcia. A língua engenhosa: o narrador Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da história. In: CHALHOUN, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. **Historiografia da Cotidianidade: nos labirintos do discurso**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. São Paulo: Ed. Vértice, 1988.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, nº48, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. A construção das nações. In: **A Era do Capital 1848-1875**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. Bandeiras desfraldadas: nações e nacionalismo. In: **A Era dos Impérios 1875-1914**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. O nacionalismo. In: **A Era das Revoluções 1789-1848**. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. **Nações e nacionalismos desde 1780**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IZECKSOHN, Vitor. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Epapers, 2002.

- JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de; OLIVEIRA, Vidal. **Quatro Séculos de Atividade Marítima: Portugal e Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.
- JIMENEZ, Iván Molina. Narrativa histórica y narrativa literária. In: AGUILAR, Ana Paulina Malavassi (org.). **Historia: ¿ciência, disciplina social o práctica literária?** Costa Rica: San José, Editorial UCR, 2006.
- JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau**. São Paulo: Escrituras, 2005.
- JUNIOR, Antonio de Sousa. Guerra do Paraguai. HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: declínio e queda do Império**. 6ª ed. tomo II, v.6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- _____, Gilson Pôrto (org). História e narrativa. **História do Tempo presente**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- _____, Manoel José Porto. Guerra do Paraguai: visões da História. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br>
- _____, Raimundo Magalhães. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro/São Paulo/Bahia: Civilização Brasileira, 1955.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2003.
- LE MOS, Renato. **Bem Traçadas Linhas: a história do Brasil em cartas pessoais**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- LIMA, Luiz Costa. Clio em Questão: A narrativa na escrita da História. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). **Narrativa ficção e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. **História. Literatura. Ficção**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. **Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MADUREIRA, Antonio de Sena. **Guerra do Paraguai: resposta ao Sr. George Thompson, autor da “Guerra del Paraguay e aos anotadores argentinos D. Lewis e A. Estrada**. Brasília: UnB, 1982.
- MAESTRI, Mário. Cartas desde o Front da Guerra do Paraguai. **Revista Espaço da Sophia**, n. 24, Março de 2009.

- MAESTRI, Mário. A Guerra do Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002] – parte I. V **Encuentro Anual del CEL**, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. Da identidade à identificação. In: **No fundo das aparências**. Petropolis: Vozes, 1996.
- MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MANCUSO, Maria Inês R. Memória Representação e Identidade. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; LUCENA, Célia Toledo (orgs.). **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.
- MARCONDES, Ayrton. **Machado de Assis: exercício de admiração**. A Girafa, 2008.
- MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: UNESP, 2006.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- MASSA, Jean Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo**, 6 (1-2), 1994.
- MEDEIROS, Sérgio (org.) Introdução. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. **A retirada da Laguna: episódio da guerra do Paraguai**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MENDES, Fábio Faria. A Guerra do Paraguai e a crise do recrutamento. **Recrutamento militar e construção do Estado no Brasil Imperial**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.
- MENDONÇA, Lauro Nogueira Furtado. Introdução. In: ROCHA, Manuel Carneiro da. **Diário da Campanha Naval do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1999.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras; SP**, 34, 1992.
- _____. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: SESC, 2007.

- MENEZES, Alfredo da Mota. **A Guerra do Paraguai como construímos o conflito**. São Paulo: Contexto, 1998.
- MICHEL, Gislaine A. Augusto Roa Bastos e Cándido López: invenção de realidades na Guerra Grande. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg/poslit>.
- MIGNOLO, Walter. A lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: AGUIAR, Flávio Wolf de; CHIAPPINI, Lígia (org.). **Literatura e História na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.
- MIRANDA, José Américo. Romance e História. In: BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa (org.). **Romance Histórico: Recorrências e Transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Introdução à Problemática da Literatura**. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- . **Machado de Assis: Ficção e Utopia**. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- . **Dicionário de Termos Literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)**, formação: histórias. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2000.
- NASCIMENTO, Naira de Almeida. Do sertanejo à Campanha imigratória: imagens do Brasil pelo Visconde de Taunay. **Revista de História Regional** 13(2), Inverno, 2008.
- NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio. **E.P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: UNICAMP, 2001.
- NETO, José Miguel Arias & SPERANDIO, Gisele de Fátima. A Marinha de Guerra do Brasil e sua atuação no conflito da Tríplice Aliança: condições sanitárias e cuidados médicos. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/>
- NETO, José Raimundo Maia. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- OLIVEIRA, Rodrigo Perez. A publicação de narrativas testemunhas de veteranos da Guerra do Paraguai na *Revista do Exército Brasileiro*: o projeto de construção de uma memória oficial (1882-1888). **Ars Historica**, v. 1, n. 2, jul-dez. 2010.
- , Cecília Helena de Salles. Estado nação e escrita da História: propostas para debate. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

- ORTIZ, Renato. Estado, cultura popular e identidade nacional. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de. **A Marinha d'outrora**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha.
- PASCAL, Maria Aparecida Macedo. As Mulheres e a Guerra do Paraguai. Disponível em <http://www.mackenzie.com.br/>.
- PAULA, Luiz Carlos Carneiro de. Apresentação. In: TAUNAY, Alfredo d'Escragno, Visconde de. **Diário do Exército: Campanha do Paraguai 1869-1870**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2002.
- PEREGRINO, Umberto. A Guerra do Paraguai na obra de Machado de Assis. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- _____. Prefácio. CERQUEIRA, Dionísio Evangelista de Castro. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da História com a Literatura. **História: Fronteiras**, XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanistas, FFCHL/SP, ANPUH, 1999.
- POHL, Angelo Inácio; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo. As representações da Guerra do Paraguai na Obra *A Retirada da Laguna* de Visconde de Taunay. Disponível em: <http://artigo cientifico.uol.com.br>.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- POMER, León. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. 7ª ed. São Paulo: Global, 2001.
- REIS, José Carlos. **A Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.
- RODRIGUES, Marcelo Santos. Mulheres sertanejas na Guerra do Paraguai. **Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC**, Maringá, 2004.
- _____. De que vale o hábito de Cristo: os heróis que o Império venceu. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (org). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

_____. A Guerra do Paraguai, a “Questão Servil” e a Questão Nacional no Brasil (1866-1871). In: PAMPLONA, Marco Antonio; Ana Maria Stiven (orgs.) **Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SCHWARZ, Roberto. Mesa Redonda. BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.

_____. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A Guerra do Paraguai: “o voluntário número um”. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Edson. Índios no Nordeste: história e memória da Guerra do Paraguai. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb>.

_____, Eduardo. O príncipe Obá, um voluntário. MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai 130 anos depois**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel: a charge como arma de guerra contra o Paraguai**. Florianópolis: UFSC, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História Militar do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOUSA, Jorge Prata de. **Escravidão ou Morte: Os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai**. 2ª ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

SOUZA, Adriana Barreto. Um herói para a juventude: o duque de Caxias nas biografias e livros didáticos. In: ROCHA, Helenice; et al. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

SQUINELLO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai e suas interfaces: memória, história e identidade em Mato Grosso do Sul (Brasil). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2009. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>

_____. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular**. Campo Grande: UCDB, 2002.

TAVARES, Raul. Prefácio. In: JACEGUAI, Artur Silveira da Mota, Barão de. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1982.

TORAL, André. **Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. **Adeus, Chamigo Brasileiro**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

VAS, Braz Batista. Aspectos “logísticos” da Guerra do Paraguai – 1864-1870: algumas considerações. Disponível em: <http://www.abed.defesa.org>.

_____. Ações militares e diplomacia: considerações acerca do Brasil e as providências em relação ao fim da Guerra do Paraguai. Disponível em: <http://www.abed.defesa.org>

VENÂNCIO, Renato Pinto. Os aprendizes da guerra. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VIERTLER, Renata B. Estudos sobre “identidade”. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; LUCENA, Célia Toledo (orgs.). **Discutindo Identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. 4ª ed. Brasília: EdUnB, 1998.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e Escrita da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 7, n. 13, 1991.